UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA I – PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

ANALIA SANTANA

"EU VI MEU ROSÁRIO FALAR": EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE NAS TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO

SALVADOR
2023

ANALIA SANTANA

"EU VI MEU ROSÁRIO FALAR": EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE NAS TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Linha I, Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural no âmbito do Curso de Doutorado em Educação e Contemporaneidade como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho

SALVADOR
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB: 5 /918

S232e Santana, Analia
"Eu Vi Meu Rosário Falar": Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho / Analia Santana. – Salvador, 2023.
319 f.: il.

Orientador: Raphael Rodrigues Vieira Filho.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Campus I. 2023.

Contém referências e apêndices.

1. Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Salvador (BA) - História. 2. Irmandades – Brasil - História. 3. Memória e Tradições – Igreja Católica – Salvador (BA). 4. Irmandades – Salvador (BA) – História. 5. Negros - Educação. I. Vieira Filho, Raphael Rodrigues. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.
CDD: 981.42

FOLHA DE APROVAÇÃO

"EU VI MEU ROSÁRIO FALAR": EDUCAÇÃO. MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE NAS TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS NA IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO

ANALIA SANTANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, em 30 de agosto de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em História do Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

gov.br Documento assinado digitalmente
LARISSA DE SOUZA REIS
Data: 09/10/2023 21:19:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Larissa de Souza Reis
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Profa. Dra. Yêda Antonita Pessoa de Castro
Universidade Federal da Bahia, UFBA
Doutorado em Langues et Litteratures Africaines
Université National du Zaire,UNAZA, Congo

Profa. Dra. Mille Caroline Rodrigues Fernandes
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Sociologia e Antropologia
Universite Lumiere Lyon 2, U.LYON 2, França I

Dedico esta tese a *Nzambi Apumbo*, Deus Supremo, a Jesus Cristo, a Nossa Senhora do Rosário, aos santos negros, aos meus ancestrais e antepassados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, ao meu pai, Álvaro e Yá Dulce Lino por nos deixar imensuráveis histórias, memórias e patrimônios: espiritual, material e imaterial, para que nós, negras e negros, possamos ressignificar nossas vidas, mantendo as tradições negroafricanas, reinventando nosso modo de ser e estar no mundo para a construção de relações mais solidárias.

AGRADECIMENTOS

Peço licença aos ancestrais e a todas e todos que me antecederam. Ser grata é reconhecer que cada conquista e cada passo realizado não se faz sozinha, mas irmanada, por muitas pessoas presentes e ausentes, deste e do outro mundo. Nesta travessia, sobrevivente de um contexto de pandemia, de um desgoverno que insistia em menosprezar a vida, agradeço a Nzambi Apumbo, Deus Supremo, por nos manter vivas e vivos após tantas mortes por negligência à saúde pública e falta de vacinação. Ele me encoraja nos percursos da vida, na busca da saúde emocional, minha e de minha filha, na religiosidade católica negra, na aproximação com a religiosidade afro-brasileira, militância pela Educação das Relações Étnico-raciais na Educação Básica e em contexto acadêmico. Enquanto uma mulher negra da roça, que interage na cidade, e, ao mesmo tempo, se encaminha para o mundo da pesquisa e da produção intelectual.

Agradeço imensamente à ancestralidade, aos orixás, inquices, vodus e antepassados por me proporcionarem tamanha experiência sapiencial. Agradeço aos/às que nos antecederam em acessar caminhos alargados pela sabedoria negra ancestral, pelas lutas das mulheres negras e homens negros que – com sangue, suor e lágrimas – espalharam as sementes do baobá, para que esta menina, senhora de meia idade, pudesse, de plantadora de quiabos, almejar o título de doutora em educação que se torna realidade com a conclusão desta tese.

À família enquanto alicerce primeiro, pois dela vêm as motivações de avanços e recuos diante das problemáticas diárias. À minha mãe, Ana Martins ou Dona Biita, mulher ativa, perspicaz e que decide os rumos da sua história, gratidão por nos orientar a seguir nas estradas da vida sem deixar de ir beber do manancial da roça para recarregar as energias e não tirar o pé do chão. A memória do meu pai, Álvaro Santana, que partiu aos 49 em 1992, deixando Mãe aos cuidados dos nove filhos. Todos venceram, viu, pai, fique tranquilo aí! Aos meus nove irmãos, Antônio Luiz (em memória), José Raimundo, Alda, Maria das Dores, Luciano, Altamiro, Maria América, Joziana e Iralva, a gratidão por seguirmos juntos.

A Everaldo, companheiro de afeto e de vida, que me desafia a conviver com a diferença no nosso dia a dia. A Edla Kyesi minha nobre princesa da alegria, que Nzambi me deu como fruto para cuidar, amar e educar. Vamos buscar a vida, filha, mamãe te ama e quer ficar perto de ti por toda a nossa existência. Desculpem-me pela ausência nesses quatro anos, sobretudo nos finais de semana e feriados dedicados à pesquisa, em que deixei vocês sozinhos, amo vocês.

Aos sobrinhos Francisco, Roberta, Álvaro, Agnes, Samyra, Ícaro, Caio, Levy, Monalisa, Ana Bela e Evelyn. Às (aos) contraparentes Paulo Cesar, Luciana, Eliene, Diego, Anailza e Gilvando; à madrinha Joana, à sua filha, Madalena, e aos meninos Márcio, Mário, Genário e Jairo: vocês são a minha segunda casa! Agradeço por serem a família mais próxima de nós na roça. A Magno (em memória) que nos deixou no início de 2023. Vocês são muito importantes para mim.

À Dona Lurdes, parente e sogra, em memória de seu Estevam. À minha terceira família, Edvan, Everaldo, Evanildo, Erivelton, Edvânia, Claudia e Raphael e Marina.

Às minhas tias, Maria Anunciação (Miúda), Alzira, Regina (Naná), Maria da Paz (Preta), aos meus tios, Antônio (Tonhão), Francisco (Raminho), e em memória de tia Lúcia e tio José (Zé Maxixe), agradeço a presença em minha vida.

Às irmãs e aos irmãos da Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos)[1], ou Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho e todo seu complexo religioso pelas experiências religiosas de um catolicismo negro em Salvador, culturais e educativas. Gratidão especial a William Justos, Henrique Lira, Rita, Luciana, Iraildes, Conceição, Bernadete Bárbara (Bebeu), Sandra Morais, Mestre Ulisses, Geraldo, Cosma, Adilma, Adilson, É através de vocês que tenho ressignificado minha história, fortalecido espiritual e etnicamente os meus caminhos, pois as reminiscências negroafricanas e afro-brasileiras presentes nos aproximam da ancestralidade africana.

Às irmãs e aos irmãos colaboradores da pesquisa, suas narrativas, memórias e saberes ajudaram a enriquecer ainda mais a história das nossas Irmandades, sendo da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho: Nilsa, Maria Rosa, Adonai, Maria da Graças, Maria da Glória, Sandra Bispo, Antônio Nicanor, Antônio Carlos (Tony), Júlio Cesar e Almir. Da Irmandade do Rosário de Ouro Preto, a Irmã Solange e da Confraria do Rosário de Olinda a Irmã Cecília.

Às (aos) Professoras (es) da Banca de Defesa pela disponibilidade de seu precioso tempo e fazer científico, de modo a contribuir de forma qualitativa, epistêmica e metodologicamente na avaliação e arguição dessa tese. Prof.ª Drª. Yeda Pessoa de Castro, Prof.ª Drª. Larissa de Souza Reis, Prof.ª Drª. Mille Caroline Rodrigues Fernandes Makyesi e Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder. Igualmente, aos membros da Banca de qualificação que nortearam a

[1] O nome oficial da entidade traz sua parte final entre parênteses.

pesquisa – Prof.ª Drª. Elizabete Conceição Santana, Prof.ª Drª. Ana Flávia Magalhães Pinto, Prof.ª Drª. Vanicleia Santos e Prof. Dr. Luciano Costa Santos – agradeço as contribuições.

Aos Professores Doutores Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder, pelo acolhimento primeiro, no processo do Doutorado, em seguida, meu orientador Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho, pela construção da caminhada objetivando a pesquisa, o foco no objeto pesquisado e os diversos aprendizados no grupo de pesquisa. Aprendi muito a buscar suporte nas leituras indicadas para delinear o caminho da pesquisa. Sou grata pela sua paciência e competência e pelo seu rigor acadêmico, no intuito de forjar a construção teórica e metodológica dialogada com autores que deram sustentação ao objeto estudado.

Ao PPGEDUC/UNEB e toda a sua equipe, especialmente, à Secretaria Acadêmica – Sônia, Aline e Dionísio – sempre atenciosos conosco.

Aos (às) colegas da turma de Doutorado do PPGEDUC/UNEB, 2019: Joana, Sara, Sérgio, Elis, Márcio, Rosângela, Sirlaine, Alessandra, Ábia Alan, Naurelice, Jomária, Adelson, Rebeca, Katiane, Daniele, Ana, Tassio, Janivaldo, Ramires, João, Kátia, Cristiano, Rosa Maria, Claudia, Mariana e Jacilda. Vocês foram e são uma das circularidades que me fortaleceram na pandemia e durante todo curso. Tornamo-nos amigas e amigos, em sua maioria, ajudando-nos mutuamente, cada um (uma) de vocês sabe o quão foram imprescindíveis para que todos e todas concluíssem esse doutorado em meio a catastrófica pandemia de Covid-19 e ao desgoverno genocida, negacionista, contrário à educação e à ciência. Muito obrigada, gente! Nós vencemos. Tem preta da roça doutora!

Agradeço aos Grupos de pesquisa Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB), essencialmente, à Prof.ª Drª. Yeda Pessoa de Castro, que me acolheu como pesquisadora ainda na Especialização, sem nem mesmo me conhecer, à Drª. Hildete Pitta Costa, à Profª. Drª. Amanaiara Conceição Santana de Miranda, ao Dr. Ivo Ferreira, à Magnífica Reitora Adriana Marmori, ao Dr. Cesar Costa Vitorino, à Ma. Patrícia Brito, Me. Abílio Manoel de Mendonça, a Dra. Ana Pessoa de Castro e demais membros do grupo. Ao grupo Experiências, Memórias e Trajetórias de Populações Negras, pela colaboração nos mementos virtuais de aprendizagem.

Aos amigos e amigas da vida, Luiza, Juçara, Valdecir, Heluiza, Lucineide, Dona Vera, Dona Rita, Silvânia, Iraci (Si), Dos Reis, Fal, Magali, Ademir, Angélica, Jacimeire, Juçara, Gilson, Manuel (Xexeu), Claudia, Emanuelle e Felipe, vizinhos, conhecidos, amigos virtuais dentre outros que colaboraram nessa trajetória.

À Irmã Nilsa Bonfim, por me acolher na sua residência, para escrever parte da tese, quando as festas e os sons da minha rua não me oportunizavam concentração para escrita. Gratidão eterna, minha irmã e mãe de coração!

À Escola Municipal de Novo Marotinho: Claudia, José Nivaldo, Leila, Marcia, Sandra, Rosangela, Nadjane, Érica, Izabel, Rita Soraia, Zuleide, Fátima, Adailza, Lícia, Ineilde, Julimar, Heide, Cleide, Seu Derivaldo, Carla, Daiana, Maria, Cristiane Neri, Doralice, Rafaela, Cristiane Meneses, Seu Erenaldo, Seu Juarez, Amanda, Daniela, Uiara, Ingrid, Lucimar e Isabela. A toda a gestão, professores, funcionários, alunas e alunos. Parte da minha vida se constrói nesse espaço. O apoio de vocês teve uma relevância ímpar, tanto no mestrado, quanto no doutorado.

Ao Terreiro Ilê Axé Ogum Ominkayê, em memória de Mãe Dulce de Ogum, que cuidou de Kyesi nos mementos mais difíceis que passamos antes e durante a pandemia. A todas as pessoas – especialmente, Mãe Cátia, Ogã Hugo Caetano, Pai Jorge Sales, Mãe Lúcia – que compõem esse espaço religioso bem reconduzido após a partida precoce da Mãe Dulce. A ancestralidade está presente nesse Ilê. Sinto-me aproximada desse espaço sagrado e registro a minha gratidão pelo cuidado com essa eterna *abiã*.

Nesse entrelaçar de vidas, de contas e nós, que o Rosário circunda, sou grata a todas as pessoas presentes e ausentes, do ilê e do orum que me impulsionam a fazer esse percurso que se delineou na construção desta tese. Com borrões e inquietudes, escrita truncada e da roça, tropeços e pedras, brisas e frios, panos e contas, encruzilhadas e frestas, tristezas e alegrias vou seguindo, esperançando vida nesses tempos de pós-pandemia. É no caminhar que se persegue o horizonte e se busca a continuidade da existência. Porque sou professorinha da roca, preta doutora!

Gratidão, gratidão, gratidão! Poder e força quem tem é Nzambi Apumbo!

Rosário dos Pretos

Rosário dos Pretos, um lugar abençoado
A construção de uma trajetória
Rosário dos Pretos tem legado, resistência e memória
Dos nossos ancestrais de Deus a Nzambi
Para nós, tanto faz, o sagrado traz glória
Uma Irmandade que serve como exemplo
Para os pretos se defini
Pois resistiu a tudo que revolta
O que houve por aqui
Nossa Senhora lá de cima
Abençoou o povo que ressurgiu
Das lutas pela resistência que formou esse Brasil
Uma Irmandade centrada
Na religiosidade, na educação e muito mais
Abrindo espaço para os estudos, mostrando a existência dos ancestrais
Seus filhos oram e trabalham direito
Ao povo negro levando sabedoria em forma de respeito
Na ancestralidade de Angola, Congo ou Benin
Trouxe reis, rainhas e com certeza
Para desenvolver a cultura de um povo enfim
Que tem suas raízes na vitória da realeza
História marcada de dores, alegrias e tristeza
Das lutas e vitórias, o negro trouxe grande leveza
Negro sim vou vencendo, vivendo, escrevendo as minhas memórias
O Rosário significa religião, vida e história para conquistar nossa glória
Pode ser preta (o) retinta (o) ou negra (o) com pouca melanina, tanto faz
Trazendo os traços culturais dos nossos ancestrais
Que beleza temos, nesse chão do Rosário
Na Igreja ressoa o grito, que chega ao mundo inteiro!
Deus não tem cor, basta acreditar
Ele está na irmandade, no seu coração ou no terreiro.

Joziana Martins Santana[2], Salvador, 2023.

[2] Gratidão à minha irmã consanguínea Joziana Martins Santana, que criou o poema Rosário dos Pretos especialmente para minha Tese.

SANTANA, Analia. “Eu Vi Meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade das Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. 311 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

A tese investiga como se efetiva a educação, a memória coletiva e a contemporaneidade das tradições negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho ou Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), tendo com o marco temporal 1997 a 2018, fazendo esse recorte recente na história da Irmandade, que tem mais de quatrocentos anos de fundação (iniciada em 1604, oficializada em 1685). A pesquisa é de cunho qualitativo, com aproximação teórico metodológica inspirada no giro decolonial (Maldonado-Torres, 2020), nas epistemologias negras (Fanon, 2008; Martins, 2021a) e na escrevivência (Evaristo, 2008, 2020). Seguimos a História oral e a Pesquisa Documental como métodos para obter informações e dados, e a análise interpretativa como aproximação à perspectiva de análise. Por meio das narrativas das irmãs e dos irmãos da Irmandade do Rosário de Salvador e mais duas irmãs, uma de Ouro Preto e outra de Olinda, com apoio de teóricos que dialogaram com os conhecimentos importantes construídos na entidade no decurso do tempo. Através do olhar investigativo de uma das suas filhas, desde dentro para o desde fora (Santos, 2002), vislumbro e busco confirmar a tese que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho pode ser compreendida como um complexo religioso católico negro em Salvador, e suas práticas educativas, sociais e culturais empoderam seus membros e a comunidade, construindo sabervivências. Este estudo visa trazer contribuições para o campo da Educação e áreas afins e para toda a sociedade, sensibilizando-os para que observem essas entidades que são fundamentais para a compreensão da História do Brasil. Assim, A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como espaço profícuo de investigação, propicia a elaboração de saberes, de religiosidade negra, de princípios ancestrais, de tradições negroafricanas, de redes de sociabilidade, processos de produção de conhecimentos que passam dos quatrocentos anos e se reinventam constantemente.

Palavras-Chave: Irmandade Rosário dos Pretos. Educação. Memória. Tradições Negroafricanas.

SANTANA, Analia. “I Saw My Rosary Speak”: Education, Memory, and Contemporary Traditions of Black-African in the Brotherhood of the Black Rosary of Pelourinho, 311p. Thesis (Doctorate in Education and Contemporaneity) – Department of Education, State University of Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

The thesis investigates how education, collective memory, and the contemporaneity of Afro-Black traditions are actualized within the Brotherhood of the Rosary of the Blacks of Pelourinho, also known as the Venerable Third Order of the Rosary of Our Lady at the Gates of Carmo (Brotherhood of Black Men), focusing on the period from 1997 to 2018. This recent historical cut is part of the Brotherhood's history, which spans over four hundred years since its foundation (started in 1604, officially recognized in 1685). The research is qualitative, with a theoretical-methodological approach inspired by the decolonial turn (Maldonado-Torres, 2020), Black epistemologies (Fanon, 2008; Martins, 2021a), and escrevivência (Evaristo, 2008, 2020). We follow oral history and documentary research as methods to obtain information and data, and interpretative analysis as an approach to the analytical perspective. Through the narratives of the brothers and sisters of the Rosary Brotherhood of Salvador and two other sisters, one from Ouro Preto and another from Olinda, supported by theorists who engage with the important knowledge built within the entity over time. Through the investigative lens of one of its daughters, from within to from without (Santos, 2002), I aim to confirm the thesis that the Brotherhood of the Rosary of the Blacks of Pelourinho can be understood as a Black Catholic religious complex in Salvador, and its educational, social, and cultural practices empower its members and the community, constructing knowledge-living. This study aims to contribute to the field of Education and related areas and to society as a whole, raising awareness to observe these entities that are fundamental for understanding the History of Brazil. Thus, the Brotherhood of the Rosary of the Blacks of Pelourinho, as a fertile space for investigation, facilitates the elaboration of knowledge, Black religiosity, ancestral principles, Afro-Black traditions, social networks, and knowledge production processes that span over four hundred years and are constantly reinvented.

Keywords: Brotherhood of the Rosary of the Blacks. Education. Memory. Black-African Traditions.

SANTANA, Analia. "Vi Mi Rosario Hablar": Educación, Memoria y Contemporaneidad de las Tradiciones Negroafricanas en la Hermandad del Rosario de los Negros del Pelourinho. 311 f. Tesis (Doctorado en Educación y Contemporaneidad) - Departamento de Educación, Universidad del Estado de Bahía, Salvador, 2023.

RESUMEN

La tesis investiga cómo se efectúan la educación, la memoria colectiva y la contemporaneidad de las tradiciones afro-negras en la Hermandad del Rosario de los Negros de Pelourinho, también conocida como la Venerable Orden Tercera del Rosario de Nuestra Señora en las Puertas del Carmo (Hermandad de los Hombres Negros), centrándose en el período de 1997 a 2018. Este recorte histórico reciente es parte de la historia de la Hermandad, que abarca más de cuatrocientos años desde su fundación (iniciada en 1604, oficialmente reconocida en 1685). La investigación es cualitativa, con un enfoque teórico-metodológico inspirado en el giro decolonial (Maldonado-Torres, 2020), las epistemologías negras (Fanon, 2008; Martins, 2021a) y la escrevivência (Evaristo, 2008, 2020). Seguimos la historia oral y la investigación documental como métodos para obtener información y datos, y el análisis interpretativo como un enfoque a la perspectiva analítica. A través de las narrativas de los hermanos y hermanas de la Hermandad del Rosario de Salvador y dos hermanas más, una de Ouro Preto y otra de Olinda, apoyadas por teóricos que dialogan con los conocimientos importantes construidos dentro de la entidad a lo largo del tiempo. A través de la lente investigativa de una de sus hijas, desde dentro hacia desde fuera (Santos, 2002), busco confirmar la tesis de que la Hermandad del Rosario de los Negros de Pelourinho puede ser comprendida como un complejo religioso católico negro en Salvador, y sus prácticas educativas, sociales y culturales empoderan a sus miembros y a la comunidad, construyendo saberes vivenciales. Este estudio pretende aportar al campo de la Educación y áreas afines y a toda la sociedad, sensibilizando para observar estas entidades que son fundamentales para comprender la Historia de Brasil. Así, la Hermandad del Rosario de los Negros de Pelourinho, como un espacio fecundo de investigación, facilita la elaboración de conocimientos, religiosidad negra, principios ancestrales, tradiciones afro-negras, redes de sociabilidad y procesos de producción de conocimientos que abarcan más de cuatrocientos años y se reinventan constantemente.

Palabras Clave: Hermandad Rosario de los Negros. Educación. Memoria. Tradiciones Negroafricanas.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AINSRPP	Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho
APMAG	Arquivo Público Municipal Antônio Gonçalves (Olinda - PE)
CAAPA	Centro Arquidiocesano de Pastoral Afro
CDCM	Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra
CEAAT	Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira
CEBs	Comunidades Eclesiais de Bases
CEC	Conselho Estadual de Cultura
CEAO	Centro de Estudos Afro- Orientais
CGV	Colégio Getúlio Vargas
CMCN	Conselho Municipal da Comunidade Negra
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasi
COIDE	Comissão de Ordens Terceiras, Confrarias, Irmandades e Devoções
CONENC	Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas
COVID-19	*Corona Virus Diase,* 2019
ENB	Escola Normal da Bahia
FBB	Faculdade Batista Brasileiro
FVC	Fundação Visconde de Cairu
FLIPelô	Festival Literário Internacional do Pelourinho
ICEIA	Instituto Central de Educação Elias Alves
INSRPP	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
JOSIPAC	Jovens se Preparando para Cristo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LILAC	Língua Inglesa com Arte
MNU	Movimento Negro Unificado

MOBRAL	Movimento Brasil Alfabetizado
NGEAALC	Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas
NUCAB	Núcleo de Cultural Afro-Brasileiro
OMS	Organização Mundial de Saúde
PcdoB	Partido Comunista do Brasil
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
RI	Regimento Interno
SARS-CoV-2	Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SESC	Serviço Social do Comércio
SPD	Sociedade Protetora dos Desvalidos
TLE	Termo Livre Esclarecido
TVL	Termo de Viabilidade de Localização
UCSal	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
VOT	Venerável Ordem Terceira

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1 Perfil educacional dos (as) Irmãos (ãs) Irmandade do Rosário..... 94

Quadro 2 Profissões de irmãos e irmãs com mais de dois membros..... 95

Quadro 3 Profissões das Irmãs e dos Irmãos com apenas um membro..... 97

GRÁFICOS

Gráfico 1 Membros da Irmandade do Rosário..... 93

Gráfico 2 Perfil Educacional..... 95

Gráfico 3 Complexo Religioso da Irmandade do Rosário dos Pretos..... 171

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Irmã Nilsa Bonfim Dias.....	74
Imagem 2	Irmã Maria Rosa Santos.....	75
Imagem 3	Irmão Antônio Lima Nicanor.....	77
Imagem 4	Irmã Sandra Maria Bispo.....	79
Imagem 5	Irmão Adonai Passos Ribeiro.....	80
Imagem 6	Irmão Almir Santos Menezes.....	81
Imagem 7	Irmã Maria das Graças Ramos Santos.....	83
Imagem 8	Irmã Maria da Glória Bonfim.....	84
Imagem 9	Irmã Solange Sabino Palazi.....	86
Imagem 10	Irmão Júlio Cesar Soares da Silva.....	88
Imagem 11	Irmão Antônio Carlos Conceição Souza.....	90
Imagem 12	Irmã Cecília Canuto de Santana.....	91
Imagem 13	Irmãs Noviças.....	100
Imagem 14	Irmãos Noviços.....	101
Imagem 15	Irmandade do R. P. do Pelourinho, Irmã da Ir. Boa Morte e Ir. da Penha e França SP.....	129
Imagem 16	Igreja do Rosário dos P. Pelourinho Óleo sobre tela.....	131
Imagem 17	Igreja do Rosário dos P. Pelourinho preto e branco	133
Imagem 18	Igreja do Rosário dos P. do Pelourinho Atual.....	134
Imagem 19	Teto da Igreja do Rosário dos P. dos Pelourinho.....	136
Imagem 20	Nave da Igreja do R. dos Pretos do Pelourinho.....	137
Imagem 21	Azulejos da Igreja do Rosário dos P. do Pelourinho.....	139
Imagem 22	Igreja da Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda - PE.....	153
Imagem 23	Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda – PE.....	154
Imagem 24	Noite dos Tambores Silenciosos Olinda - PE.....	155
Imagem 25	Igreja do Rosário dos Pretos de Ouro Preto - MG.....	157
Imagem 26	Irmandade do Rosário de Ouro Preto – MG.....	162
Imagem 27	Irmandades na Celebração dos 300 anos da Ir. do R. Ouro Preto MG...	164
Imagem 28	Irmandade do Rosário dos P. do Pelourinho Revestida junto com o Arcebispo d. Sergio da Rocha.....	173
Imagem 29	Nicho de Escrava Anastácia.....	211
Imagem 30	Parte do Nicho de Escrava Anastácia.....	213
Imagem 31	Primeira Visita Oficial a Angola 2016.....	224
Imagem 32	Certificado do Curso de Costura 1997.....	268
Imagem 33	Jornal A Voz do Rosário 2012.....	272
Imagem 34	Curso de Informática 2015.....	274

SUMÁRIO

1	**CÍRCULO INTRODUTÓRIO: "ESTAMOS CHEGANDO!" .....**	20
1.1	ENTRANDO NA RODA.....	20
1.2	NA ESTRADA, UMA PANDEMIA.....	25
1.3	O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	26
2	**SEGUNDO CÍRCULO: APROXIMAÇÃO DA PESQUISA COM O GIRO DECOLONIAL "GRITA, GRITA, NEGRO, GRITA!" .....**	41
2.1	O GIRO DECOLONIAL, AS EPISTEMOLOGIAS NEGRAS E A ESCREVIVÊNCIA NA PESQUISA EM UMA IRMANDADE NEGRA.....	42
2.2	APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS E OS IMPACTOS DA PANDEMIA.....	63
2.3	COLABORADORAS E COLABORADORES DA INVESTIGAÇÃO: AS ENTREVISTAS ORAIS.....	69
2.3.1	Irmãs e Irmãos Colaboradoras (es) da Pesquisa.....	72
2.4	SITUANDO O OBJETO E A CONTEMPORANEIDADE.....	92
2.5	A MESA ADMINISTRATIVA E A INICIAÇÃO COMO IRMÃS E IRMÃOS DO ROSÁRIO.....	98
3	**TERCEIRO CÍRCULO: AS IRMANDADES DO ROSÁRIO NO BRASIL E NO MUNDO, "POR ENTRE AS CONTAS DO ROSÁRIO"...**	110
3.1	SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS IRMANDADES DE HOMENS PRETOS ……	110
3.1.1	O Movimento Antoniano de Kimpa Vita e as Irmandades ….....	121
3.2	FUNDAÇÃO DA IRMANDADE NO PELOURINHO.....	125
3.3	A CASA DOS NEGROS E NEGRAS DE SALVADOR: IGREJA DO ROSÁRIO.....	130
3.4	COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E O CATOLICISMO NEGRO....	142
3.5	A RELAÇÃO DO ROSÁRIO DE SALVADOR COM OUTRAS IRMANDADE DO BRASIL.....	150
3.5.1	A Confraria dos Homens Pretos de Olinda	151
3.5.2	Irmandade do Rosário de Ouro Preto	157
3.5.3	Elas chegaram até aqui e nós chegamos até lá: Encontros e articulações …….	165
4	**QUARTO CÍRCULO: A IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO, "EU VI MEU ROSÁRIO FALAR" .....**	170
4.1	COMPLEXO RELIGIOSO DO ROSÁRIO DO PELOURINHO (S. ANTÔNIO DE CATEGERÓ, S. BENEDITO, S. BÁRBARA E TERÇO DOS HOMENS.....	171
4.2	MEMÓRIA NA CIRCULARIDADE DO ROSÁRIO.....	182
4.3	TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS.....	197
4.4	ORALIDADE: O FIO QUE UNE O ROSÁRIO.....	202
4.4.1	O círculo da Preleção.....	207
4.5	ESCRAVA ANASTÁCIA: "O SANGUE DE QUEM TOMBOU É FORÇA VIA DE PAZ"	209
4.6	ANCESTRALIDADE "EU SOU DE LÁ D'ÁFRICA"	216

4.7 A REDE DE IRMANDADES NEGRAS “ENTÃO VEM ENTRA NA RODA COM A GENTE” 219
4.8 APROXIMAÇÃO DA IRMANDADE COM ANGOLA: UMA JORNADA DE RETORNO ÀS RAÍZES 223
4.8.1 A Celebração de um Legado Transatlântico: Mama Muxima 226

5 QUINTO CÍRCULO: A EDUCAÇÃO NO ROSÁRIO DO PELOURINHO (1997-2018), "ELE ALUMIOU TODA TERRA E MAR” 230
5.1 EDUCAÇÃO DOS NEGROS NO BRASIL E NA BAHIA 230
5.1.1 Observando o Contexto Nacional 230
5.1.2 Na Bahia uma luta incessante: A Frente Negra Baiana “luta, negro, luta**”** 244
5.2 EDUCAÇÃO NA IRMANDADE..... 261
5.3 ALGUMAS ATIVIDADES EDUCATIVAS NO ROSÁRIO..... 268
5.4 PROJETOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS EM PARCERIA COM A COMUNIDADE..... 275
5.5 SABERVIVÊNCIAS DO ROSÁRIO..... 276

6 INCONCLUSÕES..... 284

REFERÊNCIAS..... 290
DOCUMENTOS HISTÓRICOS GUARDADOS EM ARQUIVOS..... 290
ORAIS..... 291
OUTRAS REFERÊNCIAS 293

APÊNDICES..... 311
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE... 311
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 312

ANEXOS..... 313
ANEXO A –TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA EM ENTIDADE COPARTICIPANTE..... 313
ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS.... 314
ANEXO C – TERMO DE CONCESSÃO..... 315
ANEXO D – DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO CONSELHO DE ÉTICA (CEP/UNEB) 316
ANEXO E – PARECER PLATAFORMA BRASIL..... 319

1 CÍRCULO INTRODUTÓRIO: “ESTAMOS CHEGANDO”

> Meu Rosário
> [...]
> As contas do meu rosário são contas vivas.
> (Alguém disse um dia que a vida é uma oração, eu diria, porém que há vidas –blasfemas)
> Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos sonhos de esperanças.
> Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos pôr visíveis e invisíveis grades embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
> Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
> Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome no estômago, no coração nas cabeças vazias.
> Quando debulho as contas de meu rosário,
> eu falo de mim mesma um outro nome.
> E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas, vidas que pouco a pouco descubro mais reais [...] (Evaristo, 1992, p. 23-24).

1.1 ENTRANDO NA RODA

Das contas, nós, fios, caminhos, encruzilhadas, becos, vielas, terreiros, gretas e panos que se apresentaram no meu percurso de vida, tomei aquele que a roça me deu através da devoção e aproximações com as contas do Rosário. Esse rosário vivo que pulsa e que impulsiona as lutas nas vidas de negras e negros, desde o período colonial até os dias atuais, como bem nos apresenta Conceição Evaristo (1992) no trecho do poema acima. Essas experiências rosarinas me atravessam desde a infância, quando, na roça, aprendi as primeiras louvações, os primeiros rituais de ladainha, os laços de sociabilidades, de confraternização, de alimento partilhado e de religiosidade popular negra. Na capital, a aproximação com a Irmandade do Rosário dos Pretos e das Pretas do Pelourinho foi a remarcação do corpo-caminho, na afirmação dos nós e contas desse rosário trazidos da roça e alargados na capital, abrindo-me inúmeras possibilidades de leituras.

Me caracterizo enquanto mulher negra da roça, oriunda da Fazenda Mombaça, fruto do êxodo rural de Irará, município da região do Portal do Sertão vizinha a Feira de Santana na Bahia, a filha mais velha dos nove filhos do casal Ana Martina e Álvaro Santana (*in memoriam*), trabalhadores rurais que viam na educação o caminho para a ascensão social dos (as) filhos (as). A minha chegada em Salvador aconteceu em junho de 1992, com o início do curso de Magistério, onde passei a conviver com familiares, meus primos maternos até a aquisição do tão sonhado lar. Me afirmo uma professorinha como nos assegura Amanaiara Conceição de Santana Miranda (2018) que se reinventa, escreve e faz a investigação acontecer. Desse modo,

trazendo da roça a aproximação com a devoção popular do Rosário e com a formação em magistério me colocou na circularidade do catolicismo negro popular, e eu, ainda sem a aproximação com a Irmandade na capital, já trazia no corpo as marcas das contas do Rosário, através da religiosidade que se experimenta na prática.

No entender de Miranda (2018) a professorinha tem sua escrita muitas vezes, sem o rigor exigido pela academia, porém na esperança de aproximação com a interlocutora e o interlocutor que acessam nossa produção, a professorinha faz ciência dialogando com as diversas linguagens. Nesse sentido, a autora acrescenta que:

> A **Professorinha** é a aquele sujeito com habilidade de viver nas fronteiras, recusando-se a usar "**recursos ideológicos da vitimização**". É aquela que escreve o que deseja e, por vezes, de forma irônica e abraçando a reconstrução das fronteiras da vida cotidiana em conexão com todos/todas, faz a pesquisa acontecer. Como diria Haraway (2009), a escrita *ciborgue* toma de posse os mesmos instrumentos para marcar o mundo que a marcou como a outra (Miranda, 2018, p.26-27 grifos da autora).

A professorinha se encontrou com a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho no final dos anos noventa, quando, em uma terça-feira, adentrei àquela Igreja no Largo do Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, convidada por minha amiga Heluiza Falcão. Fui despertada pelos toques dos atabaques, dos agogôs, dos cantos, das palmas e dos sorrisos daquela comunidade de maioria negra ativa. Desde aquela Terça da Benção, com a primeira água benta que tocou meu corpo e todo o meu ser, nunca mais me afastei da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como é popularmente conhecida ou Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) e das Mulheres Pretas ousamos acrescentar extraoficialmente.

Mesmo tendo participado das comunidades católicas desde a infância, trabalhando como professora da Escola Comunitária da Paróquia São Evangelista em Marechal Rondon, e já tendo iniciado o caminho na escola pública como concursada da Rede Municipal de Salvador, sendo ativa nas comunidades, nada havia despertado tamanha emoção: o meu corpo vibrava, a canção tocava o coração, a mente que borbulhava. Aqueles toques continuam nos impulsionando até os dias atuais. Após aquele primeiro encontro, mudei caminho que vinha traçando de quase abandono do catolicismo. A encruzilhada entrelaçada pela ancestralidade no catolicismo negro, foi o bálsamo que eu estava precisando, para iniciar uma nova caminhada rumo aos primeiros contatos com a Irmandade. Porque a Senhora do Rosário resgata seus filhos e filhas para deles (as) cuidar. Isso evidencia o que nos ensina Leda Martins (2021a), a elaboração de uma

linguagem plural que reveste, recria e diviniza o tempo presente com simbologias ancestrais (Martins, 2021a).

Não basta participar de uma celebração na Igreja do Rosário para se tornar irmã ou irmão. É preciso termos vivência, frequência, participar ativamente das diferentes atividades, demonstrar interesse em querer mais, não só consumir o que a Irmandade oferece. Assim, esse itinerário vai se consolidando a partir do chamado de alguma irmã ou irmão para conhecer mais de perto a circularidade do Rosário e, a partir da observação do nosso percurso, apresentar-nos aos irmãos e à Mesa Administrativa, a fim de dar início ao processo para se tornar irmã ou irmão dessa Irmandade, a qual já tem mais de quatro séculos de existência.

Nesses quase vinte anos de participação oficial na Irmandade, vamos nos construindo não apenas como irmã, que ora, vive, aprende, acessa saberes, memórias, tradições, processos educativos, mas também como alguém que ousa pensar e refletir sobre essa Irmandade como objeto de pesquisa. Inspirada pela perspectiva da escrevivência de Evaristo (2018), que nos nutre em Becos de Memória, ao dizer que essa memória das comunidades negras ora está viva, ora se esfacela permeada por várias lembranças e esquecimentos.

Como educadora da Educação Básica, há mais de trinta anos, venho me aproximando da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, na qual a viabilidade da decolonização me movimenta o corpo, as ideias e os sentimentos possibilitando-me a ressignificação do ser mulher negra da roça, plantadora de quiabos, inquieta, curiosa, interagindo na capital há trinta anos, ousando me constituir pesquisadora na Educação Básica. A Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos educacionais brasileiros, e a Lei 11.645/2008, que estabelece também as contribuições dos povos indígenas, são dispositivos legais que se materializam na Irmandade. Esta, uma entidade negra, coopera no aprendizado de crianças e adolescentes, pois recebe esses estudantes, juntamente com seus professores, de escolas municipais e estaduais e particulares para ter acesso ao legado deixado por nossas e nossos antepassadas (os), oriundas (os) do Congo e de Angola.

As discussões aqui apresentadas visam uma construção investigativa, teórica, reflexiva e prática, fincadas nas ações educativas desenvolvidas há quase trinta anos, no chão da Educação Básica, nas experiências e vivências como irmã do Rosário há quase vinte anos. Ela toma corpo a partir das contribuições dos grupos de pesquisa dos quais faço parte: Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB), e Experiências, Memórias e Trajetórias de Populações Negras (UNEB); das colaborações e

intervenções do orientador; do curso Fazedoras de Memória*,* segunda edição (2022), realizado pela Casa Sueli Carneiro, de forma *online*; das conversas com as (os) irmãs (os) mais velhas (os) da irmandade; e das disciplinas estudadas durante o curso. Essas e outras práticas me dão subsídios para pensar a entidade pesquisada como uma entidade educativa e educadora (Gomes, 2017). Nesse sentido, coloco-me no lugar de aprendiz, criança inquieta que, por meio do percurso da pesquisa e da aproximação com o objeto, pretende contribuir com as pesquisas e a ampliação do arcabouço epistemológico em Educação.

Nessa perspectiva, as irmandades negras são espaços de construção de memórias que estão vivas, outras adormecidas e outras meio esquecidas, essas permeiam diferentes tempos históricos e chegam até nossos dias através das diversas irmandades espalhadas pelo Brasil. Essa pesquisa tem a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho ou Venerável Ordem terceira do rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) como foco principal, porque procura dar continuidade às investigações que teve início com o Mestrado em Educação e Contemporaneidade concluído em 2013[3], onde estudamos as relações de poder, empreitadas pela Mesa de Honra que era a mesa formada pelas mulheres, mas não faziam parte da mesa administrativa masculina, para divisão do poder. As negociações, as lutas contra o machismo, as relações de poder na Irmandade e as mudanças ocorridas no país não ocasionaram mudanças no Compromisso[4], que continuava sem alterações desde 1949, sendo

[3] A pesquisa de Mestrado foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade denominada: A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho (1969-2001*)*, defendida em 2013, tendo como orientadora a profa. Dra. Elizabete Conceição Santana, também membro da banca avaliativa desta tese desde a qualificação. Para entender o contexto, embora homens negros e mulheres negras fizessem parte da entidade desde a sua fundação em 1604, oficializada em 1685, o Compromisso (documento que rege as irmandades na Igreja Católica) deixava explicito que elas não poderiam administrá-la, devido à qualificação sexual (Compromisso, 1820), sendo apenas possível cargos de juízas de festa, eleitas anualmente através das doações que entregassem à entidade. Em 1900, o documento foi revisto e começou a admitir a Mesa de Honra, como todos os cargos em equivalência ao da Mesa Administrativa, porém mantendo a prerrogativa de não tomarem parte na administração. Em 1949, ocorreu a aprovação do novo Compromisso atualizando o documento, mas continuou a valer a lei de que não poderiam administrar a entidade. O Compromisso de 1949 só foi atualizado em 2001. A partir dos anos 1970, iniciou-se uma luta interna empreitada pelas irmãs da Mesa de Honra e alguns irmãos sensíveis à divisão equânime do poder administrativo, buscando a mudança do Compromisso e a efetivação na prática. Para se ter uma ideia, as irmãs não podiam entrar na sala de reunião da Mesa Administrativa, uma das atitudes das irmãs foi mandar entalhar uma cadeira da Priora (cargo feminino na Administração) e colocá-la em frente à cadeira do Prior na igreja, começando a dar visibilidade aos seus cargos. Algumas irmãs que participaram da Mesa de Honra nos anos 1990 são colaboradoras nesta tese. Depois de muitos embates, negociações, conflitos, experimentação de uma mesa conjunta (Mesa em Junta), e mudança no Compromisso em 2001, extinguiu-se a Mesa de Honra, então homens e mulheres passaram a fazer parte efetiva e equanimemente da Administração da Irmandade.

[4]Documento que rege as irmandades, confrarias e ordens terceiras na Igreja Católica. No período colonial, os Compromissos eram validados em Portugal, na Câmara da Ordem. Com a república, ele passou a ser referendado pela autoridade eclesial arquidiocesana e registrado em cartório. Na atualidade, com as mudanças na legislação do país, incluiu-se o nome de Estatuto, foi introduzido também um Regimento Interno para as orientações práticas. Contudo, o Compromisso sempre foi um documento que versava e versa sobre as questões que englobam a vida

revisto apenas em 2001, após intensos debates, desgastes emocionais e proposições enfáticas das irmãs que participando do movimento negro, das ideias feminista, das transformações sociais e redemocratização país, conquistaram o direito na Irmandade de homens e mulheres poderem administrar a entidade (Santana, 2013).

Na pesquisa de mestrado e no convívio na entidade, fui observando que as nuances da memória, da educação e das tradições negroafricanas são muito importantes para a construção da história da Irmandade. Desse modo, nesse encontro com o Rosário caminhando nesses círculos e envolta entre contas e nós vou me construindo não apenas como irmã, que vive, aprende, acessa saberes e memórias, processos educativos dentre outros, mas também como alguém que investiga, reflete, produz conhecimentos e pensa essa Irmandade como objeto de pesquisa. Pensar a circularidade como perspectiva aprendente de uma pedagogia que acolhe, que enxerga a todos ao mesmo tempo, onde o sagrado perpassa. As reflexões de Tássio Ferreira de Santana (2019) sobre a importância da circularidade nas comunidades negroafricanas ao afirmar que

> A circularidade é a base para a construção / o fomento do saber. Tudo vai e volta, tudo é usado para ensinar qualquer coisa. O círculo é a via instalada constantemente como estratégia metodológica para ensinar. Por sinal, ver o sagrado nos mínimos gestos e nas materialidades dos ritos ajuda a perceber como não há hierarquia no processo de aprender sobre o 'axé' (Santana, 2019, p.30).

Ao pensar a memória, a educação e as tradições negroafricanas no contexto mais recente de uma Irmandade, buscamos materializar esse desejo de uma investigação científica fincada no chão da Irmandade, trazendo as narrativas das irmãs e dos irmãos para toda a tese num esforço circular da construção coletiva dos conhecimentos que reverberam nessa Entidade.

Inspirada em Becos de Memórias de Conceição Evaristo (2018), seremos as Marias Novas que aprendem e escutam esses aprendizados dos mais velhos e mais velhas levando-os para o mundo. No depoimento para a pesquisa de Mestrado, o irmão Antônio Carlos Santos Conceição, também colaborador dessa nova investigação, ressaltou que a memória faz a instituição viver, a memória dos antepassados, dos casos vivenciados, dos saberes. De acordo com o irmão, o passado tem deixado muito mais para o presente, do que o presente tem deixado para o futuro, infelizmente (Santana, 2013).

---

da entidade e de seus membros e continua tendo validade religiosa e civil. A palavra Compromisso será traçada com inicial maiúscula quando se referir a esse documento..

1.2 NA ESTRADA, UMA PANDEMIA

Quando iniciávamos a pesquisa, veio o que nunca se esperava: uma pandemia que nos tirou do eixo, das atividades e quase da vida. A pandemia de Covid-19 no Brasil causou um impacto avassalador. Com um número assustador de mortes, nossa rotina foi drasticamente alterada, e as consequências dessa crise sanitária ultrapassaram os limites da saúde pública, infiltrando-se em todos os aspectos da vida cotidiana. A necessidade de distanciamento social forçou-nos a interromper nossas atividades habituais, incluindo as pesquisas científicas e acadêmicas. Diante da negação governamental, que se recusou a priorizar a aquisição de vacinas em um momento crítico, a situação tornou-se ainda mais desesperadora.

Nesse contexto caótico, a adaptação foi a chave para a sobrevivência. Passamos a explorar plataformas digitais como ferramentas para estudo, pesquisa, entretenimento e lazer. Nós, professores da Educação Básica, enfrentamos desafios significativos: a falta de apoio e recursos agravou a situação educacional, com os estudantes sendo as vítimas mais afetadas por essa falta de vontade política. Contudo, resistimos e buscamos alternativas para continuar nossa missão educacional enquanto educadores e educandos. Inspirados pela perspectiva de reafirmar nossa humanização como condição ontológica sermos mais (Freire, 2003), enquanto seres aprendentes contínuos, persistimos na luta por uma educação de qualidade, mesmo em tempos de adversidades sem precedentes.

Ao observarmos o contexto recente, é inegável que a pandemia de Covid-19[5] deixou profundas cicatrizes na sociedade brasileira e nas nossas vidas. Apesar dos obstáculos, resiliência e criatividade foram as marcas dessa fase desafiadora. Trabalhando em condições incertas e frequentemente desfavoráveis, professores e profissionais da Educação buscaram incansavelmente maneiras de garantir que o processo de aprendizado continuasse, por meio do ensino remoto, realizado a distância, com aulas *online*, material didático adaptado utilizando recursos próprios para realizar o fazer pedagógico. As nossas pesquisas foram impactadas consideravelmente, pois pesquisadoras (es) estavam impedidas (os) de ir a campo, de adentrar em museus e de ter contato com nossos colaboradores. Os atrasos foram decorrentes da situação de calamidade causada pela pandemia. Contudo, após a vacina ser mais acessível e minimizar a contaminação pandêmica, foi possível retomar com cuidado todas as atividades, inclusive de pesquisa e estudo.

[5] Doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) que se caracterizou como “pandemia” pela abrangência geográfica, ou seja; ter atingido diversos países ao mesmo tempo e uma grande região da Terra.

A experiência também reforçou a importância da solidariedade, do respeito, do cuidado e da colaboração coletiva com o bem-estar de todas e todos. Não importa quão grande seja a adversidade, é essencial lembrar que, juntos, somos capazes de superar e, através da nossa capacidade de adaptação, das políticas de saúde pública e das ações práticas de coexistência comunitária encontrar maneiras de prosseguir. A humanização, em seu sentido mais profundo, tornou-se uma das principais lições aprendidas neste período, ressaltando a necessidade de nos apoiarmos uns aos outros e de valorizar cada vida.

1.3 O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

A escolha de uma Irmandade Negra como objeto de pesquisa decorre da necessidade de visibilizar conhecimentos ainda pouco estudados, sobre a contemporaneidade nessas entidades. A contemporaneidade entendida como marco paradigmático e processo histórico é caracterizada pela interconexão global, pela aceleração do ritmo da vida, pela cultura do consumo, pelas lutas por direitos e igualdade, pela diversidade de perspectivas e pelo constante fluxo de mudanças. Contudo, a contemporaneidade sendo observada e analisada através do tempo espiralar, como nos ensina Leda Martins (2021b), permite percebermos outras possibilidades de existência, outros sentidos para as lutas, escutando as vozes das comunidades ditas por elas mesmas em uma perspectiva circular. Buscar construir um diálogo aberto na perspectiva do lugar hermenêutico do conhecimento científico é tarefa complexa, desafiadora e traz implicações significativas para a forma como vivemos e compreendemos o mundo.

Como processo histórico, a contemporaneidade questiona os princípios da modernidade e de todas as suas bases fincadas no princípio civilizatório euro cristão pautado pelo paradigma cartesiano e suas conquistas a partir do século XV ao XIX. Neste período, foram consideradas conquistas europeias: a escravidão e a colonização de povos indígenas e africanos; o extermínio de milhões de pessoas; a expropriação de riquezas e bens culturais dos povos colonizados; o apagamento e ou silenciamento de diversos processos civilizatórios, suas culturas, povos e religiões. A engrenagem que potencializou esses feitos foi o etnocentrismo, a autoafirmação da branquitude como detentora de fonte de conhecimento universal, inviabilizando outras formas de perceber e construir o mundo. No caso do nosso país, houve quase quatrocentos anos de escravidão das populações africanas e indígenas, consequentemente, suas exclusões sociais, políticas e educacionais não podem ser esquecidas.

Assim, questionar essas bases, estando inseridos (as) nelas, tem sido o maior desafio do milênio. Afirmar outras formas de existir, outros sentidos, visibilizar outros lugares de pertencimento, ocupar os lugares sociais negados, reconhecendo outras subjetividades, construir diálogos com outras epistemologias, percebendo espaços plurais de aprendizagem e fontes de conhecimento estão na circularidade do milênio. O Prof. Dr. Luciano Costa Santos (2013), também filósofo, defende que:

> [...] é preciso encontrar a *arké*[6] de um novo começo civilizatório. Se a contemporaneidade é o momento atual da história em que coexistem desdobramentos da modernidade, desconstruções pós-modernas e novas possibilidades latentes, trata-se de saber que perspectiva de contemporaneidade está à altura do futuro (Santos, 2013, p. 212).

Essa *arké/arkhé,* como fonte de potencialidade de narrativa não europeia, colabora na reconstituição da contemporaneidade marcada por uma série de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que ocorreram ao longo das últimas décadas. As lutas por direitos civis, igualdade de gênero, inclusão social e ambiental têm sido pautas importantes nesse período. As mudanças na estrutura familiar, a reconfiguração das identidades individuais e coletivas, o surgimento de novas formas de ativismo e a redefinição dos conceitos de trabalho e carreira também são aspectos fundamentais desse processo histórico, que oportuniza uma desobediência epistêmica e afirmações existenciais plurais.

As reflexões de Antônio Dias do Nascimento (2008) nos ajudam nessa discussão, quando nos apontam que a contemporaneidade visa à reconstrução da condição humana, pensando a complexidade dos tempos atuais, em uma perspectiva para uma ética e moral humanizadoras. Essas reflexões nos instigam a pensar a partir da identificação de elementos que pavimentarão a reconstrução do caminho sustentável, em direção à preservação da natureza moral. Ainda conforme essas discussões, a responsabilidade moral é o cuidado com o bem-estar do outro, sem esperar a reciprocidade, é considerar essa moralidade como a mais imprescindível e inalienável das posses humanas.

---

[6] *Arké ou arkhé,* termo vindo da linguagem grega, ressignificado na dimensão afro-brasileira e africana, envolve fontes inaugurais de origens e ou princípios inaugurais civilizatórios de ancestralidade que alicerçam esses grupos não europeus. A *Arkhé* articula passado, presente e futuro, através da força vital ou axé das comunidades negras em temporalidades diversas. Ela expressa-se em conhecimentos de origem e continuidades, nas narrativas míticas desses processos civilizatórios, seus símbolos, valores, pensamentos e saberes. As Religiões de Matriz Africana, como também a narrativa de surgimento de Nossa Senhora do Rosário nas águas e retirada pelos negros podem ser caracterizadas com uma *arkhé*. Pesquisadores como Luz (1995), Luz (2018) e Sodré (2019) ajudam a compreender melhor as bases do *Arkhé.*

Além disso, a contemporaneidade é caracterizada pela diversidade e pluralidade de perspectivas. Os avanços nas áreas da comunicação e da informação permitiram o acesso a uma multiplicidade de vozes e pontos de vista, desafiando as narrativas dominantes e criando espaço para a expressão e o reconhecimento das diferenças, uma consciência crescente em relação aos desafios ambientais e às mudanças climáticas. A sustentabilidade tornou-se uma preocupação global e uma pauta urgente, à medida que as consequências das atividades humanas sobre o meio ambiente se tornaram mais evidentes. Há uma busca por soluções sustentáveis e uma mudança de mentalidade em relação ao consumo e à exploração dos recursos naturais.

Quando me propus a estudar essa Irmandade negra à luz da contemporaneidade, busquei, por meio da problematização do tempo fluido, interrogá-lo através do quase impossível deslocamento e anacronismo que se apresenta para percebê-la e apreendê-la como tempo histórico vivido, refletido na circularidade emergente da vida, como bem descreve Agamben (2009)

> Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo. Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um "muito cedo" que é, também, um “muito tarde”: de um “já” que é, também, um “ainda não”: E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós (Agamben, 2009, p. 65-66).

Quando o filósofo, educador, ativista do movimento socioambiental e pensador indígena Ailton Krenak nos afirma que agora, mais do que nunca, é necessário organizarmos estratégias e “ideias para adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019, p. 9), ele nos clama a reascender nossas bandeiras de luta pela sobrevivência, pela preservação do que nos resta de natureza, pela redução do consumo desenfreado e por ações coletivas e solidárias. Nessa perspectiva, não devemos esquecer as irmandades, entidades negras históricas, que dialogam com a contemporaneidade. Nesse sentido, a contemporaneidade insere diversos sujeitos nas diferentes frentes de luta, porque compreender e refletir sobre a contemporaneidade nos permite analisar criticamente as dinâmicas e os desafios do mundo em que vivemos e pensar em como podemos moldar o futuro de maneira mais justa, sustentável e inclusiva.

> Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas 15 visões, nossas poéticas sobre a existência (Krenak, 2019, p.15-16).

Esse autor traduz muitas das vivências e religiosidade da comunidade Rosariana no Pelourinho, pois, ela se reinventa para manter suas práticas celebrativas, saberes, tradições, memórias e celebrações dos santos católicos negros africanamente, os/as quais causam certo estranhamento a membros do clero conservador que, de vez em quando, lançam seus olhos espiões sobre as atividades religiosas dessa Irmandade. Porém, quando isso ocorre, a consequência é a desobediência epistêmica (Mignolo, 2008): a Irmandade faz as suas atividades, seguindo os princípios de suas tradições negroafricanas, que aqui definimos como as reminiscências deixadas por nossos ancestrais e antepassados africanos, redimensionadas aqui no Brasil pelas comunidades negras, quilombolas, de terreiros e irmandades negras que chegaram até nós. Podemos também equipará-las às tradições afro-brasileiras e africanas. Contudo, nessas tradições negroafricanas há algo que é específico dessas comunidades no Brasil, como, por exemplo o uso da dança de origem africana no momento da consagração, o qual chamamos "dançar o santo".

Usamos o termo "negroafricanas" para designar as tradições que aportaram e foram disseminadas em diversos continentes, a partir das influências africanas negras, atualmente presentes em diversas partes do Brasil. Eu me inspirei na Professora Drª. Yeda Pessoa de Castro, Etnolinguista, que nos adverte sobre a necessidade de compreender que a "herança cultural negro-africana no Brasil não pode ser tratada fora do contexto sócio-histórico onde ela se encontra" (Castro, 2001, p.15). Desse modo, se a Irmandade Negra pesquisada foi criada por negros congos e angolas, ela pode ser considerada um espaço onde as tradições negroafricanas floresceram e suas reminiscências chegaram até os nossos dias. Justifico também que, quando me refiro às tradições negroafricanas, estou demarcando as tradições advindas das comunidades negras africanas trazidas para o Brasil pelo processo forçado de escravização, e as aproximações ancestrais que nos alimenta espiritualmente não a completude do vasto Continente Africano com seus cinquenta e quatro países, suas diversidades, pluralidades, contradições e mais de duas mil línguas.

Muitos estudos foram e são desenvolvidos por diferentes pesquisadores no contexto colonial, imperial e início da república dessas irmandades, mas são raros estudos que tragam contribuições sobre o protagonismo dessas entidades em tempos mais recentes. Portanto, essa pesquisa visa trazer contribuições no campo da Educação sobre uma Irmandades Negras em Salvador, uma vez que, a História da Educação brasileira ainda deixa um vácuo nos estudos e pesquisas que tratem de ações educativas em espaços não convencionais ou não formais. Nesse sentido, a visibilidade de ações educativas sejam elas religiosas, formacionais ou culturais tem muita relevância para a comunidade estudada, para a sociedade e para a ciência. As memórias apresentadas através das narrativas orais de irmãs e irmãos que se dispuseram a participar da pesquisa são referências para a pesquisa.

O estudo das irmandades negras contribui significativamente para o entendimento da história do Brasil, porque essas entidades estiveram presentes em todas as regiões do País, prestando diferentes serviços religiosos, sociais, além de ajuda mútua e, também, oferecendo estratégias de libertação a seus membros, fossem eles negros livres ou os que ainda se encontravam no processo de escravização. Na contemporaneidade, elas se reconfiguraram a partir das demandas presentes e continuam ativas, realizando não somente as atividades religiosas, como também dialogando e articulando lutas contra o racismo, a intolerância religiosa, desenvolvendo atividades educativas, políticas (como a participação em conselhos etc.), culturais e artísticas, dando continuidade ao seu legado.

Os processos educativos internos deram às muitas irmandades o pressuposto necessário para atravessar vários séculos, elaborando e reelaborando seus saberes e fazeres, mantendo muitas das tradições. Essas reelaborações continuam interconectando saberes, práticas e conhecimentos entre os diferentes mundos, como o ancestral, o religioso, o social, o espiritual, o cultural e o histórico (Santana, 2013). Assim, nas circularidades, essa Irmandade tem desenvolvido redes de alianças comunitárias presentes nos processos civilizatórios africanos, indígenas, de povos originários e ameríndios (Luz, 2000).

Nosso olhar para esse objeto, no sentido da contemporaneidade, envolve esse pertencimento da temporalidade espiralar (Martins, 2021b), o qual lança embates sobre a noção de tempo linear, fincando seus alicerces nas temporalidades e nas cosmovisões das comunidades negroafricanas, trazendo contribuições ancestrais negras, suas memórias, saberes e fazeres. Novas formas de articulações começam a intercambiar com os nós que se apertam nesse rosário não só de oração, mas também de lutas, reexistência e de atividades sociais e educativas. Procuramos – ou ousamos – construir reflexões e conhecimentos sobre o tempo

vivido, o tempo presente e o que há de vir, deslocando-nos e nos aproximando, ao mesmo tempo, das diversas temporalidades, para melhor apreender os saberes elaborados nessa entidade há mais de quatrocentos anos, com recorte para o final dos anos de mil novecentos e noventa até dois mil e dezoito.

Partindo desse pressuposto, a investigação se desenvolve através das contas, dos nós, espaços e círculos do rosário, tendo como título "Eu vi meu rosário falar": Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Na referida pesquisa, há duas questões que me instigam a investigar no campo da Educação: Quais ações educativas a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho tem desenvolvido, para o fortalecimento da sua história, da memória coletiva e a preservação das reminiscências das tradições negroafricanas na vida dos seus membros e da comunidade em geral? Quais estratégias e práticas ela utiliza para a ampliação dos laços com outras irmandades do Brasil e o início dos laços com a Igreja de Angola?

Observando as questões anteriores, elencamos como objetivo geral: investigar como se articulam a educação, a memória e a contemporaneidade nas tradições negroafricanas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, na perspectiva de conhecer as estratégias de preservação da memória, da religiosidade católica negra e sua contribuição para a socialização dos saberes e construção de laços colaborativos com irmandades do Brasil e com a Igreja de Angola.

Em decorrência, para alcançar o objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- Investigar quais atividades foram – ou estão sendo – desenvolvidas, no que tange à educação, para preservar a memória coletiva e as tradições negroafricanas da Irmandade;
- Entender, através das narrativas das irmãs e irmãos, como essas memórias e tradições negroafricanas são reconstruídas, balizando estratégias de aproximação com outras irmandades do Brasil e com a Igreja de Angola;
- Identificar quantos são os membros da Irmandade, caracterizando o perfil socioeducacional e de gênero nesta entidade;
- Analisar as atividades educacionais mais relevantes na irmandade entre os anos 1997-2018 e sua influência nas relações internas e comunitárias;

- Analisar e interpretar, através dos registros orais e dos documentos, os aspectos relacionados à educação, memória coletiva e tradições negroafricanas no contexto da Irmandade.

Considerando a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho como uma entidade decolonial, construo um diálogo com o arcabouço epistêmico do Giro Decolonial, como pressuposto teórico ou visão de mundo que articula as principais dimensões do ser, do saber e do poder, ampliando: a ação do sujeito para a percepção da existência de muitos mundos possíveis, de muitas formas de elaboração do conhecimento (Maldonado-Torres, 2020) do Pensamento Afrodiaspórico; a mudança na geopolítica do conhecimento (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2020)*;* e a Escrevivência que traz a escrita negra como uma possibilidade de criação coletiva (Evaristo, 2020). Então, esta tese não é uma escrita tão somente minha, ela traz as vozes de um coletivo, formado por homens negros e mulheres negras, que se materializa na pesquisadora que sistematiza a investigação.

A proposição de tese que busco confirmar nessa investigação é que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho pode ser compreendida como um complexo religioso católico negro em Salvador, e suas práticas educativas, sociais e culturais empoderam seus membros e a comunidade, construindo sabervivências inspiradas em Evaristo (2020) e Teixeira e Rocha (2023). Essas sabervivências envolvem as vivências, as memórias, os saberes, a ancestralidade, as tradições negroafricanas e cosmovisões presentes nessa Irmandade. Como bem afirma a colaboradora Irmã Sandra Maria Bispo, "[...] a Irmandade do Rosário é um sentir de prazer, é fé, é ser feliz. É uma instituição que nos dá alegria, ela mostra espiritualidade, ela mostra que existe uma ancestralidade, não basta somente os olhos do rosto para enxergar, mas, antes de tudo, sentir e deixar a prática, é a vivência" (Bispo, 2023). Este testemunho dá indícios de que, nessa entidade, a educação colabora significativamente para a afirmação das tradições negroafricanas, para o fortalecimento da memória coletiva.

Outro fator relevante do impacto da educação nessa entidade é a perspectiva de futuro. Nesse sentido, como bem ressalta a Irmã colaboradora Nilsa Bonfim Dias, a educação "[...] é a experiência dos mais velhos e a experiência dos mais novos, porque um povo educado consegue fazer, consegue dar um passo à frente, dentro da sociedade mundial" (Dias, 2021). Desse modo, o envolvimento propositivo da Irmandade – com a perspectiva da ancestralidade, da memória e da educação – transforma a vida dos seus membros, dando mais significado e os projetando para o futuro. Esta é uma nuance que vai aparecer nas narrativas aqui presentes.

Os processos educativos internos deram às muitas irmandades a motivação necessária para atravessar vários séculos, elaborando e reelaborando seus saberes e fazeres, mantendo muitas das tradições. Essas reelaborações continuam interconectando saberes, práticas e conhecimentos entre os diferentes mundos, como o ancestral, o religioso, o social, o espiritual, o cultural e o histórico (Santana, 2013).

O estudo da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, observando as suas ações educativas, suas memórias e contemporaneidade nas tradições negroafricanas, é um caminho profícuo para a compreensão desse espaço não apenas religioso, mas também educativo, através das ações de irmãs e irmãos membros dessa entidade. A pesquisadora Nilma Lino Gomes (2017), apoiando-se em Miguel Arroyo (2003), estudando o protagonismo educador do Movimento Negro, assegura que existe um consenso entre pesquisadores, em uma perspectiva teórico-crítica da Educação, de que os movimentos sociais "educam e reeducam a sociedade, o Estado e a escola" (Gomes, 2017, p. 51).

Os autores Arroyo (2003) e Gomes (2017) coadunam com a ideia de que os movimentos sociais agregam na Pedagogia muito mais que moralizações, inserem ética na relação entre educadores, educandos, e nas diversas relações de humanização, do uso e do destino das relações com as riquezas e a funcionalidade da terra. Ambos propõem soluções e denunciam as exclusões, as condições desumanizadoras, a miséria, os assassinatos, especialmente da juventude negra, que continuam em sua maioria impunes, a desvalorização da vida de mulheres, negros e negras, dos LGBTQIAPN+[7], a exploração da infância, a expropriação do ser, o empobrecimento e as injustiças. Nessa visão, os movimentos sociais transformam positivamente as experiências dos seres humanizados, reconfigurando-os ética e moralmente, pois estas não são visíveis nas ideologias políticas, sociais e pedagógicas. Assim, os movimentos sociais fazem a reeducação dos sujeitos, dos grupos, das associações e da sociedade em geral (Arroyo, 2003; Gomes, 2017).

Nesses tempos de pandemia e pós-pandemia, a relevância dessas discussões aumenta consideravelmente, pois os movimentos sociais, as organizações sociais, os movimentos negros, os movimentos de mulheres negras, as associações religiosas, as irmandades negras, as associações comunitárias e periféricas foram alternativas para minimizar as mazelas psicológicas, físicas e sociais de negacionismo do estado brasileiro. As ajudas sociais, as redes

[7] A sigla se refere às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Assexuais, Pansexuais, Intersexo, Não Binário e mais outras denominações de identificações de identidades e orientações referentes à sexualidade.

colaborativas de aprendizagens e afetos, nas *lives*[8], a socialização de conhecimentos e saberes, de orações, de festas, de músicas, a transmissão de missas e atividades artísticas foram imprescindíveis à sobrevivência no período de distanciamento social. Especialmente, no caso das entidades negras, que contribuíram bastante para a circulação de informações e conhecimentos necessários, a fim de que as redes de solidariedade se estabelecessem, minimizando a lacuna do distanciamento social e a ausência da educação presencial. A pesquisa desenvolvida foi marcada por esse processo, especialmente, porque muitas das pessoas entrevistadas tinham idade avançada, mas não deixou de ocorrer. Usamos ligações telefônicas e interação por redes sociais até ocorrer a ampliação da vacinação, que possibilitou o momento oportuno da interação presencial.

Nosso diálogo se constrói nas experiências das irmandades negras, que nossos antepassados angolanos, congoleses e de outras partes da África erigiram em Salvador e em outras partes do Brasil, agregando homens e mulheres negros/as livres, ou ainda em processo de escravização. A educação permeou e permeia todo o contexto da Irmandade do Rosário. Isso é visível nas suas atividades, as quais têm um cunho pedagógico, religioso e identitário. Nessa perspectiva, a contemporaneidade se apresenta como tempo profícuo para a reflexão do presente.

Penso que essa irmandade tem almejado construir uma práxis libertadora, como propõe Freire (1987), pois busca transgredir as relações de força que a oprimem, efetivando uma atitude proativa de solidariedade e de não assistencialismo na sociedade. Porque ela não fica na posição servil, mas transforma seus membros em sujeitos lutadores e transformadores da história da entidade e da própria história, quando incentiva o estudo, o diálogo com o conhecimento e a aprendizagem das (e nas) diferentes formas. Essa práxis se caracteriza pela ação e reflexão dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-lo.

A reza, o canto, a revolta, a colaboração, as redes de solidariedade e a afirmação existencial do povo negro sempre foram formas de resistências que ecoaram desde os primeiros anos de formação das primeiras irmandades, confrarias e devoções de homens pretos no Brasil. As irmandades negras não serviram apenas às devoções dos santos, reinterpretaram e reinterpretam suas heranças religiosas e culturais, elaboraram caixas para compras de cartas de alforria, reconstruíram laços afetivos, religiosos e comunitários, reelaboraram e reelaboram memórias estigmatizadas pelo processo de escravização (Santana, 2013).

[8] Reuniões, seminários, mesas de discussões *online*, mediados pelas tecnologias digitais em plataformas ao vivo, via internet, onde participam pesquisadores, líderes e pessoas interessadas nas temáticas abordadas.

No contexto mundial globalizado em que vivemos, enquanto praticantes culturais, mediados pelas altas tecnologias da comunicação, pela ameaça constante de um imperialismo nefasto que subjuga comunidades produtoras de conhecimento, afirmar-se como sujeito histórico é pertinente. Colaborando com essa discussão, Franz Fanon (1969) afirma que outros, ou seja, "[...] os amarelos, os árabes e os negros, hoje, querem dizer os seus projetos, querem afirmar os seus valores, querem definir as suas relações com o mundo" (Fanon, 1969, p. 151). Nessa dimensão, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho reverbera sua história, com mais de quatrocentos anos de fundação e trezentos e trinta e oito de registro, elaborando um diálogo que vai além da religião, mas entrelaçando religiosidade e vida, luta e combate à intolerância religiosa a fim de reconstruir um mundo mais humanizado, menos violento, mais plural e diverso, onde as religiosidades possam conviver com respeito, e seja possível extirpar ou, quando não, minimizar o racismo existente.

Estudos de Kátia Mattoso (1992) apontam a existência de, em média, cem irmandades em Salvador, as quais agregavam brancos, mulatos[9] e negros. Dessas, através da análise de testamentos de alforriados, a historiadora identificou mais de trinta irmandades negras na cidade. Em muitas dessas entidades, as juntas para a compra de alforrias era uma atividade constante, bem como o funeral digno e ajuda financeira para seus membros.

Marco Aurélio Luz (2000), discutindo dados da pesquisadora Kátia Mattoso (1978), assinala que, entre 1790 e 1826, "[...] cerca de oitenta e cinco por cento dos africanos em processo de liberdade ou livre e oitenta e três por cento de africanas libertas pertenciam pelo menos a uma irmandade religiosa" (Luz, 2000, p. 387). Ainda de acordo com o mesmo autor, elas ofereceram alternativas de libertação no contexto da sociedade oficial, como também:

> No Brasil, o negro aproveitava o espaço das irmandades, reconstituindo sua identidade cultural de origem, e com ela as relações sociais e institucionais africanas. Além disso, era o local necessário à coesão grupal que caracteriza as correntes da libertação da escravidão, gerenciando os recursos necessários a compra de cartas de alforrias (Luz, 2000, p. 347).

Nesse sentido, as irmandades e confrarias negras tiveram papel relevante no período colonial, continuando com significado ímpar atualmente. É importante acrescentar também que

[9] O termo "mulato" foi usado largamente no período colonial pelos portugueses, para designar "filho da mulher negra com o homem branco", muitas vezes, tendo sido fruto de violência sexual cometida pelos colonizadores, os quais consideravam não-brancos como pessoas de pouca inteligência. Com o passar dos anos, o termo "mulato" passou a ser associado à cor da pele, sendo sinônimo de "mestiço" entre negros, brancos e indígenas. Guimarães (2007) afirma que mulato pode ser associado aos filhotes de cavalo com jumenta e tem uma conotação negativa, uma definição pejorativa na língua espanhola. O Movimento Negro Unificado também rechaça o uso desse termo para se referir às pessoas negras de pele clara.

os negros escravizados não podiam entrar nas igrejas dos brancos, mesmo que muitos trazidos no processo mercantil escravocrata, especialmente do Congo e Angola, já tivessem experiências religiosas com o cristianismo.

As irmandades negras podem ser consideradas, juntamente com os quilombos e os terreiros de candomblé, as primeiras formas de resistência contra o sistema colonial, bem como, de organização social dos negros e africanos escravizados, crioulos e forros[10] em nosso país. Para Arroyo (2003, p. 42), os "novos atores sociais reinterpretam normas, valores, lógicas, saberes, e padrões culturais". Com isso, criam significados a partir de contextos distintos.

Muito se tem registrado sobre o passado dessas entidades, monografias, dissertações, teses, artigos, capítulos de livros, livros completos. Dentre as centenas de produções, destacamos: Scarano (1978), Quintão (2002), Bacelar e Souza (1974), Farias (1997), Reginaldo (2005, 2011), Mesquita Santos (2015, 2018, 2022), dentre outros.

As irmandades são comunidades societais de ação religiosa negra, vivência, construção e reconstrução de saberes e memórias que se articulam no espaço e no tempo. São também espaços de luta contra o racismo e de empoderamento negro. Sabemos que, desde o período colonial, nos pós abolição e na república, nossos antepassados sofreram múltiplos tipos de violências: colonização, escravização, coisificação, exploração, expropriação, desumanização, cujos resquícios estão disseminados por toda a sociedade brasileira e nas nossas subjetividades. As irmandades negras foram/são espaços de construção de ideias emancipatórias em um diálogo contínuo com os diversos setores da sociedade brasileira. Por isso, muitas delas continuam ativas e desenvolvendo muitas atividades não somente religiosas, mas também culturais, educativas e artísticas.

No Brasil, há muitas Irmandades, como a do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia. Estas se constituem como experiências singulares de um catolicismo africanizado, de processos educativos internos, de tradições negroafricanas reelaboradas em diferentes contextos e de memória ancestral africana recriada no Brasil. Muitas dessas irmandades continuam ativas, seja em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco ou Rio Grande do Norte, dentre outros estados. Algumas passam por problemas de intervenção das autoridades eclesiais, como é a situação da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olinda, ou por reconfiguração dos membros, como se apresenta a Irmandade do Rosário de Ouro Preto, ou por

[10] Os forros eram os negros que haviam conquistado sua liberdade naquela época. Tinham certo trânsito social, embora passassem por muitas dificuldades e sofressem o processo de exclusão social.

problemas internos, ou ainda reconfigurando suas ações para continuarem seu protagonismo. A interação entre irmandades negras também está no bojo dessa investigação.

> De acordo com os relatos orais, a própria Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho abrigou a Irmandade de Bom Jesus dos Martírios, que se reunia em um altar lateral, cujos membros eram malês. Nesse sentido, no entender de Matoso (1992, p.401), "[...] através da tradição oral 'ainda viva hoje em dia', pude descobrir gradativamente a importância dessas associações como centros de conservação da herança africana". Essas entidades de sentido coletivo nos ajudam a entender significativamente a história desse país.

É nesse contexto que situamos a Irmandade de Nossa do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como é popularmente conhecida, ou Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), entidade religiosa, social e cultural, registrada oficialmente em 1685, por negras e negros Bantu[11] ou congos e angolas.

Há registros de que, desde 1604, ela já funcionava nos porões da antiga Igreja da Sé (OTT, 1968). Ela também abrigou jejes, forros e crioulos. De acordo com Bacelar e Souza (1974), a superioridade numérica dos negros de Angola e do Congo era incontestável no século XVII, isso justifica o porquê de as primeiras irmandades serem compostas exclusivamente por negros vindos de Angola e seus descendentes. Acrescenta-se que muitos dos africanos transplantados para o Brasil no processo de escravidão já tinham contato com o cristianismo em terras africanas.

As tecituras construídas coletivamente através dos diferentes estudos, pesquisas e obras sobre a entidade, permitem-me conjecturar a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos do Pelourinho como produtora de saberes que precisam ser registrados mais sistematicamente e socializados. Nesse sentido, a pesquisa científica é imprescindível para ampliar o conhecimento construído sobre essa entidade, percebendo como bem assinala Luciene Reginaldo (2005) que existe "[...] o reconhecimento de um cristianismo africano, como uma variante ocidental ou, ainda, a afirmação de uma reinterpretação africana dos símbolos e práticas cristãs" (Reginaldo, 2005, p. 41).

Ao articular educação, memória e contemporaneidade nas tradições negroafricanas, buscamos dialogar com o contexto da entidade, na perspectiva de perceber a educação como processo permanente e de transformação social (Freire, 1997), a memória como espiral que nutre a história e se inscreve no corpo (Martins, 2021a; 2021b), e tradições negroafricanas como

[11] A grafia do termo "bantu" foi utilizada conforme a língua Kikongo, para positivar o uso dos termos de origem africana como na sua língua de origem, sempre que possível.

processos criativos culturais alicerçados na tradição oral e nos valores ancestrais africanos (Ki-Zerbo, 2010) e afro-brasileiros.

Flexionando esse fio circular que tece os conhecimentos rosarianos, podemos, a partir dos pressupostos da educação, como campo flexível de produção pedagógica e epistemológica, apoiando-nos em Gomes (2017, p. 25), para percebê-la "[...] como um importante espaço-tempo possível de intervenção e de emancipação social, mesmo em meio às ondas de regulação conservadora e da violência capitalista". Partindo dessa premissa, Gomes (2017) acrescenta ainda que:

> A educação não é um campo fixo e nem somente conservadora. Ao longo dos tempos, é possível observar como o campo educacional se configura como espaço-tempo inquieto, que é ao mesmo tempo indagador e indagado pelos coletivos sociais diversos. Enquanto espaço de formação humana e pelo qual passam as mais diferentes gerações, grupos étnico-raciais, pessoas de origens socioeconômicas diferentes, credos e religiões, é possível refletir que tanto os processos institucionais de educação (escolas de educação básica e universidades) quanto as experiências de educação popular, social, de jovens e adultos, diferenciada e antirracista, construída no cotidiano e nos processos de lutas sociais, são repletos, ao mesmo tempo, de um dinamismo incrível e de uma dimensão conservadora (Gomes, 2017, p. 25).

Os tensionamentos no campo educacional brasileiro se configuram como uma problemática constante, porque se construiu uma história da educação que desconhecia as contribuições e participações dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros nos processos educativos e como seres educativos e educadores. As elites coloniais e brasileiras viam a inclusão educacional desses povos como um perigo ao processo colonizador escravocrata. Assim, empreenderam esforços para dificultar e proibir o acesso ao saber institucional do estado. Porém, negros e indígenas buscaram formas alternativas de educação formal, lutas, insurgências e inclusão.

Nesse contexto em que a educação permeia a irmandade, outro fator imprescindível é a aproximação com Angola, onde a Irmandade tem buscado estreitar relações com a Igreja Católica local e aproximar-se das suas origens ancestrais. Seu intuito é fortalecer os aspectos históricos, religiosos, culturais e de identidade afro-brasileira no entrelaçamento transatlântico que se planejava para uma reaproximação com o Continente Africano oficialmente.

Nesse sentido, em torno do objeto estudado, busco o diálogo, ampliando o arcabouço de conhecimentos e reflexões, através de estudos dos fenômenos educativos na irmandade, entrelaçados à memória e às tradições negroafricanas. Nesse percurso, aproximo-me do entendimento de Martins (2021 b, p. 48), da "[...] memória que cliva e atravessa os vazios e

hiatos resultantes das diásporas" ou das "africanias, como bem denomina Castro (2022). Partindo dessa premissa, fazendo um recorte da realidade sociocultural, no período contemporâneo, procuro perceber a irmandade ou as irmandades como espaços plurais de educação. Esta iniciativa desafia-nos a elaborar novas reflexões, pois, como pesquisadores do cotidiano ou praticantes culturais, estamos imersos no campo/objeto, procurando produzir narrativas que reverberem conhecimentos, mas também comuniquem ciências.

Considerando a longevidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, que tem uma história de mais de quatrocentos anos, e que o propósito da pesquisa é estudar o contexto contemporâneo, o corte temporal se dá, em princípio, entre 1997 e 2018, por ser um período que apresenta mais registros de atividades educativas e culturais no seio da entidade. No percurso desta investigação, trabalhamos com a ideia de que essa entidade não é apenas de cunho religioso, mas também tem um papel educativo e social imprescindível. Ela educa, produz saberes e conhecimentos em uma relação dialógica na vida de seus membros e da comunidade em geral, porém esse viés ainda não foi explorado por outros trabalhos e pesquisas sobre a Irmandade.

Pensar essa entidade como um círculo amplo de conhecimentos, como bem ressalta a Irmã Sandra Maria Bispo, "[...] é um sentir de prazer, é fé, é ser feliz, é uma instituição que ela nos dá alegria, ela mostra espiritualidade, ela mostra que existe uma ancestralidade, não basta somente os olhos do rosto para enxergar, mas, antes de tudo, sentir e deixar a prática, é a vivência" (Bispo, 2023). Continuando nessa premissa, esta tese, por meio de narrativas orais, dá visibilidade às práticas educativas da Irmandade, porque a área da educação nos dá, enquanto área ampla, subsídios para situar objetos de estudos que dialogam com vários campos do conhecimento.

Esta tese está estruturada em cinco Círculos, os quais se desenvolvem em cadência circular. No primeiro Círculo, intitulado Círculo Introdutório: "Estamos chegando!", contextualizo a procedência da pesquisadora, seu itinerário de vida e de pesquisa e como se aproximou do objeto estudado. Faço uma breve reflexão sobre a pandemia e situo o objeto, suas indagações, objetivos e motivações para a pesquisa. No Segundo Círculo, nomeado de Aproximação da pesquisa com o giro decolonial: "grita, grita, negro, grita!", desenvolvo uma discussão com as correntes epistemológicas e a aproximação com o objeto pesquisado, descrevo os caminhos metodológicos e de análise em meio à pandemia. Em seguida, faço uma breve descrição biográfica dos (as) colaboradores (as) da pesquisa, como também situo o objeto

estudado e a contemporaneidade, concluindo o círculo com processo de se tornar irmão ou irmã do rosário.

No Terceiro Círculo, denominado As Irmandades do Rosário no Brasil e no mundo: "por entre as contas do Rosário", procuro retratar o contexto histórico das irmandades negras no Brasil, em Portugal e Angola, e da Irmandade estudada em uma abordagem teórica. Nesse contexto, situo as Irmandades que também fazem parte do contexto da pesquisa: a Confraria do Rosário de Olinda, em Pernambuco; e a Irmandade do Rosário de Ouro Preto, em Minas Gerais. Descrevo a importância da Igreja do Rosário, que não só é um templo de pedra e cal, mas uma casa de tradição, reverência ancestral, religiosidade e fé, discutindo também influência das CEBs na Irmandade e na vida dos irmãos colaboradores. Concluo esse círculo com uma reflexão acerca da relação da Irmandade com outras agremiações do gênero.

No Quarto Círculo, intitulado de A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho: "Eu vi meu Rosário falar", trago o complexo religioso do Rosário, suas atividades religiosas e calendário de festas. Em seguida, desenvolvo uma reflexão sobre memória, tradições negroafricanas, oralidade, o círculo de preleção, o culto e a fé em Escrava Anastácia. Dando continuidade, descrevo como foi forjada a Rede de Irmandades Negras, concluindo com a aproximação com Angola e o culto a Mama Muxima.

No Quinto e último Círculo, que se chama A educação no Rosário do Pelourinho (1997-2018): "Ele alumiou toda terra e mar", faço uma breve discussão sobre educação de negros no Brasil e na Bahia, discuto um pouco sobre o papel da Frente Negra Baiana e a Pedagogia Interétnica em Salvador, reflito sobre a educação na Irmandade, descrevo algumas atividades educativas, entrelaçando vozes e documentos. Os documentos foram pesquisados nos arquivos da Irmandade, foram selecionados aqueles que cobriam o período estipulado pela pesquisa, utilizados em todo o contexto da tese, trabalhados através da análise interpretativa. Registro também alguns projetos em parceria com a comunidade presentes nesses documentos, concluo o círculo com os sabervivências presentes na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Finalizo a tese com as inconclusões, forjo considerações gerais sobre a pesquisa e confirmo a proposição de tese, deixando a possibilidade de novas investigações sobre a Irmandade.

Gostaria de registrar que as narrativas orais – obtidas por meio da metodologia e da técnica de entrevista "história oral temática" e "história de vida" – dos irmãos colaboradores e das irmãs colaboradoras/es da pesquisa, analisadas de forma interpretativa compreensiva, permearão toda a tese. Assim o fiz, porque os saberes e conhecimentos que emergiram das

memórias e narrativas orais das irmãs e irmãos são imprescindíveis à compreensão do objeto pesquisado e ao registro contemporâneo da história dessa entidade.

2 SEGUNDO CÍRCULO: APROXIMAÇÃO DA PESQUISA COM O GIRO DECOLONIAL,-"GRITA, GRITA, NEGRO, GRITA!"

> Fogo!...Queimaram Palmares, Nasceu Canudos.
> Fogo!...Queimaram Canudos, Nasceu Caldeirões.
> Fogo!...Queimaram Caldeirões,
> Nasceu Pau de Colher. Fogo!...
> Queimaram Pau de Colher...
> E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
> que os vão cansar se continuarem queimando
> Porque mesmo que queimem a escrita,
> Não queimarão a oralidade.
> Mesmo que queimem os símbolos,
> Não queimarão os significados.
> Mesmo queimando o nosso povo,
> Não queimarão a ancestralidade
> (Santos[12][Nego Bispo], 2015, p. 45).

Neste círculo, discorro sobre a epistemologia desenvolvida na pesquisa, pensando a Irmandade como entidade decolonial, aproximo-me do giro decolonial, do pensamento Afrodiaspórico (Quijano, 1992), (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007; Grosfoguel, 2020), das Epistemologias Negras (Fanon, 2008; Carneiro, 2005; Gomes, 2017; Luz, 2000; 2010; Martins, 2021a; 2021b) e da Escrevivência (Evaristo, 2007, 2017, 2018, 2020). Neste círculo, reflito teoricamente me enlaçando nos nós e contas dessas epistemologias, como também dialogando com a pesquisa em Educação. Nessa encruzilhada lanço a ideia do sabervivências como perspectiva criativa para situar as atividades educativas, saberes, fazeres e experiências construídos pela Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, apresentados nesta investigação. Elenco também os caminhos metodológicos, bem como as técnicas de coleta de dados e análises. Caracterizo as colaboradoras e os colaboradores da pesquisa, trazendo uma

[12] Mestre Nego Bispo, [SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos, modos e significações.* Brasília: INCTI/UnB, 2015]. Antônio Bispo dos Santos, é um dos importantíssimos intelectuais quilombolas do país. Construiu uma epistemologia do quilombo e desafiou a Academia, sendo um intelectual independente procura afirmar os saberes da roça na perspectiva contra colonial, onde desafia a negatividade eurocentrista em relação à comunidade negra e indígena, positivando as ações, as palavras e os saberes dos povos que ele denomina pindorâmicos e afro-pindorâmicos. Ele faleceu antes da entrega final dessa tese, registro aqui minha gratidão ao sábio Nego Bispo, por ser um Griô e um manancial de conhecimentos sobre a nossa História de povo preto quilombola, da roça e povos originários.

pequena biografia de cada um (a), bem como trago alguns dados mais atualizados que contextualiza o objeto da pesquisa, que é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

2.1 O GIRO DECOLONIAL, AS EPISTEMOLOGIAS NEGRAS E A ESCREVIVÊNCIA NA PESQUISA EM UMA IRMANDADE NEGRA

Penso que esse poema do mestre Nego Bispo (Santos, 2015) reflete bem sobre o caminho epistêmico que tomo na construção desta tese. Podem queimar ou esfacelar nossa história, contudo jamais queimarão nossa ancestralidade que nos instrumentaliza para a realização de insurgências afirmando nossa humanização. Percebendo que, embora a colonialidade do poder, do saber e do ser atravesse meu processo de aprendizado, de vida e de conhecimento, ouso construir uma epistemologia, dialogando com a decolonialidade a partir do Giro Decolonial e do Pensamento Afrodiaspórico (Maldonado-Torres, 2006, 2020; Walsh, 2013), Epistemologias Negras (Fanon, 2008; Carneiro, 2005; Santos, 2015, 2023; Gomes, 2017; Luz, 2000; Martins, 2021a e 2021b; entre outros) e da Escrevivência (Evaristo, 2006, 2007, 2021). Estes estudiosos procuram, em um sentido amplo, trazer para o meio do círculo do conhecimento as construções das populações negras, indígenas, ameríndias, africanas e asiáticas ou aquelas que podem ser consideradas excluídas pela colonialidade europeia que ainda permeia o conhecimento em nosso país e no mundo, com resquícios da colonização e escravização de povos indígenas e africanos.

Os movimentos Caldeirões[13], Pau de Colher[14], Canudos[15] e Palmares[16] e outros são referências de algumas das revoltas empreendias pelos povos negros em diferentes partes desse país de dimensões continentais, para afirmar sua existência, resistência e humanidade. As comunidades negras são decoloniais, porque rasuram a pretensão elitista do Brasil que apagou por muitos séculos os protagonismos de diversos povos ameríndios e negroafricanos que colaboraram na construção social, política, histórica e filosófica do Brasil. Embora essas lutas tenham sido sufocadas pela fúria colonialista, imperialista e até republicana, suas reminiscências continuam na oralidade, nas práticas de vida, nos significados e na ancestralidade, porque esses referenciais jamais se queimarão.

As irmandades negras são comunidades que se inserem no contexto do poema de (Santos, 2015). Elas guardam a ancestralidade e a oralidade como fundamentos das

[13] Foi uma comunidade negra rural que se organizou no sertão do Ceará na cidade de Crato, com influência de Padre Cicero Romão. O povo dessa comunidade arrendou terra de um fazendeiro e padre Cícero se comprometeu a catequizá-los. Caldeirões se desenvolveu, ganhou autossuficiência, despertando o interesse do dono das terras para retomar a posse. A comunidade novamente recorreu a Padre Cícero que os aconselhou a devolver as terras. A comunidade foi alocada em um terreno da Igreja de Crato. Caldeirões novamente prosperou, porque o uso da terra era comum a todos. Em 1932, com a seca no Nordeste, Caldeirões abrigou mais de cinco mil pessoas. Líderes Severino e José Lourenço desenvolviam liderança religiosa e comunitária, visitavam a comunidade de Pau de Colher que fazia divisa entre Bahia e Piauí. Com a morte de Padre Cícero, ele havia deixado o terreno no testamento para os Salesianos, que, com grileiros, fazendeiros e o governo brasileiro, quiseram retomar suas terras e expropriar a comunidade. Em 1937, Caldeirões foi destruído pelo exército brasileiro, e todos foram queimados (Santos, 2015).

[14] A comunidade de Pau de Colher fazia parte do Município de Casa Nova/BA, foi iniciada em 1930, em um movimento do campo, religioso e político. Há indícios de que tenha se formado a partir dos sobreviventes de Caldeirões. A comunidade tinha uma relação de proximidade com a terra, também uma independência geral, porque era autossuficiente. Eles foram acusados pela ditadura do governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo, de não seguirem as leis, de não ter princípios morais nem seguir os "bons costumes" e ter uma dissidência religiosa. Primeiro, enviaram um espião para conhecer Pau de Colher, observaram que eles não tinham armamento, apenas cacetes como proteção. Em 1940, a comunidade foi invadida e destruída totalmente, apenas mandaram as mulheres e crianças fugirem. Após matar todas as pessoas, atearam fogo também para destruir os bens simbólicos e culturais. Ainda existem alguns sobreviventes desse etnócídio que vivem na comunidade (Santos, 2015).

[15] Comunidade surgida em 1874, no município de Canudos/BA, ela tinha uma relação de harmonia com a terra, a água e religiosidade messiânica através do líder religioso Antônio Conselheiro. Eles foram acusados de fanatismo religioso, indisciplinados, sem moral e sem os famosos "bons costumes". A comunidade de Canudos tinha suas táticas de defesa, não foram destruídos na primeira investida do governo brasileiro colonialista. Diversas empreitadas foram necessárias, mas Canudos resistiu lutando bravamente, contudo não suportaram o ataque mortal de 1897, e todas as pessoas, homens, mulheres e crianças foram exterminados brutalmente, além disso, toda a comunidade foi incendiada (Santos, 2015).

[16] Palmares, enquanto comunidade Negra formada por milhares de pessoas negras que fugiam da escravidão, surgiu desde o período inicial da colonização. Tinha toda uma estrutura assemelhada com as comunidades africanas, sendo estruturada com diversos espaços comunitários. Teve vários líderes e relações de comunalidades, que percebiam a força geradora de vida da terra, tinham uma religiosidade politeísta, uma tecnologia de guerra, de defesa e luta pela vida. "Tanto é que o povo de Palmares, quando contra-atacava, não tinha como objetivo aniquilar os colonizadores, e sim libertar o seu povo para o fortalecimento e o florescimento da sua organização" (Santos, 2015, p. 64). Das várias investidas sobre o território palmarino, os colonizadores escravocratas os acusavam de serem selvagens, sem cultura, sem religião e incivilizados. Porém, só o destruiu totalmente em 1695, de acordo com a historiografia oficial. Assim como Caldeirões, Pau de Colher e Canudos, Palmares também foi queimada totalmente (Santos, 2015). As expressões da comunidade de Palmares foi e é referência para a população negra afirmar seu protagonismo de organização e luta, assim como outros movimentos com Revolta dos Búzios, dentre outras.

contribuições negroafricanas no Brasil. Nessa perspectiva, podemos inferir que a Irmandade estudada, empreendendo diversas lutas no tempo espiralar que a constitui, subverteu a ordem estabelecida na hierarquia da Igreja Católica. Ela buscou à sua maneira, construir um diálogo com as diversas manifestações religiosas, os movimentos sociais, os movimentos negros e a sociedade em geral, afirmar-se como uma entidade de origem africana Congo Angola que, imersa na Igreja Católica com todos os seus cânones, dogmas, tradicionalismo, erros e acertos, tem se diferenciado nos saberes, modos de celebrar, nos fazeres e nas ações que realiza. Ela traz os elementos das culturas africanas como memória, ancestralidade, princípios filosóficos, tradições negroafricanas e oralidades como referências e fundamentos imprescindíveis à sua existência.

A América Latina tem desenvolvido um pensamento crítico, a partir de estudos de grande relevância na perspectiva da construção de um debate pertinente sobre a pós-modernidade e a globalização, a exemplo do Grupo Latino-americano Modernidade e Colonialidade, tendo como representantes, entre outros/as, Enrique Dussel, com diversos artigos e obras, como "1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurt" (Dussel, 1993). Usando de seus estudos sobre Filosofia da Libertação na América Latina desenvolvidos em outras obras, o autor discute a importância da construção de uma filosofia do diálogo, que faz parte de uma filosofia da libertação, a qual inclui o oprimido, o incomunicado, o excluído e o outro. Ressalta a importância da construção de condições e possibilidades históricas e hermenêuticas que comuniquem a interculturalidade.

Podemos dizer, como bem ressalta Dussel (1993), que a América Latina se tornou a primeira periferia no contexto da modernidade europeia. Os vários séculos de expansão europeia culminaram com a hierarquização étnico-racial dos povos, a divisão internacional do trabalho em centro e periferia, a adoção do pensamento nortista de sua ciência, filosofia e política. É perceptível a transformação do colonialismo moderno em colonialidade global (Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007). Se a descolonização faz referência aos diversos momentos históricos, onde os sujeitos colonizados assumem as frentes de luta com os impérios europeus e buscam libertação e independência, a decolonialidade faz referência ao combate da colonialidade e suas faces materiais, epistemológicas e simbólicas, onde as populações e comunidades periféricas arriscam-se a construir seus espaços na construção do conhecimento, afirmando suas epistemologias, borrando os cânones oficiais (Maldonado-Torres, 2020).

Os pressupostos da ciência clássica, que sempre incutiu em nós sobreviventes desse lado de cá, sua grandeza, porém há muito tempo esse paradigma vem sendo questionado. A

colonialidade do poder europeu não ficou apenas no nível político, como demonstra Quijano (2005), envolveu as experiências, as histórias, os recursos e os produtos culturais, que terminaram articulados em uma só ordem cultural global em torno da hegemonia ocidental. Houve um interesse excessivo nas produções científicas, filosóficas e práticas do mundo europeu. Não podemos esquecer, como acrescenta Quijano (2005) que os europeus também controlaram e manipularam hegemonicamente as subjetividades, os bens culturais, os conhecimentos e a produção do conhecimento (Quijano, 2005).

Não é possível esquecer suas invasões, colonizações, escravizações, apagamentos culturais, aniquilamento de milhões de pessoas, epistemicídio, fanatismo, degradações da natureza. Se bem que toda a produção e o acúmulo de capital financeiro, tecnológico, bens culturais, científico e do conhecimento do norte global se deram por vias de destruição de diversos povos, suas epistemologias, suas religiosidades, seus modos de pensar o mundo. É necessário pensar na possibilidade de colocar essa ciência em suspenso, observar outros modos de ser e estar no mundo, partindo de epistemologias, pensamentos e cosmologias inovadoras, que podem ser negras, decoloniais, contra coloniais (Santos, 2015), feministas, pós-coloniais, *queer*, feministas, do Sul, as (os) que remetem críticas ao modelo capitalista, cientificista, neoliberal, eurocêntrico e imperialista de gerir o mundo. Santos contribui com essa discussão. ao inferir que:

> O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afro-pindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo curo monoteísta. No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tidas como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas (Santos, 2015, p. 38-39).

Partindo dessa perspectiva, nossa tentativa é positivar as identidades e memórias coletivas das comunidades negras, porque os resquícios da escravização e da colonização ainda recaem sobre os nossos corpos e a nossa subjetividade. Pensar a jornada dos povos negros nesse país envolve lutas, movimentos e ultrapassa os cânones científicos e literários. Ela pode ser visibilizada e sentida, seja de maneira material ou imaterial, observando o passado ou fazendo referência aos ancestrais, ou ainda na atualidade, quando se visitam as comunidades negras

atuais, a fim de construir um diálogo profícuo com suas manifestações culturais e organizações (Santos, 2015).

As perspectivas decoloniais apontam para a construção epistemológica que tenha como base a reconstrução dos processos civilizatórios excluídos historicamente pelo eurocentrismo, evidencia as lutas por libertação, humanização e dignidade dos povos negros e indígenas. Isso leva-nos a reconhecer o saber popular, os conhecimentos e saberes da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como forma de construção do conhecimento, produzindo, assim, uma episteme de relação. Percebemos a ideia de libertação com a práxis que se dá através da mobilização da consciência e construção do sentido crítico, desnaturalizando formas canônicas de aprendizado, conhecimento e modo de ser e estar no mundo (Freire, 1996; Montero, 1998; Walsh, 2013).

É importante compreender que o entendimento da decolonialidade como processo epistêmico é muito mais amplo do que discorrem alguns acadêmicos e políticos, os quais dizem que, com a finalização dos processos administrativos colonial europeu e a construção de estados-nações através das lutas por libertação empreendidas pelas ex-colônias, tornando-se estado-nações periféricas, vivemos em um mundo descolonizado e pós-colonial. Enga-se quem segue esse viés, pois os vários séculos de expansão europeia culminaram com a hierarquização étnico-racial dos povos, a divisão internacional do trabalho em centro e periferia. É perceptível a transformação do colonialismo moderno em colonialidade global (Castro-Gomes; Grosfoguel, 2007). Se a descolonização faz referência aos diversos momentos históricos, onde os sujeitos colonizados assumem as frentes de luta com os impérios europeus e buscam a libertação e independência, a decolonialidade faz referência ao combate da colonialidade e suas faces materiais, epistemológicas e simbólicas (Maldonado-Torres, 2020).

A decolonialidade emerge como uma resposta crítica aos vestígios persistentes do colonialismo que ainda permeiam nossa sociedade. Em sua essência, trata-se de uma abordagem que busca desconstruir as estruturas de poder e os sistemas de pensamento, especialmente eurocêntricos, que se originaram durante a era colonial e continuam a influenciar nosso mundo de formas diversas, tanto explícitas quanto implícitas. Nesse sentido, como pesquisadora periférica, estou impregnada dos conceitos eurocêntricos, mesmo que me arrisque a desenvolver uma reflexão que se aproxime do contexto da decolonialidade, usando o direito de me reinventar como pesquisadora da Educação Básica, mulher negra vinda da roça, mãe, irmã do Rosário.

Os autores Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel (2020), salientam que o projeto político-acadêmico da decolonialidade tem vários benefícios, dentre eles, o benefício de conhecer e questionar diversas situações nos jogos políticos, epistêmicos e práticos, fazendo-nos entender que, historicamente, a decolonialidade do poder, do ser e do saber tem contribuído para pensarmos estrategicamente na transformação da realidade. Nesse sentido, as irmandades negras, dialogando com os aspectos epistêmicos dessa corrente teórico-política, fornecem subsídios para a reflexão e a construção do conhecimento na área da educação.

Maldonado-Torres (2007; 2020) nos ajuda a compreender que a decolonialidade, como processo, atitude e projeto político-acadêmico amplo de resistência, engloba as lutas dos povos que estão sob a égide da colonialidade. É também um processo epistêmico, pois articula ideias, vivências, experiências e conhecimentos forjados em outras localidades do Atlântico Negro. Ela tem como princípio norteador a afirmação geopolítica e corpo-política dos povos negros, indígenas, originários e periféricos para a produção do conhecimento. A decolonização do ser, do poder e do saber reconhece a importância e o protagonismo dos povos subjugados pelo colonialismo e pelas hierarquias coloniais modernas que articulam classe, raça, gênero e sexualidade como pressupostos de exclusão de populações negras, indígenas e originárias (Maldonado-Torres, 2020). Nessa proposição, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho rompe com os princípios do colonialismo e da colonialidade desde sempre, pois gesta conhecimentos, articula relações circulares, mesmo pertencendo a um contexto hierárquico eurocentrista que é a Igreja Católica.

A performance na escrita de uma tese perpassa as escolhas da pesquisadora do aporte teórico que dê suporte ao objeto estudado. Nessa perspectiva, as minhas escolhas refletem tanto a minha compreensão quanto a apreensão do mundo. Percebo que esse sistema-mundo capitalista, colonialista, racista, eurocêntrico, cristão ocidental, excludente e machista rechaça contribuições não eurocêntricas. Apoio-me nas ideias de Fanon (2005, 2008), na busca de, pelo menos, minimizar a máscara branca na pele negra presentes em mim e no meu processo formativo, na tentativa de afastar um pouco o abafador do trompete. Desse modo, a afirmação de insurgências teóricas, culturais e de conhecimentos perpassa nossa construção teórica, embasando-nos em autores que colaborem na compreensão do objeto de estudo.

Suscitar as motivações para se constituir pesquisadora no campo educacional, no caos que estamos vivendo, em tempos de pandemia e pós-pandemia e na sociedade brasileira, marcada pela exclusão e desigualdade, é insurgir-se na luta e quebrar as amarras impostas pelo reacionarismo alienante neste país, diante das incertezas no campo educacional,

concomitantemente com a ideologia imperialista e desumanizante. Desse modo, aliar pesquisa e prática pedagógica é – e/ou deveria ser – o princípio fundante de toda/o professora/o educadora/educador, para minimizar a estagnação da profissão e ampliar os horizontes acadêmicos e de conhecimento. Partindo desse entendimento, como mulher negra, da roça, vivendo na cidade e dialogando com diversas áreas do conhecimento, penso que escrever esta tese requeira o entendimento do que nos orienta Conceição Evaristo (2020):

> Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere "as normas cultas" da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa-grande", e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 53-54).

Partindo da premissa acima, enquanto mulher negra oriunda da roça, minha escrita tem as marcas da minha existência que irrompe para incomodar a academia, ao mesmo tempo, como enfatiza Evaristo (2020), minha/nossa história não quer "[...] ninar os da casa-grande" (Evaristo, 2020, p.54), mas cutucá-los para que despertem dessa sonolência injusta (Evaristo,2020). Desde 2013, nas minhas pesquisas, venho discutindo a temática desta Irmandade, as relações de poder e o seu contexto, tendo como referência a contemporaneidade como espaço profícuo interrogativo da realidade.

Percebo essa entidade como parte dos Movimentos Negros, politicamente atuante nos diferentes tempos históricos, a qual tem construído, sistematizado, articulado conhecimentos. Como bem sinaliza Nilma Lino Gomes (2017) sobre o Movimento Negro brasileiro, podemos conjecturar também que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho elabora "[...] saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política, cultural e educacional brasileira" (Gomes, 2017, p. 24).

O pensamento reflexivo ancorado no giro decolonial, pensamento Afrodiaspórico, nas Epistemologias Negras e na Escrevivência nos instrumentaliza para pensar criticamente e analisar todas as forças opressoras, exploradoras, repressivas, de desprezo e invisibilidade e, ao mesmo tempo, buscar alternativas para encontrar nosso caminho, entre os nós e as fissuras, nas gretas e nos pequenos poros em que forem possíveis rearticular nossos passos. Essas pesquisas

no campo educacional constituem-se como pedagogias vivas no entender da educadora e cientista Catherine Walsh (2019):

> [...] um ato persistente, consciente e situado que em sua prática, processo e continuidade invoca e convoca as memórias coletivas, que seguem muito vivas, as rebeldias, resistências e insurgências dos ancestrais e antepassados, bem como da coletividade-comunidade. Na prática, processo e continuidade, se descobrem, inventam e realizam métodos de como fazer, pedagogias vivas, de vida e dignidade renascentes, que cultivam sementes de descolonialidade e seus germes, brotos, raízes e crescimentos [...]. Têm a ver com todas as esferas da vida, da re-existência física, simbólica, social, cultural, cosmológico-espiritual, como também de saberes, sabedorias e conhecimentos (Walsh, 2019, p. 114).

Partindo dessa premissa, a escolha epistêmica que faço nesta pesquisa diz respeito ao caminho teórico que percorro como investigadora implicada no objeto. Nesse sentido, reconheço a diversidade epistemológica existente, percebo que ainda está arraigada a centralidade dos processos civilizatórios eurocentrados e estadunidenses, brancos, masculinos, eurocristão na produção acadêmica do país. No entanto, desde a libertação da América Latina do julgo colonial, insurgências vêm sendo gestadas: os movimentos libertários dos países africanos; os estudos e proposições dos movimentos de negritude e panafricanista de 1930 a 1940 (Cesaire, 1988; Fanon, 2005).

Os movimentos do Teatro Experimental do Negro no Brasil em 1930 (Nascimento, 1980); os direitos civis nos Estados Unidos a partir de 1960; a Teoria da Afrocentricidade (Asante, 1980); o Movimento Negro Unificado do Brasil em 1978 (Gomes, 2017), no seio da ditadura Militar que durou 34 anos; os movimentos de Mulheres Negras em 1980 (Carneiro, 2005) são referências importantes. Esses movimentos nos convidam a questionar as estruturas de poder existentes, a reavaliar nossas formas de conhecimento e a reafirmar a humanidade de todos e todas. Através de um processo epistemológico contínuo, podemos trabalhar para criar uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva, onde a dominação, as diversas explorações, exclusões, ideologias racistas e epistemicidas sejam rechaçadas.

Afirmo que as Epistemologias Negras, as quais perpassam os vários círculos desta tese, possibilitam-nos atuar como pessoas construtoras da história, dotadas de saberes ancestrais que nos foram legados pelos nossos antepassados, alicerçando-nos nas cosmovisões e filosofias negras, nos saberes, nas experiências e nos conhecimentos que dialogam com a diversidade, a pluralidade e a complexidade do pensamento não europeu. Nessa encruzilhada, rasurar o autoritarismo acadêmico também é nosso foco, no sentido de avivar saberes, denunciar

apagamentos, morte epistêmica, epistemicídio (Carneiro, 2005), aniquilamento de corpos, subjetividades e mitologias negras. Por isso, ressuscitar e vivificar conhecimentos pretos, laços e afetos nas pretagogias presentes nas irmandades e comunidades negras desse país nos mantém vivas e vivos, pois o *status quo* academicista ainda não tem considerado plenamente as encruzilhadas ancestrais de construção do conhecimento.

Na dinamicidade dessa perspectiva, busco me abrigar na encruzilhada, como bem reflete Leda Maria Martins (2021b), que envolve operacionalização e conceitualização. Conforme a visão dessa autora, "os povos negros se constituem nas encruzilhadas desses múltiplos e polissémicos saberes (Martins, 2021b, p. 50). Portanto, a encruzilhada me possibilita múltiplas vias, assim, a escolha feita deixa essa produção mais rica.

Nas produções do campo da Educação interajo com teorias, saberes, experiências de mestres populares, estudiosos e estudiosas da/na diversidade do conhecimento, que alargam meus estudos e contribuem para a produção desse campo em processo de expansão. É na encruzilhada que se encontra o sagrado e o profano, o visível e o invisível, assim como as vias de acesso a outras possibilidades de existência. A interconexão das várias instâncias do conhecimento, os caminhos para redimensionar as nossas escolhas, vias, estradas, entrada ou saídas para dimensões outras. A encruzilhada é basilar para o pensamento e a ação (Martins, 2021b). Concordamos com a autora, ao ampliar nossa compreensão ao inferir que

> [...] na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimentos diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de intersecção. É assim, como pensamento e ação, lócus de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa os inúmeros e diversos momentos de recriação, improviso e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e as políticas, em seu sentido e espectro amplos (Martins, 2021b, p. 51).

Nas comunidades quilombolas, nas irmandades negras, nos terreiros de candomblés, nos reinados, nas brincadeiras e manifestações festivas, nas lutas antirracistas e nos movimentos negros constroem-se e se reconstroem saberes, conhecimentos, religiosidades e tradições negroafricanas, que traduzem algumas formas de comunalidades negras presentes nas várias regiões do Brasil.

Nas congadas, nas missas afro, nas rezas, nas rodas de caboclo, nos maracatus, nas marujadas, nas rodas de capoeira etc., observa-se e se entende que, como bem nos afirma Martins (2021a, p. 32), "[...] a cultura negra é uma cultura das encruzilhadas", inspirada nas construções e elaborações filosófico religiosas de origem Yorubá, e também Congo-Angola, suas complexidades envolvem interseções, onde circula *Èsù*[17], *Nzila ou Mpambu Nzila*[18], nas suas várias denominações como princípio decolonial, dinâmico e interpretativo da comunicação.

Vale registrar a máxima da filosofia ancestral Congo-Angola: "*Nzila* matou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje". Sua dinamicidade vai além da nossa imaginação, ele tudo vê, tudo observa e alarga as estradas e vias para levar a força vital. Ele é o Senhor dos caminhos, das fronteiras e portas, é a mística ancestral que circunda e dá sentido a essas atividades. Assim*, Mpambu Nzila* divindade dos caminhos, das mensagens e circulação do axé conecta-nos aos processos civilizatórios daquelas e daqueles que nos antecederam, ao sagrado, à vida e ao cosmos.

Exu ou *Èsù*, orixá do panteão religioso Yorubá*, Nzila* no panteão Congo Angola, é dinâmico, considerado o mensageiro, aquele que deve ser agradado primeiro, porque é canal de comunicação entre as diversas entidades sagradas da filosofia iorubana nagô, ele é o ser dinâmico entre toda as existências. Juana Elbein dos Santos (1998), em *Os Nagô e a Morte,* apresenta-nos várias configurações de *Èsù*: *Òjísè*, aquele que é portador do axé, o intérprete da comunicação, o mensageiro em todos os sentidos; *Elegbára,* princípio dinâmico e complexo que participa de tudo que existe; *Yangi,* matéria primeira que se apresenta de forma determinada, e sua existência é individual; *Obá,* representa o pai ancestral e, ao mesmo tempo, o primeiro que nasce; *Igbá-Keta*, associado à terceira pessoa ou o terceiro elemento; *Elebo,* responsável pela oferendas, que tem propriedade sobre as oferendas *(ebo*) sobre tudo; *Yangi-Òjisè-ebo* simboliza o desprendimento da matéria criadora/genitora, restaura e restitui para que a energia do axé circule e seja transferido; *Agbá,* a representação coletiva de todos os exus individualizados; e *Òna,* o senhor de todos os caminhos, com o poder de abri-los ou fechá-los, dependendo das circunstâncias e do contexto (Santos, 1998).

---

[17] Exu ou *Èsù,* enquanto entidade sagrada do panteão religioso dos orixás Yorubá, imprescindível nas religiões de matriz africana, é muito importante. Importa aqui destacar que Exu não é o diabo como descrevem alguns católicos e evangélicos intolerantes. Sendo uma irmã do Rosário, próxima das religiões de matriz africana, destaco minha reverência a essa força e entidade religiosa.

[18] *Nzila ou Mpambu Nzila* no panteão religioso Congo Angola dos inquices (*Nkisi*), corresponde a Exu, acredita-se que são duas entidades distintas, mas ambas agem de modo semelhante, divindade que é saudada primeiro em todas as cerimônias, traz respostas para as doenças, feitiçarias, males do amor e infortúnio, chama os filhos de santo para o axé. Então podemos falar Exu ou *Nzila*.

Nas suas circularidades, cosmovisões e princípios ancestrais, as comunidades de terreiro têm Exu como força espiralar, como defendem (Fernandes; Souza, 2018):

> Para o Culto aos Orixás, não há linguagem sem Exu, é ele-mesmo-a-linguagem, a comunicação, o canal, a produção, a interação e a diferença que dissemina os sentidos; bem como, é o responsável por fazer com que as energias se encontrem e encontrem o equilíbrio necessário à existência. Energia negra que manipula o (in)compreensível, deus do diálogo entre o orun e o aiyê – céu e terra –, fértil em paradoxos e ironias, mensageiro responsável por carregar o ebó, ou seja, demandar, levar a cabo a vida, Exu é aquele que anima – no sentido de gerar *animus* –, que dá alma, pulsão, desejo, inclusive para este texto, que não é algo mais do que um ebó de minhas palavras, um certo sotaque de Exu. Exu, aquele que vai e volta e dá voltas no pensamento, espiralado e à moda de uma conversa como esta, com seus movimentos e voltas no pensamento, lega a existência e o acontecimento. E que bom que o seja assim, porque um corpo sem Exu é um corpo em coma (Fernandes; Souza, 2018, p. 13).

Desse modo, na dinâmica de Exu e das encruzilhadas como propulsores de conhecimentos, é pertinente, nessa discussão, o que nos enfatiza Frantz Fanon (2005, p. 278), "[...] a partir do momento em que o negro [e a negra] se apreende e apreende o mundo diferentemente, faz nascer a esperança e impõe recuo ao universo racista, é claro que o seu trompete abandona o abafador e sua voz fica vibrante" acréscimo nosso. Coloco-me estrategicamente nessa encruzilhada, no sentido de aprender a deixar pungente esse trompete que lança sons embasados na decolonialidade para reverberar conhecimentos sobre a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Ouso me colocar a partir da circularidade e dinamicidade das encruzilhadas e da potência de Exu ou *Nzila Mpambu* que, como nos alerta (Santos, 2023), nas confluências e saberes circulares construídas nos quilombos, nas comunidades negras, e nas irmandades e confrarias negras estamos na perspectiva de que o nosso movimento é transfluência, e "[...] transfluindo, somos começo, meio e começo" (Santos, 2023, p. 30). Nesses círculos de saberes, confluências e transfluências vamos nos ressignificando e transformando nosso modo de ser e estar no mundo.

O autor e mestre dos saberes acrescenta ainda que "[...] as nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo" (Santos, 2023, p. 30). Vamos tentando reelaborar nossa existência entre nós e as contas do rosário, para deixar confluir seus saberes e sua pedagogia preta insurgente em seu contexto de luta, afirmação e resistência, entre o começo, o meio e o começo novamente. Desse modo, nessa circularidade

de saberes e conhecimentos elaborados pelas comunidades negras, através dessas pedagogias pretas que se reelaboram em contextos de lutas, afirmações e diálogos com os diferentes mundos, vamos nos constituindo povo brasileiro na diversidade.

Essas pedagogias trazem novas ou as mesmas lutas históricas travadas pelos povos negros, sendo enfrentadas por meio de novas estratégias. essas insurgências são imprescindíveis. Nesse processo pós-pandemia de esperançar, retornar para a encruzilhada para refazer o caminho, retornar a uma conta para avançar mais um nó, em que, se não for possível cantar esse mistério, que possamos ao menos balbuciá-lo. Impulsionadas pela circularidade rosariana que carrega histórias, memórias e saberes ainda pouco conhecidos, buscamos ampliar o olhar e a produção científica de forma criativa e propositiva.

Partindo das Epistemologias Negras, reconhecendo a decolonialidade na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, lançamos luzes sobre conhecimentos que revelam um entrelaçamento entre religiosidade e vida na cosmovisão negroafricana, afro-brasileira ou afrodiaspórica, intentamos romper com a colonialidade do poder, do ser e do saber presentes nas esferas da sociedade brasileira. Esse movimento faz-se necessário, pois, em mais de trezentos e oitenta e oito anos de escravização e de afirmação do projeto colonial europeu, os princípios científicos e toda a cosmovisão eurocêntrica de mundo e conhecimento continuam a moldar nossa forma de produzir conhecimentos.

Embora a colonização oficial tenha findado a partir da luta dos países africanos e ameríndios para a descolonização, seus princípios norteadores chamados de colonialidade permeiam nossas vidas e ações através do racismo, que também dita quem produz conhecimentos científicos considerados válidos e quem não tem esse direito. Frantz Fanon (2005) defende que a descolonização tem uma relevância exponencial para os colonizados.

> A descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazidos pelos novos homens [e mulheres], uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é verdadeiramente criação de homens novos [e mulheres novas]. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a "coisa" colonizada se torna homem [mulher] no processo mesmo pelo qual se liberta (Fanon, 2005, p.52-53, acréscimo nosso).

Nesse sentido, a luta, a missa, as afirmações quilombolas, o enfrentamento cotidiano do racismo, o ato sagrado, todo sangue e suor derramados coadunam-se para dar continuidade à história negra, mostram a memória e a ancestralidade desses povos que nos trouxeram para o

presente. Nos cantos, nas experiências, nas vivências, nas memórias e nas suas tradições, as irmandades negras ressaltam a historicidade, o protagonismo e as lutas entrelaçadas nos seus versos, um imprescindível elemento de dinamicidade e resistência, sendo também traço da decolonialidade. No canto de ofertório, destaca-se o trecho de combate ao racismo:

> Cada negro que luta, oferecerei
> Esta reza, essa missa, oferecerei
> Quilombolas guerreiras, oferecerei
> Pelo fim do racismo,
> Meu sangue em batismo
> Oferecerei, oferecerei!
> (Missa Conga, 1988).[19]

Cada negra e cada negro que luta é um oferecimento ao Criador. Em suas rezas, missas, celebrações, as (os) quilombolas guerreiras e guerreiros exprimem as lutas para extirpar o racismo na sociedade, oferecem cada sangue derramado nos diversos enfrentamentos para reafirmar a sua humanização. Ofertam-se ao Criador não só as conquistas e as vitórias, mas, sobretudo, cada perda, cada sofrimento e cada tristeza, cada silenciamento, cada jovem negro assassinado, cada açoite nos corpos negros no tempo da escravização como sinal de resiliência e busca de fortalecimento. Pois, a Entidade Sagrada não só acolhe os vencedores, como também os vencidos. Estamos e somos do lado dos vencidos.

Nesse sentido, religiosidade e vida estão imbricadas. Nas cosmovisões ameríndias, também não há dicotomia entre aspectos da vivência e da religiosidade. Louvam-se as entidades sagradas das mais diversas formas, entrelaçando o *orum*[20] e o *aiyê* [21], os vivos, os mortos e os que virão, os ancestrais e as forças da natureza, o visível e o invisível nessa casa comum denominada *Abya Yala*[22] por um grupo significativo dos povos originários organizados socialmente. Partindo dessa premissa, Nelson Maldonado-Torres (2020, p. 49) assinala que "[...] o giro decolonial requer uma suspensão da lógica de reconhecimento e uma renúncia das instituições e práticas que mantem a colonialidade/modernidade". Deixo claro que não é fácil se desvencilhar, porém seguimos construindo um diálogo na perspectiva da coletividade que é uma das características do giro decolonial.

---

[19] A Missa Conga é a missa dedicada à Nossa Senhora do Rosário com elementos das congadas, dos reinados, das culturas negras e afro-brasileiras, celebrada em algumas partes para comemorar a liberdade dos povos negros em maio escravizados que ocorre em diversas partes do Brasil. Nessa missa é perceptível os elementos da religiosidade popular e afro-brasileira.
[20] Palavra da língua Yorubá que significa céu ou espaço sobrenatural.
[21] Palavra da língua Yorubá que significa terra ou espaço físico.
[22] Nome do planeta Terra na perspectiva dos povos ameríndios.

Krenak (2022), trazendo sua visão filosófica dos povos indígenas, traz uma contribuição imprescindível nessa nossa discussão, ao salientar que

> O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferente histórias de fundação. É maravilhoso que ainda existam essas memórias nas tradições de centenas de povos, seja nas Américas, na África, na Ásia. Essas narrativas são presentes que nos sãos continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido às experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação da vida no planeta (Krenak, 2022, p. 32).

Fazendo parte desse contexto descrito, o Rosário dos Pretos do Pelourinho, com suas contas de fé e resistência, tece processos históricos, religiosos, culturais, educativos, decoloniais e de memórias importantes nesses 338 anos de registro e mais de quatrocentos de existência. Pouco conhecidas pelo campo acadêmico e pela sociedade em geral, são inúmeras as histórias, as aproximações ao culto ancestral, as experiências afetivas, as aprendizagens internas de ser irmandade e os laços societais e comunitários. Nesse sentido, coadunando com (Levinas, 1997), a hermenêutica que nos move é no sentido de compreendê-la através das suas histórias e memórias, dos seus saberes, meio e hábitos.

A colonialidade está inserida em todas as esferas da sociedade brasileira e mundial, contudo, podemos observar algumas nuances de mudanças, como observa Nego Bispo, Antônio Bispo dos Santos (2023):

> Até hoje, tivemos um processo de colonialismo potente e bem articulado, que usou a política com todas as suas nuances. Agora, entretanto, está acontecendo algo interessante. Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver (Santos, 2023, p. 31).

Essas colocações são importantes e válidos pensamentos ou pressupostos que nos alicerçam para construirmos epistemologias que tragam confluências de entidades negras para a circularidade do conhecimento a partir da pesquisa em educação. Assim, os quilombos, os terreiros e as irmandades negras são potências de saberes, vivências e conhecimentos que articulam e balizam o existir de milhões de pessoas inseridas nessa sociedade. Produzem

sabervivências que alimentam e fortalecem nossos imaginários na luta contra nosso desaparecimento.

Como professora da Educação Fundamental I, nesse diálogo profícuo que venho desenvolvendo, desde o mestrado, com a Irmandade do Rosário, tem sido gratificante e, ao mesmo tempo, desafiador o estudo das irmandades negras. Nesse sentido, discutir questões e problemáticas históricas de educação em espaços não formais, no campo educacional, pode se caracterizar com uma insurgência, porque, como bem nos explica o pesquisador Luciano Costa Santos (2019, p.37), "[...] quanto mais incarnada a experiência, mais profundo o sentido". Desse modo, expressar os modos de ser, de fazer e de estar na comunidade do Rosário dos Pretos do Pelourinho recria memórias por meio da oralidade, tendo a educação como alicerce. Importa não apenas a educação formal, trazida por seus membros, mas também, um processo educativo interno, inspirado nas contribuições africanas e afro-brasileiras, as quais projetam a comunidade para o futuro.

O texto aqui desenvolvido emerge das contribuições interdisciplinares, partindo de leituras críticas variadas, procurando um arcabouço que tente dar conta do objeto estudado. Reconheço a pertinência das grandes construções teóricas europeias, que, durante vários séculos e ainda hoje, dão sustentação teórico-metodológica às diversas ciências, para entender o mundo a partir do Norte. Sou fruto dessa construção, porém ela encobriu muitas outras epistemologias através do processo de colonização e colonialidade do poder, do saber e do ser, o que Sueli Carneiro (2005) denominou de epistemicídio, e Maldonado-Torres (2007) classificou como desqualificação epistemológica ou coisificação de nós outras e outros.

> Isso porque não é possível desqualificar as formas de conhecimentos dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognitivos. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição de alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97).

Carneiro (2005), de forma magistral, acrescenta ainda que o epistemicídio, apresentando-se como processo contínuo que produz inferioridade intelectual, que nega a possibilidade do desenvolvimento de capacidades intelectuais e cognitivas, articula a subjugação não apenas da individualidade da pessoa, mas também da coletividade, coadunando-se com o controle mental e emocional. Para a autora, o epistemicídio se articula através de uma multiplicidade de ações que "[...] se retroalimentam, relacionando-se tanto com

o acesso, e/ou a permanência no sistema educacional, como o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro" (Carneiro, 2005, p. 114).

Kilomba (2019) nos assinala que a fragmentação dos povos africanos traz a simbologia traumática da colonização, porque evoca um fato que, de maneira trágica, afligiu não só as pessoas que ficaram em suas comunidades e sobreviveram à captura, mas, sobremaneira a todas as pessoas que violentamente foram enviadas para diversas partes do mundo e escravizadas. Emblematicamente, no Continente Africano, ocorreram a desarticulação, a divisão e a fragmentação dos povos. Essa descontinuidade é que aproxima as pessoas negras no mundo inteiro.

É possível dizer que, de certa forma, ocorreu epistemicídio na história da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, quando alguns pesquisadores entraram em seu arquivo, com a finalidade de realizar pesquisas, retiraram documentos importantes e não devolveram, ou não deram retorno sobre as pesquisas realizadas. Isso foi observado ao encontrarmos caixas literalmente vazias, havendo sinalização da existência de três ou quatro documentos de uma determinada época. Ou, ainda, ao notar que membros de mesas administrativas mais recentes não fizeram os registros documentais das atas de várias reuniões, ou, ao concluir a sua gestão, apagaram todos os arquivos eletrônicos de dois ou três anos de história da entidade.

As pesquisas em Educação na América Latina apresentam uma diversidade de estudos que agregam uma diversidade de vozes, métodos, pressupostos teóricos, modos de vida, diversidade cultural, perspectivas de dependência-resistência, uma pluralidade epistêmica, uma tensão constante entre minorias e maiorias e modos alternativos de fazer-conhecer, assim como lastros de resistência constante (Montero, 1998). Essas pesquisas apropriam-se de modos distintos de existência, mas também constroem diálogos em muitos setores educacionais formais e não formais na construção do conhecimento.

Assim, lanço-me na responsabilidade ética, política e existencial de desenvolver uma episteme que considere as inter-relações dos diferentes sujeitos imbricados na tecitura das diferentes realidades. A minha escrita de mulher negra e da roça se ancora em Conceição Evaristo (2007; 2020), que nos motiva uma escrevivência, que nos orienta para a "[...] consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra" (Evaristo, 2007, p. 20).

Nesse sentido, escreviver significa narrar histórias não só construídas no universo particular da autoria literária, ou experienciais, mas, também, me, nos remetem a um imaginário de uma coletividade silenciada, solapada do direito de registrar dignamente suas experiências.

Escrevivência, nesse sentido, faz histórias dos outros e de si, das subjetividades, das imaginações, das experiências e saberes, das vivências e das memórias que, no caso das irmandades negras, eu ousaria chamar de sabervivências. E, nessa encruzilhada de saberes, esses conhecimentos formam um mosaico que como nos assegura (Santana, 2019) "[...] encruza, cruzar, entrecruzar, trançar, misturar, transpassar. Costurar conceitos, possibilidades referenciais, se abrir e não se fechar" (Santana, 2019, p.32).

Nesse sentido, o sabervivência pode ser compreendido a partir dos pressupostos da escrevivência, do Giro Decolonial e das Epistemologias Negras, porque nos lança para uma virada epistêmica, nesse girar de círculos socializar, registrar e narrar experiências singulares de comunidades negras interagindo com os pressupostos da contemporaneidade. Essas interações envolvem perspectivas e atitudes éticas, estéticas, poéticas, reflexivas e performáticas. Elas produzem conhecimentos, colaborando para que as experiências ancestrais e os saberes da Entidade estudada como uma Instituição de cunho decolonial – que atravessa tempos históricos na sua temporalidade espiralar – sejam apreendidas como espaço privilegiado das culturas negras, das tradições negroafricanas, assim como um campo profícuo para a pesquisa em Educação.

Partindo desse pressuposto, defendo que as experiências de memórias, saberes, vivências, tradições negroafricanas e conhecimentos específicos da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se constituem como sabervivências dessa Irmandade, as quais trataremos no quarto círculo desta tese.

A Educação, como campo profícuo de pesquisa e da vida humana, vive tensões constantes, a exemplo do que o país está vivendo nesses tempos. Isso me impulsiona a problematizá-la e afirmar sua pertinência para o entendimento, as lutas e a busca de alternativas nos diferentes campos da ação humana. Nesse contexto, as ações educativas da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho nos ajudam a entender sua longevidade e atuação dessa entidade nos diferentes tempos históricos. Os processos educativos contribuem para a prática do diálogo, da liberdade, da democracia e da alteridade. Essas pedagogias decoloniais dão suporte para a construção de uma sociedade menos violenta, mais inclusiva e pluriversa.

Trazer conhecimentos, evidenciar intelectuais até então desconhecidos, narrar nossas próprias histórias, isso abala o alicerce da "[...] casa-grande", desestrutura seu alicerce, o qual pode um dia ruir. Os sabervivências da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho são uma tentativa de insurgência para se aproximar desse alicerce, ou abrir brechas e afrouxar os nós das contas, acrescentando mais gente nesses círculos para segurar esse rosário. Se não for

possível, gretas poderão ser abertas, as quais revelarão erupções, darão espaços para possíveis respiros, começos, recomeços, emergências e possibilidades, pois as gretas dão luz às esperanças. Nesse sentido, como nos assinala Catherine Walsh, as gretas aparecem "[...] como consequências das resistências, das insurgências exercidas em marchas, lutas, levantes, rebeliões, movimentos e práticas coletivas cotidianas" (Walsh, 2019, p. 107).

A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho é espaço histórico, cultural, identitário e educativo em Salvador. Muitas são as escolas públicas e particulares que agendam momentos de visita, de palestra ou roda de conversa para aprender sobre seu legado. Nesses vinte anos da Lei 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ainda é necessária muita vontade política e pedagógica. Essa também é uma questão que me move na escola pública, como pesquisadora da Educação Básica. Políticas públicas de ação afirmativa e outras políticas de ações práticas compensatórias aumentaram consideravelmente o interesse de escolas, entidades e grupos sociais pela aproximação com a Irmandade do Rosário.

Esta tese quer afirmar a Irmandade como espaço educativo e religioso, tendo como referência Gomes (2017). Para tanto, há aproximação com os Estudos Africanos, a Filosofia Africana e os Estudos das Epistemologias Negras Afro-brasileiras e/ou Afrodiaspóricas e com o Giro Decolonial, que se referem aos estudos realizados por pesquisadores de diferentes nacionalidades, especialmente, cuja temática toma como mote epistêmico as cosmologias, as filosofias, os conhecimentos e saberes negroafricanos, ameríndios, afrodiaspóricos e afro-brasileiros, que dialogam com as reflexões aqui realizadas e estão em circularidade em todo o contexto da pesquisa.

Como nos ensinam Walter Mignolo (2006; 2012) e Mignolo e Tlostanova (2006), a teorização parte das Epistemologias Negras, e alguns desses autores são: Sueli Carneiro (2005), Nilma Lino Gomes (2017), Conceição Evaristo (2007, 2020), Antônio Bispo dos Santos (2015; 2023), Franz Fanon (2005; 2008), Mogobe Ramose (2002), Marco Aurélio Luz (2000), bell hooks (2017), Grada Kilomba (2019), Sheila S. Walker (2010) Kwame Anthony Appiah (1997), Ailton Krenak (2022), Carlos Moore (2010) dentre outras e outros.

A pedagogia rosariana evidencia suas atividades educativas inspiradas pelo princípio dos povos Bantu[23]. Da região Congo Angola, foram trazidos em média 75% dos povos negros

[23] Povos oriundos da região africana abaixo do Saara, falantes da língua *Kikongo* ou quicongo, compreende os limites do antigo Reino do Congo, hoje ao sudoeste da República Democrática do Congo, sul do Congo-Brazzaville, parte do Gabão e noroeste de Angola, nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge (Castro, 2001, p. 35).

para a escravização nas Américas. "[...] Entre os Bantu, pela superioridade numérica e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português, destacaram-se três povos litorâneos: bacongo; ambundo; e ovimbundo" (Castro, 2001, p. 34).

Um dos princípios Bantu é a cosmologia Ubuntu[24], que busca afirmar uma ontologia ancestral de viver coletivamente, evocando nossa humanidade e a dos outros, em um diálogo dinâmico com o pluriverso[25], com a ancestralidade africana e dos povos indígenas, com os que nos antecederam, com os que estão aqui e os que virão (Ramose, 2002) nesse tempo espiralar (Martins, 2021b). Trata-se de movimentos constantes que articulam a existência dos seres humanizados em um diálogo que afirma as diversas existências.

Para Wanderson Flor do Nascimento (2016, p. 236), "[...] a movimentação complexa e articulada da existência, quando expressa na humanidade, em seu coletivo e em sua definição, é o que o termo ubuntu denota". Ainda nesse sentido, apoiando-se em Mogobe Ramose (1999), Nascimento (2016) explicita:

> Porque o movimento é o princípio da existência para ubuntu, o agir tem precedência sobre o agente, sem, ao mesmo tempo, imputar uma separação radical ou oposição irreconhecível entre os dois. "Dois", aqui dito, somente para dois aspectos de uma e a mesma realidade. Ubuntu é, então, um gerúndio. Mas também é, ao mesmo tempo, um gerundivo [...], desde que o nível epistemológico possa cristalizar dentro de si uma forma particular de organização social, religiosa ou legislativa. Ubuntu é sempre um "ade" e não um "ismo" (Nascimento, 2016, p. 238).

A epistemologia do giro decolonial produz um diálogo com a proposição acima, podendo ser percebida na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, vivenciada nos encontros, nas partilhas, nas trocas de saberes, nas narrativas de irmãs e irmãos mais velhos e mais novos, nas atividades religiosas, educativas, recreativas ou culturais. No entender de Marco Aurélio Luz (2010), essas ações de comunidades negras fazem parte das cosmovisões dos valores e das linguagens que se ancoram nos processos civilizatórios negroafricanos que

---

Ambundo, povos falantes da língua *Kikongo* ou quicongo, vivem na região central de Angola entre Luanda e as províncias de *Malanje*, *Bengo* e *Kuanza* Norte e próximo a *Ambriz*. Esse território se chamava reino do Ndongo que os portugueses denominaram Angola (Castro, 2001, p. 35). Ovimbundo, povos falantes do *Umbundo*, compreendem uma vasta região povoada em Angola, sendo as províncias de Bié, Huambo, Benguela, ao Sul de Angola, em que mais se destaca a presença desses povos (Castro, 2001).

[24]A cosmologia Ubuntu, enquanto princípio organizativo da visão de mundo do povo Bantu, pode ser considerada filosofia e modo de vida, envolve ontologia e epistemologia do pensamento africano dos povos Bantu, o ser e o existir dinamicamente. A pessoa só se torna pessoa através das relações construídas com as outras pessoas (Ramose, 2005).

[25] Termo sugerido por Mogobe Ramose, em referência ao universo, já que foi provado que o que entendemos por universo, na perspectiva eurocentrada, não é algo fechado, único, pois existem outras possibilidades, e o pluriverso nos orienta para a perspectiva decolonial de universo (Ramose, 1999).

foram relevantes na construção social desse país. Busca-se desenvolver uma atitude decolonial, que minimize a colonialidade do ser, do saber e do poder, e, quem sabe, sonhar e realizar um projeto decolonial (Maldonado-Torres, 2020).

Em sua prática, a colonialidade do poder instaura relações hierárquicas de dominação, onde os colonizadores exercem controle e domínio sobre os colonizados. Essas relações, embora historicamente ligadas ao colonialismo, persistem no presente, sob a forma de desigualdades socioeconômicas, racismo estrutural, marginalização cultural e outros tipos de opressão. A escravidão negra invisibilizou as histórias da África, unificando-a no percurso colonial. É consenso que a escravidão exista desde os primeiros tempos em diferentes partes do mundo, a escravidão negra foi específica contra os povos africanos, porque os seres humanos daquela parte do planeta, por vários séculos, foram coisificados, destituídos de sua humanidade, tornando-se artigos de comércio. Esses serviram para troca, compra, venda, substituição. O Continente Africano foi o único onde as populações foram destruídas, segregadas, escravizadas, impossibilitadas de dar continuidade às suas coletividades destituídas de seus direitos em detrimento dos caprichos econômicos dos europeus (Kilomba, 2019).

A colonialidade do poder esmagou cosmologias na África e nas Américas, espoliando suas africanias, ao mesmo tempo, a colonialidade do saber se refere à imposição de uma forma de conhecimento eurocêntrica como universal e superior. Esta forma de colonialidade limita e desvaloriza outras formas de conhecimento, especialmente, aquelas pertencentes a culturas não ocidentais. A decolonialidade, neste sentido, busca reafirmar a validade e a importância desses conhecimentos subalternizados, proporcionando um espaço para a diversidade epistemológica.

A colonialidade do ser, por sua vez, diz respeito à desumanização e objetificação do Outro, considerado como diferente ou inferior. Ela implica a negação da identidade e da subjetividade do colonizado, e perpetua estereótipos e preconceitos que degradam e marginalizam. A decolonialidade, em resposta, promove a afirmação de identidades e histórias marginalizadas, e questiona as normas e valores coloniais que definem quem pode ser considerado humano e quem não pode. O giro decolonial, nesse sentido, amplia-nos a possibilidade de ação, reflexão e tomada de decisão quanto ao caminho epistêmico que tomaremos no curso das nossas investigações.

É importante perceber que, como nos alerta Santos (2023), nossa perspectiva de decolonialidade ou giro decolonial e todas as pessoas decoloniais do mundo inteiro precisam se envolver em uma educação para que a geração neta dos colonialistas não ataque a nossa geração neta. A decolonialidade só terá sentido se buscar essa estratégia educativa, caso

contrário, ela perde sua finalidade. O autor conclama os contra colonialistas a instrumentalizar e inspirar sua/nossa geração neta a se defender dos decoloniais e dos colonialistas. Inspira-nos na defesa e não no ataque, pelo menos no momento presente, pois não é necessário destruir os que pensam diferente de nós, "[...] desde que vivam com o sol deles e não venham roubar nosso sol ou o nosso vento" (Santos, 2023, p. 32).

Nessa circularidade de reflexão, entendemos a educação nesse contexto espiralar e utilizamos diversos argumentos. Dentre estes, um dos mais relevantes é a percepção da educação como um caminho para o conhecimento dos outros e de nós mesmos. Desse modo, ao analisarmos a nossa própria existência, ampliamo-nos para a exterioridade, passamos ao conhecimento e ao descobrimento dos povos e dos diversos mundos que nos cercam (Thiong'o, 1968).

Quando do significado desta pesquisa para o contexto da Irmandade, penso que o giro decolonial me possibilitou perceber, através das narrativas das irmãs e dos irmãos, que a centralidade das entidades negras, suas memórias e a contemporaneidade das tradições negroafricanas ainda precisam ser afirmadas. Essa perspectiva teórico-conceitual reflexiva ajuda-me a ampliar o olhar e a visão de mundo para a percepção da interconexão com a educação, a pesquisa, o registro, pois muito nos foi negado sobre a nossa real história, ou melhor, sobre nós mesmos.

Registramos as mais diversas e variadas histórias presentes nos contextos das entidades negras. Cada entidade com sua especificidade, singularidade, porém, com aproximações ancestrais negras. Poder colocar no papel alguns breves registros de memória e, mesmo antes da conclusão, observar pessoas da entidade reconhecendo o valor do que está sendo realizado é algo que me deixa muito animada. O Irmão Almir Santos Menezes (2023) ressalta:

> [...] Eu fico feliz, muito feliz por você estar fazendo esse trabalho, e a gente perdeu muito da história por não colocar no papel, porque a gente vivia em mundo que onde a gente não tinha espaço suficiente para colocar no papel, não podia desenvolver nossas atividades. Mas hoje, não. Hoje, a gente precisa colocar no papel, para que outras pessoas não venham colocar no papel o que não viveu. Então, você me representa [...]. Porque a gente é descendente de pessoas importantes. De história importante. Então nós abraçamos isso. De tal forma que hoje as pessoas se identificam a gente dessa forma. Então, para mim, ser irmão do rosário é tudo (Menezes, 2023).

Partindo dessa premissa, como uma professorinha pesquisadora em Educação, tem sido desafiante e, ao mesmo tempo, enriquecedor à minha construção o traçado desse percurso, através dos nós e das contas do Rosário e da Educação Básica, desenvolvendo na medida do

possível uma educação antirracista, inspirada pelas epistemologias africanas e afro-brasileiras, envolta em nós eurocêntricos que permeiam as construções sociológicas e históricas da minha formação profissional e do nosso país. Sigo tentando afrouxar os nós, para circular e deslizar os dedos e o corpo negro por entre as contas, ora estou amarrada por alguns deles, ora vou alargando esse fio que une as contas e os nós. Assim, procurando um diálogo profícuo com a epistemologia do *giro decolonial*, sigo na perspectiva positiva de que a educação nos transforma e transforma o mundo, como ensina Paulo Freire (1992).

2.2 APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS E OS IMPACTOS DA PANDEMIA

A pesquisa que resultou nesta tese foi realizada, em grande parte, no contexto pandêmico, entre 2020 e 2022, sendo afetada consideravelmente pela restrição total da quarentena, onde foi impedido o acesso aos arquivos e aos espaços de investigação e interação com os sujeitos, que aqui denomino de colaboradoras e colaboradores da pesquisa. Em princípio, tivemos no cronograma da investigação uma viagem a Angola, a qual não se materializou. Nesse sentido, a metodologia foi readaptada, para poder dar continuidade ao estudo e produzir conhecimento em contexto desfavorável.

No contexto pandêmico, tivemos muitas dificuldades para atravessar esse período difícil, porque esse processo fragilizou nossa saúde mental e física, limitou o acesso e a interação social. Com o isolamento social forçado, foi perceptível o agravo das desigualdades sociais, das exclusões e das diversas formas de violências já existentes no país.

Para buscar respostas aos questionamentos do objeto, a metodologia foi tomando forma, circulando por entre as contas do Rosário, para que, entre nós e contas, eu cumprisse o percurso autorreflexivo, dando significado ou trazendo respostas às indagações da pesquisa

Propus-me, no contexto da pesquisa qualitativa, a desenvolver uma investigação com base na história oral e análise documental. Aliei pesquisa documental, história oral e análise interpretativa como método de análise para a interpretação e a compreensão do objeto. Os relatos orais estão alicerçados, na medida do possível, na história oral, como método e técnica para melhor dimensionar o objeto de estudo, e na análise interpretativa para compreensão e apreensão dos resultados da pesquisa.

A história oral pode ser utilizada nas diferentes áreas das ciências humanas e tem relação intrínseca com categorias como a biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. A depender dos objetivos do trabalho investigativo, ela pode ser empregada

como método de investigação científica, fonte de pesquisa ou técnica de produção de depoimentos. Desse modo, a história oral apresenta especificidades por abraçar diversas abordagens e se desenvolver de modo multidisciplinar (Alberti, 2010).

Aceitei o desafio de desenvolver uma pesquisa que considerasse as especificidades, as memórias, os saberes rosarianos e suas subjetividades/alteridades, com a preocupação de priorizar falas "desde dentro" para "desde fora" e vice-versa (Santos, 1998). Nesse sentido, busquei evitar, na medida do possível, uma descrição romantizada do objeto em estudo, procurei entender o grupo pesquisado como produtor de saberes ou conhecimentos que dialogam com os princípios da decolonialidade, as complexidades e problemáticas da contemporaneidade.

Nessa perspectiva, apoiando-me em Juana Elbein dos Santos, busquei compreensão a "partir da realidade cultural do grupo" (Santos, 1998, p. 20), reinterpretada pela voz de uma de suas componentes, que se propôs a continuar tecendo uma análise crítica de algumas situações postas em reflexão. Ao desenvolver uma reinterpretação das tradições culturais do Rosário, proponho-me a dialogar com os saberes e conhecimentos ali construídos, como pode ser percebido no tecer dos fios, contas e nós desta pesquisa. Porque a Irmandade é uma casa viva, onde pulsam saberes e fazeres. Nesse aspecto, Santos (1998) acrescenta ainda que, quando o (a) pesquisador (a) está inserido (a) no âmbito do estudo, ele (ela) incorre em desafios ainda maiores.

> [...] aprender os elementos e os valores de uma cultura "desde dentro", mediante uma inter-relação dinâmica no seio do grupo, e, ao mesmo tempo, poder abstrair dessa relação empírica os mecanismos do conjunto e seus significados dinâmicos, suas relações simbólicas, numa abstração consciente "desde fora", eis uma aspiração ambiciosa e uma combinação pouco provável (Santos, 1998, p. 18).

Ao construir conhecimento "desde dentro" ou por entre as contas e nós do Rosário, reivindico uma autoria intelectual afrolatinoamericana como marco referencial, reconhecendo minha pertença negra, que reflete, tensiona, problematiza e constrói conhecimentos sobre esse lugar nos estudos que desenvolve. Essa perspectiva aponta para a afirmação das falas, dos povos e das histórias construídas e fundamentadas pelos saberes trazidos de África (Walker, 2010). Nesse sentido, a Irmandade pesquisada se aproxima das ideias descritas aqui, pois a palavra, nos contextos das comunidades negras do país, evoca a tradição e a sabedoria ancestral. Martins (2021b, p. 93) nos assegura que "[...] no circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e

no da transmissão, que reatualiza e movimenta o presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e performance, índice de sabedoria".

Dando continuidade a essa proposição, ao pesquisar a educação, a memória e a contemporaneidade nas tradições negroafricanas na Irmandade do Rosário, estando inserida no contexto pesquisado, procurei, nesse percurso, construir conhecimentos e colaborar com as ciências neste país. Conforme sinaliza Catarine Walsh (2017) "[...] as pessoas, a partir de seus mundos-outros e a partir de suas práticas-outras, conseguem plantar, apesar de e nas quebras da estrutura-sistema-lógica dominante, fazerem caminho e se fazerem caminhar" (Walsh, 2017, p. 116, tradução nossa).

O desafio foi grande diante do quadro de instabilidade e incerteza que estamos vivendo por causa da pandemia, cuja demanda mais urgente é a insurgência pela vida. Guia-nos, porém, o esperançar em uma perspectiva de movimento, combustível para a luta, para a melhoria e a humanização do mundo (Freire, 2007) através das gretas, das frestas, dos espaços entre as contas ou dos contornos dos nós desse rosário de conhecimentos.

Para colaborar com a pesquisa, foram convidados (as) irmãos e irmãs que se mostraram interessados (as), seguindo alguns critérios: ter mais de quinze anos participando da entidade, ser maior de dezoito anos, ter participado de algum cargo na mesa administrativa. Fiz a exposição em uma reunião de domingo, após a missa e, em seguida, fiz uma aproximação individual. Algumas das irmãs e alguns irmãos já haviam colaborado na pesquisa de mestrado em 2013, então entendi ser coerente continuar com esses (as) colaboradores (as), como por exemplo: Irmã Sandra Maria Bispo, Irmão Antônio Carlos Santos Conceição, Irmã Maria Rosa Santos[26], Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos[27] e Irmão Adonai Passos Ribeiro. Além dessas pessoas, foram convidadas irmãs colaboradoras e irmãos colaboradores para essa etapa da investigação: Irmã Nilsa Bonfim Dias, Júlio Cesar Soares da Silva, Maria da Glória Bonfim, Antônio Lima Nicanor e o Irmão Almir Santos Menezes. Incluímos duas Irmãs de outras Irmandades: Irmã Solange Sabino Palazzi, membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto Minas Gerais, e Cecília Canuto de Santana[28], da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Olinda Pernambuco, que muito enriquecem esta tese.

[26] Para diferenciar e facilitar a leitura das narrativas das irmãs colaboradoras Maria Rosa Santos e Maria das Graças Ramos dos Santos serão colocados em suspenso seus apelidos, seguido do sobrenome final conforme orienta a ABNT [[Irmã Rosinha] Santos, 2023); ([Irmã Gal], Santos, 2022;2023)

[27] Idem.

[28]A irmã Cecília Canuto de Santana usa como sobrenome de referência Canuto, então respeitando a opção da Irmã usaremos o sobrenome Canuto destacado primeiramente, em seguida respeitando as formas da ABNT o último sobrenome, desta forma as citações da irmã ficarão assim: ([Canuto] Santana, 2022).

Iniciamos as entrevistas mediadas por meio remoto, ligação telefônica e *WhatsApp*, gravação via gravador de áudio e *notebook*. Em seguida, com a flexibilização do isolamento social, retomamos as entrevistas presenciais nas dependências da Igreja do Rosário. Fiz um guia para orientar as entrevistas, porém, para o enriquecimento do trabalho tendo como foco as narrativas, deixei cada colaborador (a) mais livre e fui introduzindo algumas perguntas no decorrer do diálogo. As entrevistas que iniciaram remotas foras com as colaboradoras e colaboradores foram: Nilsa Bonfim Dias, Antônio Lima Nicanor, Júlio Cesar Soares da Silva, Maria das Graças Ramos Santos e Solange Palazzi. Cada entrevista durou entre quarenta minutos e uma hora, respeitando os limites de cada participantes.

Foi sugerido pela banca de qualificação realizar uma atividade coletiva de roda de conversa com as colaboradoras e colaboradores da pesquisa. A sugestão foi interessante, mas preferi continuar com as narrativas individuais, porque algumas colaboradoras e colaboradores disseram não estar em um momento emocional favorável para encontrar outros (as) irmãos (ãs), nem presencial e nem virtualmente. Assim, foi respeitada a decisão de algumas delas e alguns deles. Continuamos as narrativas individuais.

No bojo dessa reflexão, pensando nos nós que se apresentam entre as contas do Rosário, a pesquisa não se prende apenas aos métodos cartesianos, mas circula esses métodos de forma criativa e reflexiva, a fim de alcançar subjetividades, abstrações, silêncios, ocultamentos, porque, como bem enfatiza Franz Fanon (2008):

> A análise do real é delicada. Um pesquisador pode adotar duas atitudes diante do seu tema. Na primeira, ele se contenta em descrever – à maneira do anatomista que se surpreende quando, ao descrever a tíbia, alguém lhe pergunta o número de depressões anti-peroneais que eles possuem. É que, nas suas pesquisas, os anatomistas nunca tratam de si próprios, mas dos outros. [...] na segunda atitude, após ter descrito a realidade, o pesquisador se pressupõe a modificá-la. Aliás, em princípio, a intenção de descrever parece implicar uma preocupação crítica e, por conseguinte, uma exigência de superação em busca de alguma solução (Fanon, 2008, p.145).

Essa análise de Fanon (2008) é bem pertinente para sustentar o caminho que esta investigação procurou percorrer, porque não tive a intenção de apenas descrever o objeto de estudo, mas, sobretudo, desenvolver compreensão crítica a partir das narrativas das irmãs e irmãos e dos documentos. Implica não apenas distanciar-se sem considerar o objeto, mas, olhar o objeto criticamente, mesmo que implicada, ter essa atenção e preocupação crítica de situá-lo nas suas especificidades e buscar contribuir para que sua história continue a ser escrita. Além disso, trazer para a comunidade em geral conhecimentos que são específicos da Irmandade e

que podem contribuir na construção do conhecimento na área da Educação, para a reconstrução social na diversidade, especialmente, nos tempos difíceis, como na pandemia.

Na vasta temporalidade da entidade pesquisada, mais de quatrocentos anos de existência e trezentos e trinta e cinco de oficialidade, observamos que, no período colonial e início do século XX, algumas vezes, foi solicitado à Irmandade espaço para a realização de curso de alfabetização, e foi negado pela mesa administrativa da época. No final do século XX, percebemos nos documentos uma revisão dessa diretriz, e a entidade se abre para o contexto educacional. Assim, estabelecemos nosso recorte temporal para cobrir dos anos 1997 até o ano de 2018.

Esse recorte se deu porque as colaboradoras e os colaboradores da pesquisa, em sua maioria, ingressaram nos anos 1990. Apenas uma irmã, Sandra Maria Bispo, entrou na Irmandade nos anos 1980. Outra justificativa para essa temporalidade é que a irmandade estava com poucos membros frequentando ativamente, pois só estravam pessoas com cinquenta a sessenta anos. Eles começaram a convidar novas pessoas para o quadro de irmãos. Nesse sentido, nos anos 1990, houve uma renovação da Irmandade, ingressaram muitos membros de idades variadas, coisa que não estava ocorrendo nos últimos anos. Isso se deu, provavelmente, em razão da redemocratização do país, pelas ações e atuações dos membros da Mesa Administrativa e da Mesa de Honra, orientados pelos mais velhos. O Irmão Júlio Silva, o Irmão Rafael, o Irmão Terêncio, a Irmã Abgail, como bem narram a Irmã Glória e o Irmão Antônio Carlos a seguir, entendiam a necessidade de manter a Irmandade funcionando ativamente:

> Nós aqui chegávamos, eu, eu quando eu me lembro disso, eu fico até emocionada porque, quando nós chegamos aqui, tinha mais ou menos oito ou dez senhores idosos aqui na casa, e a gente saía beijando e tomando a bença de um por um, beijando a mão e dizendo "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", e eles respondiam "Para sempre seja louvado e nossa mãe Maria Santíssima!", eu sinto falta disso hoje. Nós nos sentávamos para aprender, e eles faziam de nós como se fosse os filhos, eles chamavam a atenção, puxavam a orelha. Me lembro de Júlio Silva que era um, era ele, era o mestre de noviços da casa, ele era o mordomo de culto, era tudo (Bonfim, 2023).

> Eu tenho muitas referências desses guardiões. Seu Júlio era o primeiro, era quem trancava, fechava, isso e aquilo. Seu Júlio[29] era uma pessoa que você tinha limite aqui dentro, inclusive como membro já para entrar. Aqui, a gente não entrava em qualquer lugar, você chegava aos poucos. Seu Nicanor, não é o Nicanor atual não. Seu Nicanor, ave maria, era um homem falastrão, mas

[29] O irmão Colaborador se refere ao Ir. Júlio Silva, já falecido, que foi muito importante no contexto dos anos 1990, da Irmandade e não ao Ir. Júlio Cesar Soares da Silva, que também colabora com esta pesquisa. Quando aparecer nas narrativas "Seu Júlio", será referente ao Irmão Júlio Silva; quando aparecer apenas "Júlio", será Ir. Júlio Cesar Soares da Silva.

> era um homem de seriedade, tinha um cuidado com todos os acervos aqui dentro. A gente, quando ia limpar essas pratarias, na vista de todo mundo, com muito cuidado. E tinha que limpar e limpar, ver se estava tudo certo e prestar conta. A finada Abigail também, ela sempre com aquele cuidado com as coisas, ela sempre estava atenta a tudo, olhe, não pode faltar nada. Cadê? Então eles estavam sempre preocupados. E não faltava era Alberico, Seu Júlio, o finado Nicanor, Abigail, Dady, Dona Ivone, Nolair, tinha Seu Jaime, Seu Rafael, Seu Terêncio, Seu Pedro, Adélia. Era muita gente que vinha para cá. Eu Júlio, Gal, Jorginho, Armando, Bárbara que trabalhavam por aqui, então, estavam por aqui sempre (Souza, 2023).

Ainda com esse propósito, deixo claro que não tive a pretensão de elencar todas as ações educativas da entidade pesquisada, mas selecionar aquelas que fossem de mais pertinência para a investigação realizada e que trouxesse significado ao objeto da pesquisa.

Como forma crítica e análise de documentos, a pesquisa documental é pertinente para pesquisas no contexto das irmandades negras, porque essas, como entidades seculares, detêm um significativo acervo documental. Este contribui positivamente para a compreensão do objeto estudado, como também disponibiliza conhecimentos e pode promover a retomada de tradições esquecidas. Documentos como livros de registros, livros de atas, correspondências (cartas e *e-mails*), ofícios, memorandos, inventários e projetos, convênios e tantos outros, também suscitam a memória, a ancestralidade e a retomada de tradições que haviam sido paralisadas com o tempo.

Apesar dos desafios, a análise documental continua sendo uma metodologia valiosa para a pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Ela permite aos pesquisadores: o acesso às fontes primárias; a análise de evidências tangíveis; e o exame de documentos que moldaram eventos e processos históricos. Através da análise cuidadosa e crítica dos documentos, é possível construir narrativas mais completas e contextualizadas, contribuindo para a compreensão e a interpretação do passado e do presente.

Vozes e documentos mantém um diálogo profícuo com o objeto estudado. A voz, a fala ou o relato oral são verdadeiramente um aspecto central nas entidades negras e objeto de poder. Assim, nos arquivos da Irmandade e outros centros de documentação, selecionamos livros de entrada dos irmãos e irmãs, atas, relatórios, cartas, fotografias, documentos diversos e obras de uma vasta bibliografia existente, para o acervo documental do estudo ora ensejado, e os que melhor respondam ao problema da pesquisa. Vale enfatizar que as narrativas orais:

> São importantes como estilo de transmissão, de geração a geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e

> do reconhecimento do homem/mulher como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integra a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias (Delgado, 2010, p. 43).

Outro desafio é a interpretação dos silêncios e das lacunas presentes nos documentos. Nem sempre os documentos contêm todas as informações necessárias para a compreensão completa de um evento ou período histórico. É importante reconhecer as ausências e buscar outras fontes complementares para preencher essas lacunas. Além disso, é necessário considerar que certas vozes e perspectivas podem ter sido sistematicamente excluídas ou sub-representadas nos documentos disponíveis, exigindo abordagens complementares, como a história oral, para dar voz a esses grupos silenciados

2.3 COLABORADORAS E COLABORADORES DA INVESTIGAÇÃO: AS ENTREVISTAS ORAIS

As/os colaboradoras/es, irmãs e irmãos são cidadãs e cidadãos pensantes, que atuam ativamente como construtores dessa entidade e desta pesquisa, no meu entender, não são meros sujeitos da pesquisa que, no cartesianismo da violência epistêmica, têm suas experiências reveladas para responder ao investigador, sem dialogar com o objeto pesquisado. Entendo que as/os colaboradoras/es se constituem como as vozes de onde emergem as memórias, os saberes e conhecimentos construídos coletivamente, e que enriquecem as memórias coletivas e individuais da entidade pesquisada.

As primeiras entrevistas foram gravadas no mês de março de 2021. As outras foram feitas presencialmente, nas dependências da Igreja do Rosários, entre abril de 2022 e abril de 2023, nos momentos de melhoria da pandemia. Uma entrevista foi realizada no espaço do Terreiro Ilê Axé Oxumarê, no bairro da Federação, em fevereiro de 2023, a entrevista da Irmã Sandra Maria Bispo. Para a entrevista da Irmã Solange Sabino, fizemos uma espécie de guia de entrevista, a fim de orientar o trabalho, contudo, foi oportunizado à irmã colaboradora fazer sua narrativa aberta, sendo conduzida pela pesquisadora, que ia introduzindo as questões no momento oportuno, seguindo as orientações éticas da pesquisa. Ou seja, foi uma entrevista semiestruturada. Fizemos as transcrições e usamos os trechos que dão conta dos objetivos da pesquisa.

No contexto estudado, a trajetória de vida se entrelaça com as vivências e experiências memorialísticas na Irmandade, contudo, ela não será o eixo principal focado no estudo. Assim,

a entrevista temática traz colaborações qualitativas para o entendimento do objeto, dando-me suporte para a análise interpretativa compreensiva.

Nas comunidades de origem africana e afro-brasileira, a oralidade assume papel privilegiado, como nas irmandades. Os círculos, chamados de preleção, são o espaço semanal da oralidade no Rosário dos Pretos: "A oralidade é a grande escola da vida [...], ela é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação" (Ki Zerbo, 2010, p. 183). Nas comunidades de origem africana, os conceitos são reelaborados, e as expressões, ressignificadas. As experiências vivenciadas nas comunidades produzem um arcabouço de conhecimentos pela arte da oralidade, que se materializam em arenas de saber.

Ainda existem muitas críticas feitas pela historiografia às fontes orais, porém, como afirma Pollak (1992, p. 8) "[...] a diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo." Nesse sentido, Pollak (1992) considera que a História Oral com a história de vida tem contribuído para o surgimento de diversos campo de investigação e propiciado avanços significativos para os estudos sobre memória. Desse modo, devemos romper com a ideia positivista de somente considerar as fontes escritas, minimizando as críticas exacerbadas as fontes e evidenciar uma historiografia ou ciência da educação mais abertas as diversas possibilidades investigativas.

Trazer as vozes das/os colaboradoras/es da pesquisa para o bojo da discussão na pesquisa qualitativa é afirmar, como bem contribui Creswel (2014, p. 52), que é preciso "compartilhar suas histórias, ouvir suas vozes e minimizar as relações de poder que frequentemente existem entre pesquisadora e participantes da pesquisa". Acrescento que essa pesquisa teve a finalidade de visibilizar suas histórias, suas memórias e saberes, as/os quais já estão presentes no seio da entidade pesquisada.

As vozes de alguns irmãos e irmãs representam toda uma coletividade e diversidade rosarianas. A escuta dessas vozes foi oportunizada, a fim de fazer emergir, para além do seu entorno, com sua dialogicidade e suas conexões, experiências, memórias e informações inéditas sobre a Irmandade. Por meio da interpretação do vivido por seus membros, houve um diálogo ético e colaborativo, respeitando a circularidade do tempo espiralar (Martins, 2021b), da memória, do espaço e da história, considerando a pluralidade de significados, de visões e experiências que permeiam o processo de pesquisa.

Ao realizar as entrevistas, iniciei explicando o objetivo da pesquisa, seu título, quais os objetivos, se a irmã ou o irmão se sentia à vontade para participar, fiz a leitura do TCLE, pedi autorização para gravação, oral e por escrito. Deixei claro que se, em algum momento, ela ou ele não se sentisse bem psicologicamente para continuar, bastava sinalizar, que pararíamos no mesmo momento. Fiz um guia de entrevistas com algumas questões-chave, mas, na maioria das vezes, deixei a narrativa livre e ia introduzindo algumas questões pertinentes à investigação quando julgava necessário.

No momento das entrevistas, em alguns trechos das narrativas, elas/eles disseram que era confidencial, que não eram para usar na pesquisa. Dessa forma seguindo os procedimentos básicos da história oral e da ética na pesquisa, respeitada a privacidade das (os) colaboradores, porque a ética, a confiabilidade e o respeito às pessoas que dão significados à investigação são fundamentais no processo investigativo. Eu mesma fiz todas as transcrições, para poder captar o mais próximo possível das narrativas das/dos colaboradoras/es.

Assim, a escuta, a interação, as falas, os silenciamentos, as continuidades, as descontinuidades, as subjetividades e os silêncios fazem parte desse processo que busca construir uma hermenêutica existencial, onde a autora está implicada e engajada no objeto (Santos, 2019). Contudo, fará um esforço no propósito de procurar entendê-lo na sua pluralidade, na sua diversidade, pois, "[...] quanto mais encarnada a experiência, mais profundo o sentido" (Santos, 2019, p. 37). Ainda nesse sentido, Grada Kilomba (2017) amplia essa reflexão, ao enfatizar que a fala e o silêncio parecem fazer parte de um planejamento entre os que falam e aqueles que ouvem, porque parece que só podemos falar se a nossa própria voz for ouvida.

Gostaria de salientar que, por fazer parte da entidade pesquisada, e conhecer as irmãs das outras irmandades, isto facilitou o contato, pois nenhum (a) dos pré-selecionados se opôs a participar da pesquisa, quando, desde o início da investigação, em 2019, fiz o convite às/aos possíveis colaboradoras/es. Nesse sentido, mesmo com a pandemia e a demora em continuar o processo da entrevista, pois fiquei aguardando a vacinação e o cessar das restrições, para não colocar a vida das pessoas em risco de contágio com o Covid-19, todas e todos continuaram contribuindo para o desenvolvimento da investigação.

Fizemos um contato prévio com as/os colaboradoras/es e solicitamos a realização das entrevistas via ligação telefônica. Elas/eles não se opuseram. Então solicitei que, dentro do tempo de cada um/a, pudéssemos agendar uma primeira entrevista e, caso necessário, poderíamos agendar mais um encontro. Assim que ocorreu a ampliação da vacinação,

retomamos as entrevistas individuais, seguindo o processo do que rege o Conselho de Ética. Todas as narrativas que aparecem nesta tese foram autorizadas pelas colaboradoras e pelos colaboradores desta pesquisa.

Afirmo-me enquanto mulher negra, da roça, pesquisadora da Educação Básica, ou pesquisadora do cotidiano, estando imersa no campo e objeto pesquisado, procurando produzir narrativas amparadas em vozes, silêncios, textos, vivências, oralidades, imagens e subjetividades que possibilitem outras formas de comunicar ciências. Desse modo, através das vozes das irmãs e dos irmãos, procuramos fazer ecoar narrativas que representem, como bem salienta Conceição Evaristo (2006, p. 103), "[...] todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, libertam-se na vida de cada um de nós que consegue viver, que consegue se realizar". Eu fui desafiada, como também motivada, a fazer emergir conhecimentos a partir da reflexão sobre o objeto estudado.

Trago, a seguir, uma pequena biografia de cada irmã colaboradora e cada irmão colaborador, para que os leitores possam ter uma compreensão sobre os sujeitos da pesquisa, suas histórias, seu contexto de estudo e situá-la (o) no contexto da investigação. Vou trazer seguindo um princípio dos mais velhos (em idade cronológica) aos mais novos. Quanto ao tempo na entidade ou nas entidades, varia de trinta e cinco a vinte anos de participação em média. Nem sempre um (a) irmão (a) mais velho (a) em idade será o (a) que tem mais tempo na Irmandade. Observamos que, antes dos anos noventa do século XX, as pessoas eram admitidas na Irmandade depois dos cinquenta anos de idade. Com as mudanças no Compromisso a partir de 2001, admite-se mulheres negras e homens Negros que tenham completado dezoito anos (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2001).

Compromisso

2.3.1 As Irmãs e os Irmãos Colaboradas (es) da Pesquisa

Aqui, eu trago uma pequena biografia de cada irmã colaboradora e cada irmão colaborador, para situar a história de cada uma e cada um. Essas informações têm relevância para a pesquisa realizada, pois as narrativas desses sujeitos entrecruzam o que foi lido, ouvido, analisado e interpretado. A fala das irmãs e irmãos rege as palavras desta tese, revelando as memórias orais da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho (Martins, 2021a).

A Irmã Nilsa Bonfim Dias tem 88 anos, nasceu em 25 de agosto de 1934, na Rua Daniel Lisboa, em Brotas, e, com mais ou menos dez anos de idade, foi morar no bairro da Liberdade,

ambos situados em Salvador, onde reside até os dias atuais. Tem um filho, um neto e uma neta de sangue e vários filhos e netos por acolhimento. Professora aposentada, a Irmã ressalta que a Liberdade "[...] era um bairro mais acessível para o povo negro, tinha muitas pessoas da cidade de Cachoeira, de onde vieram meus pais, da comunidade de Cachoeiruçú" (Dias, 2021).

Ela frequentou a irmandade por muitos anos, mas só se tornou irmã em outubro do ano de 1991. Participou de vários cargos na Mesa Administrativa da Irmandade como definidora, vice-priora, mestra de noviças (os). Ela representou a Irmandade no CMCN, nos anos de 2016 a 2020. É uma das irmãs que busca implantar o grupo de idosos do Rosário. A irmã relata um pouco do seu contexto familiar e seu processo inicial de estudo nos anos quarenta do século passado, ao afirmar que:

> O estudo foi muito difícil para mim, porque, naquela época, não era fácil, eu não tinha quem me ensinasse. Eu nasci em 1934, entendeu? Num período muito difícil para trabalhadores. Meu pai era um homem analfabeto, era um profissional muito bom, um pedreiro muito bom, e era muito procurado. Ele veio para aqui, porque não tinha como colocar filho em escola, mas ele achava que era o caminho certo para vencer, o negro vencer na vida. Para uma menina negra vencer na vida, era através de estudo. Os valores positivos que ele colocava na família como honestidade, a palavra era uma lei quando ele dava a palavra aquilo tinha que ser cumprido. E minha mãe, também uma pessoa analfabeta, foi trazida de Cachoeira para morar na casa de um Padre no bairro da Saúde. E aqui o primo dela encontrou ela varrendo terreiro, lá no bairro da Saúde, tirou ela da casa da família do padre e levou para casa. Então é assim que meu pai e minha mãe se encontraram aqui, muito mais tarde. Aí se casaram, então era uma vida muito difícil, meu pai não sabia ler, minha mãe não sabia ler, eu fui estudar, estudei nas escolas (Dias, 2021).

Podemos observar no depoimento acima, que as dificuldades de acesso à escola por pessoas negras vêm de longas datas, desde o processo de escravização pelo qual passaram nossos antepassados negros. Na concepção de Menezes (1994) os anos de 1940, período subsequente ao pós-abolição da escravidão, observava-se a diferenciação entre a população branca e preta ocorria de forma institucionalizada, era mínima a quantidade de descendentes de africanos escravizados que acessavam o letramento educacional.

Imagem 1 - Irmã Nilsa Bonfim Dias

Fonte: Arquivo Digital AINSRPP[30]. Registro: Ir. William Justos. Salvador, 02/07/2022.

A irmã Nilsa narra que, na Educação Básica, ela estudou em escolinhas particulares na Liberdade e, em seguida, a sua mãe foi em busca da vaga no Colégio Getúlio Vargas. Um dia, a mãe dela levantou-se bem cedo, de madrugada, para matriculá-la nesse colégio renomado, do qual se ouvia falar na Liberdade. “Então, ela me matriculou no Getúlio Vargas, que era considerado uma das melhores escolas daqui da Bahia. Porque era uma escola onde as normalistas treinavam para ser professoras, o pessoal, as meninas da Escola Normal da Bahia” (Dias, 2021). Ela fez o Curso Normal de formação de professores, Magistério. No Ensino Superior, formou-se em Ciências Sociais, cursou Especialização em História e Cultura Afro-brasileira: Fundamentos e Metodologia. A irmã Nilsa está sempre participando das atividades educativas, mesmo aposentada, após trinta anos de ensino na rede estadual da Bahia e municipal de Salvador.

A Irmã Maria Rosa dos Santos, Irmã Rosinha como é conhecida na irmandade, é natural de Salvador, Bahia. Tem 84 anos, nasceu em 16 de junho de 1939, morou muitos anos no bairro de Águas Claras e agora reside no bairro de Jardim Nova Esperança. Não tem filhos biológicos,

[30] Gentilmente cedida pela Mesa Administrativa.

mas criou vários sobrinhas e sobrinhos-netos. Estudou em escolas públicas, fez o curso de Contabilidade. Ela contou sobre seus estudos:

> Eu estudei, fiz a última série de Contabilidade. Sou Contadora. Eu ando doida para catar os pedacinhos [do certificado] para passar na cara de alguém. Primeiro, eu estudei no Abrigo dos Filhos do Povo, depois no Carneiro Ribeiro, na Soledade, que chama Arão Carneiro. Dali, eu fui para o Colégio Duque de Caxias, na Liberdade, onde conclui a Contabilidade. Pelos meus estudos, eu trabalhava, tinha meu emprego, minhas coisas direitinha. Depois desse período, eu me aposentei e passei a vir para o Rosário ([Irmã Rosinha] Santos, 2023).

Observa-se que a irmã relata com ênfase as escolas em que realizou seu processo de educação formal, traz a escolas públicas que estudou, escolas essas, que são consideradas de muita qualidade situadas no bairro da Liberdade, bairro que é um dos mais populosos de Salvador e por onde passaram as topas da Independência da Bahia em 1823. Podemos inferir que no contexto da comunidade rosariana existem pessoas que questionam o processo educacional da Irmã Maria Rosa, pois ela comenta que vai conseguir pegar seu diploma para provar sua formação no Ensino Médio em Contabilidade.

A desconfiança no processo educacional da população negra não ocorre somente de brancos para os negros. Os nossos iguais também desconfiam da nossa escolaridade. Isso motivado por todo histórico de falta de acesso efetivo de pessoas negras à escolarização no Brasil e na Bahia por muitos anos. Mesmo a pessoa fazendo parte da exceção, ela tem que justificar constantemente que foi escolarizada.

Imagem 2 - Irmã Maria Rosa dos Santos

Fonte: Arquivo Digital da AINSRPP[31]. Salvador, 02/07/2022.

A Irmã Maria Rosa Santos começou a frequentar o Rosário em 1974, “mais ou menos” segundo ela, ficou muitos anos sem entrar oficialmente para a Irmandade. Ela ressalta que participou de cargos de condigna, foi definidora na Mesa de Honra[32], pois, naquela época, as mulheres não participavam da Mesa Administrativa oficial. Ela também participou da Nova Formulação, onde homens e mulheres passaram a fazer parte da administração, tendo os mesmos cargos. Foi admitida oficialmente na irmandade em outubro de 1991.

O Irmão Antônio Lima Nicanor é natural de Salvador, Bahia, nasceu em 27 de julho 1948, no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, no Centro Histórico, tem 75 anos. Mora atualmente no bairro de Pituaçu. Fez parte do Movimento Negro Unificado (MNU) de Salvador, do Bloco Afro Ilê Aiyê. Entrou na Irmandade em outubro de 2004. Sobre o início de sua vida, o irmão relatou:

> Eu nasci no bairro de Santo Antônio, Santo Antônio Além do Carmo! Nascido e criado no Santo Antônio, sou oriundo de uma família católica e era o sineiro da Igreja de Santo Antônio, então nós aprendemos todos aqueles ritos católicos, e a Irmandade do Rosário está no caminho de Santo Antônio, principalmente, nas celebrações [...] da Semana Santa e da procissão do Senhor Morto da igreja do Carmo. Essa procissão me levava a ver todas as irmandades de Salvador, tais como a Irmandades do Rosário, Trindade, do próprio Carmo, da Conceição da Praia, de Santana, e por aí a fora (Nicanor, 2021).

O irmão Antônio Nicanor contextualiza seu nascimento no Centro histórico de Salvador, sua origem em família católica, entrelaçada com a Irmandade do Rosário e sua vivência nas celebrações e procissões. Ele é um dos poucos membros que nasceu e viveu muito tempo no centro histórico. Pois, a maioria dos membros da Irmandade, nasceram e viveram em diferentes bairros de Salvador, ou são de cidades do interior do Estado da Bahia.

[31] Gentilmente cedida pela Mesa Administrativa.
[32] A Mesa de Mulheres que estudei no Mestrado.

Imagem 3 - Irmão Antônio Lima Nicanor

Fonte: Arquivo Digital da INSRPP[33]. Registro: Ir. William Justos. Salvador, 02/07/2022.

O Irmão Nicanor estudou em escolas públicas todo o Ensino Fundamental e Médio, mas o Ensino Superior, bacharelados em Economia e Direito, cursou em faculdade particular. Relembrando o seu processo de estudo, o irmão ressaltou:

> Eu sou estudante oriundo do regime militar, da ditadura militar e, durante esse tempo, ocorreu muitos eventos que marcaram nossa vida, mas eu preferia não falar daqueles eventos, preferia falar que a universidade nos trouxe um outro olhar sobre o mundo, um outro olhar sobre as pessoas, e outro olhar sobre principalmente o Brasil negro; a universidade nos orientou muito a um caminho bem diferente daquele que meu pai, minha mãe, meus avós viveram (Nicanor, 2021).

É interessante observar que o irmão Nicanor traz reflexões importantes sobre um dos períodos mais nefastos da educação brasileira, o Golpe Militar no país, que durou 21 anos, de 1964 a 1985, e deixou traumas psicológicos muito grandes nos estudantes daquela época. O irmão se manteve no direito de não comentar sobre esses anos, provavelmente porque a dor ainda persiste. O Regime Militar no Brasil começou em 1964 e durou até 1985, quando as forças armadas assumiram o poder e restringiram as liberdades civis. Durante esse período, a democracia foi interrompida e foi instaurado um regime de exceção, resultando na prisão,

[33] Gentilmente cedida pela Mesa Administrativa.

tortura, exílio e desaparecimento de muitas pessoas. Houve resistência e intensa luta até que o país fosse redemocratizado. Após a redemocratização, o Brasil iniciou um processo de reconstrução das instituições democráticas e de promoção dos direitos humanos.

A Constituição Brasileira de 1988, foi um marco importante nesse processo, estabelecendo garantias de liberdade e justiça social. A sociedade civil se mobilizou para assegurar que os abusos cometidos durante o regime militar fossem investigados e que as vítimas fossem reconhecidas e indenizadas. A Comissão Nacional da Verdade, criada em 2011, teve o papel importante de esclarecer os fatos ocorridos durante o período de ditadura, trazendo à tona muitas histórias de repressão e violência.

A Irmã Sandra Maria Bispo, nascida em 28 de setembro de 1952, tem 70 anos, é natural de Salvador, Bahia. Estudou o Ensino Fundamental nos colégios Brás do Amaral e Edgar Santos, ambos no bairro do Garcia, em Salvador. Cursou o Ensino Médio, antigo Segundo Grau, no Colégio Isaias Alves, de formação de professores, localizado no bairro do Barbalho. A graduação e o bacharelado em Sociologia, ela cursou na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A pós-graduação em Psicopedagogia Institucional foi na Faculdade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro.

Ela é produtora cultural e membro do Terreiro Ilê Axé Oxumarê, com o cargo de Yakekerê[34] ou Mãe Pequena. Começou a participar da Irmandade do Rosário nos anos 1980, passou a ser irmã em outubro de 1988, atuou nos cargos de Vice-priora, Priora e Procuradora Geral, tanto no período da Mesa de Honra[35], mesa formada por mulheres sem participação

[34] Yakekerê é o segundo cargo mais importante na hierarquia dos cargos na religião do Candomblé de origem Yorubá, sendo a primeira pessoa a Iyalorixá ou Babalorixá. Na ausência dessa (e) no terreiro, a Mãe Pequena assume a direção da entidade, presença ativa no terreiro. A Mãe Pequena deve fazer parte de todas as cerimônias, obrigações da casa.

[35] Ver a dissertação: Santana, Analia. *A participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969/2001)*. UNEB, Salvador, 2013, especialmente o capítulo 5, Mesa de Honra. O poder administrativo da Irmandade era concentrado nas mãos dos homens, nos Compromissos de 1792, 1890, 1900 e 1949, e negavam a participação das mulheres na administração. A Mesa de Honra formada por mulheres passa a ser admitida a partir do Compromisso de 1900, mas não encontramos registros escritos antes dos anos 1960, sobre como atuavam as mulheres. No século XX quase todo, a irmandade manteve o Compromisso de 1949, sem mudanças oficialmente, mas, na prática, as irmãs já discutiam e tinham a adesão de alguns irmãos para que pudessem participar da administração. A Mesa de Honra era eleita no mesmo momento da Mesa dos Homens, porém não tomavam parte na administração oficialmente, nem podiam entrar na sala de reunião. Desenvolviam diferentes atividades, especialmente, relacionadas à educação, ao cuidado, ao social etc., lutaram para que ocorresse a mudança no Compromisso, em diálogos, embates e muitos enfrentamentos. Construíram uma Junta Definitória, conseguiram as mudanças no Compromisso. Uma das mudanças mais importantes foi, em princípio, a Mesa em junta para o processo de transição, onde a Priora da Mesa feminina começou a participar da reunião da Mesa administrativa. Em seguida, houve a mudança no Compromisso no ano de 2001, e essa irmandade passou a ser administrada por homens e mulheres. Essa mudança extinguiu a Mesa de Honra e deixou apenas a Mesa Administrativa formada por mulheres e homens.

oficial na Mesa Administrativa, quanto depois das mudanças no Compromisso, em que homens e mulheres passaram a participar da Mesa Administrativa a partir de 2001.

Imagem 4 - Irmã Sandra Maria Bispo

Fonte: Acervo da Pesquisadora, Salvador, outubro de 2013

> Com muita honra, faço trabalhos comunitários em instituições sem fins lucrativos, também avaliando alguns resultados que nos deixa assim muito felizes. Estamos tentando retomar agora novamente e, de tudo isso, eu sou irmã do Rosário dos Pretos, irmã da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, já com alguns anos à frente. Minha entrada no Rosário se deu a partir de uma relação externa com o padre Hélio Rocha, que era do Rosário dos pretos, e ele me convidou a estar na Igreja do Rosário, ajudando em algumas atividades. E, a partir dessa ajuda, que eu não fui sozinha. Todos também se esforçavam e cheguei para me tornar com o grau, levei um ano ou mais frequentando, sendo preparada (Bispo, 2023).

Ao refletir sobre a narrativa da irmã Sandra Bispo, observo que ela é uma das irmãs referência, quanto ao incentivo para que as atividades sociais e comunitárias aconteçam regularmente na Irmandade. Com uma experiência ímpar no campo da Educação e das religiões de matriz africana, ela entra na entidade através do contato com o saudoso Padre Hélio Rocha e se consolida como uma liderança importante para que ocorra a equidade de gênero na Mesa administrativa da Irmandade. (Santana, 2013)

O Irmão colaborador Adonai Passos Ribeiro é natural de Salvador, Bahia, tem 69 anos, nasceu em 30 de dezembro de 1953, no bairro da Liberdade. Estudou na escola Instituto

Sagrado Coração de Jesus, toda a Educação Básica, no mesmo bairro de nascimento. Quanto ao seu processo educativo formal, o Ensino Fundamental foi realizado no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, e o Ensino Médio completo, no Ginásio Instituto Nossa Senhora Auxiliadora. Entrou na Irmandade do Rosário em outubro de 1995.

Imagem 5 - Irmão Adonai Passos Ribeiro

Arquivo Digital AINSRPP. Registro: Ir. William Justos. Salvador, 24/10/2023.

> Bom, meu processo educativo foi na verdade querendo vencer pelo estudo, tive algumas dificuldades em relação ao meu pai ser funcionário público e a gente tinha que fazer algumas viagens, e ficava às vezes a gente se deslocava, eu minha mãe e meu irmão, mas a gente conseguiu ainda com uns quatorze anos, naquela época fazer o científico e logo aos dezessete eu fui para as forças armadas e lá passei um período (Ribeiro, 2022).

O Irmão Adonai Passos Ribeiro relata em sua narrativa sobre a relevância do processo educativo formal para a ascensão social do negro. É notório essa evidência nas ações do Movimento Negro Brasileiro (Gomes, 2019) que procurava minimizar a ausência efetiva de uma política educacional realmente inclusiva, conscientizando a população e seus membros do caráter transformador da educação. Além disso, a educação como primícia para praticar a liberdade, promove a emancipação, a criticidade, a aquisição de conhecimentos, a ampliação da visão de mundo, a transformação de si e do contexto como é consenso. Ribeiro (2022) relata o processo migratório que a família enfrentava porque seu pai trabalhava em vários locais do

país. Mesmo assim, ela logrou a vaga nas forças armadas do país que era uma via de acessão para os jovens negros dos anos 1960/1970.

Ribeiro (2022) relata que entrou na Irmandade depois de já frequentar as missas. Pelo convite da Irmã Sandra Maria Bispo, participou dos cargos de Secretário e Prior da Mesa Administrativa da Irmandade. Relata que o respeito é fundamental para o andamento da ordem. Ele tem atuação ativa na Irmandade e, das vezes que passou pela gestão da Mesa Administrativa como Prior, tem desenvolvido uma gestão participativa.

O Irmão Almir Santos Menezes é natural de Salvador, Bahia, tem 64 anos, nasceu em 02 de janeiro de 1959. Ele estudou o Ensino Fundamental na Escola Brás do Amaral, que fica na Prediliano Pita, no bairro do Garcia, em Salvador, e no Colégio Estadual Edgar Santos, no mesmo bairro. Depois, cursou o antigo Científico, correspondente ao atual Ensino Médio, no Colégio Central da Bahia. Fez graduação em Teologia, na Faculdade Batista Brasileiro (FBB) no bairro do Itaigara. A pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, ele cursou na mesma faculdade. O irmão entrou na Irmandade em 8 de outubro de 1995.

Imagem 6 - Irmão Almir Santos Menezes

Fonte: Acervo pessoal do irmão Amir Santos Menezes[36]. Salvador, 02 de julho de 2023

[36] Gentilmente cedido para a pesquisa.

> Sou Teólogo, nascido em Salvador, tenho pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, tenho também alguns cursos de liderança, sou articulador da Pastoral Afro, e tenho dupla pertença. Sou Ogã[37] confirmado de Omolu. Sou de Omolu. E, também tenho um histórico muito interessante a nível de Família de ancestralidade [...] minha mãe era incrível. Eu falo assim, que temos uma herança ancestral muito incrível. A história na minha família. Três, quatro, cinco anos, as pessoas já se identificam com a religião do Candomblé, com determinado Orixá. Ela não sabia nem ler e escrever, pegava quatro caroços de feijão, milho, na hora o que tivesse aqui, ela pegava e fazia um jogo do Ifá[38] (Menezes, 2023).

O Irmão Almir ao relatar sobre sua escolarização, traz um aspecto de muita relevância que é afirmação sua ação como liderança na Pastoral Afro de Salvador, da sua pertença a religião do candomblé e a conexão com ancestralidade africana. Sua mãe como uma pessoa que possuía o conhecimento do oráculo do Ifá e de como os membros da sua família tem uma ligação com a religião dos orixás desde a infância. Podemos conjecturar que as ações entre as diversas entidade negras na Bahia se articulam, pois uma mesma pessoa pode atuar em diversas entidades, como é o caso do Irmão Almir: membro da Irmandade do Rosário dos Pretos, articulador da Pastoral Afro e membro do candomblé.

A irmã Maria das Graças Ramos dos Santos é natural de Salvador, Bahia, tem 64 anos, nasceu em 25 de outubro de 1959. É funcionária pública, aposentada, estudou o Ensino Fundamental e Médio na escola pública, da qual ela se orgulha muito. Cursou Administração e Teologia na Universidade Católica do Salvador (UCSal), custeada pelos seus esforços. De acordo com a Irmã:

> Abençoada, eu fiz o primário na Escola Brigadeiro Eduardo Gomes, o primário, fiz admissão, e o ginásio, no Colégio Estadual Góes Calmon. O nível médio, no Colégio Estadual Luiz Viana, o nível superior, em Administração e Teologia, na Católica. A experiência foi maravilhosa, eu fiz o primário, o quinto ano, para a admissão no Eduardo Gomes. Eu sou das antigas. O Ginásio, na época que era a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série ginasial, no Góes Calmon. Depois, com a reforma de 1975, que aí começou

[37] Ogã é um cargo masculino dentro da hierarquia da religião do Candomblé, homens que não incorporam as entidades sagradas. Ogã-Alabê, responsável pelo toque dos atabaques; Ogã-Ashogun (Axogum) confirmado, ele cuida da oferenda dos animais para o santo; Ogã -Kalofé é o ogã confirmado para a função de cantar no Candomblé, tocá-lo marcando com o Gan. Gan é o nome do agogô tocado nas cerimônias do Candomblé na tradição Alaketo (Ominarê, 1996).

[38] Ifá é o jogo divinatório da religião do Candomblé originário dos povos yorubas da Nigéria. Conforme os estudos de Querino (2010), o Ifá representa uma divindade que faz a consulta do destino através da observação dos frutos do dendezeiro que ficam em dois vasos, cada um com dezesseis frutos, contendo quatro olhos ou orifícios, esses são esfregados na mão do vidente ou sacerdote e à medida que caem, o vidente vai prediz a mensagem do que vai acontecer. Toda consulta é feita mediante a contribuição de uma pequena taxa em dinheiro, que pode ser determinada pelo sacerdote, ou, em alguns casos, livre a partir da sensibilidade do cliente.

> esse negócio de seguir sem fazer admissão. Mas eu sou da época dos antigos. Também meia quatro, né! Não tem para onde correr. Mas, graças a Deus, na luta! ([Irmã Gal] Santos, 2023).

A irmã Maria das Graças Ramos reflete sobre o quanto estudar é maravilhoso, entendendo a importância da educação, está atenta para os valores e as possibilidades que se pode acessar através do processo educativo formal, desde que ele seja emancipador. Quando se tem assegurado todos os direitos e meios básicos de se manter na escola, isso é maravilhoso. Pois, preocupar-se com a subsistência, a falta de recursos e materiais e ao mesmo tempo, manter o foco nos estudos como ainda tem sido a realidade de muitas crianças, jovens e adultos negros no nosso estado e no país, eles acabam não desfrutando dessa maravilha que é estudar.

Imagem 7 - Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos

Fonte: Acervo pessoal da Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos[39]. Salvador, 02/07/2023.

[39] Gentilmente cedido para a pesquisa.

A Irmã Maria das Graças entrou na Irmandade em outubro 1991, tendo participado ativamente das diversas atividades, atuando nos cargos de Secretária nas Mesa de Honra por mais de dez anos. Na Mesa Administrativa conjunta, também teve os cargos de Definidora, e Membro do Conselho Fiscal e da Junta Definitória. Atua no Movimento Negro Unificado (MNU) de Salvador.

A irmã Maria da Gloria Bonfim é natural de Salvador, Bahia. Tem 61 anos, nasceu em 28 de abril de 1962. Iniciou os seus estudos na Escola Santa Rita. Depois, deu continuidade no Complexo Escolar Kleber Pacheco e no Aliomar Baleeiro, todos no bairro de Pernambués, em Salvador. No Colégio Severino Vieira, fez um Curso de Redação da quinta à oitava série. No Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira (CEAAT), cursou Desenho Arquitetônico. Antes disso, estudou no Instituto Central de Educação Elias Alves (ICEIA), onde fez o curso de Magistério e uma Especialização, para ensinar do quinto ao oitavo ano, atualmente, Ensino Fundamental II.

Imagem 8 - Irmã Maria da Glória Bonfim

Fonte: AINSRPP. Registro: Ir. William Justos. Salvador, 23 de outubro de 2022.

A Irmã Glória Bonfim fala da sua trajetória educacional com muita riqueza de detalhes e percebe que a educação é contínua, ao querer dar prosseguimento ao estudo, fazendo o curso que faz parte do seu sonho:

> Quando eu fiz a faculdade, comecei a fazer Pedagogia, mas foi no período que aconteceu muitas coisas, e eu não consegui terminar, ficou faltando dois semestres para terminar Pedagogia. E então fui para fazer Teologia na Faculdade chamada ITEBA. Fiz História da Religião pela Faculdade Metodista. É isso aí. E estou querendo voltar a estudar, fazer uma Pós, não é? Que eu já tento me inscrever, que eu estou querendo fazer Antropologia. Que é o meu sonho fazendo Antropologia
> (Bonfim, 2023).

A Irmã Maria Glória Bonfim traz no seu depoimento as dificuldades de não concluir o curso iniciado e o curso do sonho. É importante frisar que as vagas nas universidades públicas nesse período de estudo dela, eram poucas e ocupadas na sua maioria por pessoas das classes privilegiadas e brancas, com a educação deficitária da escola pública poucas eram as pessoas negras e mestiças que adentravam através de vestibular nesses espaços. Assim, sobravam as universidades particulares que com mensalidade exorbitantes, muitas vezes a pessoa começava um curso universitário, mas não conseguia concluí-lo.

A Irmã Solange Sabino Palazzi pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto. Nasceu em 07 de novembro de 1964, em um bairro de periferia de Ouro Preto. A sua formação escolar foi toda em escola pública. Cursou o Ensino Fundamental I perto da sua residência, na Escola Municipal Simão Lacerda, e o Ensino Fundamental II, na Escola Estadual de Ouro Preto. O curso de Magistério, correspondente ao Ensino Médio, foi realizado na Escola Estadual Dom Veloso. Fez a graduação e o bacharelado em História na Universidade Federal de Ouro Preto (UFMG). O Mestrado, ela cursou na Universidade Presidente Antônio Carlos, em Barbacena, Minas Gerais. A Irmã Solange Palazi testemunha que sua geração foi alijada de entrar na Faculdade:

> Eu tive sorte. Não foi sorte não, foi competência mesmo, a condição de ter conseguido entrar na Universidade. E eu falo isso porque, para a minha geração, sendo ouro-pretana, apesar de ter a Universidade Federal em Ouro Preto (MG), foi uma grande conquista. Eu me lembro, a maior parte da minha rua, quer dizer, eu fui a primeira pessoa da minha rua a entrar na Universidade. E talvez isso só tenha acontecido porque a minha mãe trabalhava na Universidade. Ela era funcionária da Universidade. Trabalhava na cozinha da Universidade. O fato de eu entender que a Universidade existia, talvez tenha a ver com isso, porque a maior parte dos jovens da minha geração do bairro

> que eu cresci, que era um bairro operário, era né, porque hoje em dia, não tem mais fábrica (Palazi, 2023).

Observando a narrativa da Irmã Solange Palazzi podemos interpretar que a existência de uma universidade na cidade de Ouro Preto (MG) não foi fator preponderante para que os jovens vizinhos dela pudessem realizar seus estudos universitários. O que ela traduz como competência, podemos reler oportunidade de acesso exclusiva, coisa que os outros jovens do seu bairro operário não tiveram. A presença da sua mãe como servidora da universidade e o acesso às pessoas influentes no campo educativo, lhe proporcionaram a oportunidade de realizar o vestibular.

Imagem 9 - Irmã Solange Sabino Palazi

Fonte: fotografia Zedu Monte. Irmã Solange carregando Compromisso da Irmandade de 1715[40].

[40] Gentilmente cedida pela Irmã Solange Sabino Palazi para a pesquisa.

O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva tem 57 anos, nasceu em 26 de fevereiro de 1966, em Salvador, Bahia. Nos seus primeiros anos de vida, morou no Rio de Janeiro, onde se alfabetizou. Retornando a Salvador, estudou no Colégio Adventista de Pernambués. Em seguida, em algumas escolas públicas de Salvador, como bem relata o Irmão Júlio:

> Eu fiz o meu fundamental no Colégio Adventista, terminei a minha alfabetização aqui. Quando eu cheguei aqui, eu já estava adiantado, já tinha sido alfabetizado no Rio de Janeiro, que já ia passar para o segundo ano, como nós chamados agora, não é? Para nós, mas aí, devido as turmas não estarem adiantadas, tive que repetir com as turmas daqui. Depois, eu fui para o Cleber Pacheco, também em Pernambués. Lá, eu fiz a quinta série lá. Minha mãe não gostou muito da burocracia que aconteceu no colégio. Eu me transferi para o Colégio Severino Vieira, onde eu fiz o meu Fundamental II. Lá foi interessante, porque conheci muitas pessoas da época que estava fervendo, época da ditadura militar, e tinha muito movimento estudantil nessa época. E foi quando eu tive contato com uma pessoa que hoje estão conhecidas, como o Sérgio São Bernardo. Tem o Robson também, que é advogado hoje, que mora em Brasília (Silva, 2023).

O Irmão Júlio Cesar Silva traz questões bem interessantes para nossa interpretação, ao pontuar seu contexto educacional passando pela educação pública e particular fora e em Salvador. Isso é uma realidade também experimentada pelas crianças negras e jovens negros. Muitas famílias quando a situação econômica está um pouco estabilizada, retiram as crianças das escolas públicas e colocam nas escolas particulares, visando um ensino mais adequado para as conquistas seguintes. Mas, quando a dificuldade financeira retoma, novamente colocam-nos de volta na escola pública.

A privatização da educação e o sucateamento da educação pública contribui para a crença no mito de que a educação privada tem maior qualidade. O irmão Júlio Cezar Silva (2023) dá a entender que a autoafirmação, a oportunidade em conhecer pessoas influentes do Movimento Negro, o acesso a atividades sociais no ambiente escolar e a ação no movimento estudantil proporcionaram a educação para a militância.

Imagem 10 - Irmão Júlio Cesar Soares da Silva.

Fonte: Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos,
Registro Ir. William Justos, Salvador,
23 de outubro de 2022.

Ao final do Ensino Fundamental II, o irmão começou a trabalhar para ajudar a sua mãe nas despesas da família e teve que se transferir para o turno noturno. Foi estudar no Colégio Central, antigo Ginásio da Bahia, onde cursou Ensino Médio e conheceu muitas pessoas de diferentes grupos de Salvador. O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva militou na Juventude Socialista, que era do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), na Mouraria, onde se faziam reuniões na época. A participação em movimentos sociais e a militância política colaboraram significativamente para a para a formação social desse irmão.

O irmão Antônio Carlos Conceição Souza é natural de Conceição do Almeida, tem 53 anos, iniciou sua vida escolar na cidade natal. Realizou o Ensino Fundamental I na Escola Círculo Operário, o Ensino Fundamental II, na Escola Polivalente de Conceição do Almeida e no Colégio Estadual Sérgio Carneiro. Cursou o primeiro ano do Magistério, correspondente ao Ensino Médio atualmente, no Colégio Imaculada Conceição. No segundo ano do Magistério, Irmão Antônio Carlos mudou-se para João Pessoa, Paraíba, onde cursou o segundo e o terceiro anos no Colégio João Paulo II. Graduou-se em Filosofia pela UCSAL. Especializou-se em História Africana e Afro-brasileira pela Fundação Visconde de Cairu (FVC). Seu Mestrado está

em processo de conclusão na Universidade de Assunção, no Paraguai. Ele entrou na Irmandade em 1996. Falou sobre a sua vida escolar, chamando atenção para a ausência de pré-escola para crianças pobres e negras:

> [...] Minha vida escolar começa em Conceição do Almeida, é cidade de onde eu nasci, cidade onde eu sou natural, lá eu iniciei, não tive a oportunidade porque naquele período não existia pré-escola. Na verdade, para pessoas pobres e negras como eu, de fato, era difícil. Existia para os ricos, mas para nós? Filhos de mulheres negras e pobres não tinha vez. Então nós entrávamos mesmo na primeira série (Souza, 2023).

Neste trecho o irmão traz o relato da inexistência de uma política pública voltada para a atenção educacional à primeira infância, isso ocorreu também comigo, pois nos anos 1970/1980 a educação infantil estava centrada nas escolas privadas. Nas cidades do interior do estado e em suas zonas rurais, entravamos na escola aos sete anos, nas décadas de 1970 e 1980, não tivemos a experiência da educação infantil, ontem como hoje necessária ao desenvolvimento integral da criança. Outro fator relevante colocado pelo Irmão Antônio Carlos Conceição Souza é a migração para outras cidades e outros estados, seja para continuidade dos estudos seja para o acesso ao mercado de trabalho.

Eu também faço parte desse contexto migratório interno, pois, após concluir o curso de Magistério aos dezoito anos, não tinha perspectiva de trabalho na minha cidade. Nós negros e negras, oriundos (as) da zona rural, éramos preferidos para ocupar cargos de professores nas escolas do município. As vagas eram destinadas às pessoas consideradas brancas e das famílias tradicionais da zona urbana de cidade de Irará-BA. Trabalhei na barraca da feira aos sábados, depois em duas lanchonetes, recebendo meio salário-mínimo, por mais de doze horas de labor. Trago esse relato autobiográfico, para ilustrar e refletir que muitas realidades coexistem e o racismo permeia nossos contextos de vida.

A experiência migratória do Irmão Antônio Carlos Conceição Souza lhe possibilitou acessar aspectos culturais e religiosos de outros estados da região Nordeste, isso é muito significativo, pois ampliou bastante a sua visão de mundo.

Imagem 11 - Irmão Antônio Carlos Conceição Souza

Fonte: Arquivo da pesquisadora. Salvador, outubro de 2013.

A última irmã colaboradora é Cecília Canuto de Santana, ela faz parte do núcleo ancestral da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Olinda, Pernambuco. Ela é natural de Olinda, tem 37 anos, nasceu em 23 de agosto 1986. Estudou o Ensino Fundamental I na Escola Municipal Duarte da Costa, o Ensino Médio, no Colégio Estadual de Olinda. Fez o curso de licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no *campus* de Olinda. Cecília participa da Rede de Irmandades Negras Católicas, criada em 2018, e tem uma luta muito grande, para que sua Confraria recupere sua autonomia nesses mais de dez anos de intervenção. Sobre sua formação educacional, relata:

> Eu estudei na Católica, na Universidade Católica de Pernambuco, e tudo na minha vida era muito, tinha que ser muito rápido, pelo processo que a gente estava vivendo. [...] eu fui fazer História, mas eu tinha que procurar um emprego, eu queria trabalhar no Arquivo. Mas o setor público você tem que ter indicação ou ser funcionário. Então, daí, eu queria trabalhar no Arquivo, ainda tinha o mesmo raciocínio de fazer Turismo. Mas com essa identificação, com essas aulas que a gente, que eu tinha cotidianamente na mesa do Arquivo, porque lá é um Arquivo Histórico, a gente fala permanente. Porque a Arquivologia tem três diários, documentação corrente, intermediário e permanente, permanente ou histórico, não é? Então eu decidi fazer História, mas só que eu tinha que garantir o curso de História ([Canuto] Santana, 2022).

Embora venha de uma geração diferente das outras e outros participantes, observa-se que a Irmã Cecília Canuto de Santana também partilha de dificuldades parecidas com as outras

irmãs e irmãos, que é conciliar trabalho e estudo e, manter os custos do estudo universitário através do trabalho. Ela traz uma experiência diferente que foi o sonho de trabalhar no arquivo de Olinda, a experiência de acesso ao arquivo histórico da cidade.

A educação continua sendo o alicerce de acesso a equipamentos históricos e bens públicos. Trabalhar num arquivo público lhe possibilita acessar documentos históricos e bens culturais enriquecidos de memória histórica do seu estado e da sua cidade. Como já registrado acima, sendo historiadora lhe amplia o campo de pesquisa e atuação para lutar pela sua Confraria.

Imagem 12 - Irmã Cecília Canuto de Santana

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos. Acesso: 18/07/2023.

Em todas essas narrativas orais das irmãs e dos irmãos do Rosário dos Pretos do Pelourinho, da Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda e da Irmandade do Rosário dos Pretos de Ouro Preto, sobre sua trajetória educacional ficou nítido o protagonismo de cada um (uma) como sujeitos históricos, com voz e autoria, como narradoras (es) das experiências, vivências, saberes e fazeres destas Irmandades Negras. Os nós da metodologia, hora afrouxando, hora apertando, em encontros e desencontros, trazem colaborações para, através das narrativas orais que se apresentam e dialogam com todo o contexto da tese, reverberar conhecimentos.

2.4 SITUANDO O OBJETO E A CONTEMPORANEIDADE

A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, ou Venerável Ordem Terceira do Rosário às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) e das Mulheres Pretas, tem sido objeto de investigação há muito, mas quase nenhum dos seus membros se debruçou sobre o estudo da entidade, dedicando seu olhar interno para exteriorizar a história dessa entidade. Imbuída desses desafios e perspectivas, minha colaboração, mesmo que pequena, vem no sentido de trazer saberes, memórias, histórias e tradições negroafricanas construídos internamente pelas/os irmãs/os nos tempos contemporâneos.

O nome oficial da entidade não inclui a nós, mulheres, porém queremos deixar visível que nós existimos na entidade, desde a sua criação. Então, nas nossas ações, falas e escritas, incluímos mulheres pretas que, desde o período colonial, fizeram-se presentes na entidade, trabalhando e atuando efetivamente nas diversas atividades da entidade, mas que, por muitos anos, não podiam administrá-la.

Muitos foram os embates e, através da Mesa de Honra formada pelas irmãs, legitimada pelo Compromisso de 1900, embora não tomassem parte da administração nos anos 1970 a 2001, lutas internas e negociações ocorreram. Atualmente, homens e mulheres podem participar do poder administrativo da Irmandade. "[...] Só poderão ser eleitas para os cargos de Priora, Vice Priora, Mestra de Noviças e Condignas, irmãs piedosas, de bons costumes, que não tenham se desviado dos sãos princípios da moral, que gozem das mesmas honras e privilégios dos Irmãos mesários, sem, contudo, poderem administrar" (Venerável Ordem Terceira Do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1949, p. 26).

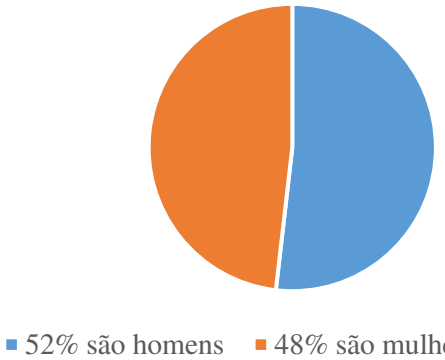
Compromisso

A entidade é regida por uma legislação própria dentro da Igreja Católica o Compromisso que pode ser associado ao estatuto nas entidades civis. Desde o documento de meados do século XX, nas Disposições Gerais, art. 117, "a Mesa nomeará uma comissão de Irmãos para de acordo com o Revmo. Comissário formular um Regimento Interno que deverá ser discutido e aprovado pela Mesa" (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos 1949, p. 37). Embora, desde épocas anteriores 1900, fosse sugerida a formulação do Regimento Interno, esse só se efetivou em 2017 e foi implementado em 2018. O Regimento Interno foi regulamentado de acordo com os princípios internos da Irmandade e o Código Civil. Sua redação/ revisão foi feita pela entidade, aprovada em assembleia geral com validade eclesial e civil, sendo registrada em cartório e aprovada pelo Bispo Arquidiocesano de Salvador.

Compromisso

É relevante deixar evidenciar que entendo o Rosário dos Pretos do Pelourinho como um complexo religioso católico dentro da Arquidiocese de São Salvador, formado pela entidade primeira, a Dona da Casa[41], que começou no período colonial e continua até os dias atuais. Já chegou a ter mais de cinco mil membros no período colonial, que é a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos e das Mulheres Pretas, ou, como chamamos popularmente, Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, com 164 membros. Desses, 85 são homens e 79 são mulheres, conforme gráfico 1. A faixa etária varia dos vinte aos cento e cinco anos de idade.

Gráfico 1 - Membros da Imandade do Rosário



Fonte: Gráfico elaborado pela autora de acordo com os dados de identificação dos Membros da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, registrados na Pasta dos Membros da Irmandade, disponível na Secretaria da entidade.

Nesse período contemporâneo, quanto à escolaridade dos irmãos e irmãs, apresentam-se todos os níveis de ensino entre seus membros, desde o Ensino Fundamental à Pós-graduação. Podemos perceber que, na Irmandade do Rosário, atualmente, não há nenhum membro não alfabetizado, mas isso era realidade no período colonial, pois o Compromisso daquela época dizia que os irmãos não alfabetizados fariam parte da entidade, porém, lhes era vedada a participação nos cargos da Mesa Administrativa. O pré-requisito essencial para participar da Mesa Administrativa era ser escolarizado, pois, de acordo com o documento, "[...] não pode ser mesário o Irmão que não souber assinar o nome" (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1949, p.38).

Compromisso

[41] Chamamos de Dona da Casa Nossa Senhora do Rosário, pois é a padroeira da Irmandade, a Dona da Igreja, a dona de tudo que os irmãos negros construíram no passado e nós temos a obrigação de preservá-los para a posteridade.

Realizamos um levantamento aproximado da escolarização dos membros da irmandade, uma vez que esse dado não consta na ficha de identificação dos membros. A entidade não se atentou, em anos anteriores, para acrescentar na ficha de identificação o nível de escolarização dos membros. Já procuraram corrigir essa falha, fazendo um novo recadastramento e, com isso, acrescentando esse dado. Como o recorte temporal da pesquisa é 2018, esse dado não consta na lista. Busquei, a partir do perfil profissional dos irmãos e irmãs, reconstruir dados aproximados de escolarização.

Quadro 1 – Perfil educacional dos (as) Irmãos (às) Irmandade do Rosário

ENSINO FUNDAMENTAL	34
ENSINO MÉDIO	52
CURSOS TÉCNICOS	21
ENSINO SUPERIOR	50
NÃO ESCOLARIZADO	0
TOTAL	164

Fonte: Dados aproximados, elaborados pela autora[42].

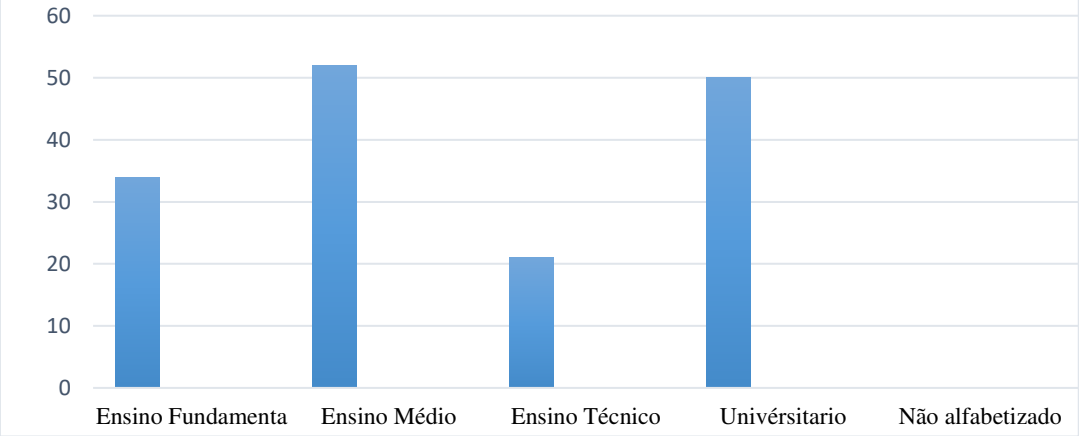
De acordo com o Compromisso de 1820, a quantidade de irmãos catalogados no livro de entrada, anos citados acima, é a seguinte: 1821 (57%) não registram sua condição social, se era livre ou escravizado ou forro; 1.148 (36%) se identificaram como analfabetos, embora nos tempos atuais não seja visível o analfabetismo na entidade, porque todos os documentos declaram ser alfabetizados, no período colonial a escolarização não era uma máxima na entidade. Um grupo significativo de irmãs e irmãos se encontrava na condição de não alfabetizados (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1820).

Como observa Farias (1997), entre os anos de 1719 e 1837, os escravizados eram maioria dos membros da Irmandade, mas não podiam exercer cargos na Mesa Administrativa, pois a condição de liberto e saber ler, eram pré-requisitos fundamentais para ocupar cargos administrativo. Sendo assim, essas pessoas eram acolhidas na Irmandade por procuração, mas o exercício da cidadania interna cerceado por estarem em processo de escravização. Não encontramos registros de compra direta de cartas de alforrias pela Irmandade, mas há relatos

[42] A partir de fichas de identificação dos irmãos em abril de 2021.

orais de que ela colaborava com entidades abolicionistas para que ocorresse a liberdade dos seus membros.

Gráfico 2 – Perfil Educacional



Fonte: Elaborado pela autora. Dados aproximados. Março de 2021.

A exigência para fazer parte da administração ou da Mesa Administrativa, de acordo com o Compromisso de 1820, era que "[...] aqueles que 'saibão[43]' ler e escrever, 'tenhão[44]' boa representação" (Venerável Ordem Terceira do Carmo, 1820; Farias, 1997, p. 20). Nesse sentido, ser escolarizado na Irmandade representava um pré-requisito essencial para ocupar cargos na administração da entidade. Nos tempos contemporâneos, também não tem sido diferente, embora não apareça mais a determinação no documento, presumindo que todos os membros são escolarizados.

Observei, também, o perfil profissional dos membros da Irmandade. Há uma variedade de profissões desempenhadas pelos irmãos e irmãs. Na contemporaneidade, os irmãos e as irmãs, em sua maioria, estão no mercado de trabalho e há um número de aposentados e aposentadas. Ver quadros 2 e 2.1, onde registramos as profissões mais desempenhadas e a quantidade de membros.

Diferentemente do perfil educacional, que não se encontrava registrado na Pasta de Identificação dos membros da Irmandade, a identificação profissional de cada membro está discriminada, isso facilitou bastante para a tabulação dos dados.

Desse modo, foi possível perceber a diversidade de profissões exercidas pelas irmãs e irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho e elaboramos os quadros abaixo. Após o período pesquisado, os dados apresentam mudanças, pois, na

[43] Grafia registrada no documento em 1820.
[44] Idem.

irmandade, a cada dois ou três anos, sempre entram novos membros, ou alguns partem para outra a vida.

Quadro 2 – Profissões de irmãos e irmãs com mais de dois membros

PROFISSÃO	**QUANTIDADE**
PROFESSORES/PROFESSORAS	24
FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS/FUNCIONÁRIAS PÚBLICAS	21
APOSENTADOS/APOSENTADAS	15
SEM PROFISSÕES DECLARADAS	14
TÉCNICOS/TÉCNICAS EM ENFERMAGEM	5
ADVOGADOS/ADVOGADAS	5
AGENTES ADMINISTRATIVOS	3
TÉCNICOS EM EDIFICAÇÕES	3
GUIAS TURÍSTICOS	3
BIBLIOTECÁRIOS	3
SECRETÁRIAS	3
COMERCIANTES	3
MÉDICOS	3
VENDEDORES/VENDEDORAS	2
DOMÉSTICAS	2
TÉCNICOS EM RADIOLOGIA	2
ENFERMEIRAS	2
TÉCNICOS EM ELETRÔNICA	2
MOTORISTAS	2
PADRES	2
REPRESENTANTES COMERCIAIS	2
SOCIÓLOGAS	2
TOTAL PARCIAL	**123**

Fonte: Elaborada pela autora em abril de 2021, com dados colhidos na Pasta de Identificação dos irmãos e irmãs; AIRPP sem catalogação, disponível na Secretaria da Irmandade.

Quadro 3 – Profissões das irmãs e irmãos com apenas um membro

PROFISSÃO	QUANTIDADE
ELETRICISTA	1
ESTETICISTA	1
GESTOR	1
EDUCADOR	1
PEDAGOGA	1
MANICURE	1
PEDICURE	1
COZINHEIRA	1
TÉCNICO EM CONTABILIDADE	1
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	1
LAVADEIRA	1
POLICIAL MILITAR	1
POLICIAL CIVIL	1
COSTUREIRA	1
AUXILIAR DE COZINHA	1
PRODUTOR CULTURAL	1
REPRESENTANTE COMERCIAL	1
CORRETOR DE SEGUROS	1
SERVIDOR DA JUSTIÇA	1
ENGENHEIRO	1
ADMINISTRADOR DE EMPRESA	1
CAIXA	1
ADMINISTRADOR PEDAGÓGICO	1
MECÂNICO	1
PSICOLÓGA	1
TÉCNICO EM SAÚDE BUCAL	1
SEGURANÇA	1
VIGILANTE	1
CABELEIREIRA	1
EMPRESÁRIO	1
DECORADORA	1
VETERINÁRIO	1
TÉCNICA EM SAÚDE	1
AGENTE DE SAÚDE	1
COMERCIÁRIO	1
CANTORA	1
TÉCNICO EM PROCESSAMETO DE DADOS	1
ANTROPÓLOGA	1
ECONOMISTA	1
ENGENHEIRO CIVIL	1
GESTOR DE RECURSOS HUMANOS	1
TOTAL PARCIAL	41
TOTAL GERAL	123 + 41 = **164**

Fonte: Elaborada pela autora em abril de 2021, com dados colhidos na Pasta de Identificação dos irmãos e irmãs; AINSRPP sem catalogação, disponível na Secretaria da Irmandade.

No período colonial, a Irmandade chegou a registrar entre três e quatro mil membros (Farias, 1997), pois o Compromisso flexibilizou as diretrizes para entrada de irmãos, bastando

pagar a joia[45] e o tesoureiro escrever o nome do candidato no livro de entrada de irmãos. O documento dizia que qualquer pessoa, de qualquer qualidade ou sexo que fosse, tanto liberto como escravizado, que tivesse interesse em entrar como irmão desta Irmandade, daria sua entrada de $2000 Réis. O irmão tesoureiro faria termo de entrada nos livros da Irmandade (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1820). Em contextos mais recentes, podem justificar a reduzida quantidade de membros: as mudanças nos pré-requisitos; o aumento do tempo de preparação do/a noviço/a para fazer parte da entidade; uma seleção mais demorada dos pretendentes a membros.

Nas outras atividades religiosas que fazem parte do complexo religioso rosariano, fica visível uma quantidade maior de membros que a entidade acolhe, pertencentes a outras entidades. Mas todas estão subordinadas à Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), conforme descreve o Regimento Interno da entidade. A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho mantém a prerrogativa da autoidentificação pessoal como negra e negro, para fazer parte da Irmandade, ao passo que as outras entidades internas são abertas para pessoas de outras etnias.

2.5 A MESA ADMINISTRATIVA E A INICIAÇÃO COMO IRMÃS E IRMÃOS DO ROSÁRIO

A Irmandade é administrada por uma Mesa Administrativa, composta por dezesseis membros, sendo oito cargos administrativos e oito definidores. Os definidores correspondem a um grupo de conselheiros (as) com direito a voto nas reuniões da Mesa Administrativa. A reunião ocorre uma vez ao mês, no terceiro domingo, e só tem validade se tiver mais de cinquenta por cento dos membros. A Mesa Administrativa é eleita trienalmente por eleição direta. Essa Irmandade, desde seu início, desenvolve a prática da democracia para eleição de seus membros, descritos nos Compromissos de 1870, 1900, 1945, 2001 e 2017 (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017).

Na reformulação do Compromisso de 2017, foram estabelecidos alguns órgãos estruturais que compõem a entidade, os quais são: a) Assembleia Geral; b) Junta Definitória; c) Mesa Administrativa; d) Conselho Fiscal; e) Comissão de Sindicância; e f) Comissões

[45] Joia corresponde a uma taxa que cada membro deve pagar à entidade no seu processo de entrada, para ajudar na manutenção da irmandade, nos custos e nas despesas da cerimônia iniciática.

Permanentes. Esses órgãos têm atuação independente, contudo devem trabalhar em harmonia e são regulamentados pelo Regimento Interno[46] (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhoras às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017).

A Irmandade, desde os primeiros tempos, escolhe os membros da Administração por meio de eleição, que, desde os primeiros tempos, ocorre de três em três anos. Os cargos que compõem a Mesa Administrativa da Irmandade são: Prior/a, que corresponde ao diretor geral ou gestor; Vice Prior/a; Procurador/a Geral; Tesoureiro/a; Segunda/a Tesoureiro/a; Secretário/a; Segundo/a Secretário/a; Mestre/a de Noviços/as; Mordomo/a de Culto; um Casal de Visitadores; e oito Definidores (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhoras às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017). De acordo com o Compromisso de 2017:

> A Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, Irmandade dos Homens Pretos será dirigida por uma Mesa Administrativa, órgão executivo responsável pela administração direta, eleita trienalmente, investido dos poderes inerentes aos cargos assumidos por seus integrantes, conquanto observadas, quando da prática dos seus atos, as limitações estabelecidas por este Compromisso e seu RI, constituída de dezoito Mesários para exercerem os cargos e funções: Prior ou Priora, Vice-Prior ou Vice-Priora, 1º Secretário(a), 2º Secretário(a), 1º Tesoureiro(a), 2º Tesoureiro(a), Procurador(a) Geral, Mordomo(a) de Culto, Mestre(a) de Noviços, seis Definidores(as) e um casal de Visitadores (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhoras às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017, [n.p.]).

A Irmandade é formada por homens negros e mulheres negras, com idade a partir dos dezoito anos, que apresentem os requisitos necessários e cumpram todas as normas e regulamentos do Compromisso e do Regimento Interno para se tornar membro.

Para se tornar um irmão ou uma irmã do Rosário, a pessoa precisa se autodeclarar negra, ter uma vivência na comunidade e frequência regular nas diversas atividades e nos grupos internos da Irmandade, além de passar pelo período de postulantado, que é um tempo dedicado à preparação inicial da pessoa negra para se tornar um irmão ou uma irmã do Rosário (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhoras às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017). Nesse período, o/a pretendente é apresentado/a à comunidade e começa a sua caminhada para fazer parte do complexo religioso do Rosário dos Pretos do Pelourinho. A caminhada se inicia no seu noviciado, que dura um ano, no qual começará a ter um

[46] O Regimento detalha maiorias das prerrogativas do Compromisso e como essas serão desenvolvidas na Irmandade.

aprendizado sobre a religiosidade, a história e a dinâmica da entidade. Sendo aprovada, a pessoa tem sua cerimônia de noviciado e inicia uma segunda etapa.

No noviciado, a (o) postulante tem sua primeira cerimônia ritualística, na qual recebe as vestes brancas e começa a sua caminhada para galgar o grau de irmã ou irmão, mas segue seu aprendizado, acompanhada (o) pela (o) mestra (e) de noviças (os) e toda a Irmandade pelo período de um ano. O hábito da irmã noviça da Irmandade é composto por uma túnica branca, um escapulário branco, um lenço branco, um terço preto que se coloca na cintura preso ao cinto, um cinto preto com espada, sapato social preto e um véu branco que cobre toda a cabeça da irmã. Nas vestes masculinas do noviço, apenas exclui-se o véu. O Irmão deve vestir, por baixo do hábito, o traje social, composto por camisa branca de manga comprida e calça preta. Quando da cerimônia de entrada oficial, que se chama "receber o grau", o noviço ou a noviça passa pela cerimônia final, para se tornar irmão (ã) da Irmandade, conforme imagens a seguir.

Imagem 13 – Irmãs Noviças[47]

Fonte: Arquivo Pessoal da Irmã Nilsa Bonfim Dias. Salvador, 30 out. 2005.

O hábito é abençoado pelo Capelão momentos antes da "vestição", que ocorre com a participação dos principais membros da Mesa: Prior/a, Vice-Prior (a), Mestre (a) de Noviças (a) e Secretária/o, a (o) qual faz a chamada nominal dos noviços, para iniciar sua cerimônia de vestição. A madrinha ou padrinho, que é a pessoa que apresentou a (o) candidata (o) a noviça (o) à Irmandade, observa no período do noviciado, assim como participa da cerimônia de perto. É importante observar que a estética religiosa – onde adereços, símbolos, objetos sagrados,

[47] Em destaque na imagem fotográfica, a Irmã Altamira, conhecida carinhosamente como irmã Mira (*in memoriam*), em seguida, irmã Conceição, a pessoas que escreve esta tese e outras irmãs.

vestimentas, indumentárias, dentre outros são constituintes – não é composta por itens ilustrativos nem decorativos, mas traduz simbologias religiosas e culturais.

Imagem 14 - Irmãos Noviços[48]

Fonte: Arquivo Pessoal Irmã Nilsa Bonfim Dias. Salvador, 30/10/2005.

Um detalhe importante: não é permitido sair de casa com as vestes da Irmandade, ou seja; paramentada (o). Só é lícito vestir-se no interior da Igreja, seja para eventos internos ou externos. Quando ocorre a solenidade de profissão para entrada definitiva na Irmandade, no dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário, acrescenta-se o "grau", que é a parte preta do hábito, como visto nas imagens das colaboradoras e dos colaboradores desta pesquisa, na seção anterior. Por ser uma veste consagrada, só é utilizada em dias específicos, determinados no Compromisso, ou em solenidades importantes, desde que a Mesa Administrativa dê o aval para casos especiais de vestição. Sobre as vestimentas, Martins (2021a), apoiando-se em Jones (1967), afirma que:

> As vestimentas e o modo de vestir integram as práticas corporais e as acrescentam valores, dinâmica de movimentos e perfis que, por sua vez produzem imagens, esculpindo movimentos, gestos, e posturas, desenhando cenografias, espacialidades e luminosidades, traduzindo conceitos e hábitos. A composição vestuária é veículo de mensagens, pode expandir ou inibir movimentos, subordinar ou ampliar os limites das ações físicas, flexibilizar ou restringir os movimentos e posições, facilitar ou conter os passos e os bailados, imprimir dinamismo ou moderar as rítmicas casadas com a musicalidade, impingir comportamentos, dar abrigo ou censurar deleites. [...] Assim como as feições, o vestuário molda e esculpe o corpo (Martins, 2021b, p. 104).

[48] À esquerda, Irmão Antônio Lima Nicanor, colaborador da pesquisa. Ao centro, Irmão Ricardo (*in memoriam*). À direita, Irmão António Carlos Santos.

Martins (2001b) acrescenta ainda que o conjunto do vestuário transmite mensagens, molda comportamentos, expande ou inibe movimentos, pode apresentar uma plasticidade ou limitar as ações físicas. Assim, as vestimentas despertam o olhar estético para a apreciação da performance dessa Entidade, pois no entender da autora "o vestuário molda e esculpe o corpo" (Jones, 1967 *apud* Martins, 2021b, p.104). Elas motivam leituras, interpretações e plasticidade nas performances religiosas e culturais.

Quando se está revestida (o) com o hábito, observa-se uma expressão de muita alegria, espiritualidade e memória. As pessoas que não conhecem a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho até perguntam se as irmãs e os irmãos são de Cachoeira, associando-os a à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira-BA. Esta é formada só por mulheres negras, enquanto aquela é formada por homens e mulheres. A Irmandade da Boa Morte se relaciona amistosamente com a Rosário dos Pretos.

As indumentárias e vestimentas, adereços, performance corporais presentes nessas entidades, não são apenas figurativos, mas trazem signos e simbolismos culturais (Martins, 2021b). Essas vestimentas sagradas remetem a uma anterioridade contínua performando religiosidade, tradição e estética negra. A memória, as tradições negroafricanas e processos educativos estão presentes nas vestes, pois esse modo de se vestir, reveste a irmã e o irmão de sua mística de sacralidade ancestral de continuidade dos antepassados nas vidas das irmãs e dos irmãos. O aprendizado sobre as indumentárias sagradas ou o hábito começa momento do postulantado esse antecede o noviciado.

O noviciado é um período muito importante para a construção do ser irmã ou irmão do Rosário, no qual se aprendem os princípios da Irmandade, como se desenvolver nas diferentes atividades religiosas, educativas e culturais da entidade. Os (as) noviços (as) não podem perder a oportunidade de aprendizado sobre a história da Irmandade, a convivência com os mais velhos e as mais velhas, os ritos, as festas, os saberes e fazeres numa irmandade negra, ou seja; os sabervivências. a preparação oficial e de responsabilidade do (a) (a) Mestre de Noviços (as) e de todos os membros da Irmandade.

O Irmão Antônio Lima Nicanor (2021), relatando sobre o seu noviciado, evidencia que:

> O primeiro noviciado trabalhava muito essa relação ancestral, e hoje não se trabalha. Este é o primeiro ponto que eu vejo a questão ancestral. O segundo ponto é que a responsabilidade pela condução da Irmandade é ação do Ministério. O noviço era conduzido a aprender, e ele tinha responsabilidade dentro da Irmandade, e a Irmandade, na sua trajetória centenária, precisa estar disposta a dar sua contribuição. Não era só a contribuição religiosa, era também a contribuição financeira, de serviço, a sua participação nas atividades da Irmandade. E tinha a particularidade, naquele tempo, de que noviço não era

> irmão, e que só passa a ser irmão depois daquele processo, porque o noviço tinha que obedecer às determinações, os ensinamentos, por exemplo, cuidar do quintal, cuidar do cemitério (Nicanor, 2021).

O irmão registra aspectos relevantes da sua vivência no noviciado, como ocorriam os ensinamentos e o aprendizado do noviço, conduzido pelos irmãos e irmãs mais velhos (as) da Irmandade. Rememora as responsabilidades e os serviços que tinham de ser realizados pelo (a) noviço (a), para se tornar, na prática, um (a) irmão (ã) rosariano (a). O noviciado, nesse sentido, constitui uma etapa formativa daqueles e daquelas que pretendem fazer parte da entidade. Pois, na conclusão do processo, após a avaliação final, os (as) noviços (as) podem ser aceitos (as) ou não como membros, ou também podem desistir de ser membros da entidade. Ainda nesse sentido, a Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos (2021) expõe:

> Eu estou na Irmandade do Rosário desde 1990, e entrei como noviça em 90. Em 91, professei, não é? E, nesse período todo, venho me dedicando à casa, primeiro, pela ancestralidade, não é? Enquanto mulher negra, não é? Moradora da Cajazeiras que foi um quilombo, e estar na Irmandade dos Rosário dos Pretos, para mim, é uma glória. [...]. Para mim, nesses trinta anos, [...] para mim, é só graça e gratidão. Participei de vários momentos importantes ([Irmã Gal] Santos, 2021).

Nossa irmã colaboradora, Maria das Graças Ramos (2021), traz também a importância da ancestralidade, de sua dedicação às atividades da entidade. Ela articula aspectos históricos primordiais de forma circular, como: ser moradora do bairro que já foi um quilombo, no caso o Quilombo do Orubu, hoje bairro de Cajazeiras em Salvador; ressalta a importância da sua ancestralidade; reafirma a sua autoidentificação como mulher negra; e declara ser pertencente a essa Irmandade, que a deixa em estado de eterna gratidão.

Assim, de acordo com a narrativa do irmão colaborador Júlio Cesar Soares da Silva (2021), essa etapa formativa dentro da Irmandade se constitui uma riqueza para o membro, especialmente, para ele que pôde conviver intensamente com os mais velhos da Irmandade. Nesse sentido, ele ressalta:

> No primeiro momento, eu comecei visitando a Igreja, participando de celebrações de missas, momento esse que a gente começou a ter contato com os mais velhos da casa, né? Irmãos como Seu Júlio Silva, Abigail do Espírito Santo, Rafael Gonzaga, Seu Terêncio, Dona Ivone Paixão. Alguns irmãos que já estavam lá, que mantinham vivas aquelas tradições daquela casa, que é o Rosário dos Pretos. Depois disso, comecei a fazer amizade com os mais velhos. E tinha Seu Roberto Berimbau, Maria Margarida, Tia Dady, que tinha um ateliê do lado da Igreja. Essas pessoas todas, não é, começaram a me incentivar a entrar na Irmandade. Foi quando o finado, ainda na época Prior,

> Seu Valério e Dona Isabel, que hoje está com 108 anos, Priora na época, que tinha Mesa de Honra, e aí ele assinou a minha proposta, e quem me apresentou à Irmandade foi o meu irmão, compadre e padrinho, Seu Jaime [...]. Então meu noviciado foi todo dessa forma, muito aprendizado. A confiança, não é, que o noviço vai recebendo é gradativamente, porque tem uma coisa que é muito interessante. Eu não sei quem aprendeu com quem, se foram os terreiros de Candomblé que aprenderam com as Irmandades ou as Irmandades aprenderam com os terreiros de Candomblé. Mas acredito que, como tinham muitas pessoas que participavam das duas religiões, uma foi ajudando a outra a organizar uma nova forma organizacional [...]. Então tinha uma coisa no noviciado: você participava de tudo, a confiança era lhe dada a partir do momento da observação do noviço (Silva, 2021).

O Irmão entrevistado, na sua narrativa, traz aspectos vividos desde a aproximação com a entidade, seus contatos com os mais velhos, todos citados já são falecidos, que colaboraram significativamente na formação do irmão durante o noviciado. Silva (2021) enfatiza que o aprendizado no noviciado era gradativo, ou seja, não se tinha acesso a tudo da irmandade nos anos 1990, como se tem agora, nos anos mais recentes. Aborda outra questão que causa reflexão, que é uma relação próxima entre o Candomblé e a Irmandade.

Observa-se, no depoimento do Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021), a participação ativa dos noviços e noviças nas diferentes atividades coletivas desenvolvidas na Irmandade, para que adquirissem os conhecimentos necessários em conjunto com a confiança dos membros mais velhos e, assim, serem aceitos como irmão professo ou irmã professa.

A irmã Sandra Maria Bispo (2023) traz uma narrativa relevante quanto ao noviciado, fazendo relação com o processo iniciático na religião do Candomblé, assim a irmã narra:

> Igualzinho como é no Candomblé, primeiro frequenta. [...] Primeiro frequenta, no Candomblé é abiã; e no Rosário dos Pretos, é frequentar e depois vai ser noviça. No meu noviciado, foi assim muito interessante, também porque eu sentia emoção. Eu me reencontrei no Rosário dos Pretos. Eu me reencontrei, porque eu via, poxa, todas as duas instituições são de tradição oral, são instituições de tradição oral. Não existe é... como é que diria? É literária e outra não, todas duas têm raízes de tradição oral, é o mais velho que orienta, é o mais velho que impõe os seus valores, que coloca os seus valores para a gente, é o mais velho que nos aconselha, até que nos passam os princípios iniciáticos, antes de fazer qualquer serviço cerimonial ali dentro (Bispo, 2023).

A convivência com os mais velhos é de fundamental importância para a construção da memória dos membros da Irmandade, isso é observado no depoimento da Irmã Sandra Bispo (2023). Vale acrescentar que essa troca de conhecimentos inter-religiosos é muito importante para a construção de uma ideia de pedagogia decolonial, onde a construção educativa é

alicerçada na experiência dos mais velhos, nos ensinamentos orais sobre a comunidade onde a pessoa está inserida.

A credibilidade e a confiança nas noviças e nos noviços vão sendo construídas paulatinamente na convivência, na experiência, no "miudinho", como se diz na Irmandade e confirmou o irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023). Essa relação de irmandade inclui além do acompanhamento sistemático da (o) Mestre de Noviços, toda a mesa administrativa observa os procedimentos da pessoa, pois antes da entrada oficial na Irmandade, acontece a visita à família do noviço, onde o casal de visitadores traz os relatos para compor a avaliação que passa pelo crivo dos membros da Mesa Administrativa que votam se a pessoa dará continuidade e será efetivado na entidade ou se ele encerra sua jornada.

A observação, a escuta, as orientações dos membros mais velhos da entidade contribuem para o amadurecimento das (os) novas (os) irmãs (os). Desse modo, nas relações cotidianas, nas atividades diárias, na escuta, na observação e no acompanhamento dos mais velhos, o aprendizado vai acontecendo, como relata o Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023):

> O período do noviciado era muito rigoroso, nós estávamos aqui. Tínhamos que estar aqui aos domingos, terça-feira, nem sempre porque os domingos era necessário, nós nos sentávamos na frente, nós éramos vistos por todos da casa. Então éramos acompanhados pelos mais velhos, independente do mestre de noviços, que naquela época era Alberico, mas todos tinham um olhar sobre. E uma coisa muito importante que existia era a presença dos visitadores que eu me lembro que, naquela época, era a finada Anita e finada Elisete! Elisete, as duas tinham uma união muito, muito boa. Elas tinham uma cumplicidade muito grande, de ir à casa da gente, de visitar nossas famílias, de conversar. A gente nem sabia. Elas apareciam para sondar, conhecer melhor quem é este indivíduo que está chegando em casa. Muito interessante que, no mesmo dia que elas visitavam, interessante isso, porque eu pude ver outros irmãos posteriormente, ela está indo para casa das pessoas que visitaram, não ia para casa não, elas vinham para Irmandade. E aí chamava Padre Hélio, que era o capelão na época, chamava Alberico, o Prior né? Essas pessoas que eram responsáveis pelos noviços, para falar um pouco mais, traçar a linha e daí ver, porque, no final do ano, na próxima celebração, poder tornar-se seu irmão ou não. Então dependia desse olhar de todo. Então, no final, era uma avaliação feita pela mesa, então era um olhar justo (Souza, 2023).

É perceptível a relevância do noviciado, porque ele dá ao noviço (a) a oportunidade da escolha. Se, durante o noviciado, a pessoa descobrir que não é esse o caminho que quer percorrer, ela pode encerrá-lo no noviciado e não dar continuidade ao processo de se tornar um irmão ou uma irmã do Rosário. Nesses últimos trinta anos, quase todas as irmãs e irmãos que fizeram o noviciado continuaram a caminhada e se tornaram membros, com exceção de alguns,

que foram desligados, ou por conduta inadequada, ou por pedido próprio, ou mesmo por não se fazer presente no cotidiano da entidade.

Após essa etapa formativa, sendo aprovado (a) pela (o) Mestra (e) de Noviços (as), e o parecer sendo aprovado pela votação e decisão da Mesa Administrativa, o/a noviço/a se torna irmão/ã do Rosário pela cerimônia ritualística de Profissão e recebimento do Grau[49]. Essas etapas sempre ocorrem na Festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro, na celebração própria das 7 horas da manhã. É um momento muito forte, de significação ímpar, que só quem passa sabe o quão impactante é em sua vida essa cerimônia de entrada oficial na V. O. T. do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos).

> No processo de noviciado, foi assim muito interessante, porque foi totalmente diferente do que é hoje. É claro que a gente não vai viver do passado, mas, enquanto mestra de noviços, eu estou tentando resgatar um pouco do meu noviciado. Nós aqui chegávamos, eu, quando eu me lembro disso, eu fico até emocionada, porque, quando nós chegamos aqui, tinha mais ou menos oito ou dez senhores idosos aqui na casa, e a gente saía beijando e tomando a bença de um por um, beijando a mão e dizendo "louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", e eles respondiam "para sempre seja louvado e nossa mãe Maria Santíssima". Eu sinto falta disso hoje. Nós nos sentávamos para aprender, e eles faziam de nós como se fosse os filhos, eles chamavam a atenção, puxavam a orelha, me lembre de Júlio Silva, que era um, era ele era o mestre de noviços da casa, ele era o mordomo de culto, ele era tudo, era tudo (Bonfim, 2023).

De acordo com as irmãs e irmãos colaboradores da pesquisa, o noviciado e a profissão são concretização e início do percurso para se tornar uma irmã e um irmão do Rosário. Mas a caminhada não se encerra aí, porque a construção se dá na convivência entre irmãs e irmãos, na participação efetiva nas diversas atividades religiosas, educativas, culturais e comunitárias. Contudo, algumas pessoas entram na entidade e, com o passar do tempo, só retornam uma vez ao ano para os festejos da Padroeira. Ainda sobre o noviciado, a Irmã Maria da Glória Bonfim (2023), acrescenta:

> A gente era obrigada a compartilhar conhecimentos. Não é como hoje, que a gente chama um noviço para conversar, muitos lhe dão atenção, outros não lhe dão, porque acha que sabe tudo. Mas a gente sabendo, não tinha obrigação de acompanhar. É um irmão, um irmão em processo, em atividade. A gente dos noviços limpava, ajudava na limpeza do quintal, ajudava na celebração. Como se diz na leitura, na limpeza, na cozinha. Na minha época, a cozinha já estava aberta, então a gente fazia uma comida, distribuía com os irmãos. A gente, nos convites, noviços eram obrigados a comparecer. A maioria dos antigos da casa sempre dizia aos noviços da casa: "Noviço não é irmão, noviço

[49] "Grau" é a parte preta do hábito, que confere o *status* de irmã e irmão do Rosário, na qual tem o emblema inspirado em São Domingos de Gusmão, propagador da devoção do Rosário.

> pretende ser irmão, será irmão ou não". Seu Gonçalo falava isso, Seu Terêncio falava isso, e Seu Jaime também falava isso. E aí, a gente tinha aquela consciência de que a gente tinha um papel importante na frente de Nossa Senhora, o juramento era juramento mesmo. A gente levava esse juramento na seriedade. Então o meu noviciado foi um noviciado de conhecimento, de partilha. Eu, como eu era muito interessada na história, então eu queria saber, eu me sentava, conversava com os mais velhos (Bonfim, 2023).

A Irmã Cecília Canuto de Santana (2022) teve uma experiência ímpar. Irmã da Confraria do Rosário de Olinda, ela nasceu em um núcleo familiar que fazia parte da Confraria desde o século XIX, totalmente diferente da Irmandade do Pelourinho na atualidade. Antes, cada pessoa que entrava geralmente levava um membro da família. Nos tempos atuais, isso raramente ocorre. A Irmã relata que toda a família paterna nasceu e viveu nas dependências e nos arredores da Confraria do Rosário, no Largo do Rosário em Olinda.

> Faço parte do núcleo ancestral da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olinda. A minha família está instalada no rosário através das pesquisas que eu fiz a partir já do século XIX, 1889 já existia Baltazar Canuto Santana, filho de João Joaquim Canuto de Santana, cujo nome é o nome de um tio João Joaquim Santana, que foi também provedor da Confraria de Senhora do Rosário. A minha família, ela existe no rosário. No rosário de Olinda, através das minhas pesquisas, instalada numa casa à frente da igreja, numa casa de, numa casa de família, casa do meu avô. E quando meu avô casa com a minha avó, a Maria Cecilia também Pereira de Santana, a casa que servia de acolhimento, na época, chamada de hospício, que instalava, na verdade, era os padres, era a hospedagem dos padres que vinham para a catequese dos negros do Rosário. Essa casa estava vazia. É uma casa anexa à igreja do Rosário. E no momento que o meu avô casa com a minha vó, eles vão morar nesta casa. E a partir desta casa, eles têm um relacionamento. Desse relacionamento, existem dez filhos ([Canuto] Santana, 2022).

Ainda nessa perspectiva, a Irmã Cecília Canuto de Santana (2022) acrescenta:

> Já existia um ciclo natural de relação com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Essa relação administrativa, essa relação de religiosidade não é, [...] também essa relação, [...] uma participação na zeladoria da própria igreja, nem todo mundo participava das mesas administrativas na época. Basicamente, era só o meu avô que aparece nos documentos, outros irmãos do meu bisavô aparecem, mas não existem muito essa relação de documentar. [...] então as pessoas, elas apareciam a partir da memória oral que eu já fiz, a partir do meu pai, dos meus tios, [...] meu avô, Baltazar, o meu bisavô aparecia na documentação e os irmãos. Por conseguinte, na história oral, na oralidade e a partir da geração do meu pai né, dos meus tios, eu começo a existir no Rosário. Eu morei na casa anexa também da igreja, né? Foi lá que nasceram esses dez irmãos, entre eles, nove tios, porque o décimo é o meu pai. Então eu nasci na relação de ter que descer para igreja, porque era dia de festa, porque tinha que limpar a igreja, observando que o meu pai e os meus tios faziam parte dessa

> mesa administrativa, ou então desse núcleo de zeladoria da própria igreja. Meu pai, meus tios, as minhas tias, eles faziam parte da manutenção não só da manutenção de formar um grupo e ir em busca de recursos administrativos para a irmandade. Pelo contrário, é [...] esses recursos eram feitos através de leilões para comunidade, através de bingos que serviam para limpar, limpeza de calhas, manutenção na estrutura da própria igreja, então essa relação era dessa forma, e era gente que mantinha a igreja ([Canuto] Santana, 2022).

É importante observar que cada Irmandade tem a sua dinâmica, suas especificidades, e essas narrativas enriquecem nossa percepção para entender o modo de ser irmã ou irmão do Rosário em cada estado. Uma cidade, muitas vezes, tem mais de uma irmandade, e cada uma delas tem seu jeito de ser irmandade. Trazendo outra experiência de ser irmã do Rosário, Solange Sabino Palazi (2023), membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto, relata sobre a sua aproximação da Irmandade e dos congados e a construção dessa relação entre ambas as entidades:

> Eu sempre tive, participei de grupos de jovens, dessas coisas todas, então, quando eu me casei, o meu marido, ele era vizinho da igreja do Rosário, ele não era irmão, não necessariamente, mas ele era vizinho. A casa onde eu passei a morar ficava, pelo menos, a cinco minutos da Igreja. E eu entendi que eu conhecia os congados também, que o espaço do Rosário era o espaço deles. Então, na verdade, eu passei a frequentar a Igreja do Rosário e, muito rapidamente, nesse processo, eu entendi que o espaço do Rosário tinha que ser um espaço de inclusão do povo negro, em especial, dos reinados e das congadas, e aí não só como irmã, como devota de Nossa Senhora. Porque eu digo que Nossa Senhora do Rosário, não foi eu que a escolhi, foi ela quem me escolheu, a partir do momento que ela me colocou numa relação de intimidade com as atividades, com os congados, aí como eu disse, eu fui morar do lado da igreja do Rosário, que, na prática, não foi uma escolha minha (Palazi, 2023).

Importa acrescentar que as redes colaborativas, de afetos e de saberes, são imprescindíveis tanto no contexto da pandemia, quanto no desenvolvimento da pesquisa, porque, embora a ciência se diga neutra, nós, seres humanizados, colocamos nossa visão de mundo, nossas perspectivas teóricas e metodológicas permeadas por nossas vivências e construções dos processos civilizatórios que nos norteiam.

Nesse contexto, penso ter relevância a percepção do conceito de se constituir irmã ou irmão em uma entidade negra. Grada Kilomba (2019) afirma que é a organização nas comunidades negras, especialmente nas irmandades, que traz a ideia de família imaginária, que possibilita minimizar a fragmentação coletiva ocorrida com a diáspora, dando a possibilidade dessa ligação ancestral africana, recriando, de certa forma, uma confluência coletiva de unidade.

Portanto, macerando as contas e circulando os nós do rosário, como pesquisadora, estou imbricada no objeto estudado, articulando essas entrevistas, considerando, nas suas vozes, os silenciamentos, os gestos, as subjetividades, os movimentos, os sentimentos e as emoções. Busquei tomar um certo distanciamento, nem sempre possível, mas necessário, para trazer experiências e saberes que são também conhecimentos realizados nessa entidade quatro centenária.

3 TERCEIRO CÍRCULO: AS IRMANDADES DO ROSÁRIO NO BRASIL E NO MUNDO, "POR ENTRE AS CONTAS DO ROSÁRIO"

> [...] vou e volto por entre as contas de meu rosário,
> que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
> E neste andar de contas-pedras, o meu rosário se transmuda em tinta,
> Me guia o dedo, me insinua a poesia.
> E depois de macerar conta por conta o meu rosário, me acho aqui eu
> Mesma e descubro que ainda me chamo Maria
> (Evaristo, 1992, p. 23-24).

Nesta parte, discorro sobre o processo de surgimento das primeiras irmandades, como iniciou-se o culto à Nossa Senhora no Rosário na Igreja Católica, como as irmandades chegaram ao Continente Africano e sua chegada ao Brasil. Situo como foi fundada e nomeada a Irmandade do Rosário dos Pretos no Pelourinho ou como a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), sua nomenclatura oficial. Caracterizo o seu templo, trazendo um pouco da fundação e a importância dessa igreja como uma Casa viva do povo negro de Salvador. Situo a relevância das CEBs nos anos 1960 a 1990 e sua influência no contexto litúrgico da Irmandade. Concluo o círculo discutindo a relação dessa Irmandade com outras irmandades do Brasil.

3.1 SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS IRMANDADES DE HOMENS PRETOS

Na tecitura das contas do rosário que se delineiam, nesse movimento constante de vai e vem nessa metáfora, que, ao mesmo tempo, são histórias e poesias que entrelaçam esse corpo-caminho. Essas contas-pedras dão o compasso para que, na encruzilhada e no Atlântico Negro, aconteça a confluência do Rosário que pulsa, que vive, que rememora e se faz reminiscência em todos os cantos do Brasil. A partir do seu surgimento como processo de conformação, ele se transformou em libertação e afirmação de um modo se ser. Cabe contextualizar como surgiram as primeiras irmandades e confrarias negras no mundo, como elas se desenvolveram em Portugal, no Continente Africano e no Brasil.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, tornou-se popularmente conhecida com a sua designação oficial, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), a partir de elementos já discutidos em pesquisas anteriores, mas sempre reinventados, reelaborados com os estudos, pesquisas e documentos construídos nos diferentes tempos históricos.

As irmandades surgiram no período medieval, na Europa, para agrupar fiéis com um sentimento religioso coletivo. Sabemos que as rotas e trocas comerciais favoreceram muitas transformações nos costumes e tradições religiosas de vários povos. Assim, o cristianismo primitivo se relacionou com religiões tradicionais dos vários continentes e foi se expandindo com faces múltiplas, mesmo que os teólogos conservadores rechacem esta ideia.

O Culto à Nossa Senhora do Rosário começou a partir da aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão, em Lisboa, por volta de 1208. Em meio aos conflitos religiosos da época, ele recebeu a missão de orar, usando um colar de contas unidas por um cordão, com vistas a obter vitória nas Cruzadas religiosas. O papa Alexandre VI foi o primeiro a mencionar e aprovar a devoção ao Rosário, que recebeu o nome de Nossa Senhora das Vitórias. Gregório XIII, por sua vez, mudou o título para Nossa Senhora do Rosário e o expandiu para toda a Igreja, colocando a festa no mês de outubro, reforçando a crença do Rosário como arma da vitória (Santana, 2013).

Os dominicanos propagaram por toda a Igreja Católica do mundo o culto ao Rosário de Maria, que consiste na reflexão da vida, da morte e da ressurreição de Jesus, através de um colar de contas grandes e pequenas, onde se reflete sobre esses mistérios, permeados por uma oração do Pai Nosso e dez orações da Ave Maria. Cada conta grande corresponde a um Pai Nosso, e cada conta pequena, a uma Ave Maria. O Rosário completo corresponde a quinze Pais-Nossos e cento e cinquenta Ave-Marias. Diz-se que cada Ave Maria rezada é uma rosa que se coloca no pescoço de Nossa Senhora, até completar cento e cinquenta rosas, por isso, o nome Rosário, pois representa rosas lançadas sobre a Mãe de Jesus, para que ela leve as súplicas dos fiéis ao seu filho, Jesus.

Uma coisa que os rosarianos têm claro, pelo menos o que se propaga nas irmandades negras brasileiras e na Igreja em geral, é que Maria não é maior que seu Filho Jesus, mas sim a grande mãe, sagrada, venerada e não adorada, escolhida pelo Criador para ser a Mãe do seu Filho na Terra, com seus milhares de títulos. Contudo, o Título de Mãe do Rosário é cultuado no mundo inteiro, na diáspora[50], pelos negros nas africanias[51] por onde se encontrem. Talvez

[50] O termo "diáspora", de início, referia-se à dispersão judaica no mundo por conta das várias perseguições sofridas e suas reminiscências culturais. Nos últimos anos, vem sendo largamente usado para designar a circulação das populações africanas e seus descendentes pelos vários continentes após o processo de migração forçada pelo escravismo do colonialismo. Assim, a diáspora negra ou africana refere-se aos povos descendentes de africanos fora da Pátria Mãe, reestabelecendo seus laços ancestrais, culturais e identitários no Atlântico. Um dos principais estudiosos é de Stuart Hall (2003).

[51] "Africanias", termo cunhado por Nina Friedman (1998), refere-se às reminiscências culturais africanas reconstruídas e/ou reelaboradas nas Américas, Europa e Ásia pelos africanos e seus descendentes exportados pelo processo escravocrata. Esse termo também é defendido pela Etnolinguista Yêda Pessoa de Castro (2014), que

isso pouco importe nas suas celebrações e festas, nas quais, faz-se de tudo para preparar as festas com garbo, luxo e beleza.

As irmandades de homens pretos começaram a se estabelecer na Península Ibérica, Portugal e Espanha, entre os séculos XIV e XV. A primeira Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Lisboa é datada de 14 de julho de 1496, no Mosteiro de São Domingos. Nesse convento, havia duas irmandades, sendo uma de brancos, provavelmente do final do século XV, contudo, já no século XVI, aproximadamente, os negros foram ocupando a instituição. Por volta de 1551, essa Irmandade do Convento de São Domingos se dividiu em duas, uma das pessoas de prestígio, e a outra formada por pretos forros e escravos de Lisboa. Diversos foram os conflitos entre ambos, que levaram à cisão do grupo. Em 1565, os irmãos negros conseguiram aprovar seu primeiro Compromisso na autoridade régia. Mesmo assim, com o envolvimento de autoridades do convento e até do Papa, as disputas acirradas continuaram, o que levou essa Irmandade de negros a ser expulsa da igreja dominicana no fim do século XVI (Reginaldo, 2011).

É imprescindível assinalar que, nesse período, surgiram diversas irmandades de negros em Lisboa. Em 1580, duas confrarias se organizaram: a de Nossa Senhora de Guadalupe, depois renomeada como N. S. de Guadalupe e São Benedito no Convento de São Francisco; a outra, Irmandade Jesus, Maria e José, instalada no Convento do Carmo. Entre os séculos XVII e XVIII, surgiram muitas outras irmandades em Lisboa: a Irmandade do Rosário dos Pretos do Convento Salvador, a Irmandade do Rosário da Resgatada, no Convento da Trindade, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no convento da Graça, e outra Invocação de Jesus, Maria e José, essa no Convento de Jesus, pertencente aos religiosos franciscanos. Continuando nesse contexto, registra-se a Confraria de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Reis Magos, que não durou muito, mas depois ressurgiu com a mesma invocação na primeira metade do século XIX (Reginaldo, 2011).

Registra-se também que, depois de Lisboa, a Irmandade do Rosário dos Pretos de Évora é a mais antiga. As confrarias de negros do Rosário estavam presentes na cidade do Porto, Alcácer, Setúbal, Vila Viçosa, Grândola, Montemor-o-Novo, Estrenoz e Elvas, entre as mais antigas. Essas entidades se espalharam por todo o reino português, uma vez que a população

---

pesquisa as Línguas Africanas e os seus desdobramentos na Língua Portuguesa do Brasil. “Africanias” pode substituir, por exemplo, “cultura africana” ou “diáspora”, por ser amplo e abranger culturas e seus aspectos nas línguas, religiões, artes e subjetividades dos povos negros fora do Continente Africano.

portuguesa havia crescido expressivamente pelo número de negros cativos e libertos, e essas associações foram adquirindo prestígio entre os africanos e seus descendentes.

A expressiva retirada de um sem-número de africanos da África Central pela concentração do tráfico transatlântico, a partir do século XVII, foi preponderante para o aumento da população de origem africana em Lisboa e em quase todo o reino lusitano. Aí se inicia a coroação de reis e rainhas Congos e Angolas, os quais se preservavam dentro das irmandades, apresentando traços culturais e coesão grupal. Vale salientar que, no século XVIII, os reis Congos e Angolas eram coroados nas irmandades do Porto, Braga e Vila Viçosa, como também de Lisboa, e o Rei Mina, na Irmandade de Nossa Senhora de Guadalupe e São Benedito. Isso nos ajuda a compreender a inserção desses costumes e tradições aqui na América (Reginaldo, 2011).

Ainda no contexto do reino português, as diversas confrarias católicas se espalhavam por todo o território, agregando milhares de fiéis no século XVIII. Lucilene Reginaldo (2011, p. 85), apoiando-se nos estudos de Penteado (1995), que investigavam as motivações de adesão dos fiéis católicos às confrarias e irmandades, conclui que "[...] a busca de proteção divina, o auxílio nos momentos difíceis da vida, a garantia do funeral cristão e a multiplicação dos tempos de sociabilidade eram os grandes fatores de motivação". Ainda de acordo com as conclusões do autor, essas entidades possibilitavam o exercício de poder para os grupos sem prestígio social na época, ampliando consideravelmente "[...] os seus níveis de protagonismo social" (Penteado, 1995, p. 28-30).

Nesse sentido, o cristianismo ocidental, especialmente na Igreja Católica, aliado ao processo expansionista, colonizador e escravagista europeu, dizimou muitos povos africanos, ameríndios e asiáticos. Contribuiu, também, para a legitimação do poder patriarcal, impôs como verdade absoluta a sua doutrina a negros e indígenas, colaborou com o processo da escravidão mercantil e para o acúmulo de capital pelas potências europeias. Contudo, também teve o potencial de irmanar inúmeras pessoas que souberam articular seus saberes ancestrais com novos conhecimentos cristãos, para, assim, forjar novas construções religiosas.

A Igreja Católica, como entidade religiosa oficial do período colonial, expandiu-se pelas Américas, juntamente com a expansão portuguesa e espanhola, sendo, na maioria das vezes, o braço sagrado da coroa, legitimando as ações dos imperadores nas terras das quais eles se apossavam no novo mundo e no Continente Africano. No Brasil, ela se desenvolveu aliada ao colonialismo e à escravização de povos indígenas e africanos, passando por diversos períodos até os tempos contemporâneos, como bem define Márcio Moreira Alves (1979, p. 18):

> Pode dividir-se a história da Igreja no Brasil em cinco períodos: a implantação sob a égide do patronato real; a decadência do patronato e o esboroamento da organização eclesiástica ao longo dos séculos XVIII e XIX; os esforços dos bispos ultramontanos para restabelecer, ao longo dos últimos trinta anos do século XIX, o predomínio de Roma sobre a Igreja local; a reimplantação da Igreja sob a autoridade incontestável do Vaticano a partir da separação Igreja-Estado, estabelecida pela Constituição Republicana de 1891, mas só possível graças à ajuda do poder político; finalmente, a etapa que se delineia no princípio dos anos sessenta, a de uma independência relativa da Igreja em face do Estado, fruto do reforço da sua organização durante o período precedente e impulsionada por uma organização de coordenação, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), fundada em 1953. Um sexto período, ainda não perfeitamente definido e que se poderia chamar de prospectivo, começa com os anos setenta e baseia-se em uma nova forma organizacional, as "comunidades eclesiais de base". É o período de reinvenção das raízes populares e libertárias da Igreja, raízes abandonadas ao tempo de Constantino (Alves, 1979, p. 18).

Embora tenha se transformado com o decorrer do tempo, mas investida de um poder celestial, a Igreja Católica cometeu várias atrocidades em nome da fé em diversos momentos históricos, utilizando-se de conspirações, catequização forçada, lutas, guerras, exclusões, excomunhões, cruzadas e inquisições. Nas diversas partes do mundo, foi opressora e, através da fé, dominou o processo religioso de diferentes povos. Já aconteceu o pedido de perdão, contudo, os fatos históricos não são apagados. "O processo de enriquecimento através do acúmulo latifundiário, a reforma protestante, o patriarcado, o processo inquisitório, a expansão do protestantismo são questões que perpassaram a história da Igreja Católica no mundo" (Santana, 2013, p. 17).

Essas problemáticas se constituem como alicerces de reflexão para entender o catolicismo, seja no Brasil ou em outras partes do planeta, tendo influência direta na construção social das colônias portuguesas nas Américas e no Continente Africano, nos anos de apropriação indébita das terras e povos ameríndios e africanos. Escrevendo sobre a realidade colonial das Antilhas, semelhante à desse lado do mundo, Frantz Fanon (2005, p. 59) aponta que a construção religiosa nas colônias é de "[...] uma Igreja de brancos, uma Igreja de estranhos. Ela chama o homem colonizado para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, o caminho do senhor, o caminho do opressor. E como sabemos, nessa história, há muitos chamados e poucos escolhidos". Neste trabalho, afirmamos que, nessa mesma Igreja, foram e são forjadas outras formas de buscar o caminho de Deus com o jeito negro de ser mesmo inseridos na estrutura hierárquica da Igreja Católica.

Não podemos esquecer que os porões das grandes igrejas, congregações e conventos funcionaram como senzalas, onde se confinavam muitos das/os nossas/os antepassadas/os

negras/os que eram escravizados/as pelas instituições religiosas e serviam ao alto clero, aos congregados e religiosas/os em geral. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, localizada no Centro Histórico de Salvador, é um exemplo, pois possui os resquícios da senzala que funcionou por muitos anos no seu porão, hoje ponto de visitação turística. Naquele espaço, aconteceram também momentos celebrativos em memória dos ancestrais e antepassados que ali estiveram. É um lugar que nos causa emoção, repulsa e reflexão, pois são visíveis as memórias da escravidão, como viviam nossos antepassados em lugares insalubres, sem qualquer dignidade, mesmo assim, eles transformaram em espaços dignos da construção de lutas, a fim de transformar suas vidas, para que hoje pudéssemos ter vida abundante.

É certo que algumas lideranças africanas e brasileiras se serviram do tráfico de pessoas, intermediando o comércio de escravizados de diferentes etnias, mas não foram os maiores traficantes de pessoas para o Brasil. Os padres e religiosos diversos tiveram seus planteis de escravizados sem qualquer culpa de pecado, porque eles estavam amparados pela escritura interpretada ao gosto da época.

O processo de escravidão mercantil e coisificação dos povos africanos foi levado com afinco pela Europa, com o propósito de ampliar seus territórios e riquezas. Nos quase quatro séculos de escravidão, os resquícios desse processo explorador e desumanizador são percebidos tanto no Continente Africano quanto no nosso país atualmente: o racismo estrutural que regula as relações sociais, políticas e culturais brasileiras; a exclusão dos povos negros, descendentes de africanos e indígenas do acesso a direitos elementares – educação, saúde, saneamento básico e segurança pública –, basilares para a sobrevivência digna das pessoas; o silenciamento histórico das contribuições desses povos para a sociedade do país; o apagamento dos arquivos da escravidão para forçar o desenraizamento da memória africana em nós.

No contexto brasileiro, o poder colonial, patriarcal e eclesiástico, exercido como forma de dominação (relações assimétricas de poder) dos outros (povos indígenas, africanos e crioulos), envolvia, além de outras formas, a apropriação e o controle do corpo e do espírito, como estratégia usada pelos senhores e autoridades coloniais para impor um sistema de coerção (Reis, 1997). As reações ao poder colonial e às diferentes formas de hierarquização social se mostraram desde os primeiros anos de colonização. Insurgências, revoltas, lutas, embates, confrontos coletivos e individuais, negociações e acordos permearam as relações de poder coloniais e pós-coloniais. As confrarias, quando elegiam os reis e as rainhas congos, mesmo que simbolicamente, de certa forma, estavam exercitando uma experiência de poder negro, já conhecido pelos negros oriundos do antigo Reino do Congo.

Muito se tem pesquisado, estudado, escrito sobre as irmandades de homens pretos no Brasil, em Portugal e na África Central. Renomados pesquisadores trazem contribuições imprescindíveis à historiografia destas entidades nas diferentes áreas do conhecimento. As irmandades negras se proliferaram por quase todos os estados brasileiros: Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas, Mato Grosso, Paraná, Pará, Rio Grande do Sul, Sergipe, Bahia, dentre outros. Várias pesquisas reconhecem o protagonismo das irmandades negras.

Nas várias áreas do conhecimento, a maioria das obras se concentra nos campos da História, da Filosofia e da Antropologia. Dentre os trabalhos de relevância que fazem referência ao papel das irmandades entre os séculos XVI e início do século XX, destacamos os de Julita Scarano (1978), Kim Buther (1998), Marina de Mello Souza (2002, 2014), Antônia Aparecida Quintão (2002), Lucilene Reginaldo (2005, 2011), Caio Cesar Boschi (1986), Liane Susan Muller (2013) e muitos outros.

Portugal aproximou-se do Reino do Congo em 1483, através do navegador Diogo Cão no primeiro contato com esse reino, e, em 1485, teve uma segunda missão estratégica, a de estabelecer o comércio português com a costa da África. Essa missão estava voltada a promover contatos "amigáveis" intermediados pela religião, para facilitar a rentabilidade econômica portuguesa. A conversão do Rei congolês, Mani Gongo ou D. Afonso I, e sua corte ao cristianismo foi o marco inicial para que o cristianismo se desenvolvesse naquele reino e para o desenrolar do colonialismo e do escravismo. Após sua conversão, o batismo cristão e a adesão à nova religião, o Rei queimou muitos dos objetos religiosos dos cultos ancestrais, enviou seu filho ao seminário, e este, após anos de estudo em Portugal, tornou-se o primeiro bispo negro, D. Henrique, que veio a falecer poucos anos depois do retorno ao Congo. (Reginaldo, 2011)

As trocas e negociações entre o Reino do Ndongo e Portugal foram constantes, com o envio de nobres congoleses a Portugal, para aprender as tradições cristãs e educação formal. Em convívio com os portugueses, os congoleses foram convertidos e se expandiram através da fé católica, do domínio cultural e político, criando a diocese do Congo e de Angola em 1596. Os ritos e os objetos sagrados da nova religião faziam os congoleses acreditarem que seus poderes estavam fortalecidos.

Muitas foram as experiências com missionários capuchinhos, jesuítas e diversos outros, no reino do Congo, marcadas por tensões, batalhas no reino, fragmentação política-religiosa e negociação com reinos vizinhos. Uma batalha importante ocorrida nesse reino foi a de Mbwila

ou Ambuíla[52], em 29 de outubro de 1665, com as disputas entre congoleses e portugueses pelas minas de cobre.

Essa batalha marcou a destruição do reino do Congo e a expansão do poderio português. Assim, a coroa portuguesa avançava estrategicamente, já com grandes concessões de terras adquiridas através das relações de padroado. É criada a Vila de São Paulo de Assunção de Luanda em 1576, elevada à categoria de cidade em 1605, marcando "[...] a primeira fundação europeia urbana no ocidente africano para os objetivos da coroa portuguesa na região" (Reginaldo, 2011, p. 51), transformando-se no "[...] maior porto negreiro do Atlântico" (Alencastro, 2000, p. 288).

De acordo com a historiadora Lucilene Reginaldo (2011), foram muitas as irmandades de negros em Angola. Consta que, nos sertões de Matamba, existiu uma confraria dedicada à Nossa Senhora do Rosário, embora não tenha encontrado outros registros além do breve documento de fundação. Isso nos dá indícios de que as irmandades e confrarias negras católicas brasileiras têm seu marco inicial no Continente Africano. As devoções marianas em Luanda deram origem a muitas irmandades, algumas não tinham templo próprio e eram alocadas em igrejas seculares, ou em conventos das ordens religiosas. A confraria da Senhora do Socorro abrigava gente branca; a irmandade de São Francisco Xavier era composta, na maior parte, por gente da cidade, e a confraria do Rosário, por negros forros e escravizados, tendo uma capela particular alocada na igreja do Colégio de Jesus, em Luanda (Reginaldo, 2011).

Isso me leva a pensar nessa ligação Atlântico-religiosa das irmandades negras. Sua dinâmica no Brasil não foi uma invenção brasileira, e sim triangulação de experiências religiosas católicas portuguesa, brasileira e do Congo e Angola. Essas experiências religiosas foram reinterpretadas nessas terras, a partir do tráfico transatlântico de escravizados africanos pela colonização portuguesa que durou mais de três séculos.

Para Reis (1996), a irmandade desempenhava um papel fundamental na vida dos seus membros:

> A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros – em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua – construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto. A irmandade era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente. Idealizadas pelos brancos como um mecanismo de domesticação do espírito africano, através da africanização da

[52] Ver Alencastro (2000).

> religião dos senhores, elas vieram a constituir um instrumento de identidade e solidariedade coletivas (Reis, 1996, p. 4).

A hierarquia católica está subdividida em vários grupos: o Clero, onde se encontra o Papa, os Cardeais, os bispos e sacerdotes; as ordens primeiras, nas quais estão frades e monges; as ordens segundas, compostas de freiras e Clarissas; e ordens terceiras, que correspondem aos grupos de pessoas religiosas leigas, geralmente brancas (irmandades, confrarias e devoções), que se formaram no Brasil desde o período colonial. A titulação de Ordem Terceira, recebida no final do século XIX, coloca a Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho no patamar mais alto da hierarquia da Igreja Católica dedicada às pessoas leigas. Os procedimentos das ordens terceiras são estipulados a partir do exemplo dos Franciscanos, tendo como referência: oração, jejum, auxílio aos pobres e necessitados, assistência aos doentes, ajuda mútua.

Evidentemente que as irmandades funcionavam sob os olhos da igreja elitista branca e conservadora, do colonialismo explorador eurocêntrico e da sociedade hierarquizada da época, forjando, em seus espaços, outros modos de sociabilidades, como também se moldando a algumas dessas características. As pessoas negras em processo de escravização e crioulas eram proibidas de professar a sua fé, alicerçada nas religiões tradicionais africanas, no Islã e no próprio cristianismo africanizado. Elas usaram estratégias de sobrevivência, pois, em alguns casos, era necessário estar ao lado do inimigo para, em outro momento oportuno, conquistar seus objetivos.

A criação das irmandades católicas negras ocorreu em diferentes regiões do Brasil, principalmente, nas áreas urbanas com maior concentração de escravizados, como Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Elas ofereciam apoio material e espiritual aos seus membros, organizando festas religiosas, procissões, enterros dignos e ajudando nas despesas médicas. Além disso, as irmandades proporcionavam um espaço de sociabilidade e resistência cultural, onde os negros podiam manter suas tradições, línguas e práticas religiosas africanas, muitas vezes sincretizadas com elementos do catolicismo. Quanto à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, "[...] na Bahia setecentista, a importância real e simbólica da igreja do Rosário da Baixa dos Sapateiros ou das Portas do Carmo para os confrades africanos e crioulos aí congregados justificava o embate com autoridades brancas, mas também com seus irmãos de cor" (Reginaldo, 2005, p.143), como também com padres, bispos e outras irmandades de pessoas brancas que queriam se apoderar do patrimônio, especialmente da igreja.

> Esta irmandade, assim como a maioria de suas congêneres, surgiu no século XVII. Neste período, era incontestável o predomínio dos centro-africanos na população escrava baiana. Entretanto, é unânime entre os pesquisadores o reconhecimento da primazia dos angolas nesta associação, mesmo após o período de hegemonia do tráfico centro-africano. Até a segunda metade do século XIX, os angolas, juntamente com os crioulos, permaneceram na direção da Irmandade das Portas do Carmo. Este fenômeno fundamental na compreensão da formação das identidades de "nação" na Bahia setecentista, particularmente a identidade angola [...] (Reginaldo, 2011, p. 320).

As irmandades também foram importantes na luta contra a escravidão e na defesa dos direitos dos afrodescendentes. Muitas vezes, elas eram envolvidas em ações de resistência, como a proteção de negros fugitivos, a organização de revoluções e o apoio a líderes abolicionistas. Além disso, algumas irmandades desenvolveram ações voltadas para a educação dos negros, a fim de fortalecer a sua cidadania e empoderá-los em uma sociedade que os marginalizava. Com o fim da escravidão em 1888, as irmandades católicas negras enfrentaram novos desafios. A marginalização e discriminação racial persistiram, e, muitas vezes, essas instituições foram enfraquecidas devido à falta de recursos e apoio. No entanto, muitas irmandades sobreviveram e continuaram a desempenhar um papel importante nas comunidades negras.

Das muitas narrativas do surgimento de Nossa Senhora do Rosário na vida dos (as) negros, trazidas por Leda Martins (2021a), escolho uma e faço a releitura a partir da experiência vivenciada na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Certa manhã, um negro foi pescar. Chegando na beira do mar, ao começar sua pescaria e jogar a rede no mar, ele avistou Nossa Senhora do Rosário nas águas. Ela chamou vários negros, e eles foram cantar, dançar, batendo tabaque, agogô e xequerê. Ao escutar aquela zuela[53], Nossa Senhora os acompanhou até perto da capelinha, que eles construíram em sua homenagem na parte mais alta da cidade. Mas os sacerdotes não gostaram e mandaram os policiais baterem neles. Quando Nossa Senhora viu o sofrimento daqueles negros e negras, teve compaixão e começou a chorar. Do seu rosto, caiu uma lágrima no chão. Daquela lágrima, nasceu uma flor no alto do morro, "[...] aquela flor era um pé de conta de lágrima. Por isso que nasceu o terço de Nossa Senhora do Rosário" (Martins, 2021a, p.70).

Essa narrativa demonstra que as irmandades católicas negras do Brasil são testemunhas vivas da história das africanias, da luta dos afrodescendentes por igualdade e justiça. Elas

[53] Palavra da Língua Bantu Kimbundu, usada no vocabulário da população negra, também utilizada pelas religiões afro-indígenas que pode significar fala, canto, música, conversa coletiva, barulho, movimento grande, pessoas transitando em algum lugar.

representam a fusão da fé católica com a cultura e as tradições negroafricanas, oferecendo um espaço de resistência, solidariedade e fortalecimento da identidade negra. É fundamental valorizar e preservar esse legado, reconhecendo a importância das irmandades católicas negras na formação da sociedade brasileira e na construção de uma nação mais inclusiva e igualitária.

Antes de pausar esta sessão, cabe discutir um pouco o que é o Rosário dentro da Igreja Católica. O movimento do Rosário, além de ser um movimento religioso muito forte desenvolvido pela comunidade negroafricana no Brasil, envolve uma significância ampla no que se refere à resistência negra, aos processos de escravização, às lutas para afirmar nossa humanização, por uma maneira singular e, ao mesmo tempo, plural de vivência religiosa. As circularidades com as experiências das tradições negroafricanas, a ancestralidade, a memória e a historicidade dos povos negroafricanos e afro-brasileiros forjaram nas terras ameríndias muitas colaborações nessa sociedade. Porque, o ser rosariano e rosariana articula no irmão e na irmã todas as esferas da vida, as ações sociais e religiosas não se separam das lutas por respeito, por dignidade, por existir, pela terra, pelo trabalho, pela saúde, pela segurança pública, pela diversidade religiosa dentro e fora da Igreja Católica.

A transposição das culturas africanas para as novas terras durante a diáspora forçada é um testemunho expressivo de resistência e resiliência. Através do tráfico transatlântico de escravizados, milhões de africanos foram arrancados de suas terras natais e despojados de seus direitos fundamentais. No entanto, embora privados de liberdade e submetidos a condições extremamente adversas, esses homens e essas mulheres conseguiram preservar e transmitir suas tradições culturais, adaptando-as aos novos contextos, transformando-as em mecanismos de resistência e afirmação de identidades.

Atualmente, as irmandades católicas negras têm se revitalizado e têm buscado um maior reconhecimento e valorização, articulando-se em uma rede nacional de Irmandades, para refletirem e buscarem juntas rodas de fortalecimento, a qual trataremos no Círculo IV. Elas representam um importante legado histórico-cultural, têm contribuído para a construção de uma identidade negra forte e resiliente. Além disso, essas irmandades têm atuado na luta contra o racismo estrutural, promovendo ações afirmativas, programas de inclusão social, atividades educativas dentre outras; esse é o caso da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

3.1.1 O Movimento Antoniano de Kimpa Vita e as Irmandades Negras

O Reino do Congo e Angola se constituem como fontes indispensáveis de estudos não só das questões religiosas, como também das línguas e culturas negras no Continente Africano, nas Américas ou na diáspora, no processo de escravização, entre outros. Através deles, podemos apreender as africanias no mundo. Sendo as Irmandades Negras criadas por congoleses e angolanos, podemos inferir que, direta e indiretamente, o Movimento Antoniano de Beatriz Kimpa Vita tenha influenciado essas entidades.

Como já colocado anteriormente, a expansão portuguesa neste reino se deu por vias religiosas com a conversão do Rei e da nobreza ao cristianismo e o batismo destes nos primeiros contatos entre 1483 e 1485. Houve muitos festejos, missas, troca de presentes entre a realeza local e os missionários colonizadores, a exemplo da expropriação de elementos religiosos locais em detrimento dos elementos cristãos, como a cruz. No entanto, nos cultos tradicionais e de linhagem, eram buscadas as respostas para as crises coletivas e de disputa pelo reino, as guerras civis, os problemas ecológicos e as doenças nas sociedades iniciáticas. Essas sociedades das religiões tradicionais eram conhecidas como *Bakhimba*, *Ndemboou* ou *Kimpasi,* originários do grupo étnico linguístico *Bakongo*.

Ainda nesse contexto, vale assinalar que, conforme as pesquisas de Luena Nascimento Nunes Pereira (2005), os *Bakongo* são um grupo étnico de Angola, considerado terceiro maior grupo, localizado ao norte do seu território, tendo presença também na República Democrática do Congo e no Congo Brazzaville. Deste espaço geopolítico, originou-se o antigo Reino do *Kongo*, no século XIV, por onde se iniciaram os contatos dos portugueses com a África Negra, no final do século XV.

De acordo com Marina de Melo Souza (2002), mesmo as celebrações católicas realizadas pelas primeiras comunidades negras produziam elementos que chocavam e incomodavam o grupo senhorial e principalmente alguns observadores estrangeiros, que não estavam acostumados com a mestiçagem que se iniciara com os primeiros contatos ainda na África e se intensificaram na sociedade colonial americana. Essas formas de celebrar provavelmente foram adotadas pelas primeiras irmandades negras surgidas no Brasil, e algumas reminiscências podem ter chegado nos tempos atuais.

Um importante acontecimento foi o movimento Antoniano considerado como messiânico, articulava poder e religião na busca por autonomia política e simbolismo através da dimensão do cristianismo que teve como propagadora a jovem Kimpa Vita, batizada como Dona Beatriz, que difundiu a fé em Santo Antônio, de uma maneira especial, no Reino do

Congo. Com a crise político-religiosa que se instalou nesse Reino, surgiu o Movimento Antoniano fundado por *Kimpa Vita*[54] entre 1704 e 1706. Uma jovem aristocrata nascida de família nobre congolesa na década de 1680, educada na fé católica, batizada por nome de Dona Beatriz, mulher Kimpa Vita que fora sacerdotisa de culto *Marinda (nganga marinda*). Após ficar doente, disse ter falecido e depois ressuscitado como Santo Antônio (Vainfas; Souza, 1998). Ela incorporou Santo Antônio de 1701 a 1706, onde o Santo incarnava nela, depois voltava para o céu para consultar Deus. O propósito do movimento era a reunificação do sistema social, dilacerado pelo processo de colonização.

Ela pregava como Santo Antônio, seguindo outras profetisas que lhes precederam. Sua pregação tinha uma forte conotação política, Kimpa Vita pregava a reunificação do Reino do Congo e participou de lutas da época. Vita afirmava que Jesus Cristo era negro e tinha nascido no Congo, e que o reino do Congo era a nova Jerusalém. Ela enviou missionários para várias cidades do Reino. O Movimento Antoniano, no entender de Boxer (2002), era uma variante africanizada do cristianismo. E, de certa forma, confirma o êxito do processo de catolização do Congo, iniciado no século XV, como acrescenta (Vainfas; Souza, 1998).

As representações feitas pelos externos apenas retrataram os adeptos das religiões africanas como bárbaros, ou seja, sem religiosidade, sem cultura, sem história, sem memória. Esses autores precisam ser revistos criticamente o mais rápido possível, para minimizar os estereótipos e as contradições que envolvem os estudos africanos e afro-brasileiros. Estas contradições esbarram nos propósitos ideológicos, políticos e acadêmicos.

A Igreja Católica foi a principal propagadora desse ideal de desrespeito, mas também necessitou adaptar-se às novas demandas e a reinventar suas tradições em terras africanas para servir aos propósitos expansionistas eurocêntricos. Nas culturas africanas, afro-brasileiras e ameríndias, as práticas religiosas estão e estavam conectadas às vidas das pessoas, às práticas de saúde, de cura ligadas à religiosidade, à construção da fortuna e ao infortúnio. Nesse sentido, as irmandades negras carregam esta herança, pois ainda buscam, através da aproximação com a ancestralidade, o equilíbrio para a vida cotidiana, mesmo sendo cristãos católicos embaixo dos olhos da santa madre Igreja.

O movimento Antoniano tinha originalidade e fazia uma leitura *bantu* da mensagem cristã, assemelhava-se à ação pedagógica missionária, mas rejeitava o clero oficial, acusando-os de monopólio das riquezas em favor dos brancos, prejudicando os santos negros, rejeitando alguns sacramentos católicos: batismo, confissão e matrimônio, abrindo caminho para a

[54] Para aprofundar, ver Thornton (1998).

restauração da poligamia. Adaptou orações como ave Maria e salve-rainha e proibiu a veneração da cruz. Kimpa Vita prometeu tornar férteis as mulheres estéreis e organizou uma igreja despertando a ira de missionários capuchinhos, que a julgaram e condenaram a morte na fogueira como herege do catolicismo (Vainfas; Souza, 1998).

Muito se tem pesquisado sobre o movimento Antoniano no Congo, e polêmicas surgiram a partir de 1960 com os estudos do processo de descolonização da África. Por um lado, a historiografia portuguesa o classificou como heresia diabólica; outros estudos o classificaram como movimento precursor das guerras de independência africana; outros, como agitação político-religiosa modernas na África etc. A historiografia dos anos 1980 traz uma importante leitura histórico- antropológica do antonianismo, mostrando os fenômenos do hibridismo cultural e a ressignificação do catolicismo pela cultura bantu (Vainfas; Souza, 1998).

Dentre os muitos estudiosos do movimento Antoniano, Thornton o caracteriza como movimento popular católico que africanizou os elementos sagrados do cristianismo, envolvendo, em seu conjunto, tradições e crenças muito importantes à religiosidade tradicional dos bantu. A principal delas é a crença no poder dos mortos (Vainfas; Souza, 1998).

Compreendemos que o movimento Antoniano foi de imprescindível importância para a preservação das línguas do tronco *Bantu* no antigo reino do Congo. Esse movimento religioso, mais do que o próprio cristianismo colonial, fez que a fé cristã se propagasse nas línguas locais e que se construísse na diáspora, consequentemente, um jeito diferente de professar a mesma fé cristã, a exemplo das irmandades negras, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Selma Pantoja (2004) enriquece esta reflexão, afirmando que todos os comerciantes da região vendiam aos africanos, nas feiras e mercados objetos considerados sagrados para os cristãos. Dessa maneira, os africanos faziam uma "apropriação especial" da religião católica no uso dos símbolos do cristianismo, das linguagens nas religiões locais. São conhecidas as ações de profetas africanos com formação cristã terapêutica da medicina africana no século XVII. E, além disso, o aumento das profetisas sendo a mais famosa delas Kimpa Vita com o movimento Antoniano (Pantoja, 2004, p. 119).

A experiência ritualística passa pelo corpo através das emoções, das práticas, dos movimentos, dos gestos, das línguas, dos cantos, das danças, das recitações, do uso de *minkisi*, que são objetos mágicos religiosos etc. Ainda nesse sentido, a religiosidade africana, em uma grande parte, visa a assegurar a fortuna, curar o infortúnio e dar sustentabilidade e estabilidade

às relações da comunidade. Souza (2001) amplia a nossa reflexão, acrescentando a relevância do uso de elementos religiosos:

> Nos primeiros tempos, cruzes, santos e ostensórios cristãos foram chamados *minkisi* pelos missionários que buscavam, assim, equivalência no universo religioso *Bakongo*, utilizando a designação local corrente, para objetos utilizados nos cultos religiosos, passando por cima da enorme diferença de significados que tinham para as duas religiões [...] Para os *Bakongo,* Deus continuava sendo *Nzambe Mpungo,* criador de todas as coisas, e os santos eram, para eles, seus ancestrais e espíritos da natureza que habitavam fontes de água, pedra, árvores, e o mundo dos mortos, que intervinham nos problemas dos vivos, por meio dos ritos e objetos mágicos religiosos (Souza, 2001, p. 174).

Os estudos de Luena Nascimento Nunes Pereira (2005) afirmam que o cristianismo tomado como instrumento de conscientização política e mobilização étnica nos movimentos anticoloniais apontam para a imbricação de processos políticos religiosos. Assim, as resoluções de conflitos, as relações político-sociais e comerciais são resolvidas(os) através da religiosidade. Nesse sentido, o movimento Antoniano foi um forte meio para preservação das linguagens locais, já que não se tinha a necessidade de renunciar à sua língua ancestral para se tornar cristão.

Para John Burdick (1998), o cristianismo pode ser considerado como um idioma viável para imaginar e articular identidades étnicas negras e o antirracismo. Ele enfatiza que nem tudo é resistência na cultura popular e religiosidade, houve imposições, exclusões apropriações e adesões para que o cristianismo se estabelecesse no continente africano e nas Américas conquistadas se articulando com as religiões autóctones e as elites locais para o estabelecimento de bases religiosas e coloniais. Outro aspecto relevante é que o cristianismo também cooperou bastante com os propósitos do colonialismo e eurocêntrico, na extensa expansão no Continente Africano, servindo aos propósitos dos exploradores referendando as atrocidades, a apropriação indébita dos bens particulares e culturais dos povos africanos escravizados e usando as escrituras para desumanizar milhões de pessoas.

Os ideais desse movimento religioso impulsionaram o surgimento de outras correntes religiosas como o *Kibanguismo* e a disseminação de líderes messiânicos por quase todo o território africano. Além disso, serviram de certa forma como elemento aglutinador de identidades transitórias e memórias ancestrais que dão coerência às vivências nas culturas contemporâneas. O antonianismo foi muito importante

Portanto a história de Kimpa Vita ou Dona Beatriz e a fé em Santo Antônio de Pádua, ou Santo Antônio do Congo ressignificado aos moldes africanos, certamente deixaram marcas fortes na vida religiosa, política e cultural dos Bakongo. Kimpa Vita se configurou como uma mediadora messiânica que surgiu a partir da crise estabelecida naquele reino. Sua contribuição ajuda-nos a compreender as várias facetas e alternativas religiosas que os encontros religiosos podem resultar. Cabe-nos analisá-los nos seus contextos socioculturais de origem.

Compreendemos que o movimento Antoniano foi de imprescindível importância para a preservação das línguas do tronco Bantu no antigo reino do Congo, porque ele buscava preservar as bases religiosas e culturais existente naquele reino, adaptando algumas expressões do cristianismo aos costumes locais. Assim, concordando com o ponto de vista de Vainfas e Souza (1998), esse movimento religioso, mais do que o próprio cristianismo colonial, fez que a fé cristã se propagasse nas línguas locais e se construísse, consequentemente, um jeito diferente de professar a mesma fé cristã no Continente Africano, assim como nas Américas, pois muitas pessoas que tiveram contatos com essa religiosidade foram para cá trazidos como escravizados.

Dos milhões de africanas e africanos transplantadas (os) forçadamente pelo processo de escravização, certamente os Congos influenciaram as irmandades negras brasileiras, como a de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Não podemos afirmar ao certo, mas podemos fazer algumas aproximações sobre a influência do Movimento Antoniano de Kimpa Vita e a fé em Santo Antônio Negro no Brasil. Talvez estejamos equivocadas, mas, diante de tantos fenômenos religiosos, pensamos nessa possibilidade.

3.2 FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS NO PELOURINHO

Os africanos e seus descendentes desempenharam um papel crucial na configuração ou organização das sociedades ao redor do mundo, especialmente nas Américas, levando consigo inúmeras tradições culturais que se adaptaram, sobreviveram e se reinventaram nas novas terras. Nesse sentido, irmandades negras fazem parte desse mosaico religioso e cultural que se espalhou por diversos lugares. Assim, podemos situar a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho como uma tradição negroafricana, pois ela reivindica essa origem desde a sua criação por negros e negras bantu e angolas. É relevante registrar alguns estudos que contribuem para o conhecimento da historicidade dessa Irmandade.

Fiz uma pesquisa bibliográfica nos bancos de artigos, livros, teses e dissertações e diante da vasta gama de artigos, teses, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, capítulos de livros

e livros escritos sobre a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, nas pesquisas realizadas, selecionei alguns, cujo registro julguei de relevância para escrever a História da Irmandade. Porém, lembro que são escolhas feitas a partir do objeto de estudo.

Carlos Ott (1968) escreveu um artigo sobre a Irmandade no periódico Afro Ásia e se tornou uma referência indispensável sobre a Irmandade, registrando que essa já funcionava muito antes do seu registro oficial em 1685. Ott (1968) também indicou que, desde 1604, a Irmandade já funcionava nos porões da antiga Igreja da Sé, no Centro Histórico de Salvador.

Os pesquisadores Jeferson Bacelar e Maria da Conceição Barbosa de Souza (1974), fizeram suas a pesquisas sobre a Irmandade, na qual afirmam que os negros Bantu são referência quando se trata de irmandades negras no Brasil, sistematizando como essa Irmandade protagonizou sua história na Bahia. Ressaltam também que "[...] o homem de cor transformou gradualmente esse catolicismo do qual se queria fazer um meio de controle e uma integração na sociedade que o maltratava, num instrumento de solidariedade étnica" (Bacelar; Souza, 1974, p.8).

A historiadora Sara de Oliveira Farias (1997), na sua dissertação, fez um trabalho sobre a Irmandade explorando parte do período oitocentista, registrando o contexto, a organização interna e do poder, os conflitos, a economia, os funerais, as festas e a devoção ao rosário. Esse foi um dos primeiros estudos a que tive acesso sobre a Irmandade, ele me instigou a pesquisar sobre essa entidade e a entender o funcionamento da Irmandade no período colonial e o seu funcionamento no século XIX.

A historiadora Lucilene Reginaldo (2005, 2011) cobriu o período setecentista, realizando uma pesquisa triangular, envolvendo Angola, Portugal e Brasil, retratando as diversas complexidades e historicidade da Irmandade do Rosário do Pelourinho e sua importância real e simbólica. Essa dissertação se transformou em livros, e ambos são referências para esta pesquisa.

O pesquisador Dirceu do Socorro Pereira (2008), na sua dissertação de Mestrado, discutiu a contemporaneidade através da dupla pertença religiosa, da identidade e da ancestralidade, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, abordando as festas e as relações com o sagrado, a partir da Festa de Santa Bárbara e dos depoimentos de membros que pertencem à religião católica e à religião de matriz africana – o Candomblé.

A historiadora Mariana Mesquita Santos (2015; 2018; 2022), desde a sua graduação em História, escolheu a Irmandade como objeto de estudo. Em sua dissertação Mesquita Santos (2018) trouxe uma análise muito profícua das experiências dos irmãos e irmãs do Rosário no

pós-abolição em Salvador (1888-1930), discutindo, através de documentação histórica desse período, a cidadania e as problemáticas enfrentadas pela Irmandade. Uma das descobertas é que ela passou quase vinte anos em reforma, por falta de recursos, sendo denunciada ao bispo, contudo, os irmãos recorreram e mantiveram as suas atividades.

Mesquita Santos (2018) afirmou o engajamento político da Irmandade e seu protagonismo, tendo sediado um profícuo debate sobre o mundo do trabalho naquele período. A autora chamou a atenção para a relevância da Irmandade como "[...] uma entidade de relevo social e cultural, a despeito da decadência das irmandades em movimento observado desde o final do século XIX [...]" (Santos, 2022, p. 22).

No ano de 2020, foi defendida a dissertação em Políticas Públicas pela assistente social Stella Gleide Oliveira Santana, discutindo quilombismo como um movimento de resistência no espaço cultural da Irmandade. A pesquisadora descreveu a entidade como um quilombo de quatro séculos de existência, tendo como referência o quilombismo de Abdias do Nascimento (1960), na reconstrução da identidade cultural, trabalhando questões como diáspora, identidade cultural, colonialidade e ancestralidade (Santana, 2020).

Diante disso, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Cada pesquisadora e pesquisador a investiga de acordo com seus próprios interesses e objetivos, abordando diferentes aspectos. No entanto, esse tema ainda não foi esgotado, pois há muito mais a ser pesquisado sobre essa entidade de mais de quatrocentos anos de existência.

Foi nos porões da antiga Igreja da Sé, Centro Histórico de Salvador, por volta de 1604, que se iniciou a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, uma das irmandades negras mais antiga de que se tem registro no país. Os registros oficiais são de 1685. Os irmãos do Rosário lutaram por uma sede própria, pois a Irmandade funcionava no centro da igreja colonial. Em 1696, o terreno foi doado pelo Rei de Portugal através do alvará de 14/04/1696. A construção da igreja levou quase um século, uma vez que foi construída pelos irmãos nos dias santos, domingos e madrugadas. O primeiro Compromisso foi aprovado por Dom Fr. João da Madre de Deus em 1685, sendo confirmado por provisão Régia de 10 de outubro de 1781, e só reformado em 1820 (Russel-Wood, 1981).

Esta Irmandade tem uma trajetória ímpar na história do Brasil, porque atravessa diversos tempos históricos dialogando com eles e mantendo suas tradições, ela não é apenas objeto de estudo de historiadores e pesquisadores das diferentes áreas, mas ela própria faz sua história

interna para manter seu legado. O Compromisso aprovado em 2017, no seu Artigo I assim caracteriza a Irmandade:

> A Irmandade dos Homens Pretos, fundada por Negros(as), Congos e Angolas, no ano de mil seiscentos e oitenta e cinco e elevada à categoria de Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, em dois de julho de mil oitocentos e noventa e nove, doravante denominada Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo – Irmandade dos Homens Pretos, é uma organização religiosa de direito privado, regida pelos Códigos de Direito Canônico, Direito Civil Brasileiro e Acordo Brasil Santa Sé, pelo presente Compromisso, seu Regimento Interno (RI), sujeitando à autoridade do Arcebispo Primaz, e composta de número ilimitado de fiéis Irmãos(às) de ambos os sexos, de origem negra e maior idade civil que professem a Religião Católica Apostólica Romana (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017, [n.p.]).

Essa é uma entidade que não é somente religiosa, ela tem caráter múltiplo. De acordo com o Compromisso mais recente, essa Irmandade tem finalidade religiosa, social e cultural, sem fins lucrativos com especificidade jurídica própria, sendo que seus gestores e filiados não respondem pelas responsabilidades que ela tenha contraído. não respondendo os seus dirigentes e integrantes, sequer subsidiariamente, pelas obrigações por ela contraídas" (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017). Ela atua em diferentes dimensões, tendo o foco religioso como mote principal das atividades sociais e culturais que permeiam sua existência.

A Irmandade constrói uma caminhada juntamente com outras Irmandades do Brasil e da Bahia, para manter vivo o legado das irmandades negras no Brasil, sejam elas, formadas por mulheres negras como a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da cidade de Cachoeira na Bahia ou a Irmandade do Rosário de Penha de França em São Paulo que aparecem juntas na imagem a seguir, no período da pandemia com todos os membros vacinados na Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2021. Esse congraçamento também se traduz em atividades e ações práticas promovendo encontros religiosos, participações em festas das padroeiras e padroeiros, discussões e formações teológicas ou sobre o cotidiano administrativo das instituições.

Imagem 15 – Ir. do Rosário dos Pretos, Ir. de Nossa Senhora da Boa Morte e Ir. da Penha de França de São Paulo

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos. Registro: Irmão William Justos - 29/10/2021.

As irmandades foram essenciais na organização social dos negros brasileiros, muitas delas continuam ativas como as da imagem acima. Na Bahia, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho conviveu ativamente com as organizações sociais, a exemplo da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), fundada em 1832 a qual, por muitos anos, abrigou essa entidade, teve contatos intensos, com empréstimos de imóveis e de recursos financeiros, tendo havido reuniões para tratar de assuntos pendentes entre ambas. Muitos dos membros da SPD são também membros da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Como já mencionado anteriormente e pesquisado em Santana (2013), o Compromisso é o documento que rege a irmandade com outorga jurídica e eclesial. As mudanças nesse Documento vão dando à entidade um caráter mais aberto às demandas sociais e culturais. Os Compromisso de 1820, 1872, 1900, 1949, 2001 e 2006 não evidenciavam a parte social e cultural da entidade, apenas o caráter religioso era mencionado. Nas atualizações do Compromisso de 2017, a documentação evidencia a parte social, cultural e educativa finalidades descritas da entidade elencadas no Artigo 2º, descrevemos a seguir algumas que são de interesse desta pesquisa:

- Implantar e administrar projetos sociais, cujos esforços são voltados para o atendimento preferencialmente à população negra e às pessoas com vulnerabilidades sociais, com o objetivo de promover o bem-estar social, sem discriminação de qualquer natureza, os quais também devem custear despesas de água e esgoto, energia elétrica e IPTU/ TVL, a ser definido no RI.

- Desenvolver intercâmbio com outras instituições congêneres;
- Promover, sediar e participar de simpósios, congressos, cursos, reuniões e outros eventos que sejam de interesse dos Irmãos e Irmãs e desta instituição;
- Contribuir também para o aperfeiçoamento do ecumenismo e o diálogo inter-religioso;
- Fomentar ações que contribuam para a preservação da religiosidade popular e tradições da diversidade cultural brasileira, promoção da arte e da cultura, defesa e conservação do patrimônio religioso, histórico, artístico e cultural da população negra (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, 2017, [n.p.]).

Como já tratado anteriormente, a Irmandade é administrada por uma Mesa Administrativa, composta por dezesseis membros eleitos através da eleição direta com cinquenta por centro mais um, dos votos válidos, permitindo-se a reeleição para os diversos cargos por mais de uma vez. Nos Compromissos anteriores (1798, 1889, 1900, 1949 e 2001), era vedada a reeleição, que só era possível com a autorização da autoridade eclesial. Observando a versão mais atualizada do Documento de 2017, todos os cargos podem se reeleger, e somente a posse depende da autorização eclesial. As eleições ocorrem por triênio, ou seja, a cada três anos, geralmente no mês de setembro; e a posse dos irmãos e irmãs eleitos para a Mesa Administrativa acontece no mês de outubro. na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Pelos nós, contas e espaços do Rosário, esta pesquisa visa compreender essa Irmandade como uma entidade educativa, que constrói sabervivências nas suas ações colaborativas tanto interna, como externamente. Isso contribui de forma significativa para a sua visibilidade no país, para manter o seu legado de memória e história, assim como reverberar as tradições negroafricanas presentes.

3.3 A CASA DOS NEGROS E NEGRAS DE SALVADOR: IGREJA DO ROSÁRIO

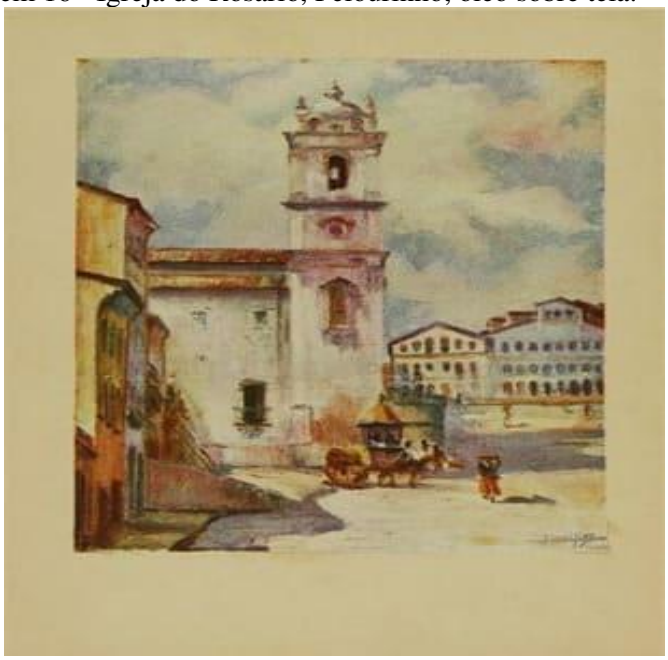
As irmãs e irmãos do Rosário dos Pretos do Pelourinho se referem ao templo que abriga a Irmandade, como a Casa das Negros e Negras de Salvador, construído com recursos dos próprios irmãos antepassados, congos e angolas, após receberem a doação do terreno, às Portas do Carmo, um dos portões de entrada da cidade do Salvador. Esse templo não é apenas uma edificação feita com pedra e cal, é uma casa viva, onde vibra a ancestralidade africana, onde laços de religiosidades negroafricanas, afetividade, solidariedade e comunalidades foram construídos. Nas circularidades dessa igreja ou dessa casa, pulsam culturas, entrelaçam-se

histórias, memórias e saberes. Tudo isso se transmuta no que eu tenho denominado, nesta tese, como sabervivências.

Em todas as partes da cidade de Salvador, a mão, o suor e o sangue dos povos africanos escravizados – e depois livres – deixaram suas marcas históricas e suas memórias. A cidade de Salvador foi construída através do trabalho forçado, inicialmente dos povos indígenas tupinambás que habitavam essas terras, e depois com a escravização dos povos africanos trazidos pelo tráfico mercantil, com a chegada de Tomé de Souza e sua equipe em 1549, para construir essa que foi a primeira cidade e capital do país.

A cidade de Salvador, como uma fortaleza colonial, era estruturada por portas. Assim, as portas do Carmo delimitavam a entrada da Cidade Alta com sua ligação, através das ladeiras, com a Cidade Baixa, onde ficam o Porto, o Mercado Modelo e a feira de São Joaquim. Essa igreja, erguida nas Portas do Carmo, na ladeira do Pelourinho, demarca sua história e sua circularidade na vida da população negra dessa cidade. A pintura a seguir, realizada pelo pintor Lucílio de Albuquerque, retrata como era o Pelourinho e o contexto das Portas do Carmo no início do século XX.

Imagem 16 - Igreja do Rosário, Pelourinho, óleo sobre tela.



Fonte: IPHAN, Acervo Digital. Pintura a óleo[55], [s.d.]. Lucílio de Albuquerque[56].

[55] Disponível em: https://acervodigital.iphan.gov.br. Acesso em: 01 jul. 2023.

[56] O artista era pintor, desenhista, vitralista e professor. A obra está sem uma data definida, mas provavelmente deve ter sido confeccionada volta segunda década de 1900, pois ele realizou exposição individual em Salvador em 1914. O pintor Lucílio de Albuquerque foi um pintor muito importante do início do Século XX, ele nasceu no Piauí em 1877 e faleceu no Rio de Janeiro em 1939 e estudou nas mais importantes escolas de artes do Brasil e do mundo, fez diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Para mais informações acessar: https://www.escritoriodearte.com/artista/lucilio-de-albuquerque. Acesso em: 01 jul. 2023.

O nome Pelourinho se refere ao pedaço de madeira fincado no solo, onde ocorriam as sentenças e se amarravam os negros escravizados, que eram capturados depois de fugas, ou que questionavam os maus tratos, ou participavam de insurreições. Eles e elas eram castigados/as publicamente, como forma de impedir novas fugas, mas a resistência sempre esteve presente na vida dessas pessoas. Foi nessa praça, bem próximo de onde se localiza a igreja, que, de acordo com Vilson Caetano de Sousa Júnior (2003, p. 113) "[...] cinquenta negros foram enforcados, em 1624, pelos holandeses, acusados de espionagem em favor dos espanhóis. Sem falar que, até 1730, era no pelourinho que os escravos recebiam sua sentença pública".

Esse chão de pedra fincada por nossos antepassados negros guarda memórias dolorosas e de emancipação, pois, no viés da resiliência, como nos diz a canção o sangue de quem tomou se torna força viva de paz, luta e resistência das negras e dos negros de hoje. Essa territorialidade resiliente onde os tombados na escravidão colonial de ontem, ou os desterrados, alcoolizados, dependentes químicos de hoje convivendo com a efervescência cultural negra e visitação turística fazem o Pelourinho acontecer. Ele e a Igreja do Rosário são espaços de resistência e de florescimento de culturas negras, onde as tradições negroafricanas podem ser percebidas, vividas e experimentadas.

A territorialidade é um fator de muita relevância para a comunidade negra. Para os povos Bantu, por exemplo, o espaço de vivência é marcado pela significação ancestral, na qual a terra tem um elo com a cosmovisão amplamente marcada pela ligação entre mundos. O Pelourinho, bairro/parte do Centro Histórico de Salvador – no passado, Rua das Portas do Carmo – também era o lugar de castigo público, onde ficava fincado o madeiro com esse nome para castigo das pessoas negras escravizadas. Nos tempos contemporâneos, foi ressignificado como espaço de efervescência cultural negra, onde as principais entidades de arte, capoeira e luta pela preservação da memória e história africanas na Bahia têm sede.

É nesse território de ambiguidades, de sofrimentos, mas também de afirmação histórico-cultural da população negra, que os irmãos e irmãs do Rosário requereram ao rei de Portugal a doação do terreno para a construção do seu templo. Eles obtiveram "[...] pelo alvará de 14 de abril de 1696, o terrapleno na rua que vai das Portas do Carmo para baixo, correndo a rua que está calçada para a parte Nordeste" (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975, [n.p.]). A construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, cuja Irmandade já funcionava desde 1604, nos porões da antiga Igreja da Sé, levou quase um século, iniciando-se, com planta, em 1704.

Em 1704, foi recebida a autorização para a construção do templo através da planta da igreja. Em 1710, irmãos e irmãs já celebravam atos religiosos na sua sede própria, edificada com seus recursos. Em 1718, a igreja começou a funcionar oficialmente, mas a obra continuava, porque ela era realizada pelos próprios irmãos, nas folgas dos seus afazeres, aos domingos e feriados, em um período de quase cem anos. Eles contaram com a colaboração de profissionais da construção civil daquela época, de modo que o estilo da obra seguia os padrões das diversas igrejas coloniais de Salvador (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975).

O Irmão António Nicanor enriqueceu essa discussão com o seu testemunho:

> [...] digo que aproximadamente 86 anos para que ela fosse, não é? Chegasse o que, mais ou menos o que é hoje. Que, assim, a construção é como as coisas de preto é até hoje. A gente compra um terreno, no caso daqui nós não compramos. Foi doação do rei de Portugal. Nós compramos um terreno, aí recebe o décimo terceiro nesse mês, aí compra meia dúzia de blocos, faz a fundação. Aí depois recebe mais um pouquinho, já suspende um pedaço. Os recursos entrando, eles iam trabalhando, e hoje nós temos esse belo templo, não é? Admirado pelo mundo. Então, gente tem, assim, umas coisas que acontecem que são difíceis de perceber. Eu não sou antropólogo, eu não sou sociólogo, eu não sou psicólogo, não sou nada disso (Nicanor, 2023).

Imagem 17 - Igreja do Rosário dos P. do Pelourinho em preto e branco

Fonte: IPHAN, Arquivo Digital[57]. Acesso: 15/05/2023

Situada na Antiga rua das Portas do Carmo, em uma praça de formato triangular, surgida após a demolição do cavaleiro e das portas que serviam de defesa para a cidade. O

[57] Disponível em: http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/14707/F037413.jpg?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 maio 2023.

Largo do Pelourinho – com a sua arquitetura do século XIX e os seus sobrados – constitui-se um interessante espaço urbanístico de Salvador. A praça integra o sítio tombando pelo IPHAN, fazendo parte do grupo que compõe os subdistritos da Sé e do Paço (Caderno de Curso de Treinamento e Manutenção de Patrimônio sem catalogação).

O edifício que sedia a Irmandade apresenta um notável valor arquitetônico; sua igreja tem corredores laterais, apresentando, no fundo, um pátio arborizado com o cemitério dos irmãos e o nicho dedicado à Escrava Anastácia[58]. No interior do templo, está situado o oratório do lado direito, no mesmo plano da fachada que se abre para a rua. As terminações da torre são de bulbo e revestidas de azulejos (Venerável Ordem Terceira do Rosário às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975).

Imagem 18 - Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho atual.

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos. Registro, Ir. William Justos
Acesso em: 21 jul. 2023.

As duas torres da Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho são um detalhe não muito observado pelos pesquisadores. Essas torres mostram a imponência dessa edificação junto às outras igrejas de brancos de Salvador. Foram construídas pelos negros e para os negros em tempos de escravidão, mantendo todo o rigor artístico, arquitetônico e cultural do século XVIII.

[58] A Escrava Anastácia como ícone de resistência da mulher negra escravizada nos tempos coloniais, também é considerada Santa por muitas pessoas. No capítulo 3, seção vamos situar a devoção Escrava Anastácia nesta Irmandade.

No artigo, uma reflexão sobre torres de igualdade da Igreja do Rosário dos Pretos, publicado na revista Carta Capital (2021), o irmão e historiador Júlio César Soares da Silva e a jurista negra Manuellita Hermes refletem sobre o quão extraordinário foi essa edificação para a sociedade. Essa igreja, construída com duas torres quando a maioria das irmandades e grupos da época não conseguia nem construir uma simples capela, foi um marco de resistência negra. Nesse sentido, os autores ressaltam que:

> Algo inédito dentro de uma sociedade escravista é o fato de uma Irmandade Negra possuir uma capela com duas torres, fato este que revela sua força, sua capacidade de organização e seu sustento econômico, baseado em laços de solidariedade. Uma vez que muitas igrejas da época não conseguiam sequer completar a construção, em razão das dificuldades econômicas e dos altos impostos cobrados pela Coroa, o êxito da finalização da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com duas torres, signo de ostentação de poder econômico e de importância, dado o alto custo da obra para o padrão da época, simboliza a resistência, a persistência e o atingimento de um padrão de igualdade em relação aos demais templos de brancos ricos (Silva; Hermes, 2021, [n. p.]).

As influências artísticas remetem ao neoclássico e ao rococó do final do século XVIII. Os revestimentos internos do templo, parte inferior das paredes, é em azulejaria portuguesa. Esses cilhares retangulares de azulejos contêm dez azulejos na altura e estão divididos em dez painéis: cinco de cada lado, interligados por molduras de pilastras cingidas nos azulejos. A figuração faz referência à devoção do Rosário, com várias cenas ilustrativas de milagres obtidos por intercessão de Nossa Senhora.

Por volta de outubro de 1871, algum discípulo de José Joaquim da Rocha pintou o quadro do teto da nave da igreja, pois este pintor faleceu por volta de 1812. Essa obra assemelha-se a pinturas, contendo mesmas figuras, feitas na Santa Casa da Misericórdia, na Igreja da Conceição da Praia e no teto da portaria da Igreja de São Domingos, todas creditadas a José Joaquim da Rocha. A pintura do teto retrata a primeira aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão, entregando-lhe o colar de contas denominado Rosário (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975.

Figura 19 - Teto da Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos. Acesso em: 15 maio 2023.

Com recursos próprios, os irmãos e as irmãs ergueram o templo com todos os requintes de beleza, arquitetura e arte da época, trabalhando aos sábados, domingos e dias santos. Com a colaboração assídua dos irmãos, construíram essa que é a Igreja dos pretos e pretas de Salvador. Em 1710, já se celebravam atos religiosos, e em 1718, começou a funcionar a igreja.

> Quebrando pedras, carregando madeiras, cativos, como forros, trabalharam e compraram às suas custas todo o material necessário para a construção da Igreja. Em 1718, ao menos a caixa do edifício já estava pronta e, por Provisão Régia de 27 de janeiro de 1724, foi efetuada a posse oficial. Nesse período, surgiu um conflito de interesses entre a Irmandade do Passo[59] e a do Rosário dos Pretos, uma vez que a primeira desejava apropriar-se do templo em detrimento dos direitos dos Pretos. Estes recorreram ao próprio Rei D. João V que, após várias tentativas, vão conseguir a confirmação de posse em janeiro de 1726, ao que foi respeitada (Venerável Ordem Terceira do Rosário às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975, [n.p.]).

Ainda conforme o mesmo Documento (1975), as obras da igreja continuaram até a segunda metade do século XVIII. Há muitos documentos que dão conta da ampliação, ornamento, interior e fachada. O altar mor foi confeccionado pelo entalhador João Simões. A escultura/imagem do nicho de Nossa Senhora do Rosário foi confeccionada por Antônio da Trindade de Vasconcelos. A escultura da imagem de Nossa Senhora do Rosário, no nicho

[59] A Irmandade do Paço tem sua igreja na Ladeira do Paço, um grandioso templo. Essa Irmandade ocupou a Igreja do Rosário na sua construção, apossando-se do templo, não desejando devolvê-lo aos irmãos do Rosário.

principal, foi elaborada por Antônio Trindade de Vasconcelos. As figuras do teto do altar fazem referência às mulheres que representam os quatro continentes: África, Europa, Ásia e América. Nas obras de 1797, o mestre de pedreiros Manoel Ferreira de Castro e Nascimento e os pedreiros Clemente de Sant'Ana, Nicásio da Silva e Clemente Antônio trabalharam nessa reforma. Esse mesmo mestre foi responsável pelo caiamento da fronte e da fachada (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975).

A construção do altar foi realizada pelo entalhador João Simões F. de Souza, entre 1870-1871, que fez um altar em estilo neoclássico, usando linhas e formas retas, com colunas caneladas e organizadas em diversos planos, característico desse período, além do uso de elementos estilosos na decoração e de aspectos do tom de mármore (técnica de escaiolas). Nessa reforma, esse mesmo entalhador recebeu a quantia de três mil e quatrocentos reis, para aperfeiçoar o retábulo da capela do altar mor e do Arco do Cruzeiro, levantar a capela mor, retirar a ordem composta por dois pedestais, guarnecimento das varandas, remates e arco do cruzeiro com emblema da irmandade (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975).

Imagem 20 - Nave da Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos. Acesso: 20 jul. 2023.

Observamos que esse templo articula estilos arquitetônicos barroco, rococó e o neoclássico, todos bem visíveis aos apreciadores da arte, da arquitetura do período colonial, observa-se algumas aproximações com elementos da cultura africana como é o caso do gradil.

Ela possui duas torres monumentais que simbolizam o poder e a inserção dessa igreja na qualidade das demais igrejas de Salvador desse período. O Irmão António Carlos Conceição Souza (2023) narrou sobre o gradil e o patrimônio material da igreja:

> Olha quanta Educação de patrimônio esse pessoal nos deixou! Olha a Interpretação do patrimônio! Temos os símbolos adinkras e aí a gente parte de *Sankofa* tem aí no gradil de entrada, já que representa esse *Sankofa*. Assim como tudo que a gente tem aqui tem representação, tem interpretação de patrimônio. Daí, nós fomos observando e olhando. Se você olhar, por exemplo, esse gradil aqui do altar, ele representa a introspecção: é o indivíduo voltado para dentro, para o seu interior, para dentro de si. E como ele está dentro de si mesmo, ao mesmo tempo, se você olhar de frente, ele está... você vê o *Sankofa*: é um olhar para o passado que te dá ou Horizonte para o futuro. Então são essas interpretações que a gente, na verdade, buscou para a gente poder ter entendimento melhor sobre a riqueza que essa casa tem (Souza, 2023).

Em julho de1872, foram assentadas a banqueta e as pilastras do altar mor, as quais são as bases principais da obra. Em 1876, a Irmandade enfrentou dificuldades financeiras que impediam a conclusão das obras e talha do altar mor. A entidade resolveu vender algumas propriedades, saldando as dívidas e dando continuidade à reforma.

No teto do altar, foram pintadas figuras de mulheres que representam os quatro continentes: África, Ásia, Europa e América. O douramento da igreja foi concluído em 1895, por Vitoriano Eduardo de Oliveira (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975). Nessa obra, observamos uma descrição detalhada do estilo barroco e arte sacras presentes no Inventário de 1975, porém, a maioria dos irmãos e irmãs não se apropriou desse conhecimento. Alguns poucos têm a segurança de falar sobre esses aspectos artísticos presentes no interior do templo, que é visitado turisticamente a semana inteira.

Outra marca arquitetônica que chama atenção nesse templo é sua azulejaria portuguesa nas paredes internas e na capela de Nossa Senhora das Dores. Esses azulejos devem ter vindo de Lisboa no final do século XVIII (1790), pois marcam o período de transição e o fim dessa produção artística portuguesa nesse período. As composições de enquadramento policromático e os centros figurados de pintura azul marcam o estilo artístico da transição secular. Nesse tempo, eram usadas técnicas dos marmoreados e esponjados roxos, verdes e azuis, sendo essa uma das mais observadas e curiosas decorações do gênero (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975).

Figura 21: Azulejos da Igreja do Rosário dos Pretos Pelourinho.

Fonte: AINSRP, Acervo Digital. Registro: Ir. William Justos, 2023.

As figurações desses azulejos, se referem à devoção do Rosário, contendo várias cenas ilustrativas de milagres obtidos pela intercessão de Nossa Senhora do Rosário. Seguem as descrições dos painéis que ficam do lado da Epístola[60] ou lado esquerdo:

1 Adoração dos Três Reis Magos a Jesus Cristo quando do seu nascimento;
2 Aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão para que divulgasse a devoção do Rosário;
3 Dois dominicanos ajoelhados imploram à virgem entre nuvens, enquanto à esquerda se vê uma igreja onde ocorre um incêndio;
4 Sob o púlpito[61], fuga da Família de Jesus para o Egito quando da matança das crianças de menos de dois anos pelo Rei Herodes;
5 Nossa Senhora com o Rosário salva um homem que caiu num poço, no qual se vê uma nora[62], bem típica da região estremenha[63], ao lado do evangelho[64];
6 Nossa Senhora aparece para um doente que impunha um Rosário;
7 Apresentação do Menino Jesus no templo para purificação;
8 São Domingos lançando o Rosário para um senhor ajoelhado;
9 Sob o púlpito, matança dos inocentes;

[60] Lado direito do celebrante, quando este está posicionado de frente para o altar.
[61] Tribuna, balcão ou plataforma elevada que fica na lateral da igreja, na qual o sacerdote, pastor ou pregador realiza o sermão.
[62] Instrumento usado para retirar água de poço, feito com uma roda de madeira.
[63] Refere-se à Província portuguesa de Estremadura.
[64] Na celebração, quando o sacerdote está de costas para o povo, à sua esquerda, fica o evangelho.

> 10 Nossa Senhora e alguns anjos dão coroa de flores para três devotos. (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos homens Pretos, 1975 [n.p.]).

Os azulejos que revestem a capela mor apresentam uma esplêndida e notável beleza. São dois painéis de cada lado, contendo dezoito azulejos de altura no eixo, os quais apresentam ordenação decorativa de elementos da arte neoclássica, recortados na parte superior, salientando, assim, a perspectiva dos tímpanos. O emolduramento policromático é de uma beleza espetacular, pois contrasta com os desenhos das figurações em azul, "pobre e convencional".[65] A descrição dos azulejos que ficam no altar segue as características abaixo:

> Do lado da epístola[66]: São José, com o Rosário na mão, assistindo a um possesso, de cuja boca sai um ser maligno; Jesus Cristo dando as chaves do céu a São Pedro.
> Do lado oposto, chamado de Lado do Evangelho, estão as imagens nos azulejos: São Domingos salvando um náufrago com o auxílio do rosário; a Parábola de Cristo transformando água em vinho no Casamento na Galileia (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1975 [n.p.]).

A capela de Nossa Senhora das Dores, que fica em uma das portas laterais da igreja, também apresenta azulejos portugueses. Estes estão estruturados em um silhar de dez azulejos, da altura de igual ornamentação decorativa, porém, com grandes medalhões ovais ostentando emblemas marianos com desenhos do sol, da lua e dos lírios.

Com um edifício de grande valor arquitetônico, essa igreja, a qual nós irmãs e irmãos do Rosário denominamos de nossa casa, apresenta corredores laterais, oratório situado do lado direito e no mesmo plano da fachada que se abre para a rua. As terminações são de bulbo, revestidas de azulejos e com duas torres. Apresenta um pátio arborizado no fundo, com cemitério dos irmãos e irmãs falecidos/as. O nicho de Escrava Anastácia se situa nesse espaço, no qual muitos devotos vêm reverenciá-la.

A igreja é tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN), Monumento N. 129 do livro de Belas Artes, folha 23, em 17/06/1938. Nesse tempo, a edificação passou por várias restaurações, sendo a última restauração no ano de 2011, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Situa-se na antiga Rua das Portas do Carmo, hoje Praça José de Alencar S/N, Largo do Pelourinho, Centro Histórico de Salvador (Instituto

[65] Avaliação depreciativa dos críticos que descreveram a obra nesse inventário, deixando-a registrada pelos escritores do inventário.
[66] Lado direito do sacerdote, quando este se encontra posicionado de frente para o altar.

do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, 1975, [s.p.]). Vilson Caetano de Sousa Júnior (2003) faz a seguinte contextualização do espaço territorial da Igreja do Pelourinho:

> A igreja localizada na ladeira do Pelourinho guarda uma profunda ligação com a população negra da cidade, bem como fortes laços com o povo de santo. Basta lembrar que sacerdotes de prestígio exerceram, como de costume, altos cargos dentro da irmandade. A própria Ialorixá Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, fundadora da Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá, que se orgulhava de sua "seita ser nagô puro", era Priora da Irmandade de Senhor Bom Jesus dos Martírios e de Nossa Senhora do Rosário (Sousa Júnior, 2003, p. 103).

Essa igreja é um espaço bastante movimentado, onde acontecem todas as atividades religiosas, culturais, educativas e sociais da Irmandade, acolhendo atividades outras quando solicitada para empréstimo. Ou seja, espaço de socialização, simbologias, comunalidades, alianças e fortalecimento espiritual, social e político da comunidade negra de Salvador. "Na Bahia setecentista, a importância real e simbólica da Igreja do Rosário da Baixa dos Sapateiros ou das Portas do Carmo para os confrades africanos e crioulos aí congregados justificava o embate com autoridades brancas, mas também com seus irmãos de cor" (Reginaldo, 2005, p. 143). Assim, desde o período colonial, esse espaço é justificado como de legitimidade da representatividade negra.

Tem sido de fundamental importância essa igreja para a Irmandade, que tem seu templo independente, uma sede própria que não apenas se dedica ao culto e celebrações religiosas, mas também interage com as diversas entidades sociais, culturais e políticas de Salvador. e para o Movimento Negro de Salvador. Várias ações e atividades de cunho educativo, reflexivo, artístico e cultural são articuladas nessa igreja. Em sua nave ocorre lançamentos de livros, seminários, encontros, palestras, apresentações de artes etc.

Essa igreja é uma casa viva, onde a expressão de religiosidade negra católica de Salvador pulsa. Na reverência aos irmãos negros e às irmãs negras, nossos antepassados, mantém-se a ligação com a ancestralidade africana. Em um diálogo profícuo com os diversos seguimentos da religiosidade e da sociedade soteropolitanas, ela segue imponente, erguida no largo do Pelourinho, demarcando uma territorialidade negra que se sustenta na fé, na resistência e nas tradições negroafricanas próprias do ser rosariano em Salvador.

3.4 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E CATOLICISMO NEGRO

No Brasil, especialmente durante os anos 1970, 1980 e 1990, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) se consolidaram como um importante movimento social e religioso dentro da Igreja Católica. Em particular, na região Nordeste, essas comunidades surgiram como espaços de fé e resistência, mesclando práticas católicas com elementos da cultura local, inclusive a cultura negra, em uma expressão única de catolicismo negro.

As CEB's, influenciadas pela Teologia da Libertação, eram pequenas comunidades onde os fiéis se reuniam para refletir sobre a realidade social à luz da fé. Elas representavam uma forma de prática religiosa marcada pela participação ativa dos leigos, que contribuíam para a construção de uma igreja mais próxima dos pobres e marginalizados. Essa forma de organização eclesial fortaleceu a presença da Igreja Católica em áreas rurais e urbanas, onde a presença do Estado era mínima ou inexistente, servindo como um veículo para a promoção da justiça social, educação e cidadania.

Sobre o surgimento das CEB's, Enrique Dussel (1989) afirma:

> As "Comunidades Eclesiais de Base" – que surgem em muitas partes da América Latina, mas principalmente no Nordeste do Brasil – serão a resposta para a organização cristã do povo como "Povo de Deus" (Lúmen Gentium do Concílio Vaticano II). Esta corrente impõe-se no catolicismo latino-americano (tanto o progressista quanto o de libertação) a partir de meados da década de 70 (Dussel, 1989, p. 43).

O Documento de Puebla destaca a relevância do respeito às tradições culturais dos diversos povos que habitam a América Latina. Acerca da constituição civilizatória dessa região do planeta, o documento assinala que:

> [...] é constituída de várias raças e grupos culturais com processos históricos diferentes. Não é uma realidade uniforme e contínua. Existem, contudo, elementos que constituem um patrimônio cultural comum de tradições históricas e de fé cristã. Infelizmente, o desenvolvimento de algumas culturas é muito precário. Na prática se desconhecem, se marginalizam e até se destroem valores pertencentes à antiga e rica tradição do nosso povo. Por outro lado, iniciou-se uma revalorização das culturas autóctones. [...]. Em razão de influências externas dominantes ou por imitação alienante de formas de vida ou valores importados, as culturas tradicionais de nossos países viram-se deformadas e agredidas, minando-se assim nossa identidade e nossos valores específicos (Conselho Episcopal Latino-Americano, 1979, p. 72).

É importante pontuar que, embora essa diretriz seja seguida por parte da Igreja na América Latina, essa é uma entidade com diferente viés ideológico e com grupos muitas vezes antagônicos. Observamos uma percepção ampla dos religiosos que elaboraram esse documento, o qual foi elementar para ampliação das CEB's nos diversos países nesse continente. A opção pelos pobres foi orientada pela influência dos bispos dessa região, ligados à Teologia da Libertação, tendo como princípio o ver, o julgar e o agir na transformação total da vida do pobre e oprimido. Frei Betto (1985) nos esclarece que as CEB's nascem em comunidades de fé, reunindo pessoas da mesma igreja, com propósitos comuns, buscando resolver os problemas e transformar sua sobrevivência. Essas comunidades fazem a leitura libertadora do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, caracteriza o autor:

> As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por meio de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores. Ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEB's podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias da periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão, a que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso da zona rural, onde cem ou duzentas pessoas se reúnem em uma capela aos domingos, para celebrar o culto (Betto, 1985, p. 7).

Essas comunidades surgiram como um movimento emancipatório, desafiando as estruturas de poder tradicionais tanto dentro quanto fora da igreja. Associamos a essas comunidades também o catolicismo popular e o catolicismo negro, que não somente as irmandades como também outras comunidades desenvolveram. Em suas reuniões, os membros das CEBs refletiam e refletem sobre as condições de vida de suas comunidades, discutiam e discutem ações coletivas e compartilhavam e compartilham experiências de solidariedade. Nesse sentido, as CEBs não apenas fomentaram práticas educativas, sociais e políticas, mas também foram pioneiras na prática da educação popular, conforme proposta por Paulo Freire (1978; 1992; 2016).

No campo da música, o canto e a oração, as CEBs incorporaram elementos das lutas negras, criando uma liturgia que ressoava as angústias e esperanças da comunidade. Cantos de resistência, hinos de libertação e orações que invocavam a justiça divina se entrelaçavam com a espiritualidade afro-brasileira, evidenciando a natureza híbrida e plural do catolicismo negro. Nesse sentido, a narrativa de nosso irmão colaborador, Antônio Carlos Conceição Souza (2023), acrescenta:

> E a experiência dentro dos Agentes Pastorais Negros foi muito significativa, porque, na verdade, eu vi nascer os agentes Pastorais Negros na década de oitenta, onde os encontros eram no quilombo central São Paulo, onde foi tido como quilombo e, depois, começou a surgir a possibilidade de se organizar em região: a região norte, nordeste, sudeste, centro-oeste. De fato, um dos quilombos que mais se destacou foi o nosso norte nordeste. A central, a princípio, no Maranhão, onde nós nos encontramos pela primeira vez no primeiro encontro nacional Norte Nordeste, foi em 1988. Em 88, ali no Convento Santo Antônio, São Luís do Maranhão e aí nós discutimos, o Nordeste todo, não é? Um dos nossos pontos de discussão, eu tenho fotos e registro disso, inclusive foi discutir uma teologia que tivesse a nossa cara [...] (Souza, 2023).

Os Agentes Pastorais Negros (APN) e as CEBs influenciaram diretamente a minha vida, enquanto oriunda da zona rural de Irará, Bahia, muitas das memórias narradas pelo Irmão Colaborador (Souza, 2023) representam também as minhas experiências, que entrelaçam às nossas vidas aos nós, contas e espaços do Rosário construindo escrevivência (Evaristo, 2020). Como já afirmou Evaristo (1992), vamos e voltamos nas contas do nosso Rosário, para nos posicionarmos no mundo, como sujeitos construtores da história em um diálogo constante com as diferentes entidades. Nessa perspectiva, as CEBs também dialogam com as irmandades e confrarias negras.

Além disso, a filosofia da Libertação, que defende a emancipação dos oprimidos através de uma leitura crítica da realidade, serviu como um marco teórico importante para as CEBs. Inspiradas por essa filosofia, as CEBs encorajavam seus membros a questionarem as estruturas de poder e a buscar maneiras de transformar a realidade de suas comunidades. Freire (1978) compreende a Teologia da Libertação como revolucionária, porque esse movimento e os seus teólogos contribuíram e contribuem, de maneira imprescindível, para a transformação e a libertação dos oprimidos. Em uma outra reflexão, o autor conjectura que, quando os oprimidos se libertam e não se deixam sucumbir pelos opressores, eles têm a competência de libertar também o opressor (Freire, 2016).

É importante frisar que, apesar das pressões e perseguições sofridas durante os anos de Ditadura Militar e das críticas recebidas de setores mais conservadores da Igreja Católica, as CEBs continuaram a desempenhar um relevante papel na sociedade brasileira. Elas contribuíram para a democratização da Igreja e para a promoção dos direitos humanos, para as lutas pela democracia política, marcando uma importante etapa na história do catolicismo brasileiro.

Seguindo essa discussão, as CEBs representaram uma expressão vigorosa de fé e resistência no Brasil durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Combinando elementos do catolicismo com aspectos da cultura popular, essas comunidades ofereceram uma resposta concreta aos desafios enfrentados por comunidades marginalizadas, redefinindo a prática religiosa e transformando a sociedade a partir de suas bases. A narrativa do Irmão Antônio Carlos Conceição. Souza (2023) reflete bem essa discussão:

> Era um trabalho voltado para dentro da experiência de Comunidades Eclesiais de Base. Então quero fazer, no nascer na comunidade, a partir da expulsão dos seus problemas e à luz da fé, buscar resolvê-los [...] então a fé e a oração caminhavam juntas com a vida da gente, e isso era muito gostoso, porque tudo era voltado para a partilha, na partilha da palavra, na partilha do alimento, na partilha do trabalho, da dor, mas também das alegrias, não é?! Daí, nós tínhamos um trabalho. Com a questão cultural, terno de reis com a Festa da Padroeira, nós temos um trabalho, para mim, voltado para os padroeiros dessas zonas rurais, onde se tinha, tanto na cidade quanto na zona rural, a questão dos Leilões. E, os festejos, não é? Que é diferente da capital, tudo isso, a gente era envolvido, eu lembro (Souza, 2023).

À medida que avançamos para os anos 90 e além, vemos que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) continuam a evoluir e se adaptar ao contexto social, político e religioso do Brasil. Ao longo desses anos, as CEBs têm enfrentado novos desafios, mas também têm explorado novas possibilidades de ação e intervenção na sociedade. Diante do exposto pelo Irmão Antônio Carlos Conceição Souza, é fundamental notar que a influência das CEBs se estende muito além do domínio religioso, especialmente nas comunidades rurais e nas pequenas cidades do nordeste brasileiro. Como movimento social, as CEBs se engajaram diretamente com questões políticas e econômicas, contribuindo para o fortalecimento da democracia no Brasil.

Durante o processo de redemocratização, as CEBs desempenharam um papel crucial na mobilização popular e na luta pelos direitos humanos. Suas ações contribuíram para o surgimento de novos movimentos sociais e para a formação de uma sociedade civil ativa e engajada. Elas tiveram uma atuação muito importante nas zonas rurais, conforme aponta o nosso irmão colaborador:

> Então, eu venho nessa caminhada, né?! Dizer Comunidades Eclesiais de Base. E aí, a gente é luta. Me lembro que, nessa época, a gente teve uma luta muito séria por igualdade de trabalhador rural com os da cidade na questão da saúde. Só quem era da construção tinha direito à saúde. Quem era trabalhador de carteira assinada tinha o INPS, hoje INSS. Então, naquele período, a gente já brigava. Inclusive, a briga era para tomada do sindicato rural. Porque o

> patronal conseguia governar os dois, né?! Botava uma pessoa laranja no sindicato do trabalhador rural, e o patrão ficava... o patrão mesmo. E aí foi, me lembro que a gente tinha na região a luta para descentralizar, para que o sindicato tivesse ficado na mão do trabalhador. E daí consegui fazer as lutas. Aí, nós temos a luta da semente, a luta da saúde, a luta das condições mínimas para poder se manter na zona rural e fazer o plantio, ter a colheita com resultado satisfatório. Isso era um trabalho muito junto do trabalhador da zona rural com os da cidade. Então nós nos fortalecíamos no outro (Souza, 2023).

Como agentes de educação, as CEB's têm promovido o desenvolvimento de competências e habilidades que vão além do âmbito religioso. Elas têm incentivado o pensamento crítico, a participação cidadã e a solidariedade comunitária, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e ativos em suas comunidades. Essas atividades envolviam as crianças, os jovens e os idosos. Neste sentido, as CEB's têm sido verdadeiras escolas de cidadania, formando gerações de lideranças comprometidas com a justiça social. De acordo com o nosso depoente, "[...] um trabalho voltado também para a comunidade, para atingir a camada jovem. Por sermos jovens também na época, questão da gincana era muito gostoso, porque, na verdade, envolveram os jovens nas escolas. A gincana era gigantesca [...]" (Souza, 2023).

> Eu venho do interior, de Conceição do Almeida, não é? Antes de eu chegar aqui em Salvador [...], sempre fui com a catequese. Da catequese, primeira comunhão. Me tornei, depois, catequista [...] depois, nesse período aí, como catequista pertencente a um grupo de jovens chamado JOSIPAC (Jovens se Preparando para Cristo), na época, bastante significativo na comunidade. Nós éramos jovens, nós saíamos visitando as comunidades. Nós temos um trabalho bastante social com velhos que moravam sozinhos. A gente ia para casa, fazer mutirão, ajudar na construção civil, né?! Pessoas que estavam com problema de moradia e tal. Ajudando, arrecadando alimentação para situações de pessoas vulneráveis, com a situação da fome, dando suporte àqueles que precisam de médicos, mesmo quando assistência médica naquela época, então era um... era um trabalho, assim, muito importante. Além desse trabalho, feito nas comunidades dentro da cidade, a gente tinha também o trabalho... aí não eram todos. Que era um pequeno grupo, quinta e sexta, para zona rural, onde nós fazemos esse trabalho, saindo no sábado e voltando no domingo, de visita, de celebração e de trabalho. (Souza, 2023)

No que se refere à música, ao canto e à oração, as CEB's têm mantido e reinventado uma rica tradição de expressão religiosa e cultural. Essas músicas também estão presentes no contexto da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Muitas das canções e orações surgidas nesse contexto refletem os temas de libertação e resistência, que são centrais à sua missão. Essas expressões artísticas e religiosas são uma forma poderosa de afirmar a identidade

negra e de manter viva a memória das lutas pela emancipação. Em seu depoimento, o Irmão Júlio ressaltou a relevância da juventude e da música para as celebrações do Rosário:

> As pastorais da Juventude do Meio Popular e as Comunidades Eclesiais de Base foram muito importantes na forma dessa nova maneira de celebrar do Rosário. Ofertório do povo, "quem disse que não somos nada, que não temos nada?" Essas músicas aí foi o finado Mola, José Salomão, Silene que hoje é professora da UNEB, nós fazíamos parte de um grupo chamado Polêmica Negra, em Pernambués. Na época, tínhamos um grupo chamado Ginga. Nós fomos convidados para a celebração de três meses de falecimento do Pe. François, um padre que era Obá de Xangô de um terreiro de Candomblé, [...] modificamos a melodia da música, e ela ficou. Quando fomos para a Igreja do Rosário dos Pretos, os primeiros instrumentos do Rosário dos Pretos, tocados no Rosário, foram do grupo chamado Polêmica Negra. Nós cantamos essa música no ofertório da festa de Nossa Senhora. Todo mundo gostou, e a música ficou. São coisas que já tem mais de trinta anos, desde que eu estou lá, nesses trinta anos, ela é cantada. Então são coisas que nós levamos e são muito importantes (Silva, 2021).

Esse relato nos mostra que a experiência das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 oferece um exemplo inspirador de como a fé pode ser vivida de forma ativa e comprometida com a transformação social. A história das CEB's é um testemunho da capacidade de resistência e renovação do catolicismo negro, e um lembrete do papel crucial que a religião pode desempenhar na luta pela justiça social. Essas comunidades continuam a ser um farol de esperança e uma fonte de inspiração para todos aqueles que aspiram a um mundo mais justo e equitativo.

Ao longo do tempo, as Comunidades Eclesiais de Base também têm sido espaços de interseção entre diversas tradições religiosas e culturais, apresentando-se como locais de diálogo e respeito mútuo. Essa abertura ao diálogo inter-religioso é particularmente evidente na incorporação de elementos da espiritualidade afro-brasileira. Isso não apenas enriquece a prática religiosa dentro das CEBs, mas também ajuda a construir pontes entre diferentes tradições, a combater o preconceito e a promover o respeito à diversidade religiosa. Trago uma narrativa um pouco extensa, mas bastante rica para entendermos a dinâmica das CEBs na zona rural de Conceição do Almeida. Na comunidade, essas ações estão imbricadas com o catolicismo popular, no entender do Irmão Colaborador:

> Eu venho das experiências das rezas, rezas santas [...], apesar de ter esse viés católico, de um catolicismo popular. As rezas de Santo Antônio, a reza de São Lázaro, São Cosme e São Damião, Santa Bárbara: rezas, a princípio, dentro do catolicismo popular, mas, no seu bojo, não é mesmo, estão ali sinais do africanismo dentro dessas experiências através da comida, que era o mugunzá,

> o caruru, o vatapá, o xinxim, a forma de fazer, inclusive, que era tudo feito no pilão. Naquela época, não se tinha camarão no interior e se fazia muita comida com xangó[67] seco pilado no pilão com farinha de guerra. E aí vai outras coisas que são os temperos que a gente utilizava no interior. Hoje, a modernidade chegou, mas, naquela época, não se tinha nada disso [...] nossos sambas, depois das rezas, tinham. Por isso que eu digo, era uma experiência de reza e de fé muito mais afro do que católico. Porque a reza era com cunho católico, mas depois da reza, o samba com caruru, com vatapá, com mugunzá, seja o que for. As entidades, às vezes, chegando afro-brasileira (Souza, 2023).

Como colocado na narrativa acima pelo Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023), no âmbito das comunidades negras, essa reinterpretação do catolicismo negro se desenvolveu de forma muito especial, como observamos no relato anterior. Submetidos à condição de escravizados, os africanos foram obrigados a adotar a religião dos seus senhores, mas fizeram isso à sua maneira, criando uma expressão de fé que se adaptava à sua realidade. Eles incorporaram elementos de suas crenças tradicionais e criaram um sistema de fé, uma nova maneira de se conectar com o divino. É notório que muitas dessas expressões ainda continuam presentes em diversas comunidades do país.

No futuro, as Comunidades Eclesiais de Base estão destinadas a continuar seu importante papel na sociedade brasileira. Seu comprometimento com a justiça social, a inclusão e a diversidade, bem como sua capacidade de se adaptar a novos desafios e contextos, garantem sua relevância contínua.

> E aí, você vê a forma de manter vivas as nossas antigas e ricas tradições. Era a forma que o nosso povo sempre buscou no espaço do outro. Manter vivo aquilo que eles têm para acreditar. Sempre fez manter vivo, de pé, para poder garantir o futuro dos que viriam. Essa é a grande verdade. Tudo isso com muita partilha, samba, com comida com samba, não é?! Os instrumentos de couro feito de bicho, couro de jacaré, couro de boi, né, de animais. Onde era feito os instrumentos com embaúba[68], não é? Era um onde se aquecia no fogo, para poder dar o tom bem, bem, bem, bem legal na hora do Samba. Tanto o tambor, quanto o pandeiro. Era o samba que se ia até de manhã, que era o samba ainda do tempo de candeeiro. Não se tinha luz elétrica, era no fifó[69] (Souza, 2023).

[67] O xangó é um tipo de peixe de água doce, pequeno, vendido seco e salgado, que se compra pendurado em palito. Com ele, podem-se fazer muitos pratos, inclusive, pode substituir o camarão seco no preparo de alguns alimentos da cozinha afro-brasileira. É um alimento muito utilizado pelas pessoas mais pobres das zonas rurais, por ser de preço acessível, comprado nas feiras livres das cidades do interior.

[68] Planta característica da região da Mata Atlântica, também característica de áreas abertas e desmatadas. Árvore de folhas grandes, que atrai animais para descansar nas suas sombras. O seu tronco é oco, muito usado para fazer instrumentos de percussão nas comunidades rurais da Bahia.

[69] Refere-se a um tipo de iluminação, espécie de candeeiro feito com uma lata de óleo de cozinha, um pavio e alimentado por querosene, muito utilizado ainda hoje nas comunidades que não têm luz elétrica.

Essa narrativa riquíssima do Irmão Souza (2023), nos remete a pensar nas tradições culturais negroafricanas presentes nas várias regiões da Bahia. Em Salvador, observa-se um entrelaçamento de pessoas que participavam dos Movimentos Negros e das comunidades eclesiais de base, como nos narra nosso irmão colaborador. Era uma teologia negra, que emergia das discussões de pessoas envolvidas em vários movimentos. Vale lembrar que fé e vida não se separam nem nas vivências das comunidades negras, nem das CEBs. Nesse sentido, segue mais um pouco da rica narrativa do Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023):

> Então se discutia, naquela época, teologia negra, uma teologia afro-brasileira, com base na missa dos quilombos, com base na missa zairense. Então, eu venho dessa caminhada, não é, de discussão que estava nascendo na época, não é? Onde estava nascendo, na época, o Olodum, onde estava se fortalecendo o Bloco Ilê Aiyê, onde estava surgindo aquelas discussões toda onde estava nação. De onde surgiu, de fato, as maravilhas dos blocos afros com aquelas maravilhosas e exposições dos desfiles aqui de Salvador, o Bloco Afro Araketu, o antigo bloco afro Araketu era uma maravilha. O Badauê, o Bloco Malê Debalê, e Muzenza eram sem preço (Souza, 2023).

As CEB's não são apenas um produto do seu tempo, mas uma força viva que, ancorada em suas raízes históricas e culturais, olha para o futuro com esperança e determinação. Como tal, elas são um testemunho propositivo da força do catolicismo negro e uma fonte inestimável de inspiração para a luta contínua por justiça e igualdade. Trazemos aqui, concluindo esta seção, um fragmento de um samba coco, cantado na região de Conceição do Almeida, rememorado pelo Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023), uma arte que encanta, alegra e faz pulsar as memórias e que alimenta a tradição:

> Plantei meu pé de banana na beira do riacho
> Plantei na segunda-feira, terça-feira deu um cacho
> Eta que coisa bonita que eu acho
> banana madura em cima do cacho
> Deixando as de cima, comendo as de baixo,
> Que horas vai que hora vai minha beleza?
> Que horas? Que hora vai? Que hora?
> (Samba Coco, Autoria Popular).

Podemos observar toda uma dinâmica educativa nos processos que estamos descrevendo, a presença de uma dinâmica inspirada nas tradições negroafricanas que enriquece nosso imaginário e amplia os conhecimentos. Pois, basta atentarmos para o sentido de que as diversas ações não ocorrem isoladamente, mas em um contexto de circularidade, e vão contribuindo para compreendermos o objeto de estudo, que é a educação, a memória e a

contemporaneidade das tradições negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Os sabervivências são construídos pela coletividade, com interações entre diversos grupos de ação que podem ser o Movimento Negro Unificado, as CEBs, os blocos afros de Salvador, as comunidades quilombolas, as religiões de Matriz Africana ou, como costumamos chamar, os povos de terreiros. Um mosaico de culturas, tradições e heranças africanas e afro-brasileiras que enriquecem o modo de ser e estar no mundo.

3.5 A RELAÇÃO DO ROSÁRIO DE SALVADOR COM OUTRAS IRMANDADES DO BRASIL

Nos anos 1990, a Irmandade do Rosário dos Pretos iniciou um movimento de convidar outras irmandades de outros estados para participar das suas festas realizadas em outubro. Entre essas irmandades convidadas, estavam as de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que viajaram para Salvador para se juntarem à celebração. Essa iniciativa tinha como objetivo fortalecer os laços de fraternidade e cooperação entre as irmandades e promover a troca de experiências culturais.

A Irmandade do Rosário dos Pretos de Salvador sempre tem a presença das diferentes irmandades de Salvador em suas festas, como noticiou o Jornal *A tarde* em 1998.

Em 23 de outubro de 1998, o jornal *Tribuna da Bahia*, na Coluna *Ba-ti- cum*, de Agnaldo Santana, trouxe um parágrafo dando a notícia que, em média, quarenta confrades da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São Paulo estavam em Salvador, para participar dos festejos dos 313 anos de criação da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Essa reportagem mostra a dinâmica que rege essa entidade há muitos anos, manter contato e festejar sua padroeira com outras confrarias congêneres.

A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho tem uma história rica que colabora significativamente para entender a história da população negra brasileira. Essa Irmandade teve e tem um papel fundamental na preservação das tradições culturais negroafricanas e na resistência contra a opressão. Ao longo dos anos, a Irmandade do Rosário dos Pretos estabeleceu laços de cooperação com outras irmandades em diferentes partes do Brasil.

Conforme nossas pesquisas nos arquivos da Irmandade do Rosário dos Pretos e nossas vivências, constatamos que ela também visitou outras comunidades e irmandades no Brasil, como a dos Arturos, em Minas Gerais, a Irmandade de São Benedito da Praia Grande, a Confraria do Rosário dos Homens Pretos de Olinda e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário

de Ouro Preto. Essas visitas proporcionaram a oportunidade de conhecer outras realidades e experiências, enriquecendo ainda mais o intercâmbio cultural entre as irmandades.

3.5.1 A Confraria dos Homens Pretos de Olinda

Uma confraria e uma irmandade são associações religiosas, mas possuem diferenças sutis em suas origens e funções. As confrarias, geralmente, são associações de leigos que se organizam em torno de uma devoção específica, um santo padroeiro ou uma prática religiosa, muitas vezes com um foco em atividades caritativas ou de apoio mútuo entre seus membros. As irmandades, por sua vez, também são compostas por leigos e podem ter propósitos semelhantes, mas frequentemente estão mais ligadas a uma igreja ou a uma ordem religiosa específica, com uma estrutura hierárquica mais definida e uma ligação mais forte com a liturgia e o culto religioso oficial. Em algumas regiões e contextos históricos, os termos podem ser usados de maneira equivalente, porém a principal diferença reside na ênfase e na organização de suas atividades religiosas e sociais.

Assim, situar a Confraria do Rosário de Olinda no contexto dessa pesquisa nos ajuda a compreender um dos objetivos dessa pesquisa, que a relação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho com outras irmandades do Brasil. Entrevistar as Irmãs Cecília Canuto de Santana de Olinda Pernambuco e Solange Sabino Palazzi de Ouro Preto Minas Gerais, enriqueceu bastante o contexto da investigação, pois ampliou ou conhecimentos sobre as irmandades na atualidade.

Assim como em outros estados brasileiros, Pernambuco também foi um dos locais que recebeu um grande número de escravizados no século XVI, e é um estado marcado por um significativo número de irmandades negras. Consta que Olinda abriga uma das mais antigas igrejas dedicadas aos homens pretos, ela é datada de 1621. De acordo com Patrícia Mulvey (1982), Pernambuco abrigou, pelo menos, vinte irmandades de pretos e pardos, dentre estas, pelo menos doze eram de devoção à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Pernambuco e Bahia trazem histórias que se assemelham quanto ao significativo número de irmandades e confrarias negras criadas e que funcionaram por muitos anos. Das dezenas de irmandades negras criadas pelos irmãos e irmãs do Rosário, algumas continuam atuantes como essas que fazem parte dessa investigação.

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda, entidade de grande importância para a comunidade negra pernambucana e brasileira, foi fundada no século

XVII, em uma época de intensa exploração e subjugação do povo africano. Entretanto, somente em 1786, no século XVIII, é que seu estatuto foi legitimamente confirmado por alvará de Dona Maria I, um marco que consolidou seu papel fundamental na sociedade de então. Muitos pesquisadores, a exemplo de Scarano (1976) e Brandão (2019), ressaltam que as irmandades floresceram em Pernambuco nesses séculos.

Como muitas outras confrarias e irmandades negras do país, a Confraria de Olinda angariou recursos para construir a sua própria igreja, considerada a mais antiga do Brasil erigida por negros. Este feito é mais do que uma simples construção arquitetônica, é um testemunho tangível da perseverança, do esforço coletivo e do poder de autodeterminação da população negra em meio a um contexto de escravização, opressão e marginalização. Na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho também. A luta para angariar recursos para a construção do patrimônio material foi intensa, por isso a igreja levou em média oitenta a cem anos para que a construção fosse completamente concluída.

Ao longo dos séculos, a Confraria se destacou por suas práticas culturais e religiosas, que reafirmaram a sua identidade africana e construíram um importante legado histórico e cultural. A coroação de reis e rainhas, assim como o culto aos ancestrais, são exemplos de como a Confraria conseguiu manter viva a herança africana em terras brasileiras, permitindo que as gerações subsequentes tivessem um elo direto com suas raízes ancestrais. Marina de Melo Souza (2002) ressalta que a cidade de Olinda se configura como um dos locais onde se tem relato da Festa de Rei Congo a partir de 1666.

Entre as manifestações religiosas da Confraria, a Noite dos Tambores Silenciosos destaca-se como um evento de profunda relevância não só para o estado de Pernambuco, mas para todo o Brasil. Realizada no Sítio Histórico da Rosário, em Olinda, esta cerimônia noturna é uma homenagem reverente aos ancestrais negros. À meia-noite, em um momento de respeito e reverência, maracatus da região se reúnem para honrar aqueles que perderam a vida pela escravização. Entre os maracatus participantes estão a Nação Tigre, a Nação Estrela de Olinda, o Maracatu Rei do Malunguinho, a Nação Pernambuco, a Nação Luanda, o Leão Coroado, dentre outros.

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda enfrentou desafios significativos nos tempos recentes e, desde 2005, está sob intervenção arquidiocesana. Este fato tem suscitado lutas internas para a retomada das suas atividades. Apesar dessa situação difícil, a Confraria não parou suas atividades, e os seus membros ou irmãos continuam a lutar pela retomada efetiva da sua autonomia.

A Confraria representa muito para a população negra de Olinda, sendo uma referência de organização social negra. Para a comunidade afro-brasileira, a Confraria é um exemplo de resistência, um farol de memória histórica e uma prova viva da perseverança de um povo que nunca se curvou diante das adversidades ([Canuto] Santana, 2022). A continuidade da Confraria após muitos anos de interdição e dos desafios, é uma demonstração do espírito resiliente dessa comunidade negra e de sua incessante luta pela preservação de sua cultura e história. Em resumo, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda é um legado inestimável, cujo significado transcende a sua própria existência e se torna uma referência para toda a comunidade afro-brasileira.

Imagem 22 - Igreja da Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda- PE

Fonte: Guillen (2020). Acesso: 30 jun. 2023.

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda foi fundada no século XVII. Somente no século XVIII, em 1786, que o estatuto foi realmente confirmado por alvará de Dona Maria I. Como a maioria das confrarias e irmandades negras deste país, angariou recursos e construiu sua igreja, que coroou reis e rainhas em tempos mais remotos, como também desenvolveu culto aos ancestrais, esse compromisso continua regendo a Confraria na atualidade. (Confraria de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos de Olinda, 1786).

Imagem 23 - Confraria do Rosário dos Homens Pretos de Olinda- PE

Fonte: Arquivo pessoal Irmã Cecília Canuto Santana, [s.d.].

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda, ao longo de sua existência, foi muito mais do que apenas um grupo religioso: tornou-se uma força de resistência e preservação da cultura afro-brasileira. Um dos eventos mais importantes organizados pela Confraria é a Noite dos Tambores Silenciosos, um evento que tem profundo significado cultural e espiritual ([Canuto] Santana,2022).

Este evento reverencia os ancestrais africanos que foram trazidos para o Brasil durante a escravização. A cada batida do tambor, é feito o chamado para os espíritos daqueles que sofreram e morreram durante os horrores do tráfico transatlântico de escravizados. Para esse evento, a reunião de diferentes maracatus – Nação Tigre, Nação Estrela de Olinda, Maracatu Rei do Malunguinho, Nação Pernambuco, Nação Luanda, Leão Coroado, entre outros – é um testemunho da força coletiva, da união na diversidade e pela religiosidade afro-brasileira. A Irmã Cecília Canuto de Santana (2022) ressalta que:

> Nesse contexto, a gente começa a criar alguns movimentos e até então junto com a prefeitura, a exemplo deles é a noite para os tambores silenciosos, não é? Iniciou a primeira edição em 2005 que a gente consegue reunir os maracatus. A Noite para Tambores Silenciosos inclusive parte da confraria esse movimento, juntamente com os maracatus que realmente são também, assim como a comunidade e a confraria que realmente são os protagonistas. [...] o meu tio João já tinha falecido, substituiu ele o meu tio Nilson. E aí meu tio Nilson vem, morreu em 2006. Em 2005, a gente faz a noite para os tambores silenciosos, a gente faz a semana da África, do 25 de maio dia de África do Brasil e outros eventos paralelos. E, naturalmente, houve essa indução de que você fosse fazer as coisas pelo Rosário, em prol da cultura e tal. Mas, mesmo assim, a gente ficava porque era natural ([Canuto] Santana, 2022).

Imagem 24 - Noite dos Tambores Silenciosos Olinda - PE

Fonte: Jornal Diário de Pernambuco. Acesso: 01 jul. 2023.

No entanto, a Confraria enfrenta desafios significativos. Desde 2006, está sob intervenção arquidiocesana, uma situação que afetou a autonomia da organização. A luta dos irmãos da Confraria para retomar a autonomia e controlar totalmente as suas atividades é uma expressão da determinação e da resistência que caracterizam a história da Confraria e da comunidade negra em Olinda.

> [...] primeira vez uma intervenção dentro da Irmandade de 2006, 2010, 2012, vem uma intervenção mais forte é uma intervenção, até atenção a intenção é do padre que estava chegando na paróquia e queria fazer alguns ajustes antes da eleição, após o falecimento do provedor. Só que, passados quatro anos, existiu uma, uma intervenção mais profunda e institucional da própria Arquidiocese de Olinda e Recife e não seria só no Rosário. Mas seria também em todas as irmandades que possuíam igrejas na região metropolitana. Então, quando essa intervenção acontece, a irmandade deixa de executar o papel de zeladoria, de administração da igreja e passa a ser o padre enviado pela arquidiocese através de uma comissão de intervenção. Essa comissão de intervenção era formada por um padre né, liderada por um padre, contadores e advogados contratados, pessoas que estavam ali só para exercer um trabalho, não tinha nenhum aspecto religioso, muito menos de trato com a Irmandade. Os padres também que vinham, nesse momento, até eles evitavam trazer padres das ordens religiosas, como beneditinos, franciscanos. E eles começam a trazer só diocesanos ([Canuto] Santana, 2022).

A Confraria, considerada por seus membros como uma referência de organização social negra em Olinda, com a intervenção, perde a sua autonomia, passando a ser regida por um grupo que não conhece as especificidades daquela entidade. Quando ocorre um fato desse, mesmo em uma sociedade que, muitas vezes, marginaliza e esquece a contribuição dos negros para a

formação da sua identidade, a Confraria continua a lutar, a desempenhar o seu papel crucial na preservação e na celebração do patrimônio cultural africano.

A nossa irmã colaboradora Cecília Canuto de Santana (2022) enfatiza importância do contato com outras irmandades, para o fortalecimento da luta pela retomada da sua história que se estagnou com a intervenção, a qual vamos tratar em sessão posterior, mas já trago uma pista aqui para situar que nem todas as irmandades estão tendo o direito de administrar o seu patrimônio e desenvolver as suas atividades livremente dentro da Igreja Católica.

> [...] diante desses fatos todos que ocorrem, naturalmente que a comunidade do Rosário e a própria Confraria fica fragilizada e acho que Nossa Senhora do Rosário, ela sempre vai dando os caminhos. Quando você menos espera, você já tem que encará-lo, não é? Mas que, no meu caso, foi um grande prazer e um grande desafio. Recebi a ligação do irmão Nicanor da Irmandade do Rosário Salvador, eu estava passando por uma situação difícil, porque no momento que a gente... sempre... mesmo com a intervenção, a gente fazia movimento, participando, mesmo que com a intervenção, para mostrar que a gente estava ali! Então a Noite para os Tambores Silenciosos, mesmo com a intervenção, não deixou de acontecer [...] ([Canuto] Santana, 2022).

Diante do exposto, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda, ao longo dos séculos, tem tentado resistir e perseverar, uma entidade que desafia a opressão e celebra a diversidade e a riqueza da cultura afro-brasileira. A sua história é uma lição de resiliência e persistência, uma afirmação constante do legado africano no Brasil e uma inspiração para todas as futuras gerações que lutam pela igualdade, justiça e reconhecimento. Sua luta para retomar a autonomia é mais um capítulo nessa história de resistência, é uma luta que toda a comunidade afro-brasileira, mas especialmente das Irmandades que se uniram para que juntamente com a Confraria possam traçar estratégias para se manter ativa no contexto da Igreja Católica eurocêntrica, de bases conservadoras pautadas nos ideais da branquitude.

É relevante acrescentar que essa Confraria, tem realizado uma luta muito grande juntamente com as outras irmandades para que ocorra uma articulação e o fortalecimento dessas associações negras na atualidade. Mesmo em processo de intervenção, na qual ela não pode tomar suas decisões livremente. Observa-se uma articulação de estratégias na perspectiva de se manter viva e atuante.

Nesta pesquisa, quando tratamos da educação nas irmandades, percebemos que esse processo educativo irrompe a luta coletiva, a ação política. O irmão Antônio Lima Nicanor (2022) relata sobre a finalidade de cada irmandade ou confraria: “[...] ela foi criada em um dos objetivos dela, era socializar. O objetivo primeiro, evangelizar [...]. Ela foi criada para politizar.

Ela foi criada para isso". Penso que a educação nos instrumentaliza para isso, a luta seja interna ou externa em busca do respeito. No caso da Confraria do Rosário de Olinda, a luta imediata é pelo direito de existir, como assinalou a Irmã Cecília Canuto de Santana (2022).

3.5.2 Irmandade do Rosário de Ouro Preto

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto, situada na antiga Vila Rica, em Minas Gerais, é uma instituição de monumental significado histórico, social e cultural. Fundada no ano de 1715, esta Irmandade delineou-se, durante o século XVIII, como uma entidade primordialmente constituída por pessoas de origem africana, um espaço profícuo de resistência e expressão da identidade negra no âmbito eclesiástico.

A Igreja do Rosário de Ouro Preto tem arquitetura barroca e se assemelha à Igreja de São Pedro dos Clérigos do Porto e do Rio de Janeiro. A edificação dessa igreja é uma manifestação dessa história, um monumento de pedra e argamassa que, em silêncio, conta a história de resistência e resiliência dos negros em Ouro Preto. Cada detalhe da sua arquitetura e cada rachadura em suas paredes falam das gerações de negros que se uniram na fé, que buscaram consolo em tempos difíceis e que encontraram maneiras de expressar sua identidade e humanidade em uma sociedade que, muitas vezes, negava-lhes ambos.

Imagem 25 - Igreja do Rosário dos Pretos de Ouro Preto - MG

Fonte: Crônicas Macaenses. Acesso: 23 jul. 2023.

A presença negra na Irmandade perdurou até meados do século XIX, talvez início do século XX, momento em que se assistiu a uma transformação significativa na composição deste grupo. Em uma época de crescente tensão social e racial, os homens negros, outrora detentores

de um papel preponderante nesta fraternidade religiosa, foram desaparecendo, culminando em uma transição demográfica notável na virada para o século XX. Nesse sentido, cabe refletir que, possivelmente, a Irmandade fora embranquecendo com o tempo, foram morrendo as pessoas negras da Irmandade, não entrou nenhum homem negro ou mulher negra, e o quadro de irmãos e irmãs foi se recompondo com pessoas brancas, arrisquei-me a fazer essa conjectura, mas uma outra leitura também é possível.

A Irmã Maria Rosa Santos (2023) afirma que, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, embora houvesse, por determinação do Compromisso, a prerrogativa de esta entidade ser formada por pessoas negras de ambos os sexos, o fenômeno do embranquecimento já é perceptível.

> Mas tem outros, minha filha, que está aqui por beleza, porque eu vou botar a roupa da irmandade, eu quero ser irmão do Rosário, você vê que a maioria dessas todas claras, essas pessoas claras que tão aí, no nosso tempo antigo, não entrava no Rosário. Dona Isolda que deu o que falar. Isolda foi uma irmã emérita[70] [...]. Sabe por quê? Ela fez uma promessa a Santo Antônio de Categeró, ela vem com o filho nos braços, passando mal, aí seu Júnior, vinte e um o que ele tem que falar, e ela ajoelhou nos pés de Santo Antônio de Categeró. E ficou seu Júlio de um lado, eu do outro, e a gente fazendo oração. Então assim ele ficou, saiu daqui o menino, já estava bem. Aí ela, o filho dela é daqui. Ele é dono daquela Escola Didática da Liberdade, mas não vem aqui não [...]. Nas festas de Nossa Senhora, ela ajudava o que podia, ela fazia caruru para distribuir, ajudava na feijoada, ajudava no bacalhau. Tudo era uma pessoa que ela ajudava. Agora, ela chegou a vestir a roupa mesmo ([Rosinha] Santos, 2023).

O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021) demonstra uma preocupação pertinente com a distribuição desse título de irmão benemérito indiscriminadamente, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, pois há pessoas que já estão no Rosário participando de outras irmandades ou devoções, mas que estão almejando o título, por serem consideradas brancas. Assim reflete o Irmão:

> É uma das coisas que eu sempre chamei atenção na Irmandade: que essa Irmandade não pode crescer muito. Ela acaba, ela perde totalmente a sua essência. E a Irmandade, ela está enchendo muito. [...] Nós tivemos uma discussão. Há uma coisa do passado que está acontecendo hoje, que é dar diploma de irmão Benemérito para duas pessoas. [...] não tenho nada contra eles, mas, aí surgiu a discussão de que eles vão usar, ele usou, vestiu o hábito? Tem um artigo de João José Reis, da *Revista Tempo*, ele vai falar da

[70] A irmã chama de emérita o que chamamos de irmãos (as) beneméritos (as): são ou eram pessoas brancas que ajudavam financeiramente na Irmandade. Como eles ou elas não eram admitidas (as) na Irmandade por causa da prerrogativa étnica, esses e essas recebiam o título de Irmão (ã) benemérito (a).

> constituição da Irmandade, mas também vai dar entender de que a Irmandade precisava de suporte para poder sobreviver [...]. Que eram coronéis, que eram políticos que recebiam título de Irmão Benemérito. Antônio Carlos Magalhães foi um dos últimos a receber título de Irmão Benemérito. Você coloca Irmão Benemérito, ele vai questionar qual os direitos que ele tem. Mas isso não está explicado lá no Compromisso, e nem traz mais essa designação, mas já aconteceu (Silva, 2021).

Analisando o Regimento Interno da Irmandade aprovado em 2017, ele esclarece que o título Irmão Benemérito deve ser concedido pela Irmandade àquelas pessoas que, de forma espontânea ou por convite, tiverem a sensibilidade de colaborar com a Entidade. Assim, seja com serviços ou com uma quantia, poderá ser aprovado, em gesto de agradecimento, pela Mesa Administrativa e receberá uma medalha como agradecimento fraterno e, sem que esse gesto se configure sua admissão como irmão efetivo da Irmandade (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017).

Observamos que diferentes nuances podem ocorrer na dinâmica das irmandades negras. Ao refletir sobre essas questões, quero levar o leitor a compreender as complexidades de uma irmandade negra na contemporaneidade, que é marcada pelo questionamento desses lugares demarcados, e, ao mesmo tempo, dialogar com as tradições para buscar alternativas às problemáticas que se apresentam nas relações e convivências. Também quero citar as limitações e as dificuldades que cada irmandade enfrenta. Acerca da questão de Ouro Preto, em um diálogo com o Rosário dos Pretos, trazemos para os círculos de discussões algumas questões que nem sequer eram pensadas por alguns de nós, irmãos e irmãs do Rosário, a exemplo dos processos educativos que permeiam todas as ações que descrevemos ou damos visibilidade nesta tese.

A região próxima à Igreja, o bairro do Rosário, nunca foi uma área de habitação comum para a comunidade negra, ao contrário do que poderia sugerir a presença marcante desta população na Irmandade. O Rosário, já naquela época e mantendo-se até os dias atuais, ostentava um *status* quase nobre, sendo uma zona de moradia preponderantemente branca. A Igreja do Rosário, portanto, situava-se em um contexto geográfico que contrastava com a composição étnico-racial de sua congregação original. Isso não justifica a irmandade hoje não ter membros negros na sua composição

As desigualdades raciais no Brasil, sob o prisma da ideologia da democracia racial, escamoteiam o racismo que estrutura as relações raciais neste país. Nesse sentido, como bem ressalta Sueli Carneiro (2002, p. 10), "[...] as desigualdades raciais podem ser resumidas na frase que já se tornou um lugar-comum: 'pobreza tem cor no Brasil, é negra'. Os lugares de prestígio são usurpados pelo privilégio branco, e a população negra é vilipendiada de ocupar

territorialmente, socialmente, economicamente e politicamente os lugares dessa sociedade". Nos espaços das Irmandades negras, isso também pode ser observado.

Quando os negros se retiraram ou foram excluídos gradativamente da Irmandade, os habitantes brancos do bairro do Rosário, que até então eram meros espectadores das atividades eclesiásticas, assumiram as rédeas da instituição. Esse fenômeno implicou não apenas uma mudança na direção administrativa, mas também uma transformação na identidade e na missão da Irmandade, pois agora comandada por indivíduos cuja vivência e experiência diferem grandemente daqueles que haviam fundado e mantido a entidade ao longo de mais de um século. Embora se tente uma aproximação com os congados, pelo que foi exposto pela nossa colaboradora, não há interesse dos atuais irmãos em a Irmandade voltar a acolher a população negra de Ouro Preto.

> Na Irmandade, para te ser sincera, até hoje, discutir a questão da negritude é uma dificuldade, porque, de uma maneira geral, as pessoas entendem o seguinte: não, a gente aceita os congados, a gente aceita os reinados, então a gente não tem preconceito. Agora, se eu chegar lá e fizer uma proposição nesse sentido, vamos é, convidar pessoas negras retintas para estarem conosco na Irmandade, para retomar o perfil dos homens negros, aí eu estou querendo arrumar confusão. [...] Não é só a Irmandade, a Igreja de Minas Gerais, a Arquidiocese de Mariana, para que fazer isso, se os negros não se sentem mal acomodados dentro da igreja, sabe essas coisas? [...] Aí, a gente sofre uma dupla, uma dupla luta, porque até o povo negro não se reconhece negro. Eu sou negro? Porque, a partir do momento que ele se assume negro, ele busca sua transformação [...] (Palazi, 2023).

Essa mudança na Administração da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto não é um mero detalhe histórico, mas um marco que evidencia as complexas dinâmicas raciais e sociais que permeiam a história do Brasil. A saída dos negros da Irmandade e a consequente ascensão dos brancos à liderança da instituição é um reflexo das contínuas lutas contra as desigualdades sociais e raciais provocadas pelos quase quatro séculos de escravidão, pela colonialidade que ainda impera no país, pelo pouco reconhecimento e pouca representação que marcaram e continuam a marcar a trajetória da população afro-brasileira.

No entender de Lélia Gonzalez (1983, p. 228), "[...] como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Em uma primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica, de maneira especial, sobre as pessoas negras", onde elas são culpabilizadas ou se culpabilizam pelos efeitos desse racismo em suas vidas. A Irmandade do Rosário de Ouro Preto talvez não perceba por que a história dos negros na irmandade foi ocultada pela ideologia racista que impera na sociedade e na Igreja.

A Irmã Colaboradora Solange Palazi (2023) acrescenta que:

> [...] O século XVIII, ele era do povo negro dentro da igreja até meados do século XIX, mas, na passagem do XIX para o XX, os homens negros se retiram da irmandade e ela e os brancos do bairro do Rosário, porque os negros nunca moraram perto da igreja, porque o Rosário hoje, e já naquela época, era tipo como o bairro nobre frequentado por negros [...] então quando os negros saíram, os moradores do entorno assumiram a igreja. E a questão da negritude na igreja e na irmandade do Rosário tinham sumido. E eu comecei a atuar lá dentro no sentido de buscar essa ancestralidade, dos homens negros da Irmandade, porque até o nome de homens negros na Irmandade tinha ficado muito esvanecido (Palazi, 2023).

É muito importante essa colocação da nossa colaboradora Irmã Solange Palazi, pois, em várias partes do Brasil as Irmandades negras foram perdendo seus membros negros e não adentaram outros congêneres, mas sim uma população mais embranquecida fenótipa e culturalmente, ou quando não ocorreu a dissolução da irmandade por completo.

A riqueza cultural de Ouro Preto e Minas Gerais está alicerçada pelas cosmologias negras ou afropindorâmicas, como ressalta Nego Bispo dos Santos (2023). Nas comidas, nos congados, nas irmandades negras, nas religiões de matriz africana. Embora a Irmã Solange Palazi não registre a existência de comunidades quilombolas em Ouro Preto, ela reconhece a presença das culturas e as contribuições dos povos negros na Irmandade de que faz parte, assim como, na comunidade ouropretana.

A história da Irmandade do Rosário de Ouro Preto, embora tenha sido embranquecida, não termina aí. Ela perdura até hoje como um símbolo de resistência e persistência, um lembrete tangível do legado africano em Ouro Preto e, por extensão, no Brasil. A Igreja do Rosário continua a ser um marco arquitetônico e histórico, uma prova da contribuição permanente do povo africano para a construção da sociedade brasileira. A reaproximação com os congados se torna uma forma de aproximação com as raízes negroafricanas. A coexistência com os elementos das culturas negras é imprescindível para a reafricanização da Irmandade de Ouro Preto.

Nesse sentido, a trajetória da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto é um exemplo da complexidade e da riqueza da história afro-brasileira, observando que a comunidade de Ouro Preto, embora tenha um movimento negro atuante, continua levando uma ideologia da mestiçagem. As transformações que esta instituição atravessou ao longo dos séculos são um reflexo das lutas, dos desafios e das conquistas do povo africano no Brasil, uma história de resistência e resiliência que continua a inspirar as gerações atuais. E uma das manifestações culturais mais importantes do estado de Minas são os congados.

Leda Martins (2021a) afirma que, enquanto o sistema escravocrata fez a incorporação da coroação de reis negros como forma de controlar os africanos e seus descendentes, essa ação foi apropriada pelos próprios negros, e esses se reapropriaram de diversas formas de organização ancestral, social e ritualística aprendidas na África e redimensionadas em terras ameríndias. Seguindo essa reflexão, conforme o entendimento de Leda Martins (2021a), os referenciais africanos ou negroafricanas poderiam estar inclusos nas celebrações e cerimônias dos reinados de Nossa Senhora do Rosário, popularmente conhecidos como congados, nos quais os santos católicos são festejados aos moldes africanos.

Com a mudança de poder da Irmandade para os moradores brancos do bairro do Rosário, a Igreja passou a ser o centro de uma disputa simbólica, onde ecoam as complexidades raciais do Brasil. Esta transição forçada, contudo, não eliminou o significado da Irmandade para a comunidade negra. Ela permaneceu como um símbolo, um elo com um passado em que os negros, embora oprimidos pela escravidão, encontravam formas de resistência e de afirmar a sua identidade. Nessa perspectiva, a aproximação com os congados foi uma estratégia interessante para que a Irmandade mantivesse laços com a comunidade negra e se religasse aos laços ancestrais.

Imagem 26 - Irmandade do Rosário de Ouro Preto -MG.

Fonte: Jornal Voz Ativa Acesso em: 17 jul. 2023.

Assim acrescenta a Irmã Solange Palazi (2023):

> [...] eu comecei a atuar lá dentro no sentido de buscar essa ancestralidade dos homens negros da Irmandade, porque até o nome de homens negros na Irmandade tinha ficado muito esvanecido. Então retomar que a irmandade

> fosse sempre nomeada como Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, e essa coisa de trazer o reinado negro de volta, e os reinados não só como da nossa irmandade, mas também de Minas. Então é um pouco de misturar todas essas coisas mesmo. Então uma militância junto ao Movimento Negro [...] uma militância dentro da igreja. Então trazer a pastoral afro e participar e conectar com a igreja e o que que a igreja atual hoje entende como movimentos pastorais [...] (Palazi, 2023).

Apesar da mudança de poder, a Igreja do Rosário e a Irmandade não perderam sua relevância para a comunidade negra. Pelo contrário, eles servem como um lembrete da persistência da luta dos negros contra a opressão e pela igualdade. A história da Irmandade é um testemunho do espírito de resistência que é uma marca indelével da experiência afro-brasileira. Nesse sentido, a reaproximação com os congados tem sido uma marca das africanias (Castro, 2022) que essa Irmandade tem buscado manter.

Nesse sentido, A Irmã Solange Palazi (2023) nos narra que:

> [...] isso me levou a provocar a Irmandade do Rosário não só a se reconhecer, mas a assumir e, principalmente, a fazer a memória do povo negro de uma maneira geral. A melhor expressão de fazer isso foi através dos reinados negros. E os reinados, hoje, eles são resguardados em Minas, em especial. Apesar de eles existirem dentro das irmandades desde a sua fundação, quando eles sumiram dentro das irmandades, nós conseguimos retomar essa coisa de ter a eleição de reis e rainha na Irmandade, para fazer memória desse povo negro, e trazer os congados, pelo menos uma vez nessa festa anual (Palazi, 2023).

Interessante colocar para fins de comparação uma experiência bem pertinente, que é a da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Jatobá, para perceber que cada entidade tem uma dinâmica própria, que enriquece a história dessas instituições. Essa Irmandade – diferentemente da maioria das suas congêneres em Minas, fundadas nos séculos XVIII e XIX, com suas organizações, seus regulamentos, Compromissos e registros oficiais – constituiu-se sem vinculação com o poder católico secular. Conforme Martins (2021a), a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Jatobá registrou-se oficialmente em cartório em 1976. Acrescenta ainda que a composição do arcabouço da sua história tem se dado principalmente pela memória oral dos irmãos mais velhos, assim como "[...] no cruzamento de datas de nascimento e falecimento de reis e rainhas, quando disponíveis, e na minuciosa análise dos inventários dos proprietários das fazendas, que no século XVIII e XIX ali havia" (Martins, 2021a, p. 88).

Em 2015, a Irmandade de Ouro Preto completou 300 anos de fundação e convidou irmandades tricentenárias para confraternizar e festejar essa data significativa. Observamos que, embora a irmandade não tenha mais a população negra presente no seu quadro, ela caminha

juntamente com outras irmandades, as quais estiveram presentes nos Encontros de Irmandades, realizados nas cidades: São Paulo; Rio de Janeiro; Salvador, Bahia; e Olinda, Pernambuco.

Imagem 27 - Irmandades na celebração 300 anos da Irmandade de Ouro Preto-MG

Fonte: Jornal Voz Ativa. Acesso 02 jul. 2023

Assim, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto e a Igreja do Rosário representam mais do que uma simples história de transição de poder. Elas são emblemas da luta contínua pela justiça racial, símbolos da determinação dos negros de preservar a sua cultura e a sua história contra todas as adversidades. Essa Irmandade tem se unido às outras irmandades negras para a construção coletiva de experiências, compartilhamentos de saberes e vivências forjadas por elas durante séculos. Essa construção e partilha coletivas, eu estou nominando de sabervivências, inspirada em Evaristo (2020).

A trajetória da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto é um microcosmo da história afro-brasileira. Ela transmuta as lutas, as vitórias, as derrotas e as esperanças de gerações de negros no Brasil. Apesar de todas as mudanças, a Irmandade e a Igreja do Rosário continuam sendo uma lembrança poderosa da contribuição inestimável dos negros à cultura, à história e à identidade brasileira. Nela, as culturas negroafricanas materializadas nas congadas e na coroação de reis e rainhas congos talvez sejam as reminiscências das culturas negras que ecoam naquele espaço. Essa experiência nos ajuda a perceber que as configurações de muitas irmandades brasileiras foram transformadas drasticamente, mas seus legados históricos, religiosos e sociais estão presentes na sociedade brasileira.

A ideia de realizar um encontro de irmandades já havia surgido entre alguns membros, mas ficou em suspenso por vários anos, conforme relatou um irmão em depoimento oral. No entanto, em 2015, essa ideia foi resgatada e colocada como prioridade no planejamento.

3.5.3 Elas chegaram até aqui e nós chegamos até lá: Encontros e articulações

As pesquisas e discussões avançaram, e o encontro se concretizou em 2017, com a presença de representantes das irmandades convidadas. Sobre o nascimento da ideia de encontrar outras irmandades, o Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023) ressaltou: "Quem pensou nesse encontro de irmandade negras aqui dentro foi Gal, quando nós estávamos articulando. Foi na época que nós estávamos reativando a Irmandade de São Benedito [...]", nos anos noventa. O irmão acrescentou que talvez possa ter se sentido como alguém que tirou a bola do pé da criança, ou a ideia tenha sido usurpada pelo grupo que estava na gestão.

A ideia foi sendo gestada conforme narrou o Irmão Antônio Nicanor (2023) sobre como ocorreu esse processo:

> [...] tudo começou, eu diria que era um sonho de alguns irmãos nossos que houvesse uma relação mais afetuosa entre a irmandade do Rosário Pelourinho com outras irmandades do Rosário do Brasil. Aqui nas nossas atividades, nas nossas festas, nós recebíamos a irmandade do Rio de Janeiro, de São Paulo, né. Essas eram as mais frequentes. Mas a gente tinha o desejo de ampliar, de fazer com que as outras irmandades chegassem até aqui, e nós chegássemos até lá. Então, se formou, se pensou em fazer um Encontro de Irmandades do Rosário dos Pretos do Brasil (Nicanor, 2023).

A Irmã Solange Palazi (2023) relata como foram os primeiros contatos com outras irmandades:

> Olha, quando nós fizemos em 2015, quando nós fizemos os trezentos anos, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto, aquela coisa de a gente estar brigando, a gente fez convite para várias irmandades virem aqui. E aí, por coincidência, os caminhos de Nossa Senhora, não se sabe de que forma vem né?! Nós recebemos aqui a visita do pessoal de São Paulo, a Vanilda veio, a Cecília também veio, apesar de ela não ter estado aqui na festa, e o pessoal de Salvador também veio. A gente não chegou a fazer um evento, não propôs um movimento, aquela coisa mesmo da confraternização. A partir daí, a gente começou a conversar, continuou trocando ideias, trocando informações, e essa coisa foi rendendo. Em 2017, aconteceu o contrário, Salvador nos convidou através do irmão Nicanor, para fazer um movimento de nos conhecermos mesmo, para a gente se reconhecer, se conhecer junto, da gente fazer, e aí nos juntamos, nos unimos e começamos a caminhar juntos (Palazi, 2023).

A iniciativa de realizar encontros entre as irmandades demonstra a consciência da Irmandade do Rosário dos Pretos sobre a importância de os seus membros se unirem em prol de objetivos comuns, como a preservação das suas tradições culturais, o combate ao racismo e a promoção da igualdade social. Essa colaboração e cooperação entre irmandades de diferentes regiões do Brasil fortalece a identidade afro-brasileira e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ainda sobre a construção do primeiro encontro, Cecília Canuto de Santana (2022) ressalta:

> Então, da primeira vez eu estive aqui no Rosário, nós fizemos o Primeiro Encontro. Nós nos conhecemos e nos reaproximamos realmente representando essas irmandades. Salvador, como a instituição que articula, acolhe essas irmandades aqui na Bahia: Ouro Preto, Minas Gerais com Solange; São Paulo, com Vanilda; e aí eu faço o contato com a Confraria do Rosário de Floresta, porque, já nas minhas andanças mais jovem, eu já tinha ido lá no Rosário de Floresta; e para não esquecer, no primeiro ano, também veio o Rio de Janeiro ([Canuto] Santana, 2022).

A Irmandade do Rosário dos Pretos de Salvador e as demais irmandades participantes desse encontro são um exemplo de resistência, resiliência e união, honrando a memória coletiva das comunidades negras africanas no Brasil, perpetuando sua herança cultural para as futuras gerações. A história dessas entidades é uma narrativa viva de superação e devoção, que deve ser celebrada e preservada como um legado valioso para toda a sociedade brasileira. Sobre as articulações do primeiro encontro, Solange Palazi (2023) diz:

> O primeiro, que foi em 2017, aí em Salvador, nós fomos como convidados mesmo. Aí, na época, Nicanor nos convidou para iniciar esse movimento de construção, um movimento colaborativo entre as irmandades. Naquela época, já estávamos Cecília, eu, o pessoal de floresta né, João, Mercê, Jubileu e Vanilda de São Paulo. [...] nos reconhecemos como irmãos e, até hoje, a gente tem uma unidade, inclusive nesses processos né, de quando se faz coisas coletivas de entender as diferenças, de entender os limites de cada uma, de

> entender as potencialidades de cada uma. De conseguir mesmo essa coisa de discutir a diversidade na realidade de cada um, essa diversidade que fomos ganhando, conhecendo e conquistando ao longo desse processo. De entender que as nossas diferenças, entender que as nossas fraquezas nos unem, porque a gente tem que segurar onde está mais fraco, no outro. De entender também que a unidade nos faz amigos, inclusive pessoais. Então a gente inclusive criou um grupo de amigos (Palazi, 2023).

Após o encontro realizado em 2017, a Irmandade do Rosário dos Pretos de Salvador e outras irmandades participantes fortaleceram seus laços e mantiveram uma comunicação mais ativa. Essa colaboração contínua proporcionou trocas culturais enriquecedoras e a promoção de eventos conjuntos, onde puderam compartilhar suas tradições e rituais com um público mais amplo. A cooperação entre as irmandades não se limitou apenas a celebrações festivas. Elas também se uniram em iniciativas sociais e projetos comunitários, trabalhando juntas para promover ações de combate ao racismo, de valorização da cultura afro-brasileira e de promoção da igualdade de direitos para todos os cidadãos.

Além disso, a discussão e o estudo da história dessas entidades continuaram a ser incentivados. A pesquisa sobre suas origens, suas influências culturais e sua trajetória ao longo dos anos foram fundamentais para entender a importância das irmandades na construção da identidade afro-brasileira e para destacar seu papel na resistência e na preservação de tradições ancestrais.

Com o passar dos anos, a iniciativa de realizar encontros de irmandades ganhou ainda mais força e se tornou um evento anual, atraindo não apenas as irmandades que já haviam participado anteriormente, mas também novas entidades que desejavam integrar esse movimento de cooperação e valorização da cultura negra. Esse movimento de união entre as irmandades também teve um impacto importante na sociedade brasileira como um todo. À medida que a história dessas entidades ganhou maior visibilidade, o conhecimento sobre a presença e a contribuição dos afrodescendentes na formação do país foi disseminado, contribuindo para uma maior valorização e respeito à diversidade cultural brasileira.

As iniciativas das irmandades também tiveram um impacto positivo nas comunidades onde estão inseridas. O envolvimento em projetos sociais, a promoção de atividades culturais e a preservação de tradições contribuíram para o empoderamento das comunidades negras e para a construção de uma autoestima positiva em relação à sua identidade étnica.

O legado da Irmandade do Rosário dos Pretos de Salvador e das outras irmandades do Brasil envolvidas nesse movimento é um exemplo vivo da importância da cooperação, da

valorização da história e da cultura afro-brasileira, do enfrentamento contínuo das desigualdades sociais e o combate ao racismo que permeia as relações sociais neste país.

Esse movimento de união e cooperação entre as irmandades é uma prova de que, ao reconhecer e valorizar as raízes culturais africanas, é possível construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde as diferenças são respeitadas e celebradas como um patrimônio cultural comum. Sobre essa questão, o Irmão Almir Menezes (2023) disse que: "[...] essa relação com as outras irmandades têm muita importância, a troca de saberes, a troca de experiência [...], caminhando no momento certo. Então, Rio, São Paulo, Minas, Pernambuco, todo mundo tem que estar junto. E até para as irmandades se fortalecerem mais, as que tão na intervenção, conseguirem estratégia para retomar sua independência".

À medida que as gerações futuras aprendem com o exemplo dessas irmandades e de sua luta contínua pela igualdade e pela preservação da cultura afro-brasileira, espera-se que a sociedade brasileira continue avançando rumo a um futuro mais inclusivo e diverso, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. O legado da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como das outras irmandades, são experiências exitosas de que a valorização da história e da cultura é essencial para construir uma sociedade verdadeiramente plural e que prese pela diversidade.

Após o encontro de irmandades e a intensificação das parcerias, as celebrações festivas e eventos culturais ganharam uma nova dimensão. A presença de diferentes irmandades de diversas regiões do Brasil enriqueceu as festividades, tornando-as ainda mais representativas e marcantes. Os rituais e cerimônias ancestrais se misturavam com as manifestações culturais de cada região, criando uma atmosfera única de celebração da identidade afro-brasileira.

A união entre as irmandades também promoveu o resgate e a valorização de práticas e tradições quase esquecidas. Os encontros proporcionaram espaços para compartilhar conhecimentos sobre danças, cantos, culinária e costumes específicos de cada comunidade, reavivando antigas memórias e mantendo vivas as raízes culturais.

Além das celebrações e dos aspectos culturais, o movimento de cooperação entre as irmandades também teve um impacto político importante. A força da união demonstrada por essas comunidades mostrou a sua capacidade de mobilização e organização, tornando-as mais conscientes de seu poder coletivo. Esse protagonismo estimulou a busca por espaços de representatividade, luta por direitos e oportunidades iguais para todos.

Com o tempo, a colaboração entre as irmandades ultrapassou fronteiras geográficas e se estendeu para outros setores da sociedade. Parcerias com instituições culturais, educacionais e

governamentais foram estabelecidas, ampliando o alcance das ações e projetos realizados pelas irmandades. O reconhecimento de sua importância histórica e cultural passou a ser valorizado também em âmbito nacional e internacional, elevando a voz dessas comunidades na luta contra a discriminação e o preconceito racial.

Em síntese, a Irmandade do Rosário dos Pretos de Salvador e outras irmandades do Brasil exemplificam como a cooperação, a valorização da cultura e a união podem ser ferramentas poderosas na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Essa trajetória de encontros, celebrações e lutas compartilhadas reforça a importância de preservar a memória coletiva das comunidades negras africanas no Brasil, mantendo vivas as heranças culturais e históricas que influenciaram profundamente a identidade nacional. Aqui registramos esses círculos e ações inspiradoras, para que esses exemplos continuem a impulsionar a construção de um Brasil verdadeiramente plural, onde todas as vozes sejam ouvidas.

4 CÍRCULO – A IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO: "EU VI MEU ROSÁRIO FALAR"

> Ele alumiou, ou toda terra e mar
> Ele alumiou, ou toda terra e mar.
> Eu vi, meu rosário falar
> Eu vi meu rosário falar
> Agora que eu quero ver
> Se couro de gente é para queimar [...]
> (Sobrinho, 1987)[71].

No quarto círculo, continuamos analisando as narrativas dos membros das irmandades, a fim de atingir o objeto da pesquisa, de modo a analisá-lo e compreendê-lo melhor. Situamos as outras entidades que fazem parte do complexo religioso da Rosário dos Pretos do Pelourinho, suas festas, assim como alguns aspectos mais relevantes da história de cada entidade.

Iniciamos essa trajetória com a Irmandade de São Benedito que funcionou até 1933, quando desapareceu da documentação e, provavelmente, deixou de funcionar na Igreja do Rosário, retomando suas atividades em 1990, promovida pelo grupo de irmãos que fazem parte desta pesquisa. A Pia União de Santo Antônio de Categeró foi organizada também entre os anos 1980-1990, sendo responsável pela Missa Afro das terças-feiras.

A devoção de Santa Bárbara foi criada depois que as pessoas do Mercado de Santa Bárbara doaram a imagem original, e a responsabilidade da festa dessa santa ficou para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho e o Terço do Homens da V.O.T. do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos). Ainda nesse círculo de conhecimento, interessam-nos as discussões sobre a memória, fazendo uma reflexão que articula colaboradoras, colaboradores, autoras e autores, procedimento metodológico seguido na tese.

A partir de uma reflexão sobre oralidade e seus impactos na memória das(os) participantes destacamos a figura da Escrava Anastácia como uma tradição negroafricana do Rosário do Pelourinho e referência ancestral imprescindível que circula o Rosário. Em seguida, discutimos sobre a preleção da reunião circular que ocorre todos os domingos na Irmandade. Dando continuidade, contextualizamos a criação da Rede de Irmandades Negras. Concluindo essa parte, descrevemos como foi o caminho percorrido por algumas irmãs e irmãos até a

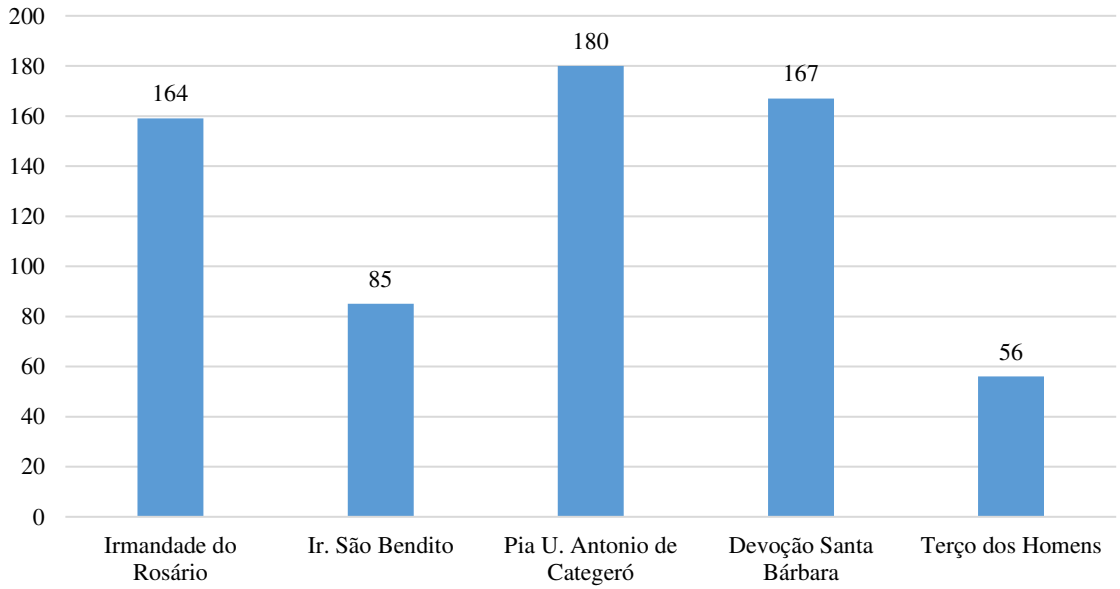
[71] Música *Engenho de Flores*, do compositor maranhense Josias Sobrinho, cantada inicialmente pelo próprio autor, depois foi interpretada por Papete. Ela foi adaptada em alguns versos há, pelo menos, vinte anos, pelo Irmão Júlio Cesar Soares, colaborador da Pesquisa. Soares, fazendo parte das CEBs, conhece muitas músicas desse movimento popular que influenciou bastante a forma de celebrar da Irmandade do Rosário dos Pretos do pelourinho, a partir dos anos 1990. Essa música também é conhecida como *Eu vi Fortaleza falar*.

chegada a Luanda-Angola em 2016, as negociações para que hoje se tenha uma réplica de Nossa Senhora da Conceição da Muxima, conhecida popularmente no mundo como Mama Muxima

4.1 COMPLEXO RELIGIOSO DO ROSÁRIO DO PELOURINHO: S. ANTÔNIO DE CATEGERÓ, S. BENEDITO, S. BÁRBARA E TERÇO DOS HOMENS

Dentro da Igreja Católica de Salvador, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se estabelece como uma entidade com uma autonomia relativa. Assim, embora esteja sobre a égide da Igreja Católica, essa irmandade tem uma administração própria através da sua Mesa Administrativa. O padre, denominado capelão, atua como diretor espiritual, colabora juntamente com a Mesa, mas este não é o que decide as ações. A Irmandade é composta por cinco entidades: ela mesma, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), e sobre sua jurisdição estão: a Pia União de Santo Antônio de Categeró, A Irmandade de São Benedito, A Devoção a Santa Bárbara e o Terço dos Homens. A seguir, no Gráfico 3, observamos o complexo religioso do Rosário e a quantidade seus membros.

Gráfico 3 - Complexo Religioso da Irmandade do Rosário dos Pretos



Fonte: Elaborado pela Autora. Dados aproximados, a partir das Pastas de Identificação, 2021.

Nesse gráfico, registramos a existência de, em média, um total de 645 inscrições, sendo que um grupo significativo de pessoas participa de dois ou mais movimentos. Nesse sentido,

são muitas atividades, ações religiosas que acontecem. Conforme descreve o Documento de 2017 no seu Artigo 26, as festividades e solenidades importantes da entidade são:

> a) Domingo de Ramos, participando da procissão Arquidiocesana, que no dia próprio se realiza nesta Capital, seguindo a orientação do Governo Arquidiocesano (Cânon 1246);
> b) Atos da Semana Santa e Domingo de Páscoa;
> c) Mês Mariano e Coroação de Nossa Senhora;
> d) Corpus, que no dia próprio se realiza nesta Capital, seguindo a orientação do Governo Arquidiocesano (Cânon, 1246);
> e) Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, no dia 12 de outubro;
> f) Cristo Rei do Universo, com missa Solene, procissão, adoração e benção com o Santíssimo:
> g) No dia 07 de outubro, dia consagrado pela Igreja à S. S. Virgem do Rosário, com Missa Solene conforme orientação expressa no RI;
> h) na segunda-feira, após a Festa, pelas almas dos irmãos (às) falecidos (as);
> i) No mês do Rosário em observância à Carta Encíclica de S. Santidade o Papa Leão XIII;
> j) No trigésimo dia de falecimento de cada irmão (ã);
> k) Às segundas-feiras, pelas almas de todos (as) os (as) falecidos (as);
> l) Às terças-feiras, em louvor à Santo Antônio de Categeró;
> m) Na primeira quinta-feira de cada mês, em louvor à São Benedito;
> n) Na última quarta-feira de cada mês, em louvor à Santa Bárbara.
>
> Parágrafo Único – Além dessas festas, a Mesa Administrativa poderá promover outras solenidades religiosas para maior esplendor do culto na Igreja de Nossa Senhora do Rosário a ser disciplinada pelo RI (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017, [n.p.]).

O Regimento Interno descreve ainda mais algumas datas que são importantes, quando devem ocorrer celebrações. São elas:

> a. No dia 15 de setembro, em Louvor a Nossa Senhora das Dores;
> b. No dia 21 de janeiro, em Louvor a Santa Efigênia;
> c. No dia 12 de maio, em Memória à Anastácia;
> d. No dia 27 de outubro, em Louvor a Santo Elesbão;
> e. No dia 11 de maio, pelo aniversário do Terço dos Homens;
> f. No dia 20 de novembro, pelo Mês da Consciência Negra (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2017, [n.p.]).

Conforme descrito acima, são muitos os momentos celebrativos no contexto da Irmandade; outras festas também são acrescidas ao calendário anual, assim como atividades sociais e educativas. Nesse sentido, podemos citar encontros formativos com rodas de conversa sobre a sua história e o encontro semanal da Mesa Administrativa com o capelão, irmãos e

irmãs. Esse encontro é chamado preleção e ocorre no domingo após a Missa de Nossa Senhora do Rosário, a qual será detalhada em seção posterior.

As festas e devoções do Rosário não estão somente vinculadas à religiosidade católica, mas também às tradições negroafricanas, que se ligam às contas do Rosário através da memória e das formas de transmissão dos conhecimentos que ocorrem durante o ano. Nesse sentido, é preciso haver uma reflexão sobre as nuances presentes em cada momento festivo, o qual deve ser compreendido no contexto estudado a partir da perspectiva das comunidades negras brasileiras. Vanda Machado (2010) nos afirma que "[...] cada acontecimento festivo é renovador, a comunidade vive e convive para a melhoria do jeito de caminhar no mundo. As festas nos chamam de volta para a consciência coletiva" (Machado, 2010, p. 35).

Dialogando com Machado (2010), a renovação, mobilidade e a vivacidade que a festa traz para a comunidade é muito presente na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. As atividades religiosas acontecem várias vezes na semana e durante o ano, assim como atividades culturais, educativas e sociais. A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece no mês de outubro, sempre no último final de semana, com atividades que duram uma semana, havendo tríduo ou novena, missa festiva, procissão, o tradicional bacalhau na segunda-feira da festa após a reverência aos antepassados. Durante o ano, a Irmandade faz missa todos os domingos, participa da procissão da Sexta-feira Santa, da caminhada Penitencial e de Ramos, *Corpus Christi*, Festa de São Domingos, dentre outras. Nas festas oficiais, a Irmandade se reveste com o hábito sagrado, como vemos na imagem a seguir.

Imagem 28 - Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho Revestida com o Arcebispo Dom Sérgio da Rocha

Fonte: Instagram Irmandade dos Homens Pretos, Registro: Irmão William Justos, outubro de 2021.

A Casa da Mãe do Rosário acolhe outras irmandades, devoções e movimentos religiosos em torno dos santos conforme já descrito. Esse complexo religioso agrega mais quatro atividades religiosas como já descrito no início desta seção. A seguir, descrevemos cada uma dessas entidades, observando como elas se organizam no contexto do Rosário do Pelourinho.

A Pia União de Santo Antônio de Categeró foi criada em 1968. Uma das suas mais importantes atividades é a Terça da Benção, com a missa devocional ao Santo Antônio Negro, como também é conhecido. A missa é bem concorrida, com presença de fiéis majoritariamente negras/os, de Salvador, de outras partes do Brasil como também de turistas. É uma missa em que os elementos culturais de origem africana se fazem presentes, especialmente, os instrumentos musicais: atabaques, agogô, xequerê etc., cantos que exaltam a cultura e a pertença negra, muitos oriundos das CEBs, assim como dança afro e a tradicional benção, com água benta, de todos os presentes na nave e na porta da igreja.

A festa de Santo Antônio de Categeró acontece no segundo domingo de janeiro, com tríduo festivo, sendo nos três dias anteriores ao domingo festivo, e missa solene com procissão no domingo da festa. A Pia União de Santo Antônio de Categeró tem 180 membros. A ata do dia 07 de janeiro de 1968[72] descreve como começou a devoção:

> A primeira festa celebrada em louvor a Santo Antônio de Categeró realizou-se em 7 de janeiro de 1968, em nossa Venerável Ordem. Iniciada com Missa Cantada e oficiada com prática pelo Ver. Pe. Aurelino Andrade, nosso Capelão. Santo de origem africana, festejado no Brasil, na capital Paulista, ainda não conhecido na Bahia, tendo participado dos festejos do Centenário de D. José B. de Menezes realizado no mês de novembro de 1967, saiu de nossa igreja para a da Conceição da Praia, onde ficou em exposição junto às demais imagens convidadas para abrilhantar a festa religiosa. Ocasião em que chegava ao Brasil a Rosa de Ouro oferecida por S. Santidade ao Papa Paulo VI. Dali foi levado à Igreja da Penha em 19 de novembro, em majestosa Procissão, onde novamente ficaram as imagens expostas à visitação durante as festividades. [...] oito dias após, voltava com grandioso cortejo à Basílica da Conceição da Praia, cada andor ostentando uma placa com nome do Santo. Foi então conhecido e acolhido com carinho e devoção de todo povo, onde participou da festa de 08 de dezembro [...] (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhoras às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1968, p.106 verso).

Esse trecho do documento mostra muito aprendizado e revela aspectos importantes da chegada da Imagem de Santo Antônio de Categeró na Igreja do Rosário e sua inserção em

Salvador, em nível arquidiocesano, em 1967. Sua primeira festa ocorreu em 1968, fazendo-se a descrição de como ocorreu esse momento. Pelo que foi apurado até agora, apenas em Salvador há o culto a Santo Antônio de Categeró, não sendo observada essa devoção nas demais cidades da Bahia.

O documento também retrata a presença da imagem nos festejos do centenário do bispo, a chegada da rosa de ouro enviada pelo Papa Paulo VI para o Santíssimo Sacramento, elementos importantes na dinâmica da fé católica na Bahia. Sua festividade se destaca com pompa desde a primeira festa, assim como a expressiva participação da comunidade no retorno da imagem para a Igreja do Rosário. Desde então, o Santo Negro ficou conhecido, sendo tratado com carinho pelos fiéis devotos. Observamos aí a memória da entidade e os seus conhecimentos em movimento circular, que tanto enriquecem a religiosidade de seus membros, quanto a religiosidade soteropolitana (Venerável Ordem Terceira do Rosário as Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 1968).

Antes, os anos 1960, sem maiores precisões de datas, eram tidos como o início da devoção, sem contextualizar os fatos históricos e seus elementos constituintes. A partir do relato acima subscrito no Livro de Atas (1968, p.106 verso), os irmãos passaram a reconhecer quando começou a devoção de Santo Antônio de Categeró com precisão, no complexo religioso do Rosário. Sempre que possível, eles/as recorrem a esse documento, para informar aos interessados sobre dados da história da entidade.

As festas dos santos se constituem em momentos de grande magnitude nessa Irmandade, pois são ocasiões de congratulações, socialização e fortalecimento da fé católica e das tradições negroafricanas reinventadas nessa entidade. Os andores, como citado anteriormente no Livro de Atas 1959-1974, são ornamentados com as mais belas flores para o engrandecimento do santo, sua beleza e a veneração dos fiéis. A imagem de Santo Antônio de Categeró, na sua chegada nesta cidade, visitou a igreja da Conceição da Praia, ficando exposta por oito dias naquele majestoso templo, depois, retornou à Igreja do Rosário no Pelourinho.

Celebrar é uma marca pungente das Irmandade Negras nas celebrações, onde se expressam experiências de subjetividades, memórias, cantos e danças. É a revivência da memória coletiva, conforme nos ensina Vanda Machado (2010):

> As comunidades têm necessidade de vivenciar suas histórias, seja narrando, cantando ou dançando. Celebrar é a forma legítima de contar histórias da memória e da vida das comunidades. Assim acontece o nascimento das celebrações e manifestações culturais que retratam a pluralidade e a hibridez da cultura brasileira. As festas das irmandades religiosas, as festas nas comunidades de terreiro, congadas, burrinhas e marujadas recriam e agregam

> pessoas mantendo afetos como na família ancestral sem perder de vista forma de resistência e de luta pela liberdade de ser na sociedade. Tudo é revivido como memória, cultura e história africana recriada na diáspora (Machado, 2010, p. 12).

A Irmandade de São Benedito, que funcionou até 1933 nesse complexo religioso, foi reativada em 1999, após alguns irmãos e irmãs fazerem a leitura de documentos nos arquivos da Irmandade, dando ciência da existência dessa Irmandade e de sua devoção. A reativação é muito importante para a memória e a ancestralidade do complexo religioso do Rosário. Através dela, inspirada no exemplo de São Benedito, são promovidas atividades de cunho assistencial.

São Benedito é um dos santos negros mais cultuados no mundo e pelos fiéis negros e negras no Brasil. Eu tive contato com a primeira imagem de São Benedito em Irará, na infância, na Paróquia Nossa Senhora da Purificação. Olhando para aquela pequena imagem negra, já me refletia nela, pois percebi que também existia santo negro. Não tenho notícias da ocorrência de uma festa de São Benedito em Irará, mas ele está sendo venerado há muitos anos, por muitos fiéis da minha cidade natal, nas suas casas.

Na Irmandade do Rosário, a missa devocional de São Benedito ocorre na primeira quinta-feira do mês, às 18 horas, com distribuição de sopa para as pessoas em situação de rua no Centro Histórico. A festa de São Benedito acontece no último domingo do mês de abril, com o tríduo preparativo da festa nos três dias anteriores ao domingo festivo. Sobre o funcionamento da sua irmandade, revisito as pesquisas que desenvolvi na dissertação de mestrado de Santana (2013):

> A Irmandade de São Benedito funcionou nos séculos XIX e início do século XX dentro do Rosário, quando foi quase extinta, voltando a funcionar nos anos 1990, animada por um grupo de irmãos que estavam imbuídos de retomar algumas tradições do Rosário. Esta Irmandade abriga os irmãos e irmãs devotos (as) deste Santo Negro, que é cultuado em todos os estados do Brasil. Seu altar fica do lado esquerdo do altar mor. Conta-se que ele fez o milagre de transformar pão em rosas, em um convento, porque fazia as doações de alimentos aos pobres, sem o consentimento do superior do convento. É o padroeiro dos cozinheiros. O ato de caridade, realizado pelos membros desta confraria, é a entrega de alimentos preparados na cozinha da Irmandade aos famintos, nas ruas da Baixa dos Sapateiros e Rua das Flores – centro antigo de Salvador, onde se concentram muitas famílias em condições lastimáveis – após as celebrações, toda primeira quinta-feira do mês, além da tradicional entrega da salsa como gesto de benção dos alimentos (Santana, 2013, p.62).

Observam-se aspectos importantes no trecho anterior, a exemplo dos documentos guardados na própria Irmandade como elemento educativo, sendo capaz de reativar memórias adormecidas. Os documentos, nesse sentido, passaram a ser transmissores de conhecimentos,

ou seja, tiveram uma importância ímpar; eles propiciaram a tomada de decisão, pelos irmãos e irmãs, de propor à Mesa Administrativa a reativação da Irmandade de São Benedito.

A retomada da Irmandade de São Benedito foi de extrema relevância para a história das Irmandades, a do próprio santo e a do Rosário. Além disso, a revitalização rearticulou uma atividade devocional e cultural importante para os irmãos e irmãs. Essa iniciativa envolve o congraçamento entre ancestralidade, tradições e memória, imprescindíveis aspectos formativos. Isso contribui para que os saberes da entidade sejam reconstruídos e ocorra o aprendizado de forma coletiva.

A Festa de Santa Bárbara é bem antiga, provavelmente mais que centenária no Mercado que tem essa denominação religiosa na Baixa dos Sapateiros. É uma das festas populares e religiosas mais concorridas no Centro de Salvador, marcando o início do calendário festivo e turístico da Cidade. Nela, podemos observar uma inter-relação entre adeptos da religião de matriz africana – o candomblé – e os devotos da Santa Católica. Embora exista uma aproximação entre candomblecistas e católicos na Festa de Santa Bárbara, são duas entidades religiosas com vidas distintas, contudo, aproximações existem e são denominadas de dupla pertença religiosa, estudada por Pereira (2008).

A dupla pertença religiosa se constitui como uma alternativa viável para compreender e analisar o fenômeno do pluralismo religioso no Brasil. A caracterização da dupla pertença procura respeitar as experiências pessoais nos entrelugares, não-lugares religiosos, entre divergências e convergências que os estudos sobre sincretismo muitas vezes polarizam. Porém a dupla pertença também não dá conta de responder às complexidades das experiências religiosas pessoas que se identificam com cristãs e como candomblecistas (Ribeiro, 2019).

Enquanto os candomblecistas cultuam Oyá[73] ou Iansã, a Orixá, os católicos festejam a Santa e mártir que foi perseguida e morta pelo próprio pai, morrendo queimado pelos raios logo após a morte da filha. Desse modo, quando devotos e devotas se encontram nessa grandiosa festa, eles se coadunam em uma tradição específica que é a Festa de Santa Bárbara. Essa festa sempre ocorria no Mercado de Santa Bárbara, com a missa no dia 04 de dezembro. E o tradicional Caruru de Santa Bárbara acontecia no dia 06 desse mesmo mês, promovido por comerciantes, vendedoras e vendedores locais, que realizavam sua missa Festiva inicialmente na Igreja do Carmo, depois na Igreja do Paço. Com o fechamento desta, passou a ser na Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho, no dia 4 de dezembro.

[73]Oyá e Iansã são nomes do orixá (em língua Yorubá), a que se associa a Santa Bárbara. Mas temos o discernimento de que Santa Bárbara é a santa católica, e Oyá, orixá na religião do candomblé; são duas entidades distintas, embora muitas pessoas as associem.

A festa entrou em declínio quando as pessoas responsáveis pela sua organização foram falecendo, sem que outras assumissem a responsabilidade. Conforme as pesquisas que desenvolvi no Mestrado, "[...] no ano de 1987, a imagem oficial da festa chegou à Igreja do Rosário. A Santa, responsável por acalmar os raios e tempestades, conhecida como a santa guerreira, tem uma história de mártir e é associada à Iansã, na religião do Candomblé" (Santana, 2013, p. 65). Nesse contexto, a festa de Santa Bárbara passou a ser responsabilidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho desde 1988. Os irmãos criaram a Devoção a Santa Bárbara em 1997.

A Festa de Santa Bárbara foi tombada como Patrimônio Imaterial da Bahia, conforme descreve Antônio Roberto Pelegrino Filho (2021, p. 9), diretor de preservação do patrimônio cultural do IPAC na Revista Festa de Santa Bárbara: fé, devoção e seus encantos, feita pela Irmandade através da Lei Aldir Blanc:

> Alçada à distinção de Patrimônio Cultural Imaterial da Bahia, por intermédio do Decreto Estadual nº 11.353 de 03 de dezembro de 2008, e inscrita no livro dos Eventos e Celebrações, a Festa de Santa Bárbara teve seus estudos realizados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, Autarquia vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – SECULT, submetidos e aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura – CEC, obtendo o Registro especial, que é o instrumento legal para patrimonialização de bens culturais imateriais (Pelegrino Filho, 2021, p.9).

A responsabilidade da Irmandade em realizar os festejos trouxe a ampliação de seu olhar para tradições relacionadas a Santa Bárbara. Podemos notar um processo de construção de conhecimentos, memória e ancestralidade presente na Festa de Santa Bárbara reavivada pelas irmãs e irmãos do Rosário. A vivência de aspectos simbólicos da fé, nas festividades, colabora para a revivificação da memória e da religiosidade populares, tão presentes nas comunidades negras católicas do país.

A missa devocional a Santa Bárbara acontece toda última quarta-feira do mês, às 18 horas. No período da pandemia de COVID-19[74], a missa mudou para as 17 horas. E a festa no dia 4 de dezembro, com tríduo preparatório nos três dias anteriores ao dia 4, missa campal no Largo do Pelourinho e procissão pelo Centro Histórico e Baixa dos Sapateiros, retornando, passa em frente ao Mercado Santa Bárbara, local onde acontecia a festa e o caruru de Santa Bárbara. Na atualidade, o caruru é distribuído na sede do Corpo de Bombeiros. Na quarta-feira subsequente à festa, ao meio-dia, acontece também o caruru de Santa Bárbara com

[74] Pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 (registrado em dezembro de 2019) e anunciada pela OMS em 11 de março de 2020.

confraternização na Igreja do Rosário dos Pretos no Pelourinho. Essa é a única festa fixa que se realiza na data dos festejos. Sobre as devotas e devotos de Santa Bárbara é possível conjecturar:

> Os devotos de Santa Bárbara, em sua maioria, são mulheres. Elas são "as mulheres de Iansã ou Oyá[75]": mulheres fortes, guerreiras da batalha cotidiana, desenvolveram a vocação para ser pai e mãe, ao mesmo tempo. Trabalham nas feiras, mercados, quitandas, barracas, tabuleiros de acarajés; são fateiras, quituteiras, vendedoras de mingaus e cuscuz nas madrugadas, doceiras, lavadeiras, ganhadeiras, cozinheiras. Ou seja, estão em diferentes profissões e mantendo o poder de dirigir suas vidas e famílias, são as verdadeiras negras ou "mulheres do partido alto"[76] do século XXI que, com inteligência e maestria, governam religiões de matriz africana, casas de axé em Salvador e em toda a Bahia, especialmente no Recôncavo. Na Irmandade de Santa Bárbara, os irmãos e as irmãs usam o hábito vermelho e branco com fita e medalha no pescoço (Santana, 2013, p. 66).

Portanto, a Festa de Santa Bárbara é uma expressão religiosa e cultural que atravessa séculos e, a cada ano, agrega mais fiéis. Essa Santa tem sido percebida como guerreira, como aquela que defende dos raios e trovões e os controla. Uma força feminina potente, a que se pode recorrer na hora do desconforto e das tempestades da vida. Pois, se ela tem mais força do que as torres das fortalezas, com certeza, tem potência para socorrer seus devotos e realizar muitos milagres

A atividade religiosa mais recente no complexo religioso da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho é o Terço dos Homens, que se iniciou em 2012. Contudo, O terço e o rosário já eram rezados pelos irmãos negros das irmandades e confrarias desde o ´século XVII. O Terço dos Homens na Irmandade do Rosário dos Pretos tem 48 homens e 8 mulheres, que são denominadas seguidoras do terço, em um total de 56 membros.

Os (as) devotos (as) se reúnem às sextas-feiras, às 18 horas, para a reza do terço realizada pelos homens da Irmandade, mas, na dinâmica do terço, todas as pessoas presentes participam. Eles criaram instrumentos percussivos recicláveis – sob a coordenação do mestre Ulisses – que são utilizados nos cantos e na louvação à Nossa Senhora do Rosário e à Mãe Rainha. A irmã Nilsa Dias (2021) acrescenta que:

> [...] uma coisa importante que tem na Igreja do Rosário, que eu ia esquecendo, é o Terço dos Homens, a atividade do terço dos homens, a congregação dos

[75] Iansã ou Oyá orixá do Panteão Yorubá, Deusa do fogo, dos trovões e tempestades.

[76] Mulheres com um estilo próprio no Século XIX, que saíam às ruas bem arrumadas, ostentando um poder e independência bem elevados para a época; suas joias e panos da costa eram invejados pelas outras mulheres daquela época.

> homens, a reunião dos homens, o chamamento dos homens para dentro da igreja, importante isso que o Ir. Adilson vem fazendo. [...] Uma atividade nossa que chamou as pessoas para dentro da igreja, congregou, divulgou o nome da irmandade foi o terço dos homens. Foi uma forma positiva de evangelizar. A palavra que eu queria colocar nessa fala minha com você é evangelizar (Dias, 2021).

A irmã Nilsa Bonfim Dias (2021) reflete sobre essa atividade que mobilizou os homens para a oração efetiva dentro das igrejas em todo o país, na Irmandade também é possível perceber muitos irmãos trazendo outras pessoas para a entidade através do Terço dos Homens. Assim essa atividade, colaborou ainda mais com o fortalecimento do complexo religioso do Rosário dos Pretos.

O Irmão Adonai Passos, que era secretário da Mesa Administrativa, em 2014, sugeriu ao irmão Adilson Santos, eleito pelo grupo como diretor do Terço dos Homens do Rosário, propor à Mesa Administrativa o registro do terço em cartório. A sugestão foi aprovada pela Mesa Administrativa da Irmandade. O Terço foi registrado no Cartório Civil das Pessoas Jurídicas, 1º Ofício – Salvador, Bahia, microfilmado sob. nº 39426, Rolo 518, datado de 07/04/2014 (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, 2014 [n.p.]).

Existem disputas de narrativas e talvez teológica sobre o surgimento desse movimento religioso no Brasil. Uma delas credita a iniciativa de rezar o Terço só com homens, começou na Alemanha por volta de 1914, com o Movimento de *Schoenstatt*[77], e se expande sobretudo depois da Segunda Grande Guerra.

Existe também a narrativa de que a primazia de reza do Terço do Homens, foi de um pequeno povoado de Sergipe, Vila Providência, hoje, cidade de Itagi, através do incentivo de Frei Pelegrino, nas missões que realiza, contou os milagres de Nossa Senhora através da oração do terço e convidou os homens para reunidos orarem. Seu Antônio Menezes, conhecido como Seu Tutu, na época um adolescente de 16 anos participou das orações com um grupo de homens naquela comunidade, reunindo cerca de duzentos participantes em 08 de setembro de 1936. O movimento se se espalhou por toda a região, chegando a Alagoas, Ceará, Pernambuco. Seu Tutu

[77] Movimento Apostólico de Schoenstatt, fundado pelo Padre José Kentenich na Alemanha em 1914. Schoenstatt promove uma espiritualidade mariana centrada na Aliança de Amor com Maria e incentivou a criação de grupos de oração, incluindo o Terço dos Homens. O Terço dos Homens de Schoenstatt enfatiza a importância da oração em grupo como um meio de transformar vidas e comunidades, reforçando o papel dos homens como líderes espirituais em suas famílias e paróquias.

se manteve ativo nas orações do terço até os últimos dias de sua vida faleceu em 2013, tem dois filhos que são sacerdote (O que é o Terço dos Homens Movimento Mariano, 2005).

Uma segunda versão dessa narrativa é que: o Terço dos Homens se iniciou por um pequeno grupo de homens que rezavam na rua, enquanto as mulheres estavam em reunião, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, sob a orientação do Pe. Américo Vasconcelos do Movimento de *Schoenstatt* no Brasil e da Senhora Oneida Araújo da Silva, em 05 de março de 1997. Esse foi o primeiro grupo a nível paroquial. Em seguida, foi experimentado em Olinda, Pernambuco, agregado ao movimento Mãe Rainha. (Associação Terço dos Homens Mãe Rainha, 2007); (Albuquerque, 2010).

Há uma discussão de que os grupos de Terço dos Homens foi uma alternativa para minimizar o avanço das CEBs que estavam bastante atuantes nos anos 1990, como movimento social e religioso na Igreja Católica.

Existe ainda uma terceira narrativa, essa de cunho mais popular que um dos locais onde o Terço dos Homens se desenvolveu de modo significativo foi em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. A cidade, conhecida por sua forte religiosidade popular e como centro de peregrinação devido à figura do Padre Cícero Romão, viu o surgimento das primeiras comunidades de Terço dos Homens ainda no início do século XX. O Padre Cícero, figura central na religiosidade do Nordeste brasileiro, diz-se que apoiou ativamente essas iniciativas, encorajando os homens a se reunirem para rezar e fortalecer sua fé. Seu apoio foi crucial para a consolidação do movimento na região, pois ele via no Terço dos Homens uma oportunidade de evangelização e de fortalecimento dos valores cristãos nas comunidades do sertão do Cariri.

O grupo do Terço dos Homens da Irmandade do Rosário festejou seu quinto aniversário em 2017, os membros arrumaram toda a Igreja, usaram os paramentos padronizados e se confraternizaram com almoço. No final da tarde, vestiram as novas túnicas, então, o grupo lançou a percussão com instrumentos de materiais reciclados, que haviam sido fabricados e doados pelo mestre Ulisses, e iniciou a reza do Santo Terço. Às 18 horas, começou a Santa Missa celebrada por Frei Agostinho. Todos os anos esse grupo celebra sua festa de aniversário com a presença de e membros do Terço dos Homens de várias paróquias de Salvador e da Regional Nordeste 3. O Terço dos Homens do Rosário dos Pretos é o único que usa instrumentos de origem africana reciclados para animação dos cantos, conforme informações da documentação no arquivo da irmandade.

As atividades religiosas no complexo do Rosário têm extenso calendário. Em janeiro, festa de Santo Antônio de Categeró, o nosso Santo Antônio Negro. Na segunda semana de

janeiro, março e/ou abril, Semana Santa. Na última semana de abril, Festa de São Benedito. Maio é o mês dedicado à Nossa Senhora, com coroação e Festa de Escrava Anastácia dia 12 de maio. Em junho, os Santos juninos. Julho, celebração do Título de Ordem Terceira, dia 02 de julho. Agosto é o mês da ancestralidade. Setembro é dedicado à Nossa Senhora da Conceição da Muxima ou Mama Muxima, iniciada em 2018, Nossa Senhora das Dores dia 15 e à Rainha dos Anjos. Dando continuidade, em outubro, há o Dia de Nossa Senhora do Rosário, dia 07 de outubro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, no último ou penúltimo final de semana do mês. Novembro é o mês da Consciência Negra, com missa festiva dia 20, desde os anos 1990. Em dezembro, Festa de Santa Bárbara.

Essas atividades religiosas ocorrem com a participação ativa das irmãs e irmãos, que estão ativamente presentes na entidade, lembrando que um grupo significativo, participam apenas nos momentos festivos, outros não têm presença efetiva. Na medida do possível, as pessoas que estão diariamente na Igreja decidem coletivamente desde o tema da festa até a alimentação, partilhada, organização, celebração e estrutura de cada dia dos festejos. Realizam-se várias reuniões, muitas discussões e, às vezes, tem alguns desentendimentos, porém na perspectiva de que tudo ocorra com fervor e emoção, considerando a mística do catolicismo negro desenvolvido pela Irmandade.

4.2 MEMÓRIA NA CIRCULARIDADE DO ROSÁRIO

A circularidade do Rosário, tão presente nas vidas dos irmãos e irmãs, nas quais me incluo, sempre nos mobiliza a tecer discussões importantes para o contexto dessa entidade quadrissecular nos tempos atuais. Uma prospectiva de transcendência toma corpo através da memória ancestral e do sentimento de pertença, que me imbui de ousadia para abrir trincheiras, forçar as frestas, contornar ou circular os nós e ocupar um lugar entre uma conta e outra, para, em um diálogo entre tantas narrativas que existem, acrescentar alguns parágrafos à história. Apesar de muitos quererem negar e deslegitimar as discussões aqui empreendidas, houve a nossa dedicação em fazê-las.

As falas do Rosário do Pelourinho reverberam, ecoam e fazem-se ouvir nos quatro cantos de Salvador, da Bahia, do Brasil e do mundo. A memória nos transmitiu toda uma herança ancestral, histórica, religiosa, cultural, assim como sabervivências criadas internamente nesses mais de quatrocentos anos. Essas memórias, muitas vezes silenciadas, outras vezes ressonantes, reconstroem-se nos diferentes tempos históricos, comunicando-nos potências. A

memória da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho é flexível que vai sendo nutrida, como bem sinaliza a irmã Sandra Bispo (2023) apoiando-se em (Martins, 2021a):

> É como um espiral, está sendo o tempo todo a memória coletiva era se constrói, existe uma memória sim, mas que vai ser acrescida de mais alguma coisa daqui a pouco. Então, eu diria hoje, o que seria a memória do Rosário? Hoje, a memória do Rosário são os nossos mais velhos, seria memória do Rosário. Os valores por eles emanados, eu diria que a memória do Rosário hoje é a quantidade de pessoas escolares, digo estudadas, com nível superior, formações no Rosário que estão se afastando da tradição de uma certa forma, se afastando da essência, pois, a Irmandade do Rosário não é algo de negro nem de branco, nem de mulato, a Irmandade do Rosário ela é um espaço de aprender constante, seja para quem for (Bispo, 2023).

A Irmã Sandra Maria Bispo (2023), constrói um diálogo profícuo, refletindo sobre essa circularidade da memória, que nesse movimento vai nos instrumentalizando no refazer da memória coletiva na aproximação em espiral de Martins (2021b), ela afirma que a Irmandade é um espaço de aprendizagem diária. Esse aprendizado tem significativa relevância nesses círculos rosarianos de sabervivências permeado pela memória das (os) mais velhas (os). Vale acrescentar também, que devemos nos atentar para o fato de que, a alta escolarização de muitos membros na atualidade, não sufoque as construções de memória negra presentes na Irmandade.

A memória, tão estudada por diferentes pesquisadores das mais diversas linhas de produção do conhecimento, tem uma imprescindível relevância para as comunidades negras, pois foi a memória o elo principal de sobrevivência das reminiscências das culturas africanas no Brasil. A memória se articula com saberes ancestrais, com o ontem, o hoje e o amanhã, entrelaçando o visível e invisível, o dizível e indizível, que se apresentam no corpo, nos gestos, nas objetividades e nas subjetividades. Assim, essa expressão de memória se entrelaça com os princípios da ancestralidade. A memória como trabalhamos nessa investigação pode ser entendida como refletem (Pessanha; Paz; Saraiva, 2019, p. 114):

> **MemÓRÍa**[78] é um conceito-potência, que ao recorrer ao passado, ao reverenciá-lo, garante o futuro, gera o porvir, mas não numa concepção ocidental linear-causal de tempo e espaço. Este conceito é um esforço de tentar demonstrar como passado, presente e futuro não existem desta maneira como temporalidades agonizantes, mas que estabelecem entre si uma relação de sucessão não linear dos acontecimentos e de atribuição mútua de sentido. Não se trata, também, de pensar que memória é o que resta do passado no presente, ou o que restará no futuro, pelo contrário, a ideia de *memÓRÍa* nos faz pensar

[78] MemÓria está fincada na cosmologia africana *Yorubá* vindo do princípio *Óri*, orixá da cabeça, como potência que pensa e sente, ser que tudo pensa através da ancestralidade e das antologias africanas da travessia do continente africano para as Américas (Pessanha: Paz; Saraiva, 2019).

> como essa divisão passado, presente e futuro não existe nestes termos dentro de uma ontologia africana no Brasil encontrada nos candomblés brasileiros (Pessanha; Paz; Saraiva, 2019, p.114).

Esse pensamento coaduna com o nosso entendimento ao nos instigar a refletir sobre outras perspectivas e realidades, procurando minimizar as hierarquizações sem dicotomizar a diversidade de pensamentos, que coloquem diálogos em circularidade sem superioridade de qualquer princípio. É possível conjecturar que tudo está interrelacionado nas cosmologias negroafricanas: o cultural e o natural, a humanidade e os animais, o físico e o não físico, o visível e o invisível, tudo podendo ser pensado sem sobreposições (Pessanha; Paz; Saraiva, 2019).

> Ao pensarmos o conceito de memória [e então **memÓRÍa**] desde ontologias africanas no Brasil, isto é, desde *a* travessia*,* estamos sim pensando em começo, mas não começo como origem, como um ponto de partida que no pensamento ocidental por vezes se constitui uma prisão, um ponto fixo. É pensar começo como destino, não como um passado distante, mas como princípio, como lei e constituição das coisas, como força-potência criadora, onde não se separa começo de fim, vida de morte, lembrar de esquecer. Onde o que dá sentido aos começos são seus fins, o que dá sentido à vida é a morte, isto é, o seu limite, e onde lembrar e esquecer só existem em correlação (Pessanha; Paz; Saraiva, 2019, p.114).

Acertadamente a memória dos povos negros e afro-brasileiros nesse país vai se insurgindo desde o aprisionamento que tentaram fazer para forçar o esquecimento. Lembrar e esquecer é um jogo constante do ser que através da resiliência e das experiências transcendentais interconectam mundos outros. Vários contínuos imagéticos, dimensões e experiências com sentidos amplos representaram um complexo de memórias, trazidas e ressignificadas pelas mulheres negras e homens negros habitantes do continente africano transplantados forçadamente pelo processo de escravização mercantil europeu (Pessanha; Paz; Saraiva, 2019, p. 114).

A memória como colocada anteriormente, é alicerce para que busquemos estratégias para insurgências de saberes e culturas ainda pouco valorizadas pelo conjunto da sociedade brasileira. Nesse sentido, a reflexão empreendida nesta investigação entende que a memória se entrelaça com os fios nas contas do Rosário e no tecido que começa a ganhar corpo através das experiências dos irmãos e irmãs que construíram a Irmandade e dos que deram continuidade para que ela chegasse até nós. Essa circularidade da memória que entrelaça tempos diversos perspectivando para o futuro. Partindo desse pressuposto a irmã Nilsa Bonfim Dias (2022 ressalta:

> Fazer memória, fazer memória é recordar, é recordar, é reviver todos os atos, tudo que foi feito, tudo que se passou, relembrar o que foi certo, o que foi errado, lembrar sempre. Por exemplo, fazer memória da Irmandade é lembrar sempre tudo sobre a Irmandade e o seu conhecimento. Divulgar o conhecimento toda vez que você lembra é fazer memória de como foi, como surgiu, quais foram os percalços, o que é que pode ser feito, o que não deve ser feito. Não deixar que as pessoas esqueçam o passado. [...] A memória coletiva é quando cada pessoa vai somando as suas lembranças, quando você vai somando suas lembranças, relembrando, você vai fazendo memória (Dias, 2022).

Refletindo sobre a pertinência da narrativa da Irmã Nilsa Bonfim Dias (2022), observa-se que na tomada de consciência do seu passado ou de sua pertença ao grupo, ela ver a responsabilidade que se tem e vai conscientizando de que essas relações se entrelaçam com a sua identidade através do tempo (Halbwaschs, 1990).

A reconstrução dessa memória coletiva na Irmandade tem sido um dos desafios constantes diante do esvaziamento causado pelas demandas do tempo presente. Nas pressas e correrias, acaba se fragmentando a construção coletiva da memória nos tempos atuais. No entender de Martins (2021b), para que aconteça o conhecimento efetivo da memória das comunidades negras, faz-se necessária a vivência da performance ritual, que tem o corpo como principal instrumento, é o corpo tela, a cor como repositório da memória. E esse corpo memória que se inscreve num espaço, se fortalece nas atividades coletivas, nos mementos de rituais, nas rodas coletivas de aprendizagem.

Dando continuidade à narrativa, a Irmã Nilsa Bonfim Dias (2022) expõe:

> [...] nós estamos precisando preparar isso. Nós ainda não estamos organizados na memória não, a memória tem que ser objetivada. Tem que haver uma reunião, tem que haver uma conversa, cada um dizer o que é que sabe do Rosário, como foi que viveu, como era, os acontecimentos dentro, como era feito isso, como pode fazer, o que pode melhorar, tem que haver uma conversa, isso é o que eu acho. [...] O que é que está vigorando? O que é que está certo? O que é que está errado? É ver o que pode fazer para fortalecer a Irmandade. Eu quero continuar trabalhando, estudando nesse sentido. E o encontro intergeracional, disso eu não abro mão. Eu fundei o grupo de idosos, mas está parado. Os mais jovens estão na internet, nos computadores, tem que passar seus conhecimentos, seus ensinamentos para os idosos (Dias, 2022).

A Irmã (Dias, 2022), propõe essa aprendizagem no coletivo, esse acesso ao que foi vivido coletivamente para ajudar na construção dessa memória coletiva. A grande dificuldade que a Irmandade tem passado nos últimos tempos é essa situação de articular as gerações para o fortalecimento da memória. Nesse sentido, a Irmã Maria da Glória Bonfim (2023) aprofunda essa reflexão com o seu depoimento:

> Tia Dady, que tinha uma loja ao lado, ela trazia os jovens para aqui e conscientizava, chamava os turistas e tentava de toda forma resgatar a memória daqui. Não tinha dinheiro, eu muitas vezes bordei o manto de Nossa Senhora através da reciclagem, a gente pegava, ia lá no sótão pegar o resto de manto de Nossa Senhora, tirava o que estava prestando e botava a manto novo. E a Nossa Senhora saia linda, bela e maravilhosa, todo mundo na reciclagem. Hoje, as pessoas se sentem empoderadas e tudo é dinheiro, dinheiro, dinheiro. Eu vou pagar, mas eu não vou fazer, eu posso pagar então, por isso que eu não faço. Mas Nossa Senhora aqui nesta casa não quer isso, ela quer que faça tanto, ela como os nossos antepassados que estão aqui, eles ficam observando quem são disponíveis e solícitos. [...] Todo mundo era voluntário, o que está faltando aqui nessa igreja é voltar a ser voluntário (Bonfim, 2023).

É muito importante essa discussão sobre os efeitos do capitalismo e da modernidade, que se apresentam nas relações da Irmandade, dificultando a continuação dessas vivências ancestrais, da participação efetiva de muitos irmãos nas atividades diárias. Um grupo significativo de irmãs e irmãos pensa que basta pagar que já se livra da responsabilidade. Nas entidades negras, no entanto, a vivência e o aprendizado de rituais, coisas que não estão no *script* das relações econômicas, são imprescindíveis para o acesso às conjecturas de memória.

Quando a Irmã (Dias, 2023) diz que algumas se sentem empoderadas, penso que ela se refere ao poder econômico que rege a sociedade atual. O empoderamento social e comunitário nas comunidades negras é imprescindível, o trabalho coletivo e o voluntariado, são essenciais para o fortalecimento da entidade. Nós irmãs e irmão precisamos exercitar muito essas práticas. Existe a necessidade urgente desses irmãos e irmãs aprenderem muito sobre a entidade da qual participam.

Continuando essa discussão, tomo como referência importante a poética da moçambicana Paulina Chiziane (2018) no poema Africanidade, que se inscreve nas reflexões que empreendemos nesta seção. Desse modo, conhecer a memória é:

> [...] conhecer a tua própria essência que ainda não conheces
> É procurar a tua sabedoria, trabalho que ainda não fizeste
> Com medo de ser ridicularizado pelos senhores do mundo
> É resgatar o teu passado, registrá-lo e preservá-lo
> É reabilitar o teu mundo que os invasores perverteram
> É ter capacidade de viver com várias culturas em simultâneo
> A que te impuseram, a que te pertence e a que te agrada
> E aquela que escolhestes para com ela conviver (Chiziane, 2018, p. 131).

Partindo do poema acima, percebemos a memória como forma cosmológica e cosmogônica que entrelaça os diferentes saberes e construções, mas, cada povo, imerso na sua

visão de mundo, faz sua leitura e suas construções da memória. Essa memória se constrói circularmente, em espiral. A memória interage com imensa liberdade, elegendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, porém com uma relação dinâmica e intensa, coadunada a índices comuns.

De acordo com Bosi (1971, 2003), a memória se constitui de conformações que se apresentam com mais intensidade quando apresentadas à luz do sentido coletivo, como um trabalho permanente que se constrói e reconstrói. Nessa perspectiva, a partir do depoimento da Irmã Maria da Gloria Bonfim (2023), podemos inferir sobre a memória institucional, que envolve a guarda do patrimônio e a memória afetiva que se percebe na convivência, nos laços coletivos, dentre outros. Vejam os dois trechos do depoimento da irmã:

> [...] dentro da Igreja do Rosário, existem duas memórias. A institucional, né? Que é aquela memória onde a gente fala o tempo todo sobre a construção da igreja, o valor que os nossos irmãos antepassados deram ao culto, à Nossa Senhora do Rosário, né? Já que eles vieram desde a África com esse culto, mas aqui na Bahia, eles não esqueceram, lutaram para ter uma edificação, na igreja para eles, então, eu acho que essa memória é institucional. A institucional, e de edificação, ela é muito importante, porque ajuda a gente a manter, manter as tradições que hoje está na moda se falar muito em tradições, mas as pessoas ainda não têm aquela noção que seja realmente uma tradição. Eu vejo que essa, essa memória de como é que eu posso dizer de valorizar cada espaço da nossa casa, a nossa roupa, as nossas festas, as nossas sentada que isso não se faz mais. É vamos, vamos falar do nosso bacalhau, tal coisa e tudo. Então essa é uma memória, a outra memória que não quer outra institucional [...] (Bonfim, 2023).

Analisando o que foi colocado pela colaboradora (Bonfim,2023) podemos inferir que sua narrativa descreve diversos elementos presente na Irmandade que se relacionam à memória, mas também ao apagamento das tradições, a tentativa do colonialismo de se instalar por completo. Ela reflete sobre a memória da instituição separando a institucionalidade da prática, mas essa memória continua existindo. No entender de Pessanha; Paz; Saraiva (2019. p. 115 grifo dos autores) "[...] uma memória peculiar que se mantém viva mesmo perante a morte do corpo, entretanto a tentativa do colonialismo é findar esta memória para que se tenha espaço para habitar o **ser-colonial**."

Podemos entender, deste modo, o discurso de Bonfim (2023) como a tentativa de afirmar um complexo articulado de elementos que compõe a memória do Rosário do Pelourinho, tais como: a ancestralidade, a historicidade, a estética, a plasticidade, os sabores, as simbologias os modos de ser, de fazer e de estar na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Isso, por algumas vezes não é percebido internamente por alguns membros, daí a

necessidade do trabalho educativo para que a potência dessa entidade não seja percebida só externamente.

As memórias do Rosário estão presentes em ações muitas vezes subjetivas, como as relações de afetividade, de partilha, de trabalho coletivo, de rodas de conversa com os mais velhos da casa para acessar saberes criados na Irmandade. Observa-se que os novos membros ainda não se atentaram, para a importância dessas atividades, tão imprescindíveis quanto os bens materiais que precisam também ser preservados. Nesse sentido, a Irmã (Bonfim, 2023) enfatiza que:

> [...] o meu sentimento, eu acho que a memória afetiva, para mim no caso tem mais valor não eu quero que a igreja se deteriorize, acabe, não, mas é memória afetiva que a gente tem que chegar de manhã, né? É aquela coisa, avisar em casa. Olha, hoje eu vou passar o dia todo no Rosário. Então a gente já ia encontrar aqueles idosos que às vezes tinha um biscoito creme craque, não é? Ou então aquele bolachão de fofa lá. Bolacha fofa com café preto. E aí a gente partilhava isso. A gente fazia sempre um lanche partilhado, cada um tem, cada um tinha de trazer uma coisa, e a gente colocava na mesa. E aí todo mundo enchia a barriga. O dia todo, uma lavando os paramentos, outros varrendo o quintal, outro conversando. Agora já não tinha nada para fazer conversando, partilhando do conhecimento, partilhando histórias particulares de cada um e dando risada. Nós temos no nosso momento de aprendizado, que era um aprendizado que não tinha nem livro nenhum, só na memória das nossas histórias. Então essa memória afetiva. Ela é muito importante, e ela está cada dia mais se distanciando da Irmandade do Rosário, porque assim você chega, você é uma das poucas que vai no quintal, vai no quintal, né? [...]. Você vai falar algo, mas hoje os irmãos chegam e não querem nem saudar um outro (Bonfim, 2023).

A memória afetiva é imprescindível na construção das bases das relações interpessoais dos irmãos e irmãs da Irmandade. Ela é percebida como valiosa na elaboração mística das relações de sociabilidade e no convívio diário entre os membros. Ela subsidia o fortalecimento das heranças socioafetivas no sentido ancestral e de família comunitária, como retratou a irmã Glória Bonfim (2023). Essa memória afetiva é percebida no pedido de bênção aos irmãos e irmãs, nas atividades comunitárias realizadas durantes as diversas atividades, nas rodas de conversa, na reunião de preleção dominical, nas escutas aos mais velhos da entidade. Observo que algumas dessas ações estão se esvaindo na corrida do tempo cronos em detrimento do tempo espiralar.

A Irmã Glória Bonfim (2023), traz uma reflexão pertinente no que concerne à solidariedade, trocas de saberes, muitas aprendizagens e formas de partilhá-las. Acrescenta ainda, as mudanças nos comportamentais e modos de agir de irmãs e irmãos, dessa recusa

veemente em não se abrir para partilhar. Isso tem causado preocupação e ao mesmo tempo leva a entidade a repensar suas ações. As narrativas nas rodas de conversa, na convivência com os mais velhos, dessa memória fincada na oralidade como um aprendizado relevante para uma entidade.

Como bem nos aponta Jacques Le Goff (2013), o conceito de memória é imprescindível, a partir do seu surgimento nas ciências humanas, especialmente na história e na antropologia. Vale fazer uma descrição da sua significação no contexto científico globalizado em que estamos imersos. "A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem [e a mulher] pode atualizar impressões e informações passadas, ou que ele represente como passadas" (Le Goff, 2013, p. 387).

Ainda conforme Le Goff (2013), os estudos da memória, de acordo com os propósitos acima, estão inseridos na psicologia, psicofisiologia, neurofisiologia, biologia, assim como as perturbações de memória e a amnésia ficam a cargo da psiquiatria. E, ainda, diferentes aspectos das investigações da memória, no contexto das ciências, articulam-se a técnicas, metodologias ou são abordados como objeto de estudo.

Lucília de Almeida Delgado (2010), dialogando com diferentes autores, compreende que a memória se entrecruza com múltiplos tempos, articula-se também com as emoções e vivências, apresenta flexibilidade e se enraíza nas lembranças e nos esquecimentos de suas potencialidades que ligam identidades, saberes e relações de poder.

A memória, como veia do tempo espiralar, conforme Martins (2021a; 2021b) é fio que liga as contas nas irmandades negras, articula experiências transatlânticas e nacionais. A memória aqui é entendida como ressignificação e significação dos nossos saberes, das vivências e reminiscências africano-brasileiras, e afirmação das nossas histórias; ou seja; afirmação dos sabervivências, para que não sejamos engolidos pelo modismo e pelo capitalismo neoliberal predador.

As significações de memória são muitas, e aqui, como venho fazendo em todo o estudo, os irmãos e as irmãs têm espaço privilegiado para refletir sobre a memória de maneira geral, como também sobre a memória que é específica da Irmandade. Os (as) colaboradores (as) trazem elementos importantes para este estudo. O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021), na sua narrativa sobre a memória, assinala que:

> A memória é não deixar tudo aquilo que você adquiriu durante todo um tempo que você está vivendo numa instituição, principalmente nós, que somos

> memória viva. Nossas memórias ainda estão vivas, porque eu estou vivo, eu posso escrever sobre ela, eu posso deixar como legado. Então, para mim, essas memórias são conhecidas, identidades culturais que passam para a gente, que nós existimos, que nós temos uma cultura, que nós temos um começo, que nós temos um meio, que nós estamos sempre dinamizando e mantendo viva essa memória histórica, que foi deixada pelos nossos antepassados e que nós também estamos fazendo história (Silva, 2021).

São pertinentes as colocações do Irmão Silva (2021), a sua visão não se distancia dos autores que nos ajudam a compreender a memória no contexto estudado. Percebemos que foi através das memórias negras das pessoas que nos antecederam, que demos e damos significado às nossas histórias. A compreensão da nossa existência, através das colaborações coletivas e da memória coletiva que compartilhamos, configura-se como elemento essencial para a compreensão do mundo e a compreensão de nós mesmas (os) como seres coletivos.

Os estudos de Pollak (1989, p.6-7) destacam que "[...] há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória individual e coletiva, familiar e nacional e de pequenos grupos". Nas dinâmicas das irmandades, essa interação é constante. Dessa forma, existem várias maneiras de se aproximar do passado: através de narrativas orais e escritas, contos, danças, esculturas e toda uma produção de aspectos relacionados à história que se apresenta como preponderante para o contexto em estudo. Este passado pode ser analisado por meio de uma dialética própria, em uma reflexão dialógica como presente, fazendo projeções para o futuro. É possível perceber essa interação na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, no depoimento da Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos (2021):

> [...] foi assim, por exemplo, na minha época, é coisa até de velho, mas é isso, a gente não vai para o novo sem ter interferência do velho. Então eu digo na minha época, né, parece coisa de velho, mas é bom, porque coisa de velho é que deixa memória. Mas não está escrito lá, não está escrito, mas os irmãos antigos disseram isso, a gente não ia inventar do nada, ela não ia estar aí por nada. Não está escrito, está certo, hoje a gente faz com vontade, escreve tudo o que precisa ser escrito, tudo o que precisa ser anotado. Eu tive esse cuidado como Secretária da Mesa de Honra, porque o pessoal anotava e fazia a arrumação das festas, das coisas do dia a dia, junto com a Irmã Sandra, Irmã Ana, finada Abigail, nós fomos arrumar e dar uma ultra arrumada. Hoje tem o livro de atos importantes da Irmandade que antes não tinha. Foi nessa época, nós criamos ato de pessoas importantes que chegavam na igreja. Porque as pessoas morrem e se morrer sem anotar, não escrever, não vai ter como pesquisar. Só vai ter o quê? O Compromisso, aquelas coisinhas básicas, mas não vai ter, quem passou, quem foi lá no dia a dia, entendeu? Então isso tem hoje no Rosário. Eu fiz parte desse momento, enquanto secretária. Pensam que a Irmandade é somente festa. Nós ficamos no dia a dia trabalhando, não é? A Irmandade se inseriu nos encontros, nas atividades. Hoje, a Irmandade

> participa de Conselho, não é? Participa de várias atividades hoje ([Gal] Santos, 2021).

A irmã Maria das Graças Ramos Santos (2021), fala da importância do registro, também como forma de preservar memórias, não esquecendo também que, o passado ancestral negroafricano tem alicerçado as vidas das pessoas negras e ou afrobrasileiras, dando-lhes significados, abrindo-lhes encruzilhadas para a ação e a transformação desse mundo de caos em que estamos imersas (os), assim também na Irmandade, porém agora existe a prática de escrever as memórias.

Para os povos africanos e seus descendentes nas Américas, a memória é importantíssima. A maioria desses povos compartilha uma visão de mundo não linear, percebe a ligação viva entre natureza e homem, na qual o cosmos, os vivos e os mortos coadunam-se com a ancestralidade que dá sentido à existência. Essa memória também está enraizada em processos dolorosos, como a desumanização, a desterritorialização, a escravização, a colonização, a exclusão racial, dentre outros. Assim, as memórias que trazemos aqui são permeadas de resistências, de afirmação/negação das formas negras de ser e estar no mundo dos irmãos e irmãs do Rosário, que dão vida e significado ao presente estudo.

Partindo dessas ideias, importa pensar a memória não apenas com as contribuições de intelectuais, mas, sobretudo, com contribuições de quem vive a experiência de construir a memória coletiva e ser partícipe de uma entidade quadrissecular. Nas narrativas orais, a Irmã Nilsa Bonfim Dias (2021) questiona, responde e exemplifica:

> Fazer memória? Fazer memória é recordar, é recordar, é reviver todos os atos, tudo que foi feito, tudo que se passou, relembrar o que foi certo, o que foi errado, lembrar sempre. Por exemplo, fazer memória da Irmandade é lembrar sempre tudo sobre a Irmandade, conhecimento, divulgar o conhecimento. Toda vez que você lembra está fazendo memória de como foi, como surgiu, quais foram os percalços, o que é que pode ser feito, o que não deve ser feito. [...] isso é fazer memória, não deixar que as pessoas esqueçam o passado (Dias, 2021).

A irmã Nilsa Bonfim Dias (2021) traz uma contribuição importante nessa discussão. Ela explica esse fazer memória. Explica o recordar como algo que liga o passado ao presente, embora ela não verbalize exatamente isso. No meu entendimento, as suas falas nos levam a entender que não pode existir presente sem esse conhecimento do passado. Esse "[...] fazer memória da Irmandade articula avaliações, planejamentos, conhecimento da história da

entidade e a perspectiva de futuro. O que foi feito de errado e que não pode ser repetido" (Dias, 2022).

Conforme as contribuições de Ulpiano Menezes (1992, p. 11), "[...] a memória se dá no presente e para responder às solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar". Meneses (1992), ainda argumenta sobre a relevância fundamental da memória não responder nem dar conta do passado nas suas multiplicidades de dimensões e desdobramentos. Para Martins (2021), a memória é veículo de ligações temporais, nessa articulação espiralar.

Nessa reflexão teórica, é interessante acrescentar a definição de memória coletiva que Meneses (1992) traz a partir das contribuições de autores já citados aqui: Le Goff (2013) e Maurice Halbwaschs (1990). É bem pertinente a colocação de Meneses (1992), que agrega os grupos sociais ou entidades, as quais estamos trabalhando, que são as irmandades negras. No entender de Menezes (1992), a memória coletiva pode ser:

> Um sistema organizado de lembranças, cujos suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupo, é preferível falar em redes de inter-relações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para se manter, precisa permanentemente ser reavivada. É por isso que se dá na ordem da vivência, do mito, e não na busca da coerência, da unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas (Meneses, 1992, p. 15).

As coexistências das memórias coletivas das entidades negras são realidades que podem ser percebidas pelos vários desdobramentos realizados nos encontros e desencontros com as diferentes cosmovisões socioculturais nas Américas. Essa memória coletiva que se carrega no corpo, nos gestos, nos saberes, nos fazeres e nas vivências, experiências memorísticas que foram e são aprendidas e experimentadas nas comunidades negroafricanas e/ou africano-brasileiras. Através das contas do Rosário, as aproximações e reelaborações foram possíveis para se transmutarem em irmandades, confrarias, congados, maracatus etc. Nesse contexto, a Irmã Solange Palazzi (2023) traz uma contribuição importante ao inferir que:

> [...] o patrimônio, de uma maneira geral, ele se assenta no tripé: memória, identidade e patrimônio. E o que conecta todas essas coisas é o senso de pertencimento, entendeu? Quando você se sente pertencente, então a memória deixa de ser só um lugar do passado, ela deixa de ser uma coisa só escrita no papel, ela deixa de ser só o exercício do que já aconteceu, e ela passa a ser uma vivência. Sim. E aí você passa a ter pertencimento, aí falando da

> Irmandade do Rosário, por exemplo, eu estive aí em Salvador, assim como o povo de Salvador esteve aqui. Então, em muitas coisas, nós nos identificamos, é o senso de pertencimento. Quando eu chego no Rosário de Salvador, por exemplo, quando eu chego no Rosário de São Paulo, eu me sinto um pouco em casa, só por ser uma casa de Nossa Senhora do Rosário, ter uma história ligada à dos homens negros. [...] Então não é uma memória que eu tenho alguma coisa para falar, é uma coisa que nós vivemos (Palazi, 2023).

Essa inferência da narrativa da Irmã Solange Palazzi (2023) é muito importante, enquanto uma pesquisadora e Irmã, ela faz uma inferência que faz o diálogo entre: memória é vivência, é experiência que dialoga com o tempo e se constrói e reconstrói nos processos históricos vividos pelas pessoas. Nesse sentido, as conexões entre as várias Irmandades faz com perceba que elas fazem aproximações de memória, que muitas vezes são impossíveis de encontrar palavras para explicá-las, essas memórias são sentidas, partilhadas de forma subjetivas.

Trazendo elementos da dinamicidade do Rosário de Salvador, o irmão Antônio Lima Nicanor (2021) traz uma colaboração importante sobre a memória na Irmandade, ao destacar que:

> [...] Primeiro, a gente tem o hábito: nas vestes, já tem uma representação dessa memória. Segundo, nas celebrações, apesar de que o modo de celebrar é mais recente (aproximadamente, há 25 anos), mas isso faz parte de uma memória, porque, quando se celebra os tambores através de chocalhos, através desses instrumentos, principalmente os oriundos da África, falamos da sua memória. Os cânticos que são feitos nas celebrações, eles levam a memória. Essa memória é exatamente aquela de não permitir a perda das nossas identidades. Não podemos perder a nossa identidade, e a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora as Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) enfrenta a todo custo [...] manter esta memória viva, porque a Igreja do Rosário é uma memória viva, ela não é só um ponto de equilíbrio, um ponto de apoio, é objetivo da comunidade negra (Nicanor, 2021).

Observando a narrativa do Irmão Antônio Nicanor (2021), traz uma reflexão abordando elementos plásticos e simbólicos da memória, de uma memória que pulsa de forma prática nas celebrações. Mas também evoca uma filosofia Bantu, uma anterioridade que se apresenta e se recria a cada celebração. A intelectual Leda Maria Martins (2021a), estudiosa e membro do Congado do Rosário de Jatobá em Minas Gerais, chama-nos a atenção para a imprescindível proeminência dos festejos rosarianos. Ela destaca que ocorre a revivificação de um saber da filosofia Bantu, onde a força vital ou força ancestral se recria em movimento circular que dinamiza e dialoga constantemente com o presente e o passado, os antepassados e seus descendentes se relacionam através da memória ancestral. Martins (2021b) ainda defende que as memórias das comunidades negras se desenvolvem em movimento espiralar, ou seja, com

uma espiral que circunda ritos, festejos, saberes relacionados à Nossa Senhora do Rosário e à sua multiplicidade mitopoética. Acrescenta ainda que:

> As cerimônias rituais ocupam lugar ímpar e privilegia na formação das culturas negras, pois, como territórios e ambientes de memória, recriam e transmitem, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, formas e técnicas de criação e transmissão. São registros e meios de construção identitária, transcrição e resguardo de conhecimentos. [...] os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos, metafísicos dentre outros (Martins, 2021b, p. 47).

A narrativa do Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023) confirma bem a discussão, pois as experiências da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se assemelham com o que ocorre nos congados mineiros.

> Nós nos reunimos no quintal para comer, conversar, dar risada e conhecer pessoas novas. É uma casa que as pessoas entram no início da porta vai até o fundo. Aqui não existe essa dificuldade das pessoas que chegam, mesmo sem pertença, elas comem conosco, elas bebem conosco, elas partilham. E isso é o que diz o evangelho. Eu acho que a Irmandade faz isso muito bem e, no passado, era perfeito, era perfeito, e elas aqui sabiam respeitar. Então é isso que observo: a permanência dessas memórias. Elas não podem ser apagadas e não devem ser substituídas, porque é secular. Uma coisa outra, a gente sabe que muda, mas há coisas que permanecem. É a cara, é a identidade da Irmandade. Quando você, de fato, faz determinadas mudanças, você tira essa identidade que é própria (Souza, 2023).

Michel Pollak (1992) nos fala que a memória, enquanto fenômeno, constrói-se tanto coletiva quanto individualmente, articula diferentes elementos do *continuum* civilizatório e dos seus sujeitos. Nesse sentido, as ações educativas corroboram para que a memória seja fortalecida e articulada positivamente. No entender de Paulo Freire (1992, p. 114), "[...] talvez nunca tenhamos tido em nossa história a necessidade tão grande de ensinar, de estudar, de aprender mais do que hoje. De aprender a ler, a escrever, a contar. De estudar história, geografia. De compreender a situação ou as situações do país". Dando continuidade a essa reflexão, o Irmão Júlio Cesar S. da Silva (2021) expõe que:

> A memória é não deixar tudo aquilo que você adquiriu durante todo um tempo que você está vivendo numa instituição, principalmente nós, que somos memória viva. Nossas memórias ainda estão vivas, porque eu estou vivo, eu posso escrever sobre ela, eu posso deixar como legado. [...] você está escrevendo sobre ela, mas que estão estacionadas, meio sonolentas, porque a chegada de novas pessoas que não tenham um comprometimento, não por culpa delas, mas, acredito mais pelos que já estão, em alguns momentos de não passarem para essas pessoas, essas formas, essas memórias que foram

> deixadas por outros para a gente. [...] então, para mim, essas memórias são conhecidas, identidades culturais que passam para a gente, que nós existimos, que nós temos uma cultura, que nós temos um começo, que nós temos um meio, que nós estamos sempre dinamizando e mantendo viva essa memória histórica, que foi deixada pelos nossos antepassados e que nós também estamos fazendo história (Silva, 2021).

Eric Hobsbawn (1998) nos remete a uma reflexão sobre a relevância do passado, ao salientar que é imprescindível percebermos sua dimensão dinâmica como parte da consciência que permeia entidades e instituições, redimensionando valores e outros fatores de padrões societais. Esses elementos desafiam os estudiosos da história e da educação nessa reflexão sobre a natureza das reminiscências desse passado, da dinâmica das permanências, dos silenciamentos e das transformações.

Na irmandade, podemos perceber que, "[...] através dessa relação com a ancestralidade, com a memória africana, com a origem africana, não se perde essa origem dentro da Igreja Católica" (Dias, 2022). Percebe-se uma experiência ímpar dentro do contexto católico que é diversificado, a experimentação dessas memórias dos povos africanos e afro-brasileiros que se entrelaçam com a ancestralidade. Sobre pensar na memória para além dos conceitos livrescos, a Irmã Solange Palazzi (2023) acrescenta que:

> Porque a memória escrita em livro, que ninguém se identifica com ela, serve muito pouco quando ela é só registro de papel. E quando a gente chega aí, eu já entrando na História da Rede, quando a gente chega e resolve que quer caminhar juntos, que a gente quer fazer juntos, que a gente entende o quanto nós fomos vítimas e vilipendiados do direito de estarmos juntos, e que agora nós vamos cobrar esse direito, de estar, de fortalecer, de dar as mãos, mesmo às vezes que a gente possa fazer muito pouco um pelo outro, mas só o fato de a gente poder dar as mãos e dizer "olha, a gente tem uma irmandade que foi construída, e nós temos obrigação de cuidar disso", já faz uma diferença muito grande, no sentido do conceito de memória. Então memória, para mim, é pertencimento (Palazi, 2023).

Esse pertencimento é perceptível nas atividades das Irmandades, cada uma com sua especificidade. É visível em Pernambuco, na aproximação com as religiões de matriz africana para realizar a Noite dos Tambores Silenciosos; em Minas, na aproximação com os congados para resguardar o contato com as tradições negroafricanas; em Salvador, com o uso da dança afro, dos instrumentos de origem africana, nos seminários, nas rodas de conversa e nas festas.

Ulpiano Meneses (1992) nos aponta a descontinuidade do passado como uma reflexão necessária à articulação da memória, pois o passado alimenta a memória, mas ele não é transplantado para o presente tal qual ocorreu. Por essa razão, diz que "[...] a memória é filha

do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível, e o futuro escapa a qualquer projeto" (Meneses, 1992, p. 14). Dessa maneira, podemos conjecturar como propõe (Santos, 2023, p. 33) na forma contra colonial de ver de o mundo que "[...] o nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma".

A confluência de povos africanos, indígenas e originários numa cosmologia de saberes que se compartilharam. A cosmologia no sentido politeísta que percebe os outros como irmãs e irmãos irrompe em insurgências negroafricanas, afro-indígenas ou ameríndias (Santos, 2023). A percepção de que é possível a convivência com as pessoas de diferentes cosmologias, desde que haja a confluência, sem hierarquizações. Mas infelizmente o individualismo tem operado na nossa sociedade e nós vamos tentando construir um outro modo de vida.

Compreendemos que, através dos contextos históricos de uma determinada entidade ou cultura, podemos negociar o presente e utilizar formas ritualísticas e simbólicas para dialogar com o passado em espaços variados e diversificados, especialmente em espaços de entidades religiosas. Nessa perspectiva, as experiências de culturas negroafricanas ou afro-brasileiras, ressignificadas nas Américas através do contato permanente com as outras culturas, podem recriar outras formas de ser e viver, construindo um mundo menos excludente e mais humanizado. Nesse sentido, o Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021) acrescenta que é possível perceber a memória na Irmandade:

> Há, nas festas, nos hábitos que usamos, nas festas, na parte material, que é nos móveis, que é todo um contexto dentro da Igreja, um encontro de várias coisas, no nosso hábito, no hábito da Irmandade, cada um com seu hábito, nos alimentos que são confeccionados. Hoje, algumas pessoas que estão noviciadas, não é? Eu sinto como Luciana é uma pessoa que está toda hora buscando, perguntando, não é? É uma pessoa que está interessada, né? Que ela, assim, já pediu por algumas vezes para poder sentar-se com o grupo que está sendo preparado para passar um pouco dessas memórias (Silva, 2021).

Esse interesse em aproximar os diferentes grupos para acessar as memórias orais da Irmandade faz parte de um processo educativo que precisa ser retomado. Pouco tem ocorrido isso nesses tempos mais recentes. A memória na Irmandade se apresenta em várias nuances, cada irmão ou irmã a aborda de acordo com as suas experiências, com a sua visão de mundo. Observando as entidades negras brasileiras e sendo uma estudiosa e intelectual que é nossa

fonte de inspiração, Gonzalez (1983, p. 226) nos orienta na relevância da memória e do seu jogo dinâmico que escapam às armadilhas da consciência dominante.

> [...] a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo no ar, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere a gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo para nossa história ser esquecida (González, 1983, p. 226).

Portanto, a memória – sendo feita e refeita de rasuras e profundidades, de palavras e silenciamentos, do que é lembrado ou esquecido, das memórias individuais ou coletivas (sociais) – é potência transformadora. É a memória que nos inscreve na história para que a temporalidade espiralar se articula com nossa ancestralidade e sejamos seres construtores de conhecimentos, de sabervivências e de tradições negroafricanas que se unem e se distanciam. Nessa perspectiva, a memória Rosariana se encontra em circularidade com a sua história, com as ações dos seus filhos nos diferentes tempos históricos.

4.3 TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS NO ROSÁRIO DO PELOURINHO

Como sinalizei na introdução desta tese, as tradições negroafricanas estão presentes nas várias regiões do Brasil (Castro, 2001). E as irmandades negras, sendo entidades criadas por negros congos e angolas, são espaços onde ocorrem essas tradições, que ainda hoje se recriam das mais variadas formas. Na linguagem, nas formas de ser e agir dos descendentes de africanos no Brasil, as tradições negroafricanas podem ser percebidas nos diversos contextos históricos.

Através do toque, do canto, da dança, dos movimentos corporais, elementos de luta e resistência, e dos saberes reelaborados nas diferentes regiões do país, o povo negro conseguiu preservar suas tradições a partir das reminiscências legadas pelos nossos ancestrais. Cada membro da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se esforça para se aproximar do sagrado e da cosmovisão africana, por meio das tradições afro-brasileiras ou negroafricanas, como eu tenho tratado nesta tese, transmitidas ao longo dos tempos. Algumas dessas tradições permanecem inalteradas, outras são transformadas, mas todas se refletem nas contas do rosário,

que vão sendo debulhadas pelos dedos, em um esforço para iluminar as tradições, as religiosidades e os conhecimentos construídos coletivamente.

A educação está inextricavelmente ligada às tradições negroafricanas e à memória. Elas se interconectam, porque as comunidades afro-brasileiras buscam transmitir e recriar suas tradições culturais, reinventam maneiras de ensinar e aprender, mas também se esforçam, na medida do possível, para preservar suas raízes ancestrais. Essas comunidades buscam uma articulação constante entre saberes, tradições e memória, com o objetivo de preservar suas tradições e, simultaneamente, transmiti-las para as gerações futuras. As tradições culturais convocam outras temporalidades que expressam valores, crenças e cosmovisões (Luz, 2000).

Ao falarmos sobre as tradições africanas, estamos nos aproximamos do pensamento de Thiong'o (1997, p. 139), ao afirmar que "[...] o passado se torna fonte de inspiração; o presente, uma arena de sobrevivência; e o futuro, nossa aspiração coletiva". São as ressignificações das reminiscências das tradições negroafricanas presentes na Irmandade que dão sentido à sua continuidade, enquanto uma entidade com mais de quatrocentos anos de existência.

A Irmã Sandra Bispo (2023) diz o que, para ela, é uma tradição negroafricana do Rosário dos Pretos do Pelourinho:

> Bem, eu começaria pela tradição. É tradição, na Igreja do Rosário, manter com rigor os princípios estabelecidos no Compromisso. Não podemos, de repente, está ali o Compromisso, e a gente começar a criar grupo de simpatizantes [...] o Compromisso que rege é a nossa Constituição. Outra tradição do Rosário que eu acho que a gente precisa estar atenta é essa tradição do comportamento da questão da religiosidade, da tradição da questão, do uso do grau, uso da roupa, do hábito assim do lado, do outro não. O outro, um hábito comprido, outro curto. Existe um padrão. Vamos seguir o padrão ou vamos mudar o padrão? Vamos, então, levar para o Compromisso, não deixar morrer mesmo é a questão do respeito e apurar essa questão do comportamento. É nunca, se eu tiver errada e alguma coisa passar a mão na minha cabeça, só porque é Sandra, isso não se encaixa no Compromisso. É o Compromisso vai dizer de mim (Bispo, 2023).

As irmandades surgem de processos de interação e experiência das diversas tradições negroafricanas transplantadas para o Brasil, por meio da migração forçada decorrente da escravização colonial europeia, que trouxe milhões de pessoas negras para nosso país. Estas tradições e contribuições culturais foram redefinidas por meio de processos de convivência forçada com a cultura e religião dos colonizadores, mesmo assim, nas diversas comunidades, a africanidade se faz presente nas várias regiões do país. A irmã Cecília Canuto de Santana (2022) traz contribuição relevante sobre as tradições negroafricanas:

> Meu pai dizia que a festa do Rosário durava 31 dias, não só meu pai, como zelador que é muito antigo, acho que um dos mais importantes hoje, que ainda estão vivos, que é o seu Gilvan do Alto da Sé. Meu pai disse que vestia roupas parecidas com uma batina, com uma capa preta com cinturão, cinto na cintura, e a roupa da Irmandade era preta e branca. Hoje, mas já na minha geração, eu já peguei a Irmandade vestindo a calça preta e a blusa branca, o cinto preto e a opa. A opa é preta. É preta tanto os homens quanto as mulheres eram as mesmas roupas. [...] entendem o Rosário como um importante legado para a história de Olinda. É a primeira igreja na América Latina. Primeira igreja na América Latina: Igreja do Rosário dos Pretos de Olinda. Então mostrar que o Rosário permanece no contexto de luta, de resistência ([Canuto] Santana, 2022).

Esses processos vivenciais, emergindo de práticas e tradições, repercutiram nas comunidades negras que, mesmo interagindo com outras práticas culturais, mantiveram e preservaram ou reinventaram suas tradições negroafricanas, transmitindo-as aos seus membros através das artes, religiosidade, oralidade e reminiscências culturais. Essas experiências têm um impacto profundo e enriquecem as comunidades negras, que reconhecem a importância de seu legado sociocultural, artístico e religioso.

A construção da consciência histórica e da memória é realizada e reinventada na coletividade e na socialização das tradições negroafricanas, herdadas dos ancestrais africanos e afro-brasileiros. As religiões de matriz africana, as irmandades negras, as comunidades quilombolas, os movimentos negros, os blocos afro, as escolas de samba, os afoxés, maracatus, batuques, congados e outros são expressões vibrantes e integrantes deste amplo complexo cultural de princípios civilizatórios negroafricanos que procuram, através da resistência, da persistência e da luta, manter as tradições negras, afro-brasileiras ou negroafricanas e as suas reminiscências no Brasil. A Irmandade de Ouro Preto tem vivido a aproximação com os congados e reinados, para não se afastar das tradições negroafricanas:

> Então, todas as vezes que os processos nos permitem lutar, nós estamos buscando, porque a nossa memória foi apagada não é, num insidio a morte da memória, ou alguma coisa que os portugueses fizeram isso muito bem e a invisibilização [...] dos objetos. Do que que a gente bebe? Da festa dos reinados, juntos com outros congados fazendo memória, e uma memória que se baseia nos livros de Compromissos das irmandades que dizia que elas elegiam reis, elegiam rainhas que saiam na rua revestidos como os nobres diziam que eles cantavam e dançavam na rua e na festa da irmandade. Então o rito talvez mais importante é esse. Que está na memória sobre Nossa Senhora do Rosário que são praticadas pelos congados e que de alguma maneira a gente tem brigado não cem por cento, para que eles sejam aceitos dentro das irmandades e aconteçam dentro desses espaços na nossa Irmandade e na Irmandade de santa Efigênia. A festa tem acontecido com a presença dos congados, não com o protagonismo da Irmandade, mas de qualquer maneira

> com apoio da Irmandade [...] e aos poucos a gente vai buscando memórias (Palazi, 2023).

Dessa forma, as tradições negroafricanas também estão na memória que fazemos nas comunidades negras, tornam-se a base para uma narrativa cultural, estendendo-se além do tempo e do espaço, conectando a diáspora africana a suas raízes ancestrais. É uma celebração e uma homenagem a resistência e resiliência do povo africano, um lembrete de que, apesar de todas as adversidades, a cultura africana continua a florescer e a influenciar o mundo de formas incontáveis.

O impacto dessas tradições negroafricanas pode ser visto na forma como moldam a identidade cultural do Brasil. Os ritmos de samba, o axé das festas de rua, a arte vibrante e colorida, a culinária diversificada, e o espírito de comunidade e resistência são todos testemunhos das influências afro-africanas. Elas têm um papel crucial na formação da diversidade e do multiculturalismo que são essenciais à identidade brasileira. Nesse sentido observemos o que nos narra o Irmão Antônio Carlos C. Souza (2023):

> [...] eu quero falar da memória das comidas da comida que não é uma comida qualquer das memórias e tradições, que na verdade aqui são as nossas vestes! Dominicana é da Ordem Terceira nós temos. Todas as iguarias que são afro-brasileiras. E aí a gente tem alguns que se perderam no tempo como o caruru a Santo Antônio de Categeró, que agora é feijoada, mas era o caruru. Então que era uma tradição que tinha aqui dentro que eu não posso falar aqui [...] nós tínhamos outras tradições aqui que se perderam. As pessoas não têm conhecimento, não viveram acham estranho e às vezes pensam que você está inventando. Então até porque eram coisas realizadas por determinas pessoas que eram preparadas e tinha conhecimento para aquilo então, quem vivenciou viveu algumas coisas aqui dentro que não existe mais (Souza, 2023).

Interpretando a narrativa do irmão, podemos perceber que a irmandade de certa forma tem deixado escapar algumas das suas tradições, não sei de por conta do modismo, por conta de quem está na Mesa administrativa, que absolvidos e absolvidas pelas demandas do dia- a-dia acabam esquecendo dessa parte que é essencial. Desse modo, o trabalho de preservar e promover estas tradições vai além do aspecto cultural.

A educação se materializa como marco referencial no processo de preservação das tradições negroafricanas. É também uma forma de reafirmar a identidade negra e o orgulho negro, em uma sociedade onde, muitas vezes, estes são marginalizados. As tradições negroafricanas são meios de empoderamento, proporcionando uma base sólida para lutar contra a desigualdade racial e a discriminação. São, também, uma reafirmação da beleza, da força e da contribuição significativa do povo negro para a cultura e a sociedade brasileiras.

A comida como referência de memória é de uma grande relevância, porque nela se desenvolvem ciência, afeto, memória. A comida como elemento socializador e de preservação da memória nas entidades negras, A esse respeito, Santos (2023, p. 27) compreende que "[...] toda prática alimentar que se conecta com as festas se torna mais forte. Quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem". Na Irmandade do Rosário, a partilha e a socialização dos alimentos também servem como disseminadoras de memórias negras.

Caruru de Santa Bárbara, Feijoada de Santo Antônio de Categeró na atualidade, pois antes era caruru, Sopa de São Benedito, Escaldado de Bacalhau de Nossa Senhora do Rosário são modos alimentares que estão presentes nas festas do Rosário do Pelourinho. Assim, a comida como elemento socializador, de aproximação de pessoas através do afeto degustativo dos pratos que fazem parte dos gostos culinários da comunidade é dinamizadora de memória. Nêgo Bispo (Santos, 2023, p. 27) de modo assertivo assinala que existe "[...] uma culinária, uma apreciação, uma degustação de comida que faz parte da festa. Sem aquela comida, a festa não pode existir – a festa preserva a comida e a comida preserva a festa".

Assim, a continuidade dessas tradições é vital. Ela ajuda a fortalecer a comunidade afro-brasileira, mantendo vivos os ensinamentos e as sabedorias dos ancestrais. Através das gerações, os membros dessas comunidades tornam-se guardiões de um patrimônio cultural precioso que lhes foi confiado, garantindo que a sua rica herança seja preservada e transmitida. Cada canto, dança, prato de comida e conto transmitido é uma conta entre os nós do rosário que liga o presente ao passado, e o futuro à memória ancestral. Nesse contexto, na Missa do Rosário, a dança afro também é uma tradição negroafricana. A esse respeito, Palazi (2023) acrescenta:

> Acho que o momento que eu poderia destacar são aqueles momentos em que eu consigo perceber uma mística, uma relação, uma mudança de atitude quando eu estou nessa relação dentro do Rosário vivendo esta história do povo negro. [...] no primeiro encontro da Rede que nós fizemos, quando eu assisti à missa, quando eu, participando da missa, no momento do Hosana, quando aquelas mulheres, naquele dia só tinham mulheres, quando aquelas mulheres entraram e fizeram todo aquele movimento [dança afro] e quando elas chegam lá no altar, de repente, um calor, um fogo dentro da igreja, aí você tem certeza de que toda a ancestralidade africana está ali com você, quer dizer junto comigo, né? [risos] (Palazzi, 2023).

Dessa forma, a celebração e a preservação das tradições negroafricanas no Brasil são muito mais do que um reconhecimento do passado. Elas são o referencial para o futuro, uma promessa de que a história, a cultura e a resistência do povo negro continuarão a florescer e a

influenciar as futuras gerações. São uma garantia de que as vozes dos ancestrais nunca serão silenciadas, mas continuarão a ressoar, fortes e nítidas, através do tempo e do espaço.

4.4 ORALIDADE: O FIO QUE UNE O ROSÁRIO

A oralidade é, sem dúvida, uma das maiores riquezas das culturas negroafricanas e afro-brasileiras, servindo como uma ponte vital para o entendimento do passado, a compreensão do presente e a projeção do futuro. Esta forma intrínseca de comunicação, aprendizado e preservação de conhecimento é exemplificada na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Aqui, a oralidade flui através de rodas de conversa, diálogos, cantos e mesas redondas, constituindo uma dinâmica ancestral e profundamente enraizada.

Inspirada em Vansina (2010) que ressalta a dificuldade de definição da tradição oral. É importante compreender que a oralidade que falamos vem das fontes das tradições orais africanas que podem ser transmitidas como testemunho oral de uma geração para outra, nesse sentido, a fala em uma comunidade/sociedade oral pode ser percebida não apenas como uma forma diária de comunicação, mas, sobretudo, como um jeito de preservar a sabedoria ancestral. A oralidade vigora como conduta frente à realidade, e não como ausência de uma aptidão.

A oralidade não é apenas uma maneira de passar adiante histórias, contos, mitos e sabedorias ancestrais, mas também uma forma de deixar as vozes das comunidades fluírem. Celebrar as suas tradições é transmitir os princípios de solidariedade, resistência e persistência. Nas palavras do pensador africano Bâ (2010, p. 169), “[...] a oralidade é a escola da vida", sendo, ao mesmo tempo, “[...] religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, [...] fundada na sua iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem e a mulher à sua totalidade”. Assim, a oralidade também tem um papel privilegiado como elemento singular da aprendizagem e construção do conhecimento.

De acordo com Martins (2021b), a oralidade é um elemento privilegiado de construção do conhecimento nas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como a predominância do aprendizado é pelas performances corporais nos povos originários. Neste contexto, o corpo e a oralidade se unem como duas bases fundamentais do conhecimento. Observamos essa dinâmica na entidade estudada. Oralidade e corpo são dois elementos singulares nas atividades rosarianas. Os sabervivências se inscrevem no corpo através da oralidade, da experiência, do sentir e do experimentar.

A Irmandade do Rosário dos Pretos, fundada por negros de origem congolesa e angolana, é uma entidade intrinsecamente ligada à tradição oral. Apesar de estar inserida em uma sociedade letrada, a entidade mantém firme o compromisso com a perspectiva da oralidade como meio de conhecimento e ação. A oralidade é o alicerce e o telhado da Irmandade, é palavra e ação, é a força motriz que direciona suas atividades e suas práticas.

A oralidade não é um aspecto isolado da cultura, mas uma força viva que permeia todos os aspectos da vida. Ela molda a maneira como as comunidades interagem, como compartilham suas tradições e histórias, e como transmitem seus valores e conhecimentos para as gerações futuras. A oralidade é tanto uma referência do passado quanto uma ferramenta para moldar o futuro, um canal que permite a continuidade e a preservação da cultura e da memória coletiva. Nesse sentido, o estudioso africano Thiong'o (1969) nos orienta sobre a multiplicidade da tradição oral, de sua riqueza. Thiong'o (1969, p. 148) acrescenta ainda que "[...] a tradição oral é rica e multifacetada, esta arte não é morta, é uma tradição viva [...] a familiaridade com a literatura oral pode fazer surgir novas técnicas e estruturas e poderia alimentar atitudes mentais caracterizadas por uma vontade de experimentar coisas novas".

No entanto, devemos nos lembrar de que a preservação da oralidade exige um esforço contínuo. Assim como a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, todas as comunidades afro-brasileiras e africanas devem se comprometer a nutrir e transmitir esta prática, garantindo que suas vozes, histórias e sabedorias não se percam, mas sejam passadas adiante para as gerações futuras. Ao abraçarmos a oralidade como uma forma valiosa de conhecimento e ação, garantimos que a riqueza da cultura negroafricana continue a prosperar e a enriquecer nossa sociedade.

A oralidade vai além de um simples mecanismo de comunicação. Ela se constitui como uma expressão viva da identidade cultural, uma ponte entre o passado, o presente e o futuro. Ao dar voz às tradições, à resistência e às experiências das comunidades afro-brasileiras e africanas, a oralidade funciona como um farol, iluminando o caminho para a compreensão do nosso próprio lugar no mundo.

Dentro da Irmandade do Rosário dos Pretos, a oralidade assume uma forma tangível e viva. Cada roda de conversa, cada canto entoado, cada diálogo criado, cada encontro na mesa redonda é um eco de vozes ancestrais. Aqui, a oralidade se manifesta não apenas como a transmissão de histórias e saberes, mas também como uma expressão de resistência e afirmação cultural.

Essas práticas orais também moldam a estrutura social e organizacional da Irmandade. Elas são usadas para transmitir regras e diretrizes, negociar conflitos, tomar decisões coletivas e compartilhar conhecimentos e saberes. Ao mesmo tempo, funcionam como uma celebração da diversidade de vozes e perspectivas dentro da comunidade, permitindo que cada membro tenha a oportunidade de ser ouvido e reconhecido.

A oralidade, então, não é uma prática passiva, mas uma ação consciente e engajada, uma ação coletiva que se constrói no diálogo com o outro. Ela envolve escutar tanto quanto falar, aprender tanto quanto ensinar. Requer a abertura para o diálogo, a disposição para o entendimento e o respeito pelas experiências e saberes de cada um.

Nesse sentido, o desafio que se apresenta para nós é de como valorizar, preservar e revitalizar essas práticas orais nas comunidades afro-brasileiras e africanas, em um mundo cada vez mais dominado pela escrita e pela tecnologia. É fundamental reconhecer a importância da oralidade como uma fonte rica e dinâmica de conhecimento, como um veículo para a preservação da cultura e da identidade, e como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, ao reconhecermos a oralidade como a escola da vida, segundo as palavras do pensador africano Bâ (2010), somos convidadas (os) a mergulhar na riqueza e na profundidade das culturas negroafricanas e podemos ampliar para as afro-brasileiras, aprendendo com suas histórias, seus saberes e suas formas de resistência e resiliência. Estamos, ao mesmo tempo, reconhecendo a importância do legado deixado por nossos ancestrais e nos comprometendo a transmitir essa herança às futuras gerações.

Na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a oralidade é um dos pilares da sua memória. Através da oralidade, aprendemos a ser irmãs e irmãos. Aprendemos sobre nossa história, nossa ancestralidade, aprendemos sobre o presente, o passado e projetamos o futuro. Somos estimuladas (os) na roda de preleção a nos comunicar, a nos envolver no diálogo fraterno e aberto, para que cresçamos enquanto pessoa, e a entidade continue o seu legado.

Ao reconhecer a profundidade e a importância da oralidade, é imperativo que ela seja tratada não apenas como uma manifestação cultural, mas também como uma forma inestimável de epistemologia. Esta abordagem e prática da transferência de conhecimento têm moldado o desenvolvimento cultural, social e político das comunidades negroafricanas e afro-brasileiras ao longo dos séculos. No entanto, em um mundo crescentemente dominado pela digitalização e pela escrita, há um risco palpável de a oralidade ser marginalizada ou esquecida.

Essa oralidade, observada através dos entrelaçamentos com a ancestralidade, traz à contemporaneidade a perspectiva dos nossos antepassados como vozes soantes que ecoam no presente entrelaçado com o passado e reverberam num futuro que pode ser ancestral, desde que não nos deixemos engolir pela globalização avassaladora que corrói o nosso existir. Nesse sentido, Martins (2021b) defende que os antepassados continuam vigilantes, existindo e garantindo existências:

> O olhar e a voz dos nossos antepassados asseguram a existência, pois sua lembrança garante a produção da própria memória. Assim, enquanto os ancestrais de nós se lembram, nós ainda seremos. Nos cantos-imagens, nas imagens-canto, na dança, nas pinturas, e grafias corporais são eles que ainda de se recordam e mantêm a permanência desejada (Martins, 2021 b, p. 213).

Tendo como referência o que foi dito anteriormente, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, como representante notável da rica tradição oral afro-brasileira, onde as vozes dos antepassados e da ancestralidade podem ser percebidas, deve servir como inspiração para outras comunidades e organizações. Sua dedicação contínua à oralidade, mesmo no contexto de uma sociedade majoritariamente letrada, é testemunho do poder e da relevância desta forma de comunicação e preservação do conhecimento.

Observamos, no entanto, que isso está se perdendo um pouco. As pessoas já chegam querendo ir embora das atividades, mas, como já falamos anteriormente, a dinâmica do tempo na irmandade ainda tenta manter um tempo espiralar, minimizando a pressa. O irmão Antônio Carlos C. Souza (2023) assinala a relevância desse mecanismo de condução do tempo e manutenção da memória:

> Não era uma coisa presa, era muito gostoso, e isso fazia com que os mais velhos abraçassem a ideia, porque eles entendiam, eles também vão para roda de conversa, né? E tinha muita roda de conversa aqui, mas não era uma roda de conversa como a gente faz roda de conversa hoje, com tema tal. A gente se encontrava, arrecadava ali uma pontinha de um, uma pontinha de outro. Vamos fazer, fazer o quê? Um fuxico. Daí, cada uma pegava uma pontinha, ia lá o que desse, pelo número de pessoas, todo mundo comia, e quem chegasse mais comia também. Então é uma casa que também sempre acolheu quem chega. E a comida, principalmente, foi um elo muito grande (Souza, 2023).

Nesse sentido, como bem ressalta o Irmão Antônio Carlos C. Souza (2023), não se trata apenas de olhar para o passado com nostalgia, é essencial reconhecer e celebrar a oralidade como uma ferramenta atual e dinâmica para a educação, a comunicação, trocas, partilhas, acolhimento e a construção comunitária. Por meio de histórias, canções, diálogos e outros meios

de expressão oral, os indivíduos e as comunidades podem abordar questões contemporâneas, buscar soluções colaborativas e fortalecer os laços sociais. Ainda nesse aspecto, o irmão colaborador Antônio Carlos C. Souza (2023) nos enriquece de conhecimentos com mais uma narrativa pertinente à relevância da oralidade na Irmandade do Rosário:

> Isso é muito interessante, e eu acho, é dentro da parte da memória. O que eu acho mais rico é essa coisa da memória oral. Eu acho muito rico, mas vejo hoje se perdendo um pouco, e aí eu digo que, talvez pela vaidade das pessoas, talvez não possa afirmar, mas, grosso modo, junto à vaidade, há dispersão na formação, e a gente precisa estar de olho nisso, para não se perder na caminhada. A presença é muito forte. Eu vejo hoje é difícil de encontrar um Capelão como Padre Hélio, Padre Hélio não era um padre, era um irmão junto da gente. Ele, na verdade, era aquele que passava o dia dentro da comunidade. Ele chamava a gente, pegava na orelha mesmo: "Sente aqui que eu quero conversar com você! Venha cá, venha cá, Júlio! Você está ouvindo? Aqui faltou domingo. Onde já se viu?!" Se cercava, mas de uma forma assim, não era grosseira, era aquela coisa de responsabilidade (Souza, 2023).

A oralidade é reconhecida pelo Irmão Antônio Carlos C. Souza (2023) como um elemento indispensável à memória das irmandades negras, como também de outras instituições. Ele nos adverte da necessidade de atentarmos para essa dispersão que tem ocorrido nos últimos tempos. Instituições educacionais, organizações culturais e comunidades em geral, devem criar e manter ambientes onde a oralidade seja valorizada e incentivada. Para que a tradição oral continue a florescer no futuro, é vital que haja espaços dedicados à sua prática e à sua promoção.

Programas de educação e eventos que destaquem a relevância da tradição oral podem ajudar a reacender o interesse e a apreciação por esta forma de comunicação e aprendizado. Irmão Almir Menezes (2023) acrescenta que "[...] a oralidade que é fundamental. Oralidade você ouve, vê as coisas acontecendo, você processa aqui dentro [aponta para a cabeça]. Entendeu? Você guarda, em determinado momento, você desenvolve alguma atividade em relação àquilo que está acontecendo. Muito forte, muito forte a oralidade!".

Nas culturas negroafricanas, como a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a oralidade é mais do que uma mera prática cultural, é um pilar de identidade, resistência e conexão. Em um mundo em rápida transformação, é crucial que continuemos a valorizar, promover e, acima de tudo, ouvir as vozes que emanam desta rica tradição. Pois, nas palavras, histórias e canções transmitidas oralmente, encontramos a essência da humanidade, a sabedoria dos ancestrais e a promessa de um futuro unido e enriquecido.

4.4.1 O Círculo da Preleção

No seio da espiritualidade católica negra, encontra-se um belo mosaico de tradições, rituais e interações comunitárias que nutrem o espírito e fortalecem a fé. Uma dessas tradições é a preleção. Denominamos preleção a reunião circular que ocorre após a Missa de Nossa Senhora do Rosário, aos domingos, a partir das dez horas e trinta minutos na comunidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, Salvador, Bahia. O termo 'preleção' pode levar a diferentes interpretações, mas aqui serve como um ponto de encontro para a comunidade discutir assuntos da igreja, da irmandade, exercitar a oralidade de forma circular, resolver conflitos e fortalecer os laços comunitários.

Ao término da missa, irmãos e irmãs do Rosário caminham pela nave central da igreja, cantando o hino de Nossa Senhora do Rosário, até a sacristia, onde se organizam em círculo. A preleção inicia com a saudação inicial do Prior: "Bendigamos ao Senhor?" Em resposta uníssona, todos e todas presentes respondem: "Demos graças a Deus." Esta saudação reflete a essência da reunião, marcada pelo respeito, pela gratidão e busca por orientação divina.

Em tempos passados, só os irmãos professos da Irmandade poderiam participar da preleção, como bem relembra a Irmã Glória Bonfim (2023): “Eu me lembro que a preleção era só para os professos. Não entrava nenhum noviço e nem ninguém de outras agremiações, devoções. Depois, quem estava lá dentro era que passava para os noviços e para os irmãos que estavam lá fora aguardando”. Atualmente, a preleção é composta por todos os irmãos e irmãs das entidades que compõe o complexo religioso do Rosário, sendo elas: os irmãos do Rosário dos Pretos, Santo Antônio de Categeró, São Benedito, Santa Bárbara e Terço dos Homens.

A preleção é democraticamente organizada com mulheres à esquerda e homens à direita. A participação é igualitária, todos têm voz e oportunidade de expressar suas opiniões. A reunião começa com o Prior ou, na sua ausência, o Vice-Prior, a secretária ou outro membro da Mesa Administrativa, que apresenta comunicados e lembretes de atividades.

Essa parte introdutória segue uma sequência predeterminada: após a abertura, a secretária faz o comunicado dos informes, convites e atividades da semana, e então o Prior retoma a palavra, franqueando-a, primeiramente, às irmãs, em seguida aos irmãos. Os tópicos discutidos podem variar desde questões administrativas até problemas interpessoais entre membros da comunidade. A conversa flui de maneira estruturada, mas espontânea, permitindo que cada voz seja ouvida e cada questão seja tratada com equidade e respeito.

Não é apenas a palavra que tem seu espaço nessa reunião: o canto também se faz presente. Quando se relatam fatos propositivos e conquistas, toda a comunidade rosariana canta: "Assim seja, meu Deus, seja como Deus quer, seja feita a vontade de Deus, Axé!"

A preleção é, portanto, um exercício de oralidade e narrativa que permite à comunidade tecer a história de sua irmandade. É um momento de encontro, de reforço de laços e de resolução de conflitos, que sustenta a coesão da comunidade e fortalece a identidade coletiva. O Irmão Adonai Ribeiro (2023), refletindo sobre a preleção, assinala que: "[...] nós temos a nossa palestra de domingo. Essa reunião no domingo é chamada preleção. Aqui já encontrei esse círculo que nos organiza mulheres de um lado e homens do outro, mas todos têm voz, todos têm participação nesse círculo, a gente não vê hoje ninguém relatar de outo lugar".

A preleção é vista como um exercício educativo, um momento de aprendizado mútuo através da troca de experiências e conhecimentos. A irmandade valoriza a oralidade, a memória coletiva e a partilha como elementos fundamentais para a continuidade das suas tradições e o fortalecimento da fé. Dessa forma, a preleção se torna uma expressão autêntica e viva da espiritualidade, do companheirismo e da comunhão na comunidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Na tradição desta comunidade, a preleção é mais do que um encontro semanal ou um fórum para discussão. É um reflexo da rica herança cultural da Irmandade – tecida com os fios da oralidade, entre os nós e as contas do Rosário – fortalecida pela fé compartilhada. Eles se reúnem, ou nós nos reunimos, não apenas como um grupo de fiéis, mas como uma família estendida, como comunidade que dialoga com a circularidade negroafricana que acolhe, trazendo o princípio do círculo, como uma experiência de equilíbrio, de movimento e de trabalho coletivo da tradição negroafricana. Eduardo Oliveira (2007, p. 265) ressalta que integração e horizontalidade fazem parte da circularidade africana, como:

> [...] um padrão da cultura tradicional africana. O círculo tem a qualidade de não excluir, e suas primeiras características são a integração e a horizontalidade. O que entra no interior do círculo está integrado em roda, onde cada elemento se relaciona com o outro, complementando-o. Talvez por isso, a cultural oral, praticada embaixo de frondosos Baobás, nas canções dos *griots*, não separe ciência de arte, política de religião (Oliveira, 2007, p. 265).

Na preleção, cada pessoa é valorizada, cada contribuição é apreciada, e cada conquista é celebrada como um triunfo da comunidade inteira. Nos momentos de conflitos e de ânimos exaltados, o prior suspende a preleção e leva o assunto para a Mesa Administrativa deliberar sobre os pedidos de desculpa ou sansões no caso de ocorrência grave.

A importância do Prior em todo esse processo não pode ser subestimada. Ele serve como o condutor dessa roda de saberes, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e todos os temas sejam abordados. Sua liderança na preleção é fundamental para manter o respeito e a harmonia dentro da comunidade.

Visto dessa maneira, a preleção emerge como um farol de conexão humana e espiritual, uma bússola que orienta a comunidade em sua jornada de fé. Cada reunião é uma reafirmação da herança cultural e da fé compartilhada, tecendo um vínculo que transcende as diferenças individuais e une a comunidade em sua busca de crescimento espiritual e coesão social.

A preleção da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho é, portanto, uma prática educativa enraizada na tradição e na fé. É um exemplo poderoso de como a oralidade, a comunicação aberta e a prática da fé podem se unir para criar uma comunidade vibrante, coesa e espiritualmente enriquecida. É um lembrete de como a espiritualidade pode ser intrinsecamente entrelaçada com a vida comunitária e social, oferecendo não apenas conforto e orientação, mas também um sentido de pertencimento e identidade. É a fé em ação, demonstrando a força de uma comunidade unida pela crença, pelo amor e pelo respeito mútuo.

Para encerrar a reunião, o Prior retoma apalavra e repete a oração inicial, marcando assim a circularidade, encera onde começou. As orações conectam os presentes ao espiritual, marcando também o sagrado da reunião.

4.5 ESCRAVA ANASTÁCIA: “O SANGUE DE QUEM TOMBOU É FORÇA VIVA DE PAZ”

Escrava Anastácia é uma figura emblemática na cultura e fé afro-brasileira. Sua história, embora não seja reconhecida oficialmente pela Igreja Católica como santa, tem raízes profundas de santidade na memória coletiva do povo negro brasileiro, especialmente entre as comunidades negras. A devoção à Escrava Anastácia tem uma ligação direta com as tradições negroafricanas, materializando-se, principalmente, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. “Outra coisa muito interessante é a popularidade da Escrava Anastácia no Rosário dos Pretos, que foi crescendo. Hoje, já não se tem tanta motivação e tantas visitas aos túmulos dos escravizados” (Silva, 2023). O irmão Júlio Cesar S. da Silva (2023) testemunha uma história muito importante sobre o culto à Anastácia na Igreja do Rosário:

> Tinha uma senhora de Santa Catarina. Lembro da senhora que vinha todo mês, ela chamava o centro de Umbanda em Santa Catarina, e todo mês ela vinha com uma grande quantidade de pessoas – para mais de vinte, vinte e cinco

> pessoas – acompanhando. Ela disse que, no centro de Umbanda dela, ela recebeu a mensagem de um dos guias dela e, logo depois, ela começou a receber essa entidade de uma pessoa que seria filho da Escrava Anastácia. E que estaria com os restos mortais depositados na Igreja do Rosário dos Pretos. Essa senhora vinha em comitiva, trazia muitas flores e presentes, dava presentes às pessoas que estavam sempre na igreja. (inaudível) Esse momento era muito íntimo, era muito respeitosa. Muitas vezes, se fechava o portão, para que não atraísse os curiosos. Essa senhora recebia um uma entidade não é, um espírito que fazia orações, rezava e depositava as flores sobre túmulos ali da igreja. Depois, sempre dava um abraço nas pessoas, dava conselhos e, logo em seguida, a manifestação cessava, e ela fala com todos. Foi muito, muito interessante. Depois de um certo tempo, ela deixou de frequentar a Igreja do Rosário. Não sei por que motivo, não sei se ela ficou doente, se veio a falecer. Ou se outros motivos a impediram de estar conosco no Rosário, mas foi um dos momentos mais fortes que eu já vi com relação à Escrava Anastácia (Silva, 2023).

Sobre essa vivência religiosa com Escrava Anastácia, o irmão Almir Menezes (2023) acrescenta o seguinte: "Eu li pouco sobre Anastácia, a diferença dela era justamente o saber. A linguagem, não é? Ela tinha um poder na língua. Ela tinha poder na fala. Com as pessoas, os Senhores, por isso, o silenciamento". Ele ratifica que Anastácia é referência de eloquência e retórica:

> Ela tinha poder na fala. Então essa fala dela era muito importante. Ela conseguia envolver as pessoas. Os meus senhores, ela envolvia seus Senhores. Com isso, ela pegava e conseguia várias cartas de alforria. Então ela era superimportante. Então a gente tem que ter ela como referência. Sim, Escrava Anastácia. E a gente tem que buscar e descobrir os dons da vida que a gente tem (Menezes, 2023).

Anastácia é considerada uma princesa ou rainha de origem *Bantu*, da família real *Kimbundo* que foi arrancada das terras em Angola, trazida para o Brasil, onde foi escravizada. Diz a narrativa, que ela resistiu às investidas sexuais do seu senhor e, por este motivo, foi punida com uma máscara de ferro que cobria o seu rosto, a impedia de falar e um colar de ferro muito pesado no pescoço. Mesmo sob tais condições brutais, Anastácia manteve sua dignidade e força de espírito, tornando-se um símbolo de resistência e resiliência. A máscara da brutalidade, da dominação, da coisificação, do sadismo, dos silenciamentos mais profundos e violentos. No entender de Kilomba (2019) essa máscara representa a face colonialista de modo geral e seus regimes perversos de silenciamento das (os) consideradas (os) outras (os).

A devoção popular a Anastácia é intensa, principalmente, no Rio de Janeiro, onde os seus restos mortais supostamente repousam. Desde a década de 1990, muitos fiéis têm visitado o nicho de Anastácia na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho.

Localizado no cemitério dos escravizados, nos fundos da igreja, o nicho é um lugar de peregrinação para aqueles que procuram o auxílio de Anastácia ou desejam agradecer por graças alcançadas. A imagem a seguir é uma fotografia desse nicho.

Imagem 29 - Nicho de Escrava Anastácia[79]

Fonte: Arquivo pessoal Analia Santana, 2023.

A devoção à Escrava Anastácia é mais do que apenas um ato de fé, é também uma afirmação das tradições negroafricanas no Brasil. Ela faz lembrar a dura realidade da escravidão e testemunha a resistência e a força daqueles que foram escravizados. Através da veneração à Anastácia, os fiéis não apenas honram uma figura de devoção, mas também mantêm viva a memória e as tradições dos seus antepassados. Sobre a relação com a Escrava Anastácia, a Irmã Maria Rosa Santos (2023) ressalta: "[...] minha relação Anastácia é boa, eu rezo, peço proteção para mim e para todos. Quando posso, trago umas flores. E tem a festa dela. Essa festa tem comes e bebes. Na festa dela, só tinha as flores para a missa, o cuscuz branco. E hoje, ultimamente, estão botando tudo. Hum [..]".

Em um país onde a história e a memória da escravidão são apagadas, queimadas e muitas vezes minimizadas ou esquecidas, a devoção à Escrava Anastácia serve como um contraponto poderoso. Ela é uma expressão da fé e resistência afro-brasileira, uma celebração da cultura e da história negras e um grito contínuo por justiça e igualdade. A história de Anastácia e a

[79] Todas as segundas-feiras, a conclusão da Missa dos Antepassados acontece no cemitério onde fica o nicho de Escrava Anastácia, após uma procissão com velas acesas e colocadas no local de acendimento de velas. A benção final, em seguida o padre asperge os fiéis com água benta e todos tomam um mingau no quintal.

devoção que ela inspira são testemunhos da resistência, da força e da resiliência do povo negro no Brasil. Em sua narrativa, o irmão Antônio Carlos C. Souza (2023) dialoga e ratifica a devoção anastaciana no Rosário:

> Escrava Anastácia é uma devoção que, na verdade, foi levada ao Rosário, e as pessoas também tinham essa devoção também às segundas-feiras, junto com a missa dos irmãos falecidos, até porque Escrava Anastácia, ela não era uma santa, ela é apenas venerada pelos fiéis católicos, por sua história, né, por ser uma rainha trazida de África, assim como é posta. Ela se recusou, não é, a ser usada pelo branco, pelo opressor e, por isso, foi colocada mordaça na boca, evitando que ela falasse, até porque, a partir do momento que ela foi amordaçada, foram colocadas várias hastes de ferro no seu corpo, evitando que ela tivesse todo tipo de contato. Tive contato e acesso às pessoas que alcançaram, mesmo estando apenas próximas ao nicho dela, graças, mas não é o que nós chamamos de milagre, e tudo mais (Souza, 2023).

Em se tratando de memória das comunidades católicas negras, a Escrava Anastácia, que é uma memória viva e santificada da mulher negra pela religiosidade popular, representa a mulher negra escravizada, "[...] transmitindo os horrores da escravidão sofrida pelas gerações de africanas/os escravizadas/os" (Kilomba, 2019, p. 35). Essa mulher com uma máscara de ferro na boca, que lhe foi colocada porque resistiu às investidas sexuais do senhor de escravos e às psicopatias da senhorinha branca, enciumada com a beleza e a eloquência da mulher negra escravizada. Essa máscara, instrumento de opressão física, psicológica e social, também representa o silenciamento coletivo imposto à população negra nos diversos momentos históricos. Contudo, os orifícios dessa máscara são as fendas da resistência, do respiro e da tomada de ar, para buscar alternativas contra toda exploração.

> Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo, e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implantar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os *outras/os:* Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba, 2019, p. 33).

A origem de Anastácia tem várias versões. Conta-se que Anastácia era oriunda de Angola, de uma família real Quimbundo, trazida para a Bahia no processo de escravidão por

uma família portuguesa. Quando essa família retornou para o seu país de origem, ela teria sido vendida para um escravocrata, dono de plantação de cana-de-açúcar. Outros contam que ela era uma princesa Nagô/Yorubá antes de ter sido capturada por europeus traficantes e embarcada para o Brasil na condição de escravizada. Existe ainda outra versão: a de que ela teria nascido aqui na Bahia. Não há registro do seu nome oficial africano (Kilomba, 2019). Diz-se que, mesmo com a máscara no rosto colocada pelo algoz, ela teria curado o filho do senhor que sofria de grave enfermidade.

Imagem 30 - Parte do Nicho da Escrava Anastácia

Fonte: Arquivo pessoal de Anália Santana, 2023.

Nesse contexto, mesmo sem reconhecimento oficial da Igreja, o culto à Anastácia segue ganhando adeptos no Brasil e no exterior. Ela é símbolo devocional e mítico que, através da fé, tem aglutinado fiéis e admiradores da sua bravura, resistência ao sofrimento e serenidade. Em sua memória, foi registrado que ela faleceu aos trinta e quatro anos, vítima de tétano causado pelos ferimentos da máscara. Representa a mulher negra escravizada e a resistência das milhares de pessoas escravizadas, excluídas, marginalizadas, exploradas, que, mesmo com as máscaras dos silenciamentos, seguem lutando e resistindo através das fissuras que ainda restam.

A memória de Anastácia se articula com a memória, a resistência e a luta de milhares de nossos antepassados invisibilizados, esquecidos, dizimados, silenciados nas várias instâncias neste país. Ela nos remete ao processo doloroso da escravização e de reexistência, cujos resquícios estão presentes nas nossas memórias e subjetividades, nos nossos corpos. Remete também a processos dolorosos de reexistência recriados e potencializados, para que hoje possamos registrar essas memórias, que, no tempo delas e deles, inscreviam-se na subjetividade e nos seus corpos apenas.

> Quantas e quantas promessas, eu vi pessoas ali irem pagar, por conta do alcance, por meio, por intermediação de Escrava Anastácia. E posteriormente, dia 12, a celebração em honra a Escrava Anastácia, fazendo jus ao seu papel, né, na nossa história, como mulher negra, mulher de fé, dentro de uma ancestralidade afro, que eu digo africana, porque, na verdade, ela era uma africana [...], quebrando toda uma forma de preconceito, não é? Fazendo valer aquilo que ela trazia consigo, que são as memórias, são os valores de seu povo, dos seus ancestrais. Escrava Anastácia (Souza, 2023).

Anastácia é cultuada na Igreja do Rosário de Salvador, onde há um nicho em sua homenagem no cemitério. Sua festa ocorre no dia 12 de maio com missa festiva. Visitas diárias ocorrem ao seu busto, que fica na área externa do templo, construído nos fundos da igreja, aonde os fiéis vão para agradecer graças alcançadas. Reverencia-se Anastácia como uma ancestral que é referência para a maioria das mulheres negras e dos homens negros na Irmandade do Rosário do Pelourinho. A Irmã Maria da Glória Bonfim (2023) relata como ela percebe Anastácia no Rosário:

> Então o que eu posso lhe dizer é que um irmão recebeu de presente um busto de Anastácia, e ele colocou esse busto num altarzinho. Acho que foi Alberto e Mira que começaram a fazer esse movimento. Depois, Cosma veio e tomou a maternidade, com outros irmãos, e começou a fazer a festa, fazer a missa [...] você vê que está hoje, no dia 12 de maio, o dia de Anastácia, a gente faz a festa, a missa. No passado, tinha uma senhora do Rio Grande do Sul que vinha, chegava aqui, ela recebia Anastácia e conversava com todo mundo, incorporada de Anastácia (Bonfim, 2023).

O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2023) narra como se dá a atividade religiosa de culto à Escrava Anastácia, a qual ele reverenciou no Rosário:

> Um outro momento também interessante é que a Igreja Messiânica, sempre promovia no passado – isso há mais, vamos dizer, de vinte anos – a limpeza, a limpeza nas ruas, ali no Largo do Pelourinho. E eles escolhiam sempre a Igreja do Rosário dos Pretos para fazer essa limpeza na segunda-feira, onde tinha também as homenagens da Escrava Anastácia. Muitas pessoas que ali estavam da Igreja Messiânica, que estavam no processo de purificação, não sei como é que chama isso, tinha pessoas que recebiam entidade. Tinha pessoas que recebiam pretos velhos, pretas velhas. E o que destacava muito era uma senhora, uma juíza, bonita, elegante, que ela recebia uma preta velha. Essa preta velha fazia muitas orações no túmulo dos escravos e em frente à Escrava Anastácia. É uma mulher que se transformava lá, realmente recebia uma preta velha quando o corpo dela mudava. E uma das coisas que era muito a maneira dela andar. Tudo isso era uma forma de incorporação muito importante. Aqui a irmandade sempre respeitou isso como uma forma de manifestação religiosa do outro. Está ligado à nossa ancestralidade africana.

> Então, eu tenho as minhas memórias dentro do Rosário dos Pretos (Silva, 2023).

Além de Salvador e outras cidades, o Rio de Janeiro é um estado onde a devoção à Anastácia ocorre desde os anos setenta do século passado, com culto na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e outros locais, como Madureira, Olaria e Vaz Lobo. Sem a aceitação oficial da Igreja Católica, a qual nega com veemência que ela tenha existido, iniciou-se um processo para reunir a documentação de canonização, porém o bispo do Rio de Janeiro não deu prosseguimento, arquivando o processo que tornaria a Escrava Anastácia santa. Concluindo as narrativas sobre Anastácia, o Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2023) menciona a sua luta pela liberdade de tantas pessoas, a sua resistência.

> Então Escrava Anastácia foi, é, sempre será uma referência não só para os que foram, mas para nós que aqui estamos. Precisamos conhecer, assim como a Escrava Anastácia, tantos outros que marcaram, deram sua vida em prol daqueles que virão, daqueles que vieram depois, né? Fez valer a liberdade, o lugar dessa resistência, o lugar da não aceitação de tudo que era comum na época, que era o processo de escravização. [...] a liberdade é para todos. Aí precisa lutar por isso, isso é o que fica, é o que a gente precisa garantir para as futuras gerações. Escreva Anastácia foi e é um marco na história do Brasil, que a gente jamais poderá esquecer. [...] eu termino aqui dizendo que a gente precisa ter essa clareza de continuar essas tradições, essa fé deixada por essas mulheres guerreiras negras e homens negros também (Souza, 2023).

Portanto, a fala do Irmão Antônio Carlos Souza (2023) reivindica a enunciação, a fala negada, o lugar, o espaço do corpo, a terra expropriada, a memória negada pela escravização que coisificou, pelo racismo que oprime, pela exclusão que apequena, pelo preconceito que entristece, pela desumanização que aniquila. Interpretando a imagem de Escrava Anastácia, a boca tapada, no sentido real, simbólico e metafórico, remete-nos à opressão e ao grito de nós outras (os), que buscamos retirar as amarras das máscaras que nos silenciam, censuram e violentam.

Nossas memórias são atravessadas por desafios muitas vezes dolorosos. Mas as encruzilhadas são possibilidades de reflexão, ação e tomada de consciência, que ressignificam nossas vidas enquanto negras (os), por meio das raízes das memórias históricas negroafricanas e das águas do Atlântico negro que nos ligam a uma ancestralidade comum.

4.6 ANCESTRALIDADE “EU SOU DE LÁ D’ÁFRICA”

A nossa existência enquanto pessoas descendentes de povos africanos, precisa ser assumida como princípio cosmogônico se quisermos entender nossa existência nesse Planeta. Afirmar os princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros, somos de África, por mais que tentem apagar essas bases, é a ancestralidade é nos conecta a essa circularidade que envolve uma anterioridade, o agora e a perspectiva de um depois, essa temporalidade espiralar (Martins, 2021a). Assim, a ancestralidade africana é um dos pilares fundamentais que sustentam as práticas e crenças do povo negro no Brasil. Acredita-se que a força dos antepassados se perpetua em gerações futuras, moldando identidades e influenciando vivências. Este conceito de ancestralidade não se restringe apenas à genealogia biológica, mas transpassa também o espiritual, o cultural e o social.

Nessa trama imbricada de vivências e memórias, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho desempenha um papel significativo. Esta instituição religiosa – ativa desde o século XVII – mantém viva a chama da ancestralidade, invocando e proclamando a importância dos laços com a África e a ancestralidade africana como alimento fecundo da nossa existência, nos dá subsídio para acessando a encruzilhada encontremos caminhos significativos para continuar vivendo.

Eduardo Oliveira (2007) destaca que a ancestralidade é uma corrente de energia criativa alimentada pela memória e em constante diálogo com o presente. Na perspectiva afro-brasileira, o tempo não é linear e sequencial como no pensamento ocidental, mas um círculo, uma espiral onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam. E, esse entrelaçamento ancestral nos conduz a buscar nossas aproximações religiosas, culturais e de memória que ressignificam na existência enquanto seres inacabados descendentes de povos africanos e indígenas rechaçados pela história oficial por muitos séculos.

Dessa forma, a Irmandade do Rosário dos Pretos invoca os ancestrais, estabelecendo uma ligação direta com suas raízes, ao mesmo tempo em que recria e atualiza a herança africana no Brasil. É uma celebração constante da sua ancestralidade que, conforme Martins (2021b), funciona como um repositório de energia, mantém viva a sabedoria dos antigos, atualizando-a no contexto presente e se espraiando:

> A ancestralidade tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano, quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge, por todo o cosmos, a força vital, dínamo e

> repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada, constantemente em processo de expansão e de catalisação (Martins, 2021b, p. 60).

O candomblé, com suas raízes firmemente plantadas na terra africana, é outro espaço sagrado onde a ancestralidade se estabelece. É uma religião que valoriza o princípio da continuidade e da preservação das tradições, sendo um refúgio de sabedoria ancestral que nutre seus filhos e dá sentido à existência.

Adilbênia Freire Machado (2019) reforça essa ideia, argumentando que a ancestralidade nos ajuda a compreender os complexos entrelaçamentos das culturas africanas com as brasileiras. É um processo de interconexão e atualização constante do passado no presente, dando voz e visibilidade à memória africana e sua concepção, a ancestralidade não é apenas um elo com o passado, mas uma força vital que interconecta diferentes mundos e perspectivas. Martins (2021b), apoiando-se em Fu-Kiau, destaca que a sacralidade dos seres permeia todo o pensamento ancorado nos sistemas cognitivos que imantam a cosmopercepção da ancestralidade.

Com efeito, a Irmandade do Rosário, no Pelourinho, é um espaço onde a ancestralidade africana é celebrada e honrada. Luz (2000) aponta que a ancestralidade é uma "[...] continuidade transatlântica do processo civilizatório negro", uma ligação circular com a memória social ou coletiva e as tradições negroafricanas.

Nessa perspectiva, o culto aos ancestrais é uma prática que aproxima mundos, sendo uma característica essencial das religiões de matriz africana. A ancestralidade dá sentido à existência dos povos negros, permitindo a reconstrução de suas africanias (Castro, 2022) e a valorização de sua história e cultura. Assim, a ancestralidade africana, através da Irmandade do Rosário e outras práticas e instituições, mantém viva e pulsante a cultura negroafricana no Brasil.

A ancestralidade africana no Brasil é, portanto, uma fonte inesgotável de sabedoria e fortaleza, um manancial de inspiração que influencia a maneira como os afro-brasileiros veem a si mesmos e percebem o mundo. Para muitos, é um farol que ilumina o caminho para o autoconhecimento, a autoaceitação e a resistência. E nessa imensa tarefa de preservar e transmitir a herança cultural africana, instituições como a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho são verdadeiros baluartes.

A conexão com a ancestralidade é uma característica intrínseca às culturas de matriz africana. É evidente a maneira como os afro-brasileiros mantêm vivas as suas tradições, mesmo diante de séculos de colonização, escravidão e opressão. Em cada batida de tambor, em cada

dança, em cada ritual, as vozes dos antigos ressoam, recontando histórias e partilhando sabedorias.

Tais práticas fortalecem a identidade negra, validando a experiência afro-brasileira e fornecendo uma visão alternativa à visão eurocêntrica dominante. A ancestralidade africana, nesse sentido, é força motriz para a resistência cultural e afirmação da identidade negra. Este é um ponto crucial ao abordarmos a questão da ancestralidade africana no Brasil. Essa força ancestral, essa ligação com o passado, é uma fonte vital de empoderamento e resistência, uma ferramenta poderosa contra o racismo e a marginalização.

Por isso, a preservação e a celebração da ancestralidade são tarefas essenciais. Os conhecimentos e as tradições dos antigos oferecem orientações valiosas para os desafios contemporâneos, ao mesmo tempo que ajudam a manter viva a memória coletiva do povo negro. O Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021) afirma que a ancestralidade está presente na Irmandade do Rosário, porém ela não é respeitada como deveria:

> Na realidade, existe ancestralidade, não é? [...] Todos aqueles que construíram, que deram um pouco das suas vidas, que derramaram sangue, suor e lágrimas naquela casa deixaram um pouco da sua ancestralidade nessa cidade. [...] Foram várias etnias, foram vários povos africanos, né? E crioulos que se misturaram dentro daquela casa e que formaram aquele caldeirão de cultura, de identidade que existe até o dia de hoje. Os ancestrais existem, mas eles não são cuidados, não são respeitados (Silva, 2021).

Finalmente, é preciso destacar que a ancestralidade africana não é apenas um aspecto isolado da cultura afro-brasileira, mas um elemento profundamente entrelaçado com todas as suas manifestações. Seja na música, na dança, na religião ou nas práticas cotidianas, o legado dos antigos é onipresente, dando forma e significado à experiência afro-brasileira. Nessa circularidade, importa o entendimento sobre ancestralidade:

> A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado, um tempo espiralar, que retorna, restabelece e transforma, que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo (Martins, 2021b, p. 60).

Oliveira (2007) também dialoga com essa reflexão, ao conjecturar sobre o entrelaçamento do tempo africano e a força vital, elucida que o passado é significativo, pois ele é o tempo dos que nos antecederam, é também dinâmico e se transmuda em potência transformadora. Ainda nessa perspectiva, Oliveira (2007) acrescenta que o tempo africano é

repleto de ancestralidade, não havendo separação entre o visível e o invisível, e que os tempos são repletos de ações, não são vazios. A força vital e a ação dos antepassados perpassam a transcendência. Nessa direção, a ancestralidade aproxima povos, encanta a existência dos descendentes de africanos no Brasil e em outros países do planeta, sendo essa força transformadora e criadora que nos alarga a percepção de mundo.

Assim, é imprescindível valorizar e proteger esse patrimônio cultural e espiritual, pois a ancestralidade africana é mais do que uma ligação com o passado: é uma ponte para o futuro, uma maneira de garantir que as futuras gerações de afro-brasileiros possam se conectar com suas raízes e continuar a jornada de seus antepassados. Portanto, ancestralidade é uma potência que aproxima mundos, seja orum ou o aiyê, o céu ou a terra é o que dá significado a existência, fonte de orgulho, força e resiliência que nutre a identidade, o espírito e a continuidade do povo negro, preto ou afrodescendente no Brasil em suas africanias.

4.7 A REDE DE IRMANDADES NEGRAS "ENTÃO VEM ENTRA NA RODA COM A GENTE"

Das articulações com outras irmandades, que já vinham ocorrendo através das participações nas festas, tanto recebendo visitas, como indo ao encontro dessas instituições, surgiu a urgência de uma articulação coletiva entre as entidades para preservá-las. Houve a necessidade de criação de redes colaborativas para a lutar pelos direitos de essas irmandades continuarem a existir. As Irmandades, como entidades trisseculares e até quadrisseculares, colaboram para entender a história e as pessoas negras deste país.

Tem imprescindível relevância a articulação que ocorreu a partir do Primeiro Encontro de Irmandades Negras Católicas, em outubro de 2017, com a participação de irmandades de várias partes do Brasil. Uma das ações desse encontro desencadeou a articulação da Rede de Irmandades Negras Católicas, com participação de membros do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, para pensar essas entidades no contexto contemporâneo e forjar ações coletivas para seu fortalecimento, pois tais instituições estão sendo invisibilizadas, com tantas atividades novas surgindo na imensidão religiosa que é a Igreja Católica. A Irmã Nilsa Dias (2023) relata visitas a outras Irmandades e defende a ideia de estudar e fazer ciência dos conhecimentos partilhados por essas instituições:

> Aqui teve um Encontro das Irmandades Negras Católicas do Rosário. Isso foi uma chamada muito boa do pessoal que veio de outras Irmandades para cá, acho que esses encontros deveriam ser mantidos amiúde. Para poder agregar

> as irmandades do Brasil todo. Eles ficaram impressionados, a de Minas, a da Paraíba, de João Pessoa. Isso fortalece. Através desses contatos, a gente vai sabendo o que vai acontecer, não falo só de outros estados, não, falo do interior da Bahia, porque tem a Irmandade de Cachoeira, tem Irmandade de outros estados. Eu visitei essas Irmandades todas. Até no tempo que Dona Ivone estava viva, eu fui com ela numa Irmandade lá na Paraíba, na Serra da Barriga. Eu fui lá com Dona Ivone, que foi Priora do Rosário, eu sempre estou indo nesses lugares, seria bom a gente se fortalecer. E quando você que gosta das coisas de estudo, que não é só para *status*, é o estudo para fazer ciência. Para mim, tem que se fazer ciência dessas coisas (Dias, 2023).

A Irmã Nilsa Dias (2023) percebe a relevância da articulação entre irmandades, e isso já ocorria há um certo tempo, porém apenas como visitas, sem um planejamento de ações conjuntas. O que desencadeou a criação da Rede de Irmandades Negras foi a reflexão coletiva ocorrida em 2017. Várias irmandades ficaram sob intervenção, e algumas fecharam suas portas definitivamente.

Em 2019, após o segundo Encontro de Irmandades Negras realizado em Salvador, Bahia, surgiu um movimento significativo que moldaria o futuro dessas instituições no Brasil: a criação da Rede de Irmandades Negras. O embrião desta ideia foi gerado a partir de um crescente reconhecimento da necessidade de se fortalecer e manter viva a magnífica tradição das Irmandades do Rosário.

As Irmandades do Rosário são de fundamental importância para a comunidade negra brasileira, representando uma rica tapeçaria de tradições religiosas, culturais e sociais que têm desempenhado um papel essencial na preservação da identidade e história afro-brasileiras. No entanto, a sobrevivência dessas irmandades tem enfrentado desafios significativos, incluindo a intervenção em algumas delas, como a Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda.

Diante desta realidade, o segundo Encontro de Irmandades Negras se tornou um círculo para a discussão de estratégias para garantir a continuidade e o fortalecimento dessas irmandades. O encontro não se limitou a Salvador, estendeu-se a São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco, com o objetivo de envolver e mobilizar o máximo possível de irmãos e irmãs de diversas irmandades.

A decisão de fazer reuniões regionais foi uma estratégia interessante, porque aproximou ainda mais os irmãos e as irmãs das várias entidades. “Depois disso, nós decidimos que nós iríamos fazer reuniões regionais. Nós fizemos em São Paulo. Deste, eu não participei. A segunda reunião foi em Olinda, eu fui e participei desse processo de construção, a terceira foi aqui em Ouro Preto. A gente ainda está devendo para Floresta” (Palazzi, 2023). É notório que essa aproximação entre irmandades é um marco na história dessas entidades.

As discussões durante o encontro levaram à ideia de criar uma rede para fomentar o coletivo e fortalecer as irmandades. Esta Rede de Irmandades Negras emergiu como um sinal de esperança para a preservação e a promoção das tradições das Irmandades do Rosário, proporcionando uma plataforma para a defesa de seus direitos, a preservação de seu legado religioso e histórico e a promoção de sua visibilidade. Em seu relato, a Irmã Cecília Canuto de Santana refletiu sobre essa relevante iniciativa das irmandades:

> [...] um passo importante, muito importante para uma não dispersão total foi adesão à Rede Nacional das Irmandades do Rosário e dos outros Santos Negros. Então, da primeira vez eu estive aqui no Rosário, nós fizemos o Primeiro Encontro, nós nos conhecemos, reaproximamos realmente, representando essas irmandades. Salvador como a instituição que articula e acolhe essas irmandades aqui na Bahia; Ouro Preto, Minas Gerais, com Solange; São Paulo, com Vanilda; e aí eu faço o contato com a Confraria do Rosário de Floresta, porque, já nas minhas andanças mais jovens, eu já tinha ido lá no Rosário de Floresta. É, e para não esquecer, no primeiro ano, também veio o Rio de Janeiro ([Canuto] Santana, 2022).

A rede tem sido fundamental na articulação de encontros entre as diversas irmandades e na busca por visibilidade. Ela tem se empenhado em dialogar com padres e bispos sobre a importância da tradição das irmandades e o legado que elas representam para a nação. Um ator-chave neste processo tem sido o Padre Lázaro Muniz, capelão da Igreja do Rosário e diretor espiritual da Rede. Ele tem desempenhado um papel crucial na articulação e animação das irmandades nessa caminhada em rede.

Nesse sentido, é relevante acrescentar que a Rede de Irmandades Negras é um coletivo vital na defesa e na promoção das Irmandades do Rosário, uma herança da comunidade negra no Brasil que se organiza nas lutas contemporâneas. Ela se destaca como um elemento de resistência e resiliência, garantindo que a voz da comunidade negra seja ouvida, suas tradições sejam preservadas e seu lugar na história do país seja reconhecido e respeitado.

A rede tem se empenhado em proporcionar um ambiente de intercâmbio e aprendizado, organizando reuniões e encontros em diferentes estados, para garantir que as irmandades possam compartilhar suas experiências, desafios e sucessos. Estas reuniões têm sido fundamentais para reforçar a coesão entre as irmandades e garantir que elas continuem a florescer em unidade e solidariedade. A Irmã Cecília Canuto de Santana (2022) enfatiza que, depois da criação da Rede de Irmandades Negras Católicas, não se sente mais sozinha na luta:

> Então, eu posso te dizer, assim, que, por mais que eu esteja aqui presente, que tenha essa grande missão e esse grande prazer de estar na Rede, não funciona só como grande missão e prazer, ela é uma questão de saúde, porque, se eu não estivesse na Rede, eu não sei onde eu estaria, porque a Rede se encontra

> de dois em dois anos, mas ela se fala praticamente todos os dias. Só de saber que você não está sozinho, eu posso estar sozinha dentro da minha casa, mas eu não posso dizer que estou sozinha dentro da minha luta do meu estado, porque, mesmo aquelas pessoas que já passaram pelos movimentos, ou que estão acompanhando agora pelos bastidores, a história é atemporal ([Canuto] Santana, 2022).

O papel da Rede de Irmandades Negras vai além da preservação da tradição e da cultura. A rede também atua como uma voz de advocacia, lutando por reconhecimento e respeito. Ela confronta a marginalização e a invisibilidade que, muitas vezes, envolvem as comunidades negras, garantindo que suas vozes sejam ouvidas, seus direitos sejam protegidos e suas contribuições para a sociedade sejam devidamente reconhecidas e valorizadas.

Padre Lázaro Muniz tem sido uma figura inspiradora nessa jornada. Ele tem fornecido liderança espiritual e orientação, mantendo viva a chama da fé e guiando a rede na realização da sua missão. A sua dedicação e o seu compromisso inabalável têm sido uma força motivadora para a Rede e um farol de esperança para as irmandades. Sobre a relevância da coletividade na Rede de Irmandades Negras e atuação do Pe. Lazaro, a Irmã Cecília Canuto Santana 2022) enfatiza que:

> Na Rede, a gente conversa sobre várias coisas. E a do Rosário de Olinda é só mais um dos problemas e enfrentamentos que a gente tem por todas as irmandades entre várias do Brasil. Mas a gente se ajuda, a gente se apoia. Esse apoio é muito importante, da mesma forma que a Rede dá esse apoio mais doméstico, por assim dizer, mais interno, a Rede tem uma missão muito maior, né?! Para isso, a gente tem se articulado, tem como protetor espiritual o próprio Padre Lázaro, que é o nosso interlocutor com a hierarquia da Igreja, que dá uma capacidade de escolher os melhores caminhos, caminhos institucionais, inclusive de fortalecimento da Rede ([Canuto] Santana, 2022).

Com a pandemia, a Rede de irmandades teve de se reinventar para manter a articulação entre os membros e reelaborar o planejamento do terceiro encontro, que acorreu de forma virtual, tendo São Paulo como sede. Ainda nesse sentido, a Irmã Solange Palazi (2023) ressalta que:

> A gente começou a caminhar novamente nos processos de construção e veio a ideia também de caminhar pelo Brasil, para o terceiro encontro. E aí veio a pandemia, e a pandemia parou tudo, a gente tentou até manter por algum tempo, mas aí, como todo mundo, o encontro ficou desarticulado. Mas em 2021, no início de 2021, a gente retomou, e o propósito já era fazer um encontro presencial em Salvador. Na verdade, no final de 2020, nós já tínhamos feito a proposta de fazer em São Paulo o terceiro encontro. Só que a pandemia prosseguiu por 2021, então nós nos organizamos e fizemos uma

> série de encontros virtuais, entre a gente mesmo e com outros, para a gente mesmo começar a refletir sobre os nossos processos e os nossos entendimentos [...]. E aí, nós realizamos virtualmente, tendo São Paulo como sede, e Vanilda foi a grande coordenadora, na verdade, do terceiro encontro. E a gente teve uma participação virtual com um volume muito grande no terceiro encontro (Palazi, 2023).

No futuro, a Rede de Irmandades Negras continuará a desempenhar um papel vital na vida das comunidades negras do Brasil. Ela persistirá na luta pelo reconhecimento e respeito, continuará sendo um espaço para a expressão da fé e da cultura e se esforçará para fortalecer as conexões entre as irmandades. Em essência, a rede continuará a ser um farol de resistência e esperança, guiando as irmandades em seu caminho de fé, luta e triunfo.

Em suma, a Rede de Irmandades Negras é um testemunho do espírito de luta das comunidades negras no Brasil. É uma homenagem à resistência e à resiliência das Irmandades do Rosário e uma afirmação do papel essencial que desempenham na preservação e na promoção da rica herança cultural e espiritual da comunidade negra. Seu surgimento e seu desenvolvimento são um marco significativo na história da comunidade negra brasileira, inaugurando um novo capítulo de esperança, resistência e unidade.

4.8 APROXIMAÇÃO DA IRMANDADE COM ANGOLA: UMA JORNADA DE RETORNO ÀS RAÍZES

Desde o final da década de 1990, uma aspiração ardia no coração da Irmandade do Rosário dos Pretos: estreitar laços com a terra mãe, Angola, berço de seus ancestrais e fundadores da irmandade. Diversos irmãos e líderes eclesiásticos – incluindo Padre Josival, Padre Gabriel e Padre Lázaro Muniz, em gestões da Mesa Administrativa dos Irmãos Júlio Cesar, Ubirajara Santa Rosa, Leomar Borges e Adonai Passos – buscaram concretizar esse sonho, esforçando-se para que uma comitiva da Irmandade visitasse a nação africana. Contudo, tal aproximação se mostrava difícil e não ocorria por diversos motivos.

Em 2013, o destino teceu novos fios nessa trama dos círculos rosarianos. Conheci o Dr. Camilo Afonso, Adido Cultural da Casa de Angola na Bahia, então estudante de doutorado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nosso encontro, mediado pelas respeitadas professoras: Mille Caroline Rodrigues Fernandes e. Jaci Ferraz de Meneses, foi a janela de oportunidade que a Irmandade tanto buscava. Expliquei ao Dr. Afonso a relevância histórica da Irmandade do Rosário dos Pretos para a comunidade negra da Bahia e, por minha

intermediação, ele começou a fortalecer laços com nossa entidade. O Irmão Almir Menezes (2023) colabora com essa discussão, ao acrescentar que:

> [...] A gente ir para Angola, outros países da África, a gente aprende mais. A gente vai ter uma visão maior dentro da questão da espiritualidade. Entendeu? Porque, muitas vezes, sendo uma coisa da espiritualidade, você não consegue identificar. Mas na sua construção de vida, na sua construção de família, o seu mais velho já tinha algo parecido com aquilo. Ou construído para aquilo. É tipo você descobrir sua árvore genealógica. Que hoje é importante. A gente não tinha essa identidade. Mas a ciência nova hoje fala para você que, quanto mais você souber dos seus ancestrais, melhor vai ser o seu comportamento. Melhor vai ser sua desenvoltura socialmente. Então eu acho ótimo. Eu acho ótimo a gente viajar para trazer mais informação (Menezes, 2023).

Em 2015, a Mesa Administrativa da irmandade, com especial entusiasmo do Padre Lázaro Muniz e do Prior Adonai Passos, retomou os esforços de aproximação com Angola. Articulações foram feitas com a Casa de Angola para tratar de hospedagem, passagens e todos os detalhes necessários para uma viagem internacional. Após meses de preparo, em 2016, o sonho tornou-se realidade.

O Prior Adonai Passos e o Padre Lázaro realizaram a primeira visita oficial à Angola em nome da Irmandade, sendo calorosamente recebidos pela Ministra da Cultura em Luanda, visitando a Rádio de Angola e imergindo na rica cultura local. Ainda naquele ano, retornaram para participar da grandiosa Festa de Mama Muxima, um evento religioso que atrai mais de dois milhões de peregrinos.

Imagem 31 - Primeira Visita Oficial a Angola 2016[80]

[80] O Irmão Adonai Passos, a Ministra da Cultura de Angola Drª Cristina, o Padre Lazaro Muniz e Dom Filomeno Bispo de Luanda.

Em seu depoimento para a pesquisa, o Irmão Adonai Passos Ribeiro (2023), Prior da Irmandade, narrou como aconteceram as viagens para Angola:

> Chegamos em Angola em junho de 2016, juntamente com o Padre Lázaro, com um documento enviado pelo nosso Arcebispo, na época, Dom Murilo Krigger, para apreciação do Bispo Dom Filomeno, solicitando a réplica de Nossa Senhora da Muxima, a qual já havia na Argentina. E naquele mesmo ano, estava a comitiva para entregar em Nova York. Era um projeto de Camilo Afonso. A segunda foi em 2018, para confirmar a primeira negociação. Nesta, já foram vários irmãos. A segunda foi em agosto de 2018 (Ribeiro, 2023).

Esse primeiro contato desencadeou uma série de negociações para trazer ao Brasil uma réplica da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Muxima. Durante 2017, discussões foram conduzidas entre a Irmandade, a Arquidiocese de Salvador, representada pelo P. Lázaro Muniz, e a Arquidiocese de Angola. Em 2018, os esforços culminaram na segunda viagem à Angola, desta vez, com uma comitiva mais ampla, envolvendo vintes pessoas entre irmãs, irmãos e membros da comunidade. Retornaram ao Brasil com a preciosa imagem de Mama Muxima, que hoje é reverenciada na Igreja do Rosário dos Pretos em Salvador. A irmã Nilsa Dias (2021) descreve essa emoção de ir a Angola encontrar suas raízes ancestrais:

> Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu nunca senti tanta emoção na minha vida, não foi dentro da Igreja de Angola não, foi no mar. Foi no mar. Na beira da praia, tem uma casinha, um monumento assim, perto do mar, adentro do mar, do lugar de onde saíam os africanos escravizados para serem jogados nos navios, para serem trazidos para o Brasil. Não só para o Brasil, mas para outros lugares do mundo. Mas olha, quando eu vi aquele monumento, aquele histórico todo lá dentro, aquelas fotografias, eu fui lá no quartel do exército, eu fui ver tudo. O pessoal estava lá na igreja. Mas eu estava vendo aquele silêncio [...], sentindo aquela vibração de ver a atrocidade que foi cometida com as pessoas, arrancadas de suas casas, das suas aldeias, para serem jogadas no desconhecido, entendeu? Isso para mim foi emoção, eu chorei, eu abaixei, peguei água, fiquei lavando os pés no mar, mas ali, completamente emocionada (Dias, 2021).

O Irmão Adonai Passos Ribeiro (2023), nosso prior também relatou como foi o seu sentimento dessa aproximação com Angola:

> Então o que aconteceu? Em dois mil e dezesseis, viajei com o padre Lázaro. Lá, entramos em contato com a arquidiocese, com vários órgãos católicos, apostólicos romanos e das nossas intenções. Discutimos lá sobre o problema de transporte, por exemplo, de aviação, fazer voo, Angola, Salvador, que era uma cidade negra que também tinha muita raiz com a África e tal. E lá tive a oportunidade, também em dois mil e dezoito, de retornar lá (Ribeiro, 2023).

Sobre a experiência de participar da Festa de Nossa Senhora da Muxima em Luanda, o Irmão Adonai Passos Ribeiro (2023) acrescentou:

> A festa da Muxima foi, para mim, uma das maiores expressões que eu já vi de um povo. E a maior expressão de religiosidade também, de cultura e peregrinação. Lá, a festa é todo primeiro domingo de setembro. Um mês antes, as pessoas já chegam lá na frente da igreja, vêm com aquelas barracas lá, cozinham, levam suas crianças, umas no colo, outras carregadas até o dia da festa. O que mais me impressionou também foi que tem locais lá que o pessoal anda cinquenta quilômetros para assistir uma missa. Imagina o que é a fé religiosa desse povo. Então isso foi uma peregrinação que eu já vi na minha vida. Eu vi pessoalmente. Não foi aquilo que eu vi na televisão. Isso enriqueceu o meu currículo e, inclusive, a minha fé, porque a gente vê de onde a gente veio e vê tudo aquilo ainda assim preservado (Ribeiro, 2023).

Ter participado da Festa de Mama Muxima em Luanda-Angola, foi uma experiência ímpar na vida do Irmão Adonai Ribeiro (2023), sua narrativa expressa com detalhes o que observou em Luanda, suas impressões emocionam-nos ao nos mostrar aspectos da religiosidade negra vista de lá que aqui temos apenas um pouco da efervescência e a resignação religiosa que se vive naquela terra. Observa-se que ele afirma que sua expressão de fé foi aumentada ao experienciar a festa de Mama Muxima em África.

A Irmã Maria das Graças Ramos (2023) expressou sua emoção, reconheceu seus laços ancestrais, seus pertencimentos: “Ah, gente, olhe só a minha terra ancestral. O Movimento Negro me possibilitou, o movimento de igreja que eu sempre fui de igreja [...] é um resgate, para mim, é resgate, é minha ancestralidade”. Essa jornada de retorno às raízes reforça a importância da preservação da memória e da conexão entre culturas, mostrando como laços ancestrais podem ser reatados e celebrados, mesmo séculos depois.

4.8.1 A celebração de um legado transatlântico: Mama Muxima

Como já colocado anteriormente, houve um esforço de vários irmãos e irmãs para que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho se reaproximasse das suas origens africanas. Nesse sentido, em 2016, os Irmão Prior Adonai Passos Ribeiro e o Padre Lázaro Muniz realizaram a primeira viagem oficial a Angola para estreitar laços comunitários e religiosos. Os contatos com a Arquidiocese de Luanda e diplomáticas iniciaram nessa primeira viagem, como já colocado, continuaram por dois anos até culminar com a doação da réplica da imagem de nossa Senhora da Conceição da Muxima em 2018.

Nesse mesmo ano, um grupo de vinte e duas pessoas entre irmãos, irmãs e membros da comunidade viajaram para Luanda, participaram de todos os dias de festa de Mama Muxima em Angola. Eles (as) estreitaram laços, visitaram algumas províncias e lugares históricos de Angola que nos remete às nossas origens.

Observa-se que a devoção a Nossa Senhora da Conceição da Conceição em Luanda se expandiu no século no século XVII, com a primeira igreja construída entre 1640-1648 próximo a Fortaleza de Muxima, onde ficava sua imagem. Diz-se que por vários séculos a imagem de Nossa Senhora da Conceição de Muxima não foi sempre a mesma, houve duas imagens, uma em Luanda, uma ficava na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a outra no Presídio da Muxima. Com o desaparecimento da imagem de Muxima, provavelmente pela invasão holandesa com o apoio dos guerreiros do Congo, que pode ter levado a imagem para o seu reino, a imagem da sede da Conceição em Luanda foi transferida para a pequena capela de madeira e palha existente na fortaleza em Muxima. Durante os séculos a veneração de Muxima foi crescendo e hoje sua festa chega a reunir mais de um milhão de fiéis que chegam de tosas as partes de Angola (Peregrinação ao Santuário de Muxima, 2018).

Nossa Senhora de Muxima é associada a vários milagres em Angola, sendo patrona de Luanda ela era e é recorrida em momentos de seca, de calamidades e guerras. Houve também várias tentativas de profanação e vandalização da imagem, mas isso não impediu da continuidade da devoção a Muxima que conforme descrito no livro da Peregrinação ao Santuário de Muxima (2018, p. 14) "[...] é importante notar que a veneração a Nossa Senhora da Muxima, não se limita a imagem da Santa, já que essa devoção é ampliada para outros formatos que incluem terços, medalhinhas, anéis, e imagens impressas".

A variação dos formatos dos símbolos religiosos ajuda na dinâmica da espiritualidade envolvendo Mama Muxima, pois possibilita aos fiéis manterem atuantes a proteção, a ação da sua Santa, a comunicação com o sagrado em qualquer espaço e em qualquer tempo. Porque, mesmo distante do santuário, sem a presença física da sua protetora, eles recorrem a ela e conservam a dinâmica espiritual (Peregrinação ao Santuário de Muxima, 2018).

A chegada da imagem de Mama Muxima à Igreja do Rosário dos Pretos em Salvador não foi apenas um ato simbólico, mas uma manifestação profunda da união entre Brasil e Angola, duas nações interligadas por histórias complexas e, muitas vezes, dolorosas. Com sua presença, a imagem reafirma a importância da diáspora africana na formação da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, celebra o processo de cura e reconexão entre os povos.

O evento de recepção da imagem atraiu uma multidão. A comunidade local, acompanhada de representantes de diversos movimentos afro-brasileiros, reuniu-se em um ato de celebração, reconhecimento e agradecimento. O canto, a dança e as orações, expressões tão características da fé e da cultura afro-brasileiras, preencheram o espaço, resgatando a memória ancestral e afirmando sua relevância no presente.

A partir dessa significativa reintegração, a Irmandade do Rosário dos Pretos intensificou seus esforços para promover vínculos institucionais, culturais e educacionais com Angola. Rodas de conversa, intercâmbios e projetos conjuntos começaram a surgir, com o objetivo de aprofundar o entendimento mútuo e fortalecer a ponte transatlântica entre os dois países.

A presença da imagem de Mama Muxima, agora em terras brasileiras, também impulsionou uma renovação na devoção e na prática religiosa local. A figura de Nossa Senhora da Conceição da Muxima tornou-se um ícone de resistência, esperança e fé, inspirando novas gerações a buscar suas raízes e a valorizar sua herança cultural. Além de Angola, Só existem mais três réplicas da imagem de Mama Muxima fora de Luanda: Em 2013, a primeira réplica de Mama Muxima foi entronizada no Santuário Internacional de Luján – Argentina; em 2017; a segunda réplica foi entronizada em 2017 na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, comunidade de lusófona de Yonkers, em Nova Iorque-Estados Unidos começou em 2017 e a terceira entronizada em 2018, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho sede da Venerável Ordem Terceira do Rosário de nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, em Salvador-BA-Brasil.

A caminhada da Irmandade do Rosário dos Pretos em busca de sua conexão com Angola não foi apenas uma viagem geográfica, mas uma jornada espiritual, histórica e ancestral. Uma viagem que lembra a todos sobre a importância do autoconhecimento, da valorização das origens e do poder transformador da fé. Acima de tudo, destaca que, mesmo após séculos de separação, os laços do coração e da história podem ser restaurados, honrados e celebrados.

A festa de Mama Muxima começou a ocorrer em Salvador a partir de 2018, com a entronização da imagem na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Pelourinho. A festa tem uma programação própria, que envolve catequese mariana, procissão luminosa, missa festiva e samba. Nos últimos dias de agosto e início de setembro. Procura-se fazer uma festa aproximando-se do que se viu em Luanda. Contudo, é bom lembrar, que a Festa da Muxima no Santuário de Muxima, cidade de Luanda, envolve em média dois milhões de pessoas, que peregrinam e acampam para celebrar suas vitórias anuais e rememorar a ancestralidade.

A Primeira festa realizada com a presença da imagem de Mama Muxima na Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho, ocorreu com a presença de dois bispos Dom Filomeno de Luanda e Dom Sergio de Salvador, ambos no altar da Igreja do Rosário, ambos abençoaram a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Muxima ao som dos atabaques e canto do hino de Mama Muxima na língua *Kikongo*

> *Mama Muxima, tueza Kokué* (Mama do coração, viemos a Ti)
> *Mama Muxima tutambululé* (Mama do Coração, recebe-nos)
> *Mama Muxima tukuatekesé (*Mama do Coração, dá-nos força)
> *Mama muxima tubane dibesá* (Mãe do Coração, dá-nos a benção)
>
> *Eie, u Mama Muxima* (És tu, mama do coração)
> *Eie, u Mama Nzambi* (És tu mama de Deus)
> *Eie, u Mama-Jezu* (És tu, Mama de Jesus)
> *Mama Muxima tubane dibesá* (Mama do Coração dai-nos a benção)
> *[...]*
> (Peregrinação Santuário da Mama Muxima, 2018, p.28 -29 tradução coletiva)

Assim se inicia a devoção a Mama Muxima no Brasil, um marco religioso, cultural e comunitário, pois os angolanos e angolanas presentes na cidade de Salvador e adjacência podem avivar sua devoção a Mãe do Coração mantendo sua religiosidade ativa e vivificada. Assim como, as irmãs e irmãos do Rosário do Pelourinho aumentam seu conjunto de santas a serem veneradas, dessa vez rememorando a ligação religiosa transatlântica com a terra ancestral africana.

V CÍRCULO – A EDUCAÇÃO NO ROSÁRIO DE SALVADOR (1997-2018) "ELE ALUMIOU TODA TERRA E MAR"

Ele alumiou, ou toda terra e mar
Ele alumiou, ou toda terra e mar
Eu vi meu Rosário falar
Agora que eu quero ver
Se couro de gente
É para queimar
Agora que eu quero ver
Se couro de gente é para queimar
(Sobrinho, 1987)

Neste último círculo, discuto o contexto da educação nos primeiros tempos do país, a das pessoas negras no Brasil e na Bahia, reflito sobre as ações educativas da Frente Negra e o papel do Movimento Negro na Bahia pela inclusão educativa, a inclusão da História africana na Escola e sobre a educação na Irmandade, trazendo as narrativas para percebermos como os irmãos e as irmãs pensam e veem a educação nas três Irmandades pesquisadas, analiso alguns documentos que registram como ocorreram algumas dessas atividades educativas no Rosário dos Pretos do Pelourinho. Elenco algumas atividades educativas ocorridas no período pesquisado. Em seguida, dou visibilidade a alguns projetos realizados em parceria com a comunidade de Salvador, que foram relevantes para que essa entidade seja considerada educativa. Em seguida, trago as inconclusões na perspectiva de que esses círculos têm continuidade, porém aqui eles dão um breve descanso, para retomar o fôlego na encruzilhada com outras pesquisas, estudos e reflexões.

5.1 EDUCAÇÃO DOS NEGROS NO BRASIL E NA BAHIA

5.1.1 Observando o Contexto Nacional

Nossos antepassados sempre fizeram parte da história, construíram e reinventaram processos civilizatórios, cosmologias e confluências distintas no Continente Africano, nos diversos povos, culturas e etnias, assim como nas Américas por onde se constituíram comunidades de descendentes africanos com suas africanias. A história do Rosário como bem diz a canção de Josias Sobrinho (1987) alumiou toda terra e mar, com a força ancestral se materializou nas irmandades e confrarias negras.

Nossa negra história e processos educativos trazidos na migração forçada, foram sendo negados desde a invasão portuguesa, nessa parte da América. Aqui se constituiu um país

colonizado, escravocrata, patriarcal, excludente, desigual, racista etc., cujos resquícios se observam em toda a sociedade, nas suas práticas e subjetividades materializadas pela colonialidade do poder, do saber e do ser (Maldonado-Torres, 2007; 2020). Seus povos indígenas e negros, no entanto, forjaram as gretas, abriram frestas, afrouxaram os nós das contas e abriram trilhas, para que suas histórias reverberassem mesmo que de forma escamoteada.

A História da educação por muito tempo escamoteou das suas produções a presença da população negra dos ambientes educativos, amparando as suas abordagens apenas nas legislações que faziam as interdições, sem aprofundar sobre as alternativas utilizadas pelos não brancos ao acesso a instrução escolarizada. Mas a partir do final dos anos setenta do século XX, muitos trabalhos iniciam abordagens diferenciadas fazendo, uma leitura mais aprofundada desse fenômeno, trazendo referências contundentes e problematizando o protagonismo negro como a gente que empreendia esforço para ter instrução e ampliá-la para seus pares.

Mariléia dos Santos Cruz (2005, p.22) nos assegura que as populações negras buscam meios para acessar a educação, seja através das brechas da legislação ou por meios próprios "[...] os negros criaram a imprensa negra, escolas, clubes, recreativos, ou associações, entidades religiosas ou beneficentes, grupos culturais e teatros amadores [...]". Nesse sentido, acrescenta ainda que embora exista uma tentativa do apagamento histórico para negar sua historicidade, aconteceu a destruição intencional para que a dominação se tornasse mais eficaz (Cruz, 2005).

Sabemos que processos educativos já aconteciam nas Américas antes das invasões europeias. As comunidades indígenas desenvolviam seus conhecimentos e saberes transmitindo de forma coletiva. No entender de Antonieta d'Aguiar Nunes (2009, p. 4), para os povos indígenas "a educação das novas gerações equivalia efetivamente a uma socialização destes jovens no grupo cultural onde nasceram, de modo a aprenderem os comportamentos aprovados para cada situação existencial" (Nunes, 2009, p. 4. Nesse contexto, o aprendizado prático, a narrativa oral dos mitos ancestrais através da vivência das experiências comunitárias, a observação das atividades realizadas pelos adultos, ritos de passagem de acordo com a faixa etária, jogos e brincadeiras em grupos contatos com os adultos faziam parte desse processo educativo (Nunes, 2009).

É consenso que o processo de educação formal do país iniciou-se com a colonização portuguesa, para educar as elites coloniais e a população indígena. Através da catequização e do aldeamento indígena, esses povos tornavam-se católicos. As diversas ordens religiosas cooperaram para o processo educacional do país, em consonância com o projeto educacional imperial português, porém a historiografia dá ênfase à Companhia de Jesus. Todavia, os

franciscanos que se espalharam pelo interior do país, especialmente no Nordeste, também foram preponderantes nas escolas primárias, mesmo que existam poucos estudos sobre eles. A educação era direcionada aos brancos ricos, à conversão e à escravização indígena e aos propósitos da Coroa Portuguesa.

Com base em Saviani (2011) e em Sangenis e Mainka (2019), o primeiro período da História da Educação formal no país foi entre 1549-1759, foi monopolizado pela vertente religiosa da pedagogia tradicional; os primeiros jesuítas chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega. Circulação de ideias pedagógicas centradas no cristianismo e na conversão. Esses religiosos, pertencentes à Companhia de Jesus, desempenharam um papel fundamental na formação educacional da elite colonial. A educação jesuítica tinha um caráter catequético, com forte ênfase na doutrina católica, refletindo os interesses da Coroa portuguesa em consolidar sua influência cultural e religiosa nas terras recém-conquistadas.

No entender de Marçal Ribeiro (1993) que trabalha com grandes periodizações da História da Educação no Brasil, trazendo uma abordagem diferente de Saviani (2010) que se dedica a estudar como se organizou a educação do país, o objetivo principal desse processo educativo era a conversão dos povos indígenas ao cristianismo, a incorporação dos povos conquistados ao novo processo colonialista de sociedade ora iniciado, visto que, a catequese era considerada uma ferramenta essencial para a submissão, a fé católica utilizada para submeter os indígenas ao poderio e senhorio do homem branco conquistador e a integração dessas populações originárias ao sistema colonial. A educação elementar foi direcionada inicialmente para as crianças indígenas e posteriormente foi estendida aos filhos dos colonos. A educação em grau médio destinava-se "[...] aos homens da classe dominante" (Ribeiro, 1993, p.15), excluindo mulheres e primogênitos, esses seriam os substitutos dos pais nos negócios. Quanto ao ensino superior, esse inexistia nas colônias portuguesas, os jesuítas preparavam os aristocratas com interesse na vida religiosa, que iniciavam seus estudos nas colônias e concluíam a formação sacerdotal metrópole. Não era de interesse de Portugal a criação de centros superiores de educação nos seus domínios colonialistas, pois, no entender de Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset (2015) "[...] a não implantação de universidades em colônias portuguesas se constituía em estratégica política para assegurar a dependência delas, pois o Ensino superior era oferecido somente em Portugal, nas universidades de Coimbra e Évora" (Lorenset, 2015, p.84).

Os outros estudantes abastados, seriam enviados para Portugal para estudar em Coimbra, ao retornar como homens das letras, consequentemente se tornariam os

administradores do país (Ribeiro, 1993). Observamos que os conhecimentos, processos educativos e saberes milenares dos povos indígenas que já ocorriam nas terras recém invadidas, foram excluídos da historiografia da História da Educação Brasileira, muitas vezes nem mencionados e tão pouco estudados pelos pesquisadores durante muitos anos.

Sangenis e Mainka (2019) defendem que, embora os estudos e a publicidade historiográfica só deem visibilidade aos jesuítas, como sendo apenas eles os protagonistas da educação colonial, as diversas ordens religiosas contribuíram para o processo educacional do país. Os autores acrescentam que essas ordens legitimadas pela coroa portuguesa "[...] erigiam e administravam as aldeias de índios com o intuito de catequizar e civilizar os silvícolas. Frades e padres congregados pelos seus institutos construíam as suas escolas contíguas às igrejas" (Sangenis; Mainka, 2019, p.11). Especialmente os franciscanos tiveram uma atuação importante no interior e nas capitais, sendo uma das companhias ainda atuante na Educação na atualidade.

Vale também acrescentar que, de acordo com Sangenis e Mainka (2019), foram encontrados registros e análises significativas do processo educacional brasileiro no período colonial, que ampliam o espectro educativo para além do ensino formal, como bem discorrem os autores, a quantidade de educandos incorporados pelas escolas das ordens era mínima. "Não esqueçamos que a impressão de livros ou a circulação de jornais eram proibidas, e as raras possibilidades de leitura restringiam-se à minudência das bibliotecas eclesiásticas ou de alguns particulares" (Sangenis; Mainka, 2019, p.14). Contudo, evidencia-se processos de educação popular para o grupo dos não escolarizados.

Conforme descreve Saviani (2011) coexistem as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional; várias ordens religiosas se instalam no país, constroem colégios, institutos e seminários. Contudo, as ordens religiosas lideradas pelos jesuítas monopolizam a educação, preparando os colonizados para o serviço do desenvolvimento das colônias.

A coroa portuguesa procurando retomar o poder real e a modernização da educação no século XVIII, na sede e colônias, empreendeu reformas incisivas, culminando com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1759. Ocorreu também nesse período a extinção das companhias hereditárias, a mudança da sede colonial de Salvador para o Rio de janeiro, a elevação do Brasil a categoria de vice-reino, dentre outras providências. Assim, com a expulsam dos jesuítas, foi estabelecido o segundo período 1759, que vai até 1932, segundo Saviani (2011). A reforma pombalina abriu espaço para a circulação das ideias pedagógicas do laicismo, da concepção e visão iluminista de mundo.

No campo educacional, houve a desestruturação do sistema implantado pelos jesuítas e as principais mudanças foram: criação das aulas régias; ou seja: aulas avulsas de grego latim, aritmética, gramática, retórica, filosofia e gramática para substituir o sistema jesuítico de educação; padronização do currículo; controle estatal; secularização da educação. O subsídio literário[81] custeava as despesas educacionais nas colônias e na sede da coroa (Saviani, 2011). As outras ordens religiosas continuaram oferecendo os serviços educacionais, a exemplo das carmelitas.

Durante o século XVIII, vários acontecimentos históricos contribuíram para mudanças no cenário educacional do país. Não irei me aprofundar neles porque não é o propósito dessa tese, mas cabe situá-los no contexto brasileiro, pois foram importantíssimos para a construção dessas terras como nação, de levantes, revoltas e organização do povo negro brasileiro nas reivindicações por liberdade, respeito e humanização. Apoiando-nos em Domingues (2007) é possível afirmar que as populações negras sentindo-se alijadas e marginalizadas dos processos sociais, políticos e educacionais que estavam imersas, construíram estratégias para reverter ou quando não minimizar os quadros de exclusão. Negros livres, libertos e seus descendentes criaram "[...] os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação" (Domingues, 2007, p. 103). Rebeliões, como a Revolta dos Búzios, o movimento abolicionista, a imprensa negra brasileira, a frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o próprio MNU como um expoente potencializador da e para a educação (Gomes, 2017).

Penso que um dos principais marcos foi a ideia de igualdade de direito entre as pessoas no mundo e sua relevância como princípio filosófico de liberdade, fraternidade e igualdade como marco para a independência dos países da América do Sul. A revolução do Haiti como o levante negro libertário mais significativo da história mundial iniciado em 1791 e culminado em 1804. A colônia francesa de São Domingos insurgiu-se contra o domínio da França e conquistou sua liberdade com o protagonismo das pessoas negras, tendo significado imprescindível para as inúmeras revoltas, rebeliões e insurgências de escravizados e escravizadas de outras partes do mundo especialmente na América Latina.

É relevante acrescentarmos também, que em 1798-1799 aconteceu na Bahia a Revolta dos Búzios, também conhecida como Conjuração Baiana, Revolta dos Alfaiates ou dos Argolinhas onde negros e negras livres e escravizados (as) impulsionados (as) pela revolução

[81] Imposto criado pela coroa portuguesa em 1772, eram taxados vinho, vinagre, aguardente e carne fresca, para subsidiar a instrução pública, através do pagamento de professores, mestres, reformas, compra de livros. Esse imposto foi extinto em 1839.

haitiana, revoltaram-se contra a escravidão, os altos custos de vida na capital da colônia, os impostos exorbitantes conclamaram o povo para lutar pela liberdade. Os revoltosos homens e mulheres a exemplo de: João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luiz Gonzaga das Virgens, Ana Romana, Lucrécia Maria, Luiza Francisca, Domingas Maria reivindicavam com essa revolução a libertação do Brasil do domínio português, a implantação da república, reajuste salarial para os soldados, o fim da escravidão a igualdade entre brancos pretos e pardos, livre comércio entre as nações. Após o inquérito denominado de devassa, alguns participantes foram deportados, outros presos, os quatro líderes foram presos, julgados, enforcados e degolados no dia 08 de novembro de 1799, tendo seus corpos esquartejados e pendurados nos postes da cidade para amedrontar e desencorajar possíveis outras revoltas.

No entender de Tavares (2012) as pessoas que conspiravam tinham uma boa colocação na sociedade baiana da época "[...] descontentes com os pesados impostos cobrados pela metrópole e com a falta de liberdade comercial. Mas a esse grupo inicial logo se juntaram artesãos, soldados e escravos, quase sempre negros e mestiços, gente que sofria discriminação social e racial" (Tavares, 2021, p. 9). Essa revolta tem um significado especial, pois, os revoltosos não usaram armas, usaram o poder da palavra através da escrita de boletins colados em várias igrejas em Salvador. Assim, podemos conjecturar que ocorria uma alternativa educacional utilizada pela população negra para se inserir no mundo letrado.

O século XIX foi marcado pela estruturação da educação no país, com a chegada da corte portuguesa para o país fugindo da invasão das tropas francesas impulsionou muitas mudanças. Dentre elas abertura dos portos, já desejada desde o século anterior. O país alçado à categoria de vice-reino de Portugal, na administração joanina ocorreu a criação das academias Militar e da Marinha, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, do Biblioteca Pública, da Imprensa Régia, cursos de medicina cirúrgica, trouxe a Missão Cultural Francesa, criou o ensino superior para além da teologia. Na visão de Ribeiro (1993) a criação dos primeiros centros culturais e educacionais tiveram muita relevância para o país, como também deixa visível as intenções aristocráticas portuguesa que necessitava de pessoas capacitadas para os cargos administrativos. Contudo, "[...] o ensino primário foi esquecido e a população em geral continuou iletrada e sem acesso aos grandes centros do saber" (Ribeiro, 1993, p. 17).

As contribuições de Nunes (2008) atestam que as reformas pombalinas tiveram continuidade nesse século e que também foram criadas: "Aulas Régias elementares e maiores, estendendo a rede de ensino médio, criou os primeiros cursos de nível superior (Médico-

Cirúrgico, na Bahia e no Rio de Janeiro) e Aulas de Comércio no Rio, Bahia e Pernambuco" (Nunes, 2008, p. 211).

No tocante à lei de 15 de outubro de 1827, ela retomou alguns princípios da constituição de 1824, cuja proposta havia sido defendida anteriormente por Martin Francisco[82], que acusou a nova lei de ser plagiada. Essa lei continuou a recomendar a criação de escolas para as primeiras instruções, em todas as vilas, lugarejos, cidades ou localidades populosas, deveria haver escolas de primeiras letras quantas fossem necessárias. Essa lei regulamentava, também, pagamentos de educadores, formação, conteúdos, métodos. Essa legislação incluiu o método Lancasteriano Mútuo[83]. Ela trouxe também a inovação de criação de escolas para meninas, mas não especificava para quem era a escola. Essa lei pode ser considerada o esboço da primeira LDB do país. Um ano depois foi observado que na Bahia já existiam 59 escolas públicas e 36 particulares nas noventa províncias (Lins, 1999); (Conceição, 2007); (Nunes, 2008).

A Escola Normal para a formação de professores foi criada em 1835 em Niterói no Rio de Janeiro, 1846 em São Paulo e na Bahia foi através do decreto de 27 de 14 de 1836. Nunes (2008) observa que A Escola Normal se constituiu um marco para a formação de mestres, porque fazia conhecer os processos da instrução primária e da normalização de seus professores. Nesse itinerário, como salienta a autora, foram enviados para a França dois mestres baianos "[...] escolhidos por concurso: João Alves Portela e Manuel Correia Garcia" para estudar na Escola Normal daquele país, fundada em 1794, a escola Normal francesa era a referência na formação de professores (Nunes, 2008, p. 212).

O século XIX na Bahia foi marcado por revoltas, insurgências, rebeliões negroafricanas realizadas por pessoas livre, libertas ou escravizadas. Elas se rebelavam nas cidades, nos engenhos ou no campo. Embora quisessem evitar um Haiti na Bahia, como bem no informa Reis (1986) rebeliões pequenas ocorriam em todos os cantos sendo suprimidas. Porém, as experiências haitianas eram referências para os escravizados na Bahia, pois os conhecimentos internacionais circulavam. É importante entender que os negros (as) escravizados (as) e livres

[82] Martim Francisco de Andrada Ribeiro, foi ministro da fazenda e presidente da câmara dos deputados, autor do projeto educacional da constituição de 1824.

[83] O Método Lancasteriano foi criado por Joseph Lancaster na Inglaterra e experimentado na Índia para ensinar uma grande quantidade de alunos, com recursos parcos e pouco tempo através do disciplinamento mental, físico e adaptação as regras vigentes. Fundamentado nas ideias de Adam Smith. As contribuições Lins (1999) atestam que esse método foi introduzido no Brasil através da lei de 1827, pois já era uma realidade no reino português. Como proposta inovadora para produzir operários disciplinados e dóceis ideais aos propósitos da sociedade da época, era ensinado os rudimentos de leitura e aritmética através da repetição das lições, sem o desenvolvimento das habilidades intelectuais. Utilizavam os alunos de classes mais adiantadas ou mais desenvolvidos como monitores chamados de *decuriões.* Esses eram responsáveis não somente para ajudar os colegas , mas também na limpezas das classes, todo clima do espaço educativo, com esse método um educador poderia ter entre 100 e 500 anos ao mesmo tempo.

lutavam e enfrentam o sistema escravocrata, colonial, excludente através de suas formas de resistência. Assim, em 1835 quando acontece na Bahia a Revolta dos Malês, negros muçulmanos denominados de malês e demais africanos, ela é considerada uma das maiores rebeliões escravas do Brasil. Essa revolta que teve organização política e inteligência dos seus organizadores, buscavam a liberdade dos africanos escravizados e a formação de uma república islâmica no Brasil (Reis, 1986).

Antonieta Miguel, Jaci Menezes e Elizabete Santana (2021) apoiando-se em (Nóvoa, 1999) concordam que a Escola Normal da Bahia criada em 1836, começando a funcionar em 1842, essa se apresenta como uma intervenção estatal na formação de professores na Bahia, mas não excluindo outras espécies de formação existentes, do aprendizado do ofício de professor. Nessa premissa, a Escola Normal detinha a finalidade de ser "[...] como embrião da formação docente, sua invenção se ligou ao movimento da estatização e controle dos processos educacionais em especial da formação de especialistas como autoridade pedagógica" (Miguel; Menezes; Santana, 2021, p.7).

Em 1837 foi sancionada no Rio de Janeiro a Lei n.1, com o decreto n, 15 de 1839 que discorria sobre a Instrução primária. No seu artigo terceiro estava expresso a proibição de frequentar a estava todas as pessoas que tivessem doenças contagiosas, os escravizados e os pretos africanos, mesmo que fossem livres ou libertos. Entre 1822 e 1889 a instrução para as camadas populares e formação das elites para exercer o poder dominante, latifundiários e aristocratas rurais, igreja e estado se fundem (Saviani, 2011) (Conceição, 2007).

É importante frisar que embora não tenha sistematizado como a população negra, livre e escravizada conseguiu escolarizar-se diante de tanta negativa através das legislações e na prática, é possível inferir que existiram alternativas, ainda pouco estudadas nos vários períodos históricos. Apodera-se da cidadania e dos bens culturais para agir na sociedade foi e continua sendo a busca incessante da população negra. Existiam muitos negros escolarizados ou com acesso à leitura que ensinavam outros negros a lerem ou acessavam a escola pública e ampliavam o escopo, mesmo que mínimo de acesso a escolarização. Nesse sentido, Cruz (2005) amplia a reflexão ao inferir que:

> A necessidade de ser liberto ou de usufruir da cidadania quando livre, tanto durante os períodos do Império, quanto nos primeiros anos da República, aproximou as camadas negras da apropriação do saber escolar, nos moldes das exigências oficiais. Sendo assim, embora não de forma massiva, camadas populacionais Negras atingiram níveis de instrução quando criaram suas próprias escolas; recebiam instrução de pessoas escolarizadas; ou adentravam a rede pública, os asilos de órfãos e escolas particulares (Cruz, 2005, p. 27).

A educação das populações de origem africana no Brasil, desde os primeiros tempos foi marcada por processos de luta, de colaboração entre pares e de exclusão sistemática, mas nunca se pode afirmar que não ocorreu busca incessante. Nesse sentido, o trecho da música popular já cantada por várias gerações e readaptada pelos poetas Capinam e Roberto Mendes (2003) *Yayá Massemba*[84] onde eles reescrevem "vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas" foi a motivação para a comunidade negra desde os primeiros tempos no país. Aprendendo e ensinando, os seus e os nossos a luta por educação e inserção social foi contínua.

Qual criança negra, ou jovem negro foi livre realmente no contexto de 1871, como o ventre pode ser livre, se a mãe e escravizada? Pensamos e concordamos que as crianças e jovens continuaram interditadas, servindo exploração escravocrata, pois, a lei obrigava às crianças nascidas a partir daquela data a continuarem com suas mães, sobre a tutela dos senhores os quais tinha o dever de educá-las, até os oito anos. mas não o fazia, depois disso decidiam se iam entregá-las ao governo, recebendo indenização de seiscentos réis por criança, ou continuariam sobre seus domínios sendo explorados até os vinte e um anos, quando teriam o direito à liberdade.

Em 1878 a legislação baiana concede espaço para que libertos, livres e escravizados liberados por seus senhores possam frequentar o ensino noturno; instituição da república 1888; entre 1889-1931, ocorre a federalização do ensino e competências provinciais para instrução pública no âmbito da educação primária e formação de professores, ocorre a federalização do ensino médio e superior. A Educação é vista como salvadora dos males do país, nesse sentido, latifundiários e oligarcas centrados no controle do poder, uma burguesia industrial vai se estabelecendo, controle da educação para que o voto continue sendo acessível para poucos. fundação da Associação Brasileira de Educação. Em 1931 acontece a criação do Ministério da Educação. (Saviani, 2011); (Conceição,2007); (Barros, 2016)

O período, de 1932 a 1947, é marcado pelo equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, com a realização de experimentos e experiências inovadoras. Destacam-se a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação (1932) e as intensas disputas entre o grupo renovador e a ala conservadora católica no campo educacional. Esse período foi entremeado pela crise econômica mundial, pela Segunda Guerra Mundial, pelas ideologias nacionalistas, pelo alinhamento ao imperialismo norte-americano e pelo primeiro regime ditatorial (1930-

[84] Yayá Massemba tem significado a partir das línguas Bantu, como corruptela em que Yayá quer dizer sinhá ou senhora para os africanos no Brasil e Massemba uma dança originária de Angola semba que por extensão deu origem ao samba no Brasil.

1945). Foi uma época de intensos debates sobre a educação no contexto de crises mundiais e nacionais. (Saviani, 2011; Brito, 2016)

Apoiando-nos em Brito (2016), é possível perceber intensas mudanças no sistema educacional do país durante o regime ditatorial e a aprovação da Constituição de 1934, a qual estabelecia a educação como um direito de todos. Nesse contexto, institui-se o sistema nacional de ensino, e o Conselho Nacional da Educação, referendado pela Constituição, é incumbido de estabelecer o Plano Nacional de Educação, com a estadualização e municipalização do ensino, facultando ao âmbito federal a fiscalização. Diversas reformas, com alinhamentos jurídicos e técnicos, estruturaram o sistema de ensino do país aos ditames internacionais de industrialização e preparação técnica. Ainda nessa fase, ocorre a expansão do ensino comercial e técnico agrícola, com o governo federal assumindo o controle do ensino superior. Ainda nesse período, vê-se o protagonismo da Frente Negra Brasileira como entidade criada pela população negra defendendo a educação e tendo suas escolas em muitos lugares do país.

O quarto período, de 1947 a 1961, é marcado pelo predomínio da influência da pedagogia nova, pela elaboração do anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e por um espectro de disputas e conflitos entre a educação privada e pública. Em um contexto mais amplo, ocorrem o término da Segunda Guerra Mundial, a derrota do nazismo e a aproximação do governo com as classes trabalhadoras. Nesse cenário, intensos debates se desenrolam entre os partidários da educação pública e privada, com a Igreja Católica assumindo uma postura defensiva em relação à educação privada (Saviani, 2011).

Entre 1950 e 1960, pode ser observado uma articulação mais efetiva do grupo de esquerda no país, na defesa da escola pública e da educação de qualidade e gratuita para todos e todas. A discussão de ideias e perspectivas para a educação no Brasil foi marcado por divergências entre os defensores da escola pública como Anísio Teixeira e Florestan Fernandes, versus os defensores das escolas privadas como líderes da Igreja Católica e profissionais liberais. Os intelectuais, pesquisadores e educadores defensores da escola pública procuravam afirmar a educação uma educação para a integração e ajuste social dos indivíduos, a democratização da escola, também defendiam o desenvolvimento industrial do país. Enquanto, os defensores das escolas privadas rechaçavam a escola pública negando sua qualidade e toda a sua historicidade, imputando ao estado brasileiro disponibilidade de subsídios para suas empresas educativas (~~Marçal~~ Ribeiro, 1993).

Intelectuais e lideranças importantes, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, entre outros, se articulam em defesa da educação pública, resultando no

segundo Manifesto em defesa da educação pública. Além disso, ocorrem intensos processos de mobilização em defesa da educação e da cultura popular. Nesse contexto, são criados o Movimento de Educação de Base e o Movimento de Educação de Adultos de Paulo Freire. Em meio a essas disputas, acontece a aprovação da Lei 4.024/1961 (Saviani, 2011).

O quinto período, de 1961 a 1969, é marcado pela crise da pedagogia nova e sua articulação com a pedagogia tecnicista. O país entra em um regime autoritário, violento e militar, instaurado pelo Golpe de 1964. Observa-se a ausência do estado democrático de direito, a proibição da livre manifestação de ideias, o exílio de centenas de intelectuais, o desaparecimento de muitos presos políticos, a extinção do Congresso Nacional e de entidades associativas. A educação passa por um intenso processo de privatização, com prioridade dada à profissionalização técnica, e registra-se um aumento considerável do analfabetismo.

Os militares alinharam-se ao poderio militar norte-americano. Iniciam-se as mudanças para a aprovação da nova LDB, e os militares implementam a reforma universitária, com a introdução de habilidades técnicas no curso de pedagogia. Criam-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e a Cruzada de Ação Básica Cristã. Nesse período, também ocorreram intensos enfrentamentos e movimentos pela retomada da democracia (Aranha, 1998; Saviani, 2011).

As discussões de Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990) são pertinentes nessa abordagem ao salientar que:

> A história mostra que a educação escolar no Brasil nunca foi considerada como prioridade nacional: ela serviu apenas a uma determinada camada social, em detrimento das outras camadas da sociedade que permaneceram iletradas e sem acesso à escola. Mesmo com a evolução histórico-econômica do país [...]; mesmo tendo, ao longo de cinco séculos de história, passado de uma economia agrária-comercial-exportadora para uma economia baseada na industrialização e no desenvolvimento tecnológico; mesmo com as oscilações políticas e revoluções por que passou, o Brasil não priorizou a educação em seus investimentos político-sociais e a estrutura educacional permaneceu substancialmente inalterada até nossos dias, continuando a agir como transmissora da ideologia das elites e atendendo de forma mais ou menos satisfatória apenas a uma pequena parcela da sociedade (Marçal Ribeiro, 1990, p.15).

Observamos que essa premissa colocada acima continua ativa, projetos faraônicos importados para satisfazer as pesquisas internacionais, ou as classes abastadas. É notório a falta de investimento sistemático num projeto nacional da educação envolvendo a discussão de todos os setores da sociedade, investimentos na formação de professores, nos materiais, nas pesquisas na área da educação e na melhoria de renda dos educadores ainda são ínfimos. Quanto às leis aprovadas, muitas só ocorrem algumas efetivações por conta do compromisso dos profissionais

da educação, pois, não existe um acompanhamento das políticas públicas para que elas aconteçam em todo o vasto território nacional.

Paulo Freire e sua pedagogia libertadora, com os círculos de cultura no Recife, revolucionam a educação de jovens e adultos. No entender de Freire (1987), a "pedagogia do oprimido" é uma pedagogia humanista e libertadora. Ele enfatiza que essa pedagogia conduz os oprimidos a inferir, refletir e agir sobre o mundo opressivo, na construção de uma "práxis transformadora", que passa a ser "a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação" (Freire, 1987, p. 57). Essa pedagogia é centrada na cultura popular para a alfabetização de adultos, onde a consciência, a política e a cultura popular se articulam para a libertação tanto do oprimido quanto do opressor (Freire, 1987).

O sexto período, compreendido entre 1969 e 1980, ainda é marcado pelo predomínio da pedagogia tecnicista, com uma concepção mais analítica da educação. Nesse contexto, surgem manifestações de enfrentamento ao regime militar, com a reorganização dos movimentos sociais e o surgimento do Movimento Negro Unificado. Durante esse período, também ocorre a aprovação da segunda LDB (Lei 5.692/1971), ainda sob o regime ditatorial militar. É notório que, entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, houve uma mobilização e organização dos professores das três categorias de ensino — fundamental, médio e superior — em associações e sindicatos (Saviani, 2011).

No sétimo período, de 1980 a 2003, a tendência pedagógica que norteia os debates é a pedagogia histórico-crítica, em consonância com os ideais da escola nova, do tecnicismo e do construtivismo (Saviani, 2011). Observa-se um intenso período de lutas pela redemocratização do país, com eleições indiretas e diretas para presidente da República, e a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). É notório o crescimento das reivindicações e debates em torno de uma escola pública de qualidade para todos e todas. Os movimentos sociais, juntamente com o Movimento Negro brasileiro, articulam lutas históricas pela inclusão das pessoas negras em todos os setores da sociedade e pela efetiva reparação das contribuições da história dos povos africanos no Brasil desde os primeiros tempos.

A nova Constituição Brasileira de 1988 traça as diretrizes para a reestruturação da educação, garantindo o acesso ao ensino público e gratuito para toda a população brasileira como dever do Estado, prevendo a responsabilização das autoridades competentes pelo não oferecimento dessa educação (Brasil, 1988). Como bem nos faz entender Saviani (2011, p. 448): "Ao longo da década de 1980, as pedagogias contra hegemônicas ensaiaram vir em

socorro do professor, transformando a tênue chama de esperança em farol a apontar o caminho de uma educação efetivamente crítica e transformadora."

Nesse sentido, houve uma intensa mobilização que resultou na aprovação da LDB (Lei 9.394/1996), a qual regulamentou alguns princípios da Constituição e estabeleceu as diretrizes gerais da educação no país, vigentes até o presente momento, com algumas alterações ao longo do tempo. Também nesse período, foram aprovados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) como subsídios para nortear a elaboração de currículos, projetos pedagógicos, entre outros. Além disso, houve uma mobilização que levou à aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE). Durante a Conferência Nacional de Educação, destacou-se a necessidade urgente, já mencionada pela comunidade educacional, de propor alternativas à pedagogia oficial, indo além da simples denúncia.

No início dos anos 2000, outras mobilizações incluindo educadores, o movimento Negro e a sociedade civil organizada através dos movimentos sociais, impulsionaram esforços para a aprovação da Lei 10.639/2003 que inclui a História e Cultura Africana e Afrobrasileira nos currículos da escola públicas e privadas do país, passados mais de vinte anos da promulgação da lei, muitos avanços e retrocessos são observados na sua implementação, numa luta constante para que a educação acolha de fato a diversidades de conhecimentos do país.

No tocante à efetivação de políticas públicas e ações afirmativas, estas foram sendo implementadas paulatinamente e continuamos em lutas constantes para sua efetivação. Embora seja uma temática importante, neste trabalho não nos debruçamos sobre ela, limitando-nos a afirmar sua indiscutível relevância no âmbito nacional como políticas compensatórias para minimizar a exclusão sistemática das populações de origem africana na educação, como em todos os setores de ação e de poder da sociedade brasileira.

Observando o contexto da História da Educação no Brasil e na Bahia entende-se a invisibilidade e uma lacuna nos estudos que foquem a temática Negro e Educação nos primeiros séculos de estudos sobre a educação no Brasil e na Bahia. Mas em tempos mais recentes muitos pesquisadores têm se atentando, buscando assim desenvolver pesquisas que deem visibilidade á investigações focando essa temática que abordem temáticas diversas sobre as estratégias e lutas da população negra para acessar a educação.

No entender de Barros (2005), a escolarização de negros africanos e afro-brasileiros causava o desconforto nas perspectivas civilizacionais que se pretendi para a nação brasileira. Ela argumenta ainda a existência de uma tensão significativa entre educar as populações para

qualificar o mercado de trabalho tornando-as cidadãs ‘de bem’ (grifo nosso), sem que elas se insurgissem para tensionar o *status quo* da nação.

As discussões de Menezes e Santos Filho (2007) são pertinentes nesse contexto, porque também citam o papel educativo das irmandades desde o período colonial:

> Os negros, no Brasil, passam por um processo de “inclusão excludente”. Trazidos para o Brasil, sua socialização/educação se dá no espaço do colonizador, mas como desigual, como subordinado; o indígena, também subordinado, tinha um espaço próprio de vida e socialização/educação, os aldeamentos e as missões. O aldeamento tinha como suposto a “civilização” do indígena e previa, ao lado da catequese, a instalação de escolas de ler e escrever. O negro estava na fazenda ou na cidade; sua aprendizagem, enquanto escravo, se dava no aprendizado do trabalho na execução do trabalho; mesmo a sua catequese, de forma simplificada, se dava nas fazendas, nas igrejas, nas irmandades [...] (Menezes; Santos Filho, 2007, p.18).

Outras formas de educação não formal permearam a sociedade brasileira, assim como as comunidades negras, afro-brasileiras ou afro diaspóricas. “Ainda que afeitas à esfera religiosa, as manifestações públicas da fé, a ação litúrgica, as festas e as devoções religiosas, as procissões, as pregações, as artes sacras produziam efeito formativo notável sobre a sociedade colonial” (Sangenis; Mainka, 2019, p. 14). Podem-se acrescentar, também, as salas de alfabetização realizadas nas casas de muitas pessoas para a escolarização das crianças negras e pobres que estavam excluídas da escola formal.

Tem sido indispensável para nós observarmos que, embora alguns estudiosos não deem visibilidade a presença da população negra no processo educativo do país, a imensa maioria registra o protagonismo desse povo que buscava ocupar as escolas, mesmo sob proibições. Surya Barros (2016) enfatiza que a população negra, durante o século XIX, não esteve ausente do processo institucional da educação do país, “[...] graças a iniciativas particulares, como irmandades ou associações, à frequência a aulas ministradas por mestres particulares – pagas pelas próprias famílias negras ou por pessoas brancas – ou à presença como alunos de escolas públicas ou particulares” (Barros, 2016, p. 593).

Concordamos com Barros (2016), porque, mesmo a sociedade brasileira sendo calcada sobre os pilares dos quase quatrocentos anos de escravização, exclusão e colonialismo, tendo arquitetado um projeto de alijamento da população negra do processo de escolarização, inclusão social e econômica, essa buscou – através das gretas, contornando os nós e abrindo pequenos espaços – minimizar a ausência educativa formal através das estratégias citadas anteriormente. Para a elite brasileira, a educação era vista com um perigo para a legitimação do processo

expansionista. Leis, portarias e decretos foram estabelecidos, proibindo a participação da população negra na escola. Mesmo assim, nossos ancestrais empreenderam esforços e alternativas educacionais para minimizar essa problemática.

É notório que nem o final da escravidão, nem a República geraram transformações importantes na educação baiana. As classes dominantes e poderosas não renunciaram aos privilégios. As reformas educacionais não mudaram nem ampliaram o acesso da educação primária para as classes populares e escravizados livres e libertos. Ocorreu o acirramento de medidas coercitivas e de controles dessas classes (Conceição, 2007).

Diversas iniciativas foram criadas, mas nessa pesquisa trarei um pouco do protagonismo da Frente Brasileira na Bahia em 1932 e das ações do Movimento Negro pela inclusão da História da África na escola pública de Salvador a partir dos anos 1980.

5.1.2 Na Bahia uma luta incessante: A Frente Negra Baiana "luta, negro, luta"

As lutas empreendidas em todo o Brasil por toda a população negra por educação vêm desde a sua inserção forçada na sociedade colonial, como mão de obra explorada pela escravidão. Coisificada, explorada, excluída socialmente a população de origem africana tem empreendido esforços para sua humanização e inclusão como pessoas de direito na sociedade brasileira.

As diversas batalhas empreendidas pelas populações negras em processo de escravização por liberdade, os enfrentamentos por humanização, as lutas pela Independência do Brasil na Bahia em 1823, o trabalho abolicionista culminou com a abolição formal da escravidão ocorrida em 1888. Porém, essa não veio acompanhada de direitos educativos, trabalhistas, patrimoniais ou sociais para essa parte significativa da sociedade brasileira oriunda da escravização servil. Dessa forma, como salienta (Domingues, 2008), um significativo número de escravizados já havia conquistado sua liberdade antes da Lei Áurea, contudo, a cidadania ainda era um sonho. A esse respeito Domingues (2008) acrescenta:

> Para a população negra, nesse contexto deveras adverso, ser cidadão significava ter direitos iguais [...] era necessário unir-se e lutar coletivamente, por meio de reivindicações e projetos, pela conquista de respeito, reconhecimento, dignidade, empoderamento, participação política, emprego, educação, terra. [...] Dessas bandeiras de luta, uma das prioritárias foi a da defesa da educação. Afinal, o analfabetismo era um dos principais problemas que assolavam a "raça negra" (Domingues, 2008, p. 518 gritos do autor).

A Bahia como primeira capital do país criada com a invasão portuguesa, experimentou suas formas educativas como já colocado incialmente pela presença de ordens religiosas que se incumbiram do desenvolvimento educacional das elites e dos povos indígenas moradores da terra. Aqui se edificaram prédios, escolas, faculdades para dar cabo ao processo educativo das elites coloniais. A instrução pública na Bahia foi sendo estruturada. A parte inicial se confunde com a realização educacional nacional, pois, a Bahia foi a capital da colônia.

Após o levante dos Malês ocorrido um ano antes, em 1836, foi criado o Liceu Provincial baiano para as aulas maiores na Bahia para agrupar as aulas elementares maiores que ocorriam em diversos espaços da cidade. Antonieta Nunes (2008) afirma que a criação do Liceu, "[...] reunindo várias das aulas maiores existentes em Salvador num mesmo local. E providenciou-se um local onde tais aulas seriam lecionadas, com o que o Liceu provincial começou suas atividades logo no ano seguinte, no convento da Palma" (Nunes, 2008, p.212). As aulas realizadas no Liceu eram de: Geometria, Latim, Trigonometria, Gramática, História, Geografia, Comércio, Música. Esse ensino preparava profissionais para atuarem em áreas estratégica da sociedade. prédio hoje pertence a Faculdade Católica de Salvador na Avenida Joana Angélica

Com base em Nunes (2008) a Lei de 05 de março de 1836 regulamentou as diretrizes para a realização da catequese dos indígenas na província para que missionários e diretor os reunissem em aldeias, estabelecendo algumas diretrizes para as ações educacionais, assim como para manter a disciplina nas aldeias e estimulando-os ao trabalho e a cultura no campo. Imputava ainda a obrigatoriedade da aprendizagem da leitura e da escrita aos jovens indígenas, sendo de responsabilidade dos missionários e dos diretores. A legislação ainda colocava que o orçamento anual das despesas com a catequese e a civilização dos povos indígenas ficaria a cargo da província. Observa-se que estado e igreja mantinham ainda o monopólio civilizador das populações indígenas, destituindo-as de suas culturas, religiosidades, imprimindo em suas vidas a servidão, a cultura estrangeira e a religião do conquistador.

A legislação de todo o país foi taxativa quanto ao acesso dos escravizados e africanos livres a educação. A Lei da Educação de 1837, da província do Rio de Janeiro, proibia frequentar a escola, pessoas/crianças com doenças graves, escravizados e os pretos africanos, mesmo que já estivessem na condição de livres ou libertos (BRASIL, 1837).

Havia a interdição mesmo que de forma escamoteada, ou nas ações práticas como a falta de recursos para material escolar. Em todas as províncias observando as legislações públicas encontram-se interdições durante o século XIX, desde 1835 em Minas Gerais até 1887 em São

Paulo. Africanos livres e escravizados construíram suas alternativas para acesso à educação no país (Barros, 2016).

Outro fato importante foi a criação da Casa da Providência em Salvador, em 23 de julho de 1854, instituição que cuidou de crianças escravizadas. Esse instituto era administrado por Padres Lazaristas e Irmãs de Caridade. A Casa da Providência recebia donativos das ilustres baronesas e viscondessas. Arrecadou uma enorme pecúnia com ajuda do Governo da Província. A partir desses recursos, a associação pôde se instalar em uma propriedade vizinha à Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Ladeira do Pelourinho, então a Casa da Providência foi inaugurada em 14 de outubro de 1855 (Conceição, 2007).

Na Bahia consta que a primeira reforma educacional em 1860 proibia a matrícula de escravizados no ensino primário em escolas públicas. Ainda nesse sentido, em 1881, o decreto ainda proibia a matrícula de meninos que estivesse na condição de escravizado (Conceição, 2007). O movimento abolicionista busca o fim da escravidão tendo como referências intelectuais negros: Luiz Gama, José do Patrocínio e André Rebouças dentre outros; 1870 manifestações favoráveis à república; 1871 instituída a Lei do Ventre livre, as crianças negras nascidas de mães escravizadas a partir desse período em diante são classificadas com ingênuos e ficam desprovida da educação, criação de casas pias para torná-los trabalhadores criação do ensino noturno.

Em 1860 foi baixada a resolução que criava o Gabinete de História Natural no Liceu e reformulou totalmente a instrução pública na Bahia, esse regulamento foi reformulado em 1861/1862, denominado de Regulamento Orgânico, suprimido as Aulas Maiores e cadeiras avulsas na capital, nas outras cidades e vilas do interior onde a frequência fosse com menos de quinze alunos, concentrando-os no Liceu. Esse regulamento ainda seguiu a seriação alemã para as aulas do Liceu com nove anos, regulamentou internatos para cada sexo nas duas Escolas Normais, com cursos de três anos. Instituiu O Conselho Superior de Ensino, passando a ser composto por doze membros. Nesse sentido, o Regimento Orgânico reestruturou o ensino na província baiana (Nunes, 2008).

A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, determinava que as crianças, filhas e filhos de mães escravizadas denominadas de ingênuos, nascidas a partir daquela data, passariam a ser consideradas livres, essas ficariam tuteladas pelos senhores de escravos e suas mães até completar oito anos. Após essa idade, poderiam ser entregues ao estado de quem os proprietários receberiam indenização de seiscentos mil reis por criança, ou continuariam sob o julgo dos senhores até completar vinte e um anos. Conceição (2007) nos explica que não

ocorreu a efetivação da lei, uma vez que, essas crianças/jovens de tornaram mão de obra barata, continuaram sobre o julgo da escravidão e nunca gozaram da liberdade prometida. A lei recebeu duras críticas do movimento abolicionista:

> Assim como em todo Império, o que aconteceu na Bahia foi os senhores optarem pela manutenção dos ingênuos sob sua posse, prevendo explorá-los a longo prazo como mão-de-obra de baixíssimo custo, portanto bem mais lucrativa do que a indenização a que tinham direito por deles cuidarem durante os anos de presumida improdutividade. Acrescente-se a essa vantagem o interesse em ter disponíveis por quase duas décadas trabalhadores que a lei declarava livres, mas que não podiam dispor da sua liberdade, em uma conjuntura na qual cada vez mais dificuldades surgiam com relação ao braço escravo. Tanto lhes convinha essa condição que os mesmos escravistas contrários à aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871, se tornaram seus ardorosos defensores na década de 1880, quando o movimento abolicionista fazia críticas às suas limitações (Conceição, 2007, p. 58-59).

O que se percebe é que as autoridades e a sociedade utilizaram de várias estratégias para manter a população negra apenas formalmente livre, liberta, e as crianças oriundas dessas famílias fora da escolarização formal. Para buscar a sua libertação e, com isso, a sua escolarização, o povo negro se organizou e protagonizou resistências, por meio da participação nas religiões de matriz africana ou cultos afro-brasileiros, nas Irmandades Negras e confrarias e através dos quilombos (Adão, 2003). Thales de Azevedo (1955) estudando sobre as elites de cor na Bahia acrescentou que:

> [...] as pessoas de cor, mesmo as mais humildes e escuras, fazem os maiores esforços para mandar os seus filhos à escola elementar, indo aos maiores sacrifícios para mantê-los nos cursos secundários quando já estariam em idade de ajudá-las no trabalho. Um mulato que tem vivido no norte do país afirma que nisso os pretos da Bahia fazem uma grande diferença dos demais: "aqui as mulheres mais humildes, - lavadeiras, cozinheiras, domésticas, mandam seus filhos para a escola e fazem questão que eles se instruam [...] (Azevedo, 1955, p. 126).

É notório que na Bahia, mesmo as pessoas negras com pouca ou nenhuma escolarização veem na escola o espaço de apropriação do conhecimento e meio de ascensão social. Essas empreendem esforços grandiosos para manter seus filhos na escola ou instruí-los. Nesse sentido, a preocupação com a instrução não foi apenas uma ação da sociedade em processo de industrialização, mas especialmente de mães e pais negros durante toda a história desse país.

Em 1925, com a Lei Orgânica, a qual definiu as diretrizes gerais do sistema educacional baiano. Nesse período, teve grande significância a atuação de Anísio Teixeira na primeira fase do seu trabalho (1924-1929), enquanto inspetor de ensino do estado. Homem de estudos, gestor

educacional, filósofo, fez um diagnóstico nunca realizado sobre a real situação educacional do estado. Impulsionou reformas imprescindíveis. As mudanças na instrução pública na Bahia que ocorreu também em outros estados brasileiros, influenciados pela Escola Nova. Aconteceu a criação de Escolas Normais em Caetité, em 1925, e Feira de Santana, em 1927. Lembrando que existiam Escolas Normais em Ilhéus, Barra do Rio São Francisco, ainda teve a intensão da construção em Senhor do Bonfim que não se efetivou (Nunes, 2008).

No período de 1930 a 1934, iniciou-se com a criação da Secretaria de Educação e Saúde e o processo de universalização do ensino, tendo Anísio Teixeira como seu principal expoente. Nesse período, a educação baiana foi propositiva, houve a criação de centros de estudos integrais, como o Carneiro Ribeiro, instituição popularmente conhecida como Escola Parque, e do programa de formação de professores. A segunda parte ocorreu durante o Estado Novo (1937-1945), em que o regime político ditatorial se instalou no país, implantando seu viés ideológico fascista com características de centralização e autoritarismo no exercício do poder e ascensão da burguesia industrial (Nunes, 2008).

É nesse contexto, que na iminência da criação da Frente Negra em São Paulo em 1931, defendendo as reivindicações por educação, autoestima e combatendo as desigualdades raciais das populações de origem africana, em 1932, é criada em Salvador, a Frente Negra da Bahia por Marcos Rodrigues dos Santos, um dos fundadores do movimento em São Paulo, juntamente com outros nove líderes. Foi em novembro de 1932, que aconteceu a fundação da Frente Negra na Bahia, pois antes existiam na cidade algumas entidades e organizações de pessoas negras, as irmandades, associações operárias, e a Sociedade Protetora dos Desvalidos criada 1832, já citada anteriormente nesse trabalho, mas nenhuma com a pretensão primeira de defesa das pessoas negras (Azevedo, 1955). Mas essas têm algumas especificidades que se diferem, quanto as reivindicações.

Enquanto em São Paulo a Frente Negra se conseguiu aglutinar grandes massas da elite negra e trabalhadora, na luta contra o preconceito, na Bahia isso não aconteceu de forma robusta, pois muitos mestiços e negros da alta sociedade já se encontravam inseridos socialmente em conformidade com a ideologia da democracia racial. A Frente Negra na Bahia se constituiu de pessoas mais pobres, investigando e propondo ações de inclusão educativa e preparação para acesso ao mercado de trabalho, porque nessa época refletir sobre relações raciais em Salvador escandalizava a imprensa e a elite local. (Azevedo, 1955); (Bacelar, 1996); (Cruz, 2008)

O surgimento da Frente Negra na Bahia não teve a adesão dos negros da elite baiana e nem da imprensa, a Frente foi rechaçada e acusada de comunista quando realizou um desfile de pessoas negras e pobre pelas ruas de comércio da cidade para mostra a miserabilidade destas e sensibilizar o povo para a nova associação que se iniciava. Contudo, não houve adesão das elites negras que desacreditou do movimento e decretou sua falência logo de início. A frente Negra na Bahia vinha com o propósito de defesa dos direitos das pessoas negras contra o preconceito racial e sim da população negra e pobre (Bacelar, 1996); (Cruz, 2008).

As elites negras baianas estavam inseridas no mundo do trabalho e não tinha sido excluída pelo processo imigratório europeu como ocorreu em São Paulo. A Frente Negra Baiana foi imprescindível pois fez refletir sobre o mito da democracia racial, percebia a educação como percurso para a ascensão social das pessoas negras, afirmou a existência da discriminação racial e não apenas a distinção da classe social, buscava a convivência igualitária entre brancos e negros na sociedade. (Bacelar, 1996); (Cruz, 2008); (Silva, 2020).

Concordamos com Cristiane Copque Cruz (2008) quando a pesquisadora ressalta que a Frente Negra Baiana procurou refletir sobre a "discriminação racial" desenvolvendo investigações sobre a miserabilidade das pessoas negras em Salvador e isso causou a adesão significativa dos negros da cidade, pois, conforme acrescenta ela, a entidade buscava "[...] a união racial e a solidariedade através da educação e da política entre pretos" (Cruz, 2008, p.49). Ainda na perspectiva de Cruz (2008), essa ação foi elementar porque "[...] obteve grande repercussão entre a massa trabalhadora, na medida em que, pela primeira vez na Bahia foi discutido o tabu da situação racial na cidade de Salvador" (Cruz, 2008, p. 49).

Na Bahia, como nos assinala (Bacelar, 1996), assim como em São Paulo, existia uma grande necessidade por inclusão educacional para as pessoas negras. Assim, a Frente Negra Baiana realizou cursos de alfabetização, também o antigo curso primário, hoje Ensino Fundamental I, cursos de datilografia, música, língua estrangeiras dentre outros. As mulheres negras atuavam tanto em São Paulo como na Bahia. Realizando festas beneficentes, bailes recreativos, e culturais etc. (Bacelar, 1996); (Cruz, 2008); (Silva, 2020).

Conforme nos explica a Profª Ana Célia da Silva (2020), a Frente Negra Baiana teve uma importância tanto educativa, quanto política em Salvador, enfrentando a impressa que disseminava um discurso elitizado e negando o racismo em detrimento da democracia racial. Nesse sentido ela acrescenta que:

> A Frente Negra Baiana promovia conferências como **'O negro baiano'**, '**A família e a Alphabetização'** e publicava um semanário, divulgando e defendendo a Frente. Mediava as intervenções no mercado de trabalho e

> instalou uma agência de empregos, para onde empregador e empregados deveriam se dirigir.
> No campo Político realizou comícios no largo Dois de julho, na Fazenda Garcia, no Largo do Tanque, nas Sete Portas, na Baixa de Quintas e nas Docas, focalizando a alfabetização e a liberdade de voto (Silva, 2020, p. 196 grifos da autora).

A Frente Negra da Bahia, juntamente com a do Brasil, constitui-se como entidades de luta pela inclusão educacional da população negra do país, elas são referências para o entendimento das lutas dos povos de origem africana no Brasil por inclusão educacional, assim como mostra o protagonismo ativo, para questionar a ideologia nacional de que as populações se conformaram, o que não é verídico.

A irmã Nilsa Bonfim Dias (2021) sendo uma aluna da escola pública nos traz um relato importante que colabora significativamente com essa discussão:

> [...] O estudo foi muito difícil para mim, porque, naquela época, não era fácil, eu não tinha quem me ensinasse. Eu nasci em 1934, entendeu? Num período muito difícil para trabalhadores. Meu pai era um homem analfabeto, era um profissional muito bom, um pedreiro muito bom e era muito procurado. Ele veio para aqui, porque não tinha como colocar filho em escola, mas ele achava que era o caminho certo para vencer, o negro vencer na vida (Dias, 2021).

O registro da irmã colaboradora Nilsa Dias (2021) enuncia e ao mesmo tempo coaduna com as reivindicações da Frente Negra Baiana, a dificuldade encontrada por sua família e vivida por ela, no século XX, para adentrar o espaço escolar, iniciando o seu processo educativo. As famílias negras viam e veem na educação escolar a oportunidade de vencer, ou seja, de conquistar espaços de existência, coexistência e melhoria de vida. Nilsa Dias (2021) ainda menciona o contexto socioeconômico de sua família, cujos pais analfabetos enfrentavam sérios problemas para adentrar no mercado de trabalho.

> Para uma menina negra vencer na vida, era através de estudo [...] e valores positivos que ele colocava na família como honestidade. A palavra era uma lei. Quando ele dava a palavra, aquilo tinha que ser cumprido. E minha mãe também, uma pessoa analfabeta, foi trazida de Cachoeira para morar na casa de um Padre no bairro da Saúde, e aqui o primo dela encontrou ela varrendo terreiro, lá no bairro da Saúde, tirou ela da casa da família do padre e levou para casa. Então é assim que meu pai e minha mãe se encontraram aqui muito mais tarde, aí se casaram. Então era uma vida muito difícil, meu pai não sabia ler, minha mãe não sabia ler, eu fui estudar, estudei nas escolas, casinha na casa de vizinhos, que colocava uma banquinha para dar aulas e ganhar um dinheirinho (Dias, 2021).

As condições sociais das famílias negras, a construção/reconstrução de laços familiares, afetivos e societais foram determinantes nas suas/nossas vidas. No relato acima, observamos que o enfrentamento do analfabetismo era gritante, as famílias eram constituídas por pais analfabetos e mães analfabetas, que buscavam estratégias para que seus filhos conseguissem a escolarização. O caso da Irmã Nilsa Dias (2021) é um exemplo: mesmo em condições difíceis, os seus pais retiravam um pouco dos recursos para assegurar a educação na primeira infância da sua filha.

Tavares (2001) nos fala que, na Bahia, as escolas particulares ocuparam um lugar de destaque no processo educacional do estado. Isso se constata na fala da Irmã colaboradora da pesquisa. Nos municípios longe da capital, também eram escassos os estabelecimentos educacionais, ocasionando a migração para a capital. Além da busca de condições melhores de vida, o quesito educacional também era relevante para as mudanças do interior para a capital. A população negra buscava suas alternativas para inclusão educacional, nesse sentido, no entender de Domingues (2008) a Frente Negra da Bahia teve importante papel educativo pois:

> A Frente Negra Baiana também tinha como uma de suas prioridades a atuação no campo educacional. Em sua sede, oferecia cursos de alfabetização no período noturno. Em 1933, os jornais de Salvador noticiavam que a organização estava ampliando suas atividades, abrindo "inscrições para os cursos: primário, complementar, de música, datilografia e línguas" (DIÁRIO DA BAHIA, 21/06/1933, apud BACELAR, 1996, p. 76). Sem qualquer tipo de patrocínio, a Frente Negra Baiana promovia festas beneficentes para custear a compra do mobiliário escolar e de todas as demais despesas dos cursos (Domingues, 2008, p. 531).

Assim, podemos inferir que a Frente Negra Baiana se constituiu como entidade de relevância imprescindível no contexto de Salvador, pois levou a sociedade soteropolitana a sair da zona de conforto acomodada à ideologia da democracia racial, questionando o lugar das pessoas negras, especialmente as empobrecida na sociedade e tentando inclui-las de diversas formas. Provavelmente, é da Frente Negra que vem os ideais para a organização da Movimento Negro anos depois.

Um período de relevância da educação baiana foi entre 1946 e 1951, finalizada a segunda guerra mundial, acontece a promulgação da Constituição Federal, quando foi acrescentado na Constituição do Estado o capítulo sobre a Educação e cultura redigido por Anísio Teixeira. Destacou-se seu o pioneirismo como secretário de Educação e Saúde no governo de Otávio Mangabeira. Autor da Lei Orgânica de Educação e Cultura do Estado da Bahia, a partir dos seus estudos, Anísio Teixeira procurou transformar a educação nos seus diversos aspectos. Houve a ampliação do ensino público em todos os níveis, a retomada do

ensino médio pelo Estado. Foi construído quase duzentos e sessenta instituições escolares, o Ginásio da Bahia foi ampliado para outros bairros de Salvador: Liberdade, Itapagipe. Brotas, Nazaré, criou também o Centro Educacional Carneiro Ribeiro com mais duas Escolas Classe, assim como a Escola Parque no bairro do Pau Miúdo. Em se tratando dos aspectos culturais foi fundado o Departamento de Cultura do estado, que fomentou a criação do curso de biblioteconomia da Universidade do Federal da Bahia (Nunes, 2008). Nesse período também foi criada a Universidade Federal da Bahia (UFBA) criada em 1946.

Anísio Teixeira (1949) traça um plano estruturado para que a partir dos anos seguintes se alce resultados e investimentos na educação do estado, ao apresentar seu relatório ao governador Otavio Mangabeira prestando conta do que foi realizado e trazendo o planejamento das ações para os anos seguintes, dentre essas ações destacamos: sistematização da matrícula, proposição da criação das coordenadorias regionais de educação e nomeação delegados no campo do magistério, retomada da merenda escolar para todas as escolas etc.

Teixeira (1949) preocupa-se com a educação em todo o seu contexto, afirmando a necessidade de esforço enorme e não apenas situações paliativas no campo educacional, uma vez que, as populações indígenas e africanas transplantadas carecem de uma educação propositiva.

> Precisamos não esquecer que a civilização significa um esforço contra o meio e um esforço tanto mais vigoroso quanto este meio é menos afeiçoado aos padrões e medidas da civilização. Si a este meio hostil, como é o de nossa geografia tropical, juntamos as populações indígenas que aqui encontramos e as africanas que importamos e, a tudo isto, somamos a tendência portuguesa à adaptação mais passiva que criadora, é de se ver a massa de esforço necessário para a implantação de padrões modernos entre nós. Sete anos de descalabro moral, econômico e político, fantasiados de *realismo sociológico*, bastaram para nos reduzir a uma Alexandria da decadência, com as instituições fundamentais da civilização postas nas condições em que as estamos encontrando (Teixeira, 1949, n.p.).

Nunes (2008) acrescenta que no governo de Regis Pacheco de 1951-1955 ocorreu o desmembramento da Secretaria de Educação da Secretaria de Saúde, tornando-se órgão autônomos. Alguns anos depois, foi instalada na Bahia a Universidade Católica do Salvador. Podemos afirmar que as ações empreitadas por Anisio Teixeira enquanto secretário da educação ocasionou a ampliação do ensino médio, ampliando-o para a maioria das cidades do interior.

Nos anos de 1951 e 1960 observa-se a continuidade de ações realizadas anteriormente, agora ampliando-se para o interior do estado, ampliação da matrícula nas escolas primárias e secundárias, realizando concurso para professores, construção de prédios e conclusão de obras já iniciadas em administrações anteriores nas diversas cidades e nas zonas rurais. Porém as

desigualdades educacionais ainda continuaram, observa-se também a ampliação do movimento estudantil com suas reivindicações por melhorias e qualidade na educação e participação política.

Entre 1960 e 1979, a educação na Bahia passou por transformações significativas, refletindo as mudanças sociais e políticas do Brasil na época. O período foi marcado pela implementação de leis que buscavam ampliar o acesso à educação e melhorar a qualidade do ensino. A LDB de 1961 foi um marco importante, pois estabeleceu diretrizes para a organização da educação em todo o país, incluindo a Bahia. Essa lei incentivou a criação de novas escolas e Faculdades de Educação, a expansão da rede de ensino, especialmente no que se refere à educação primária, que começou a se estruturar de forma mais organizada e acessível para a população.

A industrialização crescente no estado da Bahia durante as décadas de 1960 e 1970 exigiu uma adaptação da estrutura educacional para atender à nova demanda por mão de obra qualificada. Nesse contexto, o ensino técnico ganhou destaque, com a criação de instituições voltadas para a formação de profissionais capacitados para atuar nas indústrias que se estabeleciam na região, especialmente no Polo Petroquímico de Camaçari. Como assinala Nunes (2008), no final dos anos 1960 foram criadas quatro Faculdades de Educação no estado, sendo a primeira em Feira de Santana por volta de 1968, e as outras em Vitória da Conquista, Alagoinhas e Jequié sendo que a última não foi colocada em funcionamento. Ainda foram criadas outras Faculdades como Educação Física e Agronomia no Médio São Francisco e Jequié. Teve a implantação do Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA) com o apoio do Ministério da Educação.

É importante registrar que, em 1969 ocorreu a instalação da TV Educativa através de concorrência pública. Vale também acrescentar que, nesse mesmo ano, teve início uma experiência ímpar nesse país: "[...] os Centros Integrados de Educação, objetivando a integração da educação nos seus diferentes níveis, a começar pelo primário (construídos dois em Salvador e um em: Feira de Santana, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itabuna e Alagoinhas" (Nunes, 2008, p. 220).

Uma ação de extrema importância neste período, foi a Mini Comunidade Obá Biyi, fundada em 1976 por iniciativa de Mestre Didi, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, dentro do Terreiro Axé Opô Afonjá. Essa iniciativa uniu professoras, cientistas e militantes do movimento negros, pessoas ligadas ao próprio terreiro e simpatizantes, desenvolvendo um projeto "[...] visando criar uma nova pedagogia assentada nos princípios de respeito à

alteridade, promovendo a adaptação da linguagem do discurso do ensino oficial aos valores e às características da linguagem sociocultural comunitária, estabelecendo uma nova metodologia de ensino e de relações institucionais [...]" (Luz, 2000, p. 667)

O surgimento do Movimento Negro na Bahia, especialmente entre 1978 e 1979, teve um papel decisivo na reivindicação por uma educação mais inclusiva e que respeitasse as identidades culturais afro-brasileiras. Este movimento pressionou por mudanças curriculares que incluíssem a história e a cultura africana e afro-brasileira, além de lutar contra o racismo estrutural presente nas instituições educacionais. As demandas do movimento negro incluíam também a criação de políticas de acesso à educação superior para estudantes negros e de baixa renda, antecipando discussões que se tornariam mais intensas nas décadas seguintes.

Entre 1980 e 2000, a educação na Bahia passou por novas transformações, influenciadas pelas mudanças políticas e sociais que ocorreram em nível nacional. A promulgação da nova (LDB) em 1996 foi um marco importante, definindo as diretrizes para a organização da educação em todos os níveis no Brasil. Essa lei trouxe uma maior autonomia para estados e municípios na gestão do ensino e reforçou a necessidade de universalização do ensino fundamental, além de promover a diversificação e melhoria da qualidade da educação em todos os níveis. Na Bahia, houve a criação da Universidade do estado da Bahia em 1983, essas mudanças resultaram em uma expansão da rede pública de ensino, especialmente no nível primário, com o objetivo de reduzir as taxas de analfabetismo e aumentar a escolarização.

Continuando essa discussão, Silva (2020) acrescenta a atuação efetiva dos militantes do MNU na formação de professores e da militância em geral. Esses atuam nas diversas áreas do conhecimento visando minimizar a lacuna existente, abordando temáticas diversificadas, especialmente, no que se refere "[...] a discriminação do negro nos materiais pedagógicos e à exclusão dos conhecimentos históricos e culturais sobre a problemática negra nos currículos" (Silva, 2020, p.203).

É importante acrescentar, que a luta do Movimento Negro, e das diversas entidades juntamente com o CEAO/UFBA, através de incessantes esforços conseguiram a aprovação no Conselho Estadual de Educação a disciplina Estudos Africanos que foi implantado em algumas escolas públicas de Salvador na gestão do Prof. Edvaldo Boaventura como secretário estadual de Educação. Essa aprovação recomendava a inclusão dos valores culturais da cultura negra e indígena (Cruz, 1987).

De acordo com a Profª Ana Célia da Silva (2020) essa disciplina foi uma expressão das lutas do grupo de Educação denominado Robson Silveira da Luz, jovem assassinado pela

Ditadura Militar, esse grupo pensava a educação dentro do Movimento Negro e teve uma atuação ímpar junto das escolas públicas e privadas, universidades, propondo e recontando a história dos povos negros no Brasil, a historiografia dos quilombos e dos povos quilombolas. Esse grupo também convocou outras entidades para que a secretaria de educação estadual realizasse um curso de especialização focando a História da Cultura da África para educadores das escolas públicas. Assim, após o curso e com a anuência do Conselho Estadual de Educação a disciplina foi incluída no currículo das escolas de ensino fundamental e médio. Essa disciplina se efetivou durante dois anos, contudo, não foi dada continuidade pela falta de vontade política (Silva, 2020).

No ensino médio e universitário, a Bahia viu um crescimento significativo tanto no setor público quanto no privado. As universidades públicas, como UFBA e a UNEB como uma universidade multicampi passou por uma expansão de suas infraestruturas e oferta de cursos, buscando atender à demanda crescente por educação superior de forma mais ampla atendendo às regiões do estado. O Professor Edvaldo Boaventura (2009) nos informa relevância da UNEB como multicampi porque, "[...] localizando em municípios capitais regionais entidades deste nível de ensino para atender primeiramente, à demanda educacional e, em segundo lugar, responder às necessidades sociais e econômicas pela formação de quadros profissionais" (Boaventura, 2009, p. 51).

Paralelamente, o setor privado também cresceu, com a abertura de várias instituições particulares, que passaram a desempenhar um papel importante na educação superior do estado. A década de 1990 foi marcada pela valorização do ensino técnico-profissionalizante, com a criação de escolas técnicas que buscavam formar mão de obra qualificada para os setores industriais e de serviços em expansão. Contudo, retomando as discussões de Boaventura, (2009), p. 57), é imprescindível acrescentar que o ensino público para todos, nos vários níveis, especialmente universitário possibilita "[...] variadas formas de valorização da cultura local e regional, complementadas pela intervenção das múltiplas manifestações culturais eruditas."

Nesse contexto, o Movimento Negro continuou a desempenhar um papel fundamental na luta por uma educação mais inclusiva e representativa. Entre 1990 e 2000, o movimento intensificou suas reivindicações por políticas públicas que promovessem a igualdade racial e a valorização da cultura afro-brasileira nas escolas e universidades. O movimento pressionou por currículos que incluíssem a história e a cultura afro-brasileira, além de lutar pela implementação de cotas raciais e sociais no ensino superior. Essas ações foram fundamentais para iniciar uma

série de debates e políticas que, nas décadas seguintes, se tornariam pilares na promoção de uma educação mais equitativa no Brasil.

O Ilê Aiyê amplia sua ação educacional e cria e Escola Mãe Hilda na comunidade do Curuzu, em 1988, com inspiração e contanto com algumas pessoas ligadas ao projeto da Mini Comunidade Obá Biyi, elabora seu Projeto de Extensão Pedagógica junto com um grupo seleto de pessoas do Movimento Negro que também já eram pesquisadoras nas várias universidades do estado.

Observa-se um interesse significativo os educadores por formações oferecidas pelos e pelas militantes negros (as), nas várias entidades negras, assim como, pelos centros acadêmicos e núcleos de estudos, A formação continuada acontece mais pelos esforços da sociedade civil, MNU e entidades negras, do que pela vontade política dos governos municipal, estadual ou federal.

O NUCAB, criado por Manoel de Almeida Cruz, desempenhou um papel central nesse processo. Com uma série de seminários sobre educação interétnica realizados no Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA), localizado no Corredor da Vitória, um dos bairros mais elitizados de Salvador, o Núcleo conseguiu mobilizar tanto a sociedade civil quanto a comunidade educacional em torno da importância de uma pedagogia interétnica. Esses seminários serviram como espaços de discussão e conscientização, onde se articulou a necessidade de transformar o currículo escolar para incluir conteúdos que refletissem a realidade plural e multicultural do Brasil (Santos, 2020).

No que tange às ações do NUCAB, conjuntamente com o Movimento Negro na Bahia, (Cruz, 2008), elenca várias iniciativas imprescindíveis realizadas em vários espaços ditos da classe média branca baiana, mas que acolheram reflexões e iniciativa relevantes. A atuação de Manuel de Almeida Cruz (1987) e a Pedagogia Interétnica[85] Nesse sentido, faz uma retrospectiva das ações dessas entidades, realizando esforços para que ocorressem mudanças significativas na educação baiana:

> O Núcleo Cultural Afro-Brasileiro realizou diversas ações relacionadas a educação do negro, ao racismo na educação e a possibilidade de construção de uma educação pluriétnicas décadas de 1970 e 1980, em Salvador e em outras cidades do brasil. Dentre elas destacamos a **III Semana de Estudos e Debates sobre a Problemática do Negro brasileiro** e o **I Ciclo de Palestras**

[85] A Pedagogia Interétnica foi criada em 1978, por Manuel de Almeida Cruz e Roberto Santos, resultante de uma pesquisa realizada sobre relações raciais pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia e pelo NUCAB, essa pesquisa demonstrou que família, escola, mídias sociais e comunidade são responsáveis pela transmissão do preconceito racial. Para enfrentar essa problemática eles criaram a Pedagogia Interétnica que consiste em estudar o etnocentrismo e o racismo transmitidos pelo processo educacional e pensar alternativas educativas para combatê-lo (Cruz, 1987).

> **sobre Política Africana Atual** em 1977, no Instituto Goethe em Salvador, o **Curso de Sociologia Brasileira I**, realizado em 1977, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha ICBA, o **I Seminário Experimental de Educação Interétnica** realizado pelo ICBA, em 1979, em 1980 o NCAB realizou o **II Seminário de Educação Interétnica** na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia FACED/UFBA (Cruz, 2008, p. 72 grifos da autora).

A Pedagogia Interétnica foi uma iniciativa imprescindível porque a partir de resultados de pesquisa, procurou agir pedagogicamente no combate ao racismo entendendo as causas e consequências dele no processo educacional. Essa Pedagogia privilegia o uso de múltiplas linguagens como teatro, palestras, debates, comunicação social, sejam nas escolas ou nas comunidades para discutir o racismo e o etnocentrismo suas causas e consequências.

Ela propõe uma metodologia onde ações curriculares ampliem o olhar para os grupos étnicos excluídos do currículo, na dramaturgia terapêutica que consiste no uso do teatro para combater o racismo e que se aborde nas composições temáticas dos povos negros, ações também que incidam nos meios de comunicação como veículos de combate ao racismo, uma mídia que dialogue com os vários setores da sociedade e que emancipe seus interlocutores utilizando cartazes, vídeos, slides, filmes, textos, cartazes dentre outros para que a comunicação social seja antirracista. É importante frisar também, que a educação dos povos indígenas deve prever a educação dos não-indígenas, através do diálogo sem imposição nem substituição da educação que as comunidades desenvolvem através das suas lideranças, privilegiando no currículo disciplinas que valorizem e positivem as culturas indígenas (Cruz, 1987).

Ainda nessa perspectiva, a Pedagogia Interétnica envolve também, aspectos históricos a qual propõe uma abordagem que avalie a atuação dos sujeitos sociais das várias procedência, especialmente os grupos dominantes e dominados. No que concerne aos aspectos culturais, propõe questionar os símbolos da cultura dominante e a ampliação e positivação de outros tão importantes quanto. Nos aspectos antropológicos, questiona a ideologia da superioridade racial dos grupos dominantes, buscando desmistificar as teorias que hierarquizam os grupos humanos na sociologia moderna (Cruz, 1987).

Quanto aos aspectos sociológicos, ela busca apontar e questionar as leituras que marginalizam os grupos étnicos colonizados, demarcados com estáticos e estigmatizados na sociologia globalizada, protagonizar o papel dos sujeitos marginalizados como atores sociais e produtores e atuantes socialmente. Ao se referir aos aspectos psicológicos, a Pedagogia Interétnica busca rever e refletir sobre o complexo de superioridade do grupo que domina e a inferioridade do grupo dominado, assim como, a auto rejeição e a baixa estima dos grupos explorados e dominados (Cruz, 1987).

Os blocos afro de Salvador também foram e são muito importantes na construção de uma afirmação identitária com as culturas de origem africana, em seu início não deixaram evidentes seu viés educacional, com o decorrer do tempo também passaram a privilegiar a educação como veículo de transformação e ação social. Os blocos carnavalescos Ilê Aiyê fundado em 1974, Malê Debalê, o Olodum, o Araketu em 1979 e Muzenza 1981, e o Grupo Nêgo em 1978 são percussores do Movimento Negro na Bahia. E, também fazem um trabalho educativo muito importante influenciando os processos educacionais nas comunidades onde estão inseridos e empreendendo lutas coletivas por educação de qualidade na Bahia (Cruz, 2008); (Gomes, 2017); (Santos, 2020).

de extensão pedagógica do Ilé

O Esse projeto realizou parceria com a Secretaria Municipal de Educação no início dos Anos 2000, promovendo a formação continuada intitulada: Brasil, Terra de Quilombo, o qual eu também fui aluna, tendo acesso aos conhecimentos mais atuais e sobre a História da África e dos povos negros no Brasil, as comunidades de quilombo de ontem e de hoje, as atividades e organização do Movimento Negro no Brasil dentre outras temáticas. Os Cadernos Pedagógicos do Ilê, foram subsídios utilizados como livros temáticos organizados, fundamentados, com imagens e textos sobre as temáticas abordadas e sugestões para reflexão. A parceria com a secretaria de educação do município de Salvador durou até 2008, depois novamente por falta de vontade política foi interrompida.

Muito do que reflito, escrevo e tenho como prática e ação na vida, aprendi com os educadores do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, os aprendizados e as reflexões da Makota Valdina Pinto, do Prof. Professor Jorge Conceição e Jonas Conceição já falecidos; de Prof. Ana Célia da Silva, Arany Santana e tantas outras são referências de educação e lutas do Movimento Negro em Salvador.

A ação do Movimento Negro na Bahia, especialmente através do trabalho do NUCAB Cultural Afro-brasileiro, foi fundamental para a implementação dessas mudanças. A introdução da História da África no currículo escolar não só representou uma conquista educacional, mas também uma afirmação da identidade e da resistência afro-brasileira. Esse movimento educativo contribuiu para a formação de uma consciência crítica entre estudantes e educadores, reforçando o papel educador do Movimento Negro na Bahia (Gomes, 2019), que, ao longo dos anos, continuou a lutar por uma educação que valorizasse a diversidade e promovesse a igualdade racial. As irmandades, que exigiam que os membros dos cargos administrativos fossem alfabetizados, também desenvolveram processos educativos internos, para minimizar a carência estatal. Partindo desse princípio, Nilma Lino Gomes (2017) nos orienta que a

educação, enquanto direito social negado aos povos não hegemônicos, é campo indispensável de reflexão dos Movimentos Negros, das entidades sociais e assistência social desde os primeiros tempos. A estudiosa acrescenta que:

> A educação é o campo escolhido para essas reflexões aqui realizadas, devido ao fato de ser um direito social, arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que, durante muito tempo, foi sistematicamente negado aos negros e às negras brasileiras. Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país, o Movimento Negro, por meio de suas principais lideranças e das ações dos seus militantes, elegeu a educação como espaço-tempo possível de intervenção e de emancipação (Gomes, 2017, p. 24-25).

A educação, como princípio fundador ou a mola mestra para o desenvolvimento da humanidade plena, exige de nós, sujeitos históricos, sua busca incessante e incansável no sentido de forjar modos de existir e coexistir, considerando o princípio ético-político para o bem viver de todos e todas ou, se não, da maioria.

Partindo desse princípio, é possível entender a vida dos seres humanos como movimento contínuo de aprendizagem, que começa no ventre materno, no momento da concepção e finaliza com a morte. E, se acreditamos em outras possibilidades de vida, esse ciclo apenas silencia nesse plano e continua nas próximas conjecturas de vida. Assim, entendemos a educação como prática libertadora e cultural que alcança uma amplitude universal, onde o conhecimento e o diálogo se fazem na prática e nas ideologias. Partindo desse pressuposto, as práticas pedagógicas, as subjetividades, a imersão na realidade e os caminhos epistemológicos levam cada ser pensante a se libertar e transformar o mundo através da conscientização, que se apresta na prática e na teoria.

A partir das visões de Freire (1993) e hooks (2017) podemos conjecturar que esse ideal de liberdade e transformação continua sendo perseguido, porque, embora essa ideia já tenha mais de cinquenta anos, o que menos se tem é liberdade no processo educacional. Nesse sentido, Freire (2009) afirma, em quase todas as suas obras, que "[...] educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (Freire, 2009, p. 29).

Nossa irmã colaboradora Nilsa Bonfim Dias (2021) narra a sua experiência educacional, que se coaduna com a reflexão empreendida, com a entrada na escola formal nos anos 1940 e 1950, aqui em Salvador.

> Mais tarde, ela [minha mãe] conseguiu levantar-se pela madrugada, bem cedo, para me matricular num colégio bom que ela ouvia falar que era renomado. Ela um dia conseguiu. Então ela me matriculou no Getúlio Vargas, que era considerado uma das melhores escolas daqui da Bahia. Porque era uma escola onde as normalistas treinavam para ser professoras, o pessoal, as meninas da Escola Normal da Bahia [...]. E foi aí que eu comecei a sentir na pele o que era preconceito, o que é preconceito e o que é discriminação [...]. Isso aí eu senti bastante, porque, nessa escola, tinha aula de educação religiosa e tinha catequese, eu estava e nunca era chamada para nada, e nessa época, o pessoal de lá era, fazia parte do [...], eu não sei como se chama, da Arquidiocese, da Paroquia do Santo Antônio Além do Carmo (Dias, 2021).

Nesse depoimento, irrompem aspectos importantes para compreender a educação na Bahia, sobretudo, na quarta década do século vinte. Esses dados enriquecem o nosso diálogo sobre educação de pessoas negras na Bahia. Os resquícios do escravismo – a exclusão e o racismo – sempre permearam o processo educativo, onde a Igreja Católica e o Estado comungavam dos mesmos princípios educacionais. Nossa irmã ressalta como estava organizado o sistema de ensino, as dificuldades de matrícula, o ensino religioso que era uma realidade nas escolas públicas, as discriminações que vivia.

Observo que os pais da Irmã Nilsa lutaram e resistiram para que a sua filha pudesse estudar, utilizando-se de estratégias e empreendendo esforços para a inclusão escolar de sua filha. Contudo, a inclusão escolar não se transformou necessariamente em inclusão racial. Assim, nossa irmã colaboradora, no ambiente escolar, vivenciou muitas situações de preconceitos, discriminações e criou mecanismos pessoais de enfrentamento do racismo.

Fica evidente que, naquele período, a escola pública tinha uma avaliação positiva. Os estabelecimentos eram poucos, e a procura, enorme. Os sacrifícios para a conquista da vaga eram imensos. Sendo um laboratório de ensino, a Escola Getúlio Vargas desempenhou papel importante no contexto da educação primária na Bahia. As vagas eram concorridíssimas, então eram raros os casos em que famílias negras de Salvador conseguiam vaga para suas filhas e seus filhos como estudantes. Quando conseguiam, era uma vitória de imensa relevância.

Necessário se faz que, nas discussões sobre educação, pensemos na sua importância como processo que permeia a vida dos seres humanos da concepção até a morte. No contexto brasileiro, como nos adverte Grosfoguel (2020), necessitamos urgentemente da descolonização do poder, do saber e do ser. Nessa perspectiva, embora vivamos nessa sociedade que prima pelo acúmulo do capital, pela exclusão da maioria da população dos bens culturais e sociais, dos saberes e da historicidade, muitas iniciativas continuam sendo realizadas para resistir e abrir frestas nas paredes da exclusão, do racismo e da colonialidade presentes por todo o país.

Em se tratando dessas questões, vale ressaltar que as irmandades negras usaram suas estratégias para construir um processo educativo interno, para darem continuidade às suas histórias nesse país. O irmão Almir Menezes (2023) narra sobre o imprescindível papel dessas entidades no período pós-abolição.

> Menina, quando eu cheguei aqui, lendo um pouco da história, entendendo um pouco da história, aqui foi um novo momento na história da Bahia, na história do Brasil, na história do negro. Fui do Movimento Negro, eu participei de atividades, de reuniões, entendeu? Então para mim é muito, muito importante. Quando eu cheguei aqui, eu me vi dentro da história, então teve aquele processo do depois do dia 13. No processo abolicionista, depois do dia 13, que veio a abolição e tal. Dia 13, na verdade, nunca foi nosso dia, entendeu? E no dia 14, quer dizer, tinha outra lei que, se tivesse algum negro na rua, colocava, ele ia preso, voltava a ser escravo de novo. Então, esse dia 14, para a gente, foi muito importante, foi o momento que os mais velhos pegavam na mão dos nossos irmãos e traziam para aqui para dentro, para dar formação. Entendeu? Esse processo educacional foi fundamental. Na verdade, a gente formou uma sociedade através disso aí. Porque dia 14, você vê, trazia da rua, dava informação, dava várias formações, tinha várias formações. E depois, quando a pessoa se sentia forte, colocava na sociedade. Inclusive tem essa questão dos desvalidos (Menezes, 2023).

A narrativa do Irmão Almir Menezes (2023) dialoga com o entendimento de que o Movimento Negro também está presente na Irmandade do Rosário, esta dialoga com a história do Brasil e da Bahia. Ao colocar em discussão o 14 de maio ele relembra a importância das redes de inclusão das pessoas negras como a SPD, o Montepio dos Artistas, a Frente Negra Baiana, o NUCAB, os Blocos Afros, o MNU dentre outras organizações que tiveram e têm fundamental importância na humanização e socialização das pessoas negras desamparadas nos diferentes tempos.

5.2 EDUCAÇÃO NA IRMANDADE

A construção de caminhos de libertação, o desenvolvimento de diálogos com diferentes esferas sociais e as lutas para manter o seu próprio patrimônio e a sua memória ancestral africana por vezes, ameaçadas por irmandades de brancos estão no cerne do legado das Irmandades Negras. A pluralidade é uma constante nessas entidades, pois as mesmas, dialogando com o tempo histórico, reconstroem suas trajetórias a partir de processos educativos formais, dos quais os seus membros participam, como também da educação geral desenvolvida e percebida como profícua para a sua continuidade.

As Irmandades Negras são também instituições educativas. Essas entidades coletivas, de valorização da tradição oral, porém também permeadas pela escrita, desenvolvem diversas atividades educativas e de cunho pedagógico. Nesse catolicismo negro, no espaço da Irmandade e em muitas confrarias, funcionaram salas de alfabetização dos seus membros e outras atividades alternativas de educação, dialogando com a educação formal.

A irmã Sandra Bispo (2023) ressalta que, dos anos 1990 até 2000, foram muitas as atividades educativas:

> É, em média, uns trinta e quatro ou trinta e cinco anos por aí, o período. Todas as vezes que eu pisei naquela casa, eu fui atraída para aquela casa, por uma questão não de fé, por uma questão também buscando grande objetivo de educação na escola. O fundador era o grande revolucionário Anísio Teixeira. Nós tentamos sim, com um olhar preocupado com a questão da educação, buscar aplicar aquilo que eu tinha como meta, porque eu trabalhava profissionalmente na Escola. Nós tentamos sim, com um olhar preocupado com a questão da educação, como instrumento de mudança de comportamento, como instrumento de reformulação de todo um processo de atualização também de uma tradição, não é? Eu fui vista em algum evento pelo padre Hélio Rocha, e esse Padre, a partir dos eventos e das palestras que nós fizemos, ele nos convidou para, além dos eventos, dar essa contribuição mais direta (Bispo, 2023).

Quando a irmã Sandra Bispo (2023) se refere àquela casa, diz respeito sobre a Igreja do Rosário, enquanto o espaço de vivência das irmãs e irmãos dessa Irmandade, nós irmãs e irmãos chamamos a Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho de nossa casa. Pois, essa casa se constitui com um espaço de religiosidade, fé, ancestralidade, memória e educativo como bem reflete a irmã Sandra Bispo (2023). Articulando sua experiência enquanto educadora e irmã no contexto da Irmandade, ela aguçou seu olhar para a educação na entidade por vários anos participando de diversas mesas administrativas.

Em julho de 1997, a Irmã Sandra Maria Bispo (2023), concluindo o seu mandato de Priora da Mesa de Honra, foi à reunião da Mesa Administrativa fazer o relatório das atividades educativas ocorridas naquele ano. A Irmã Sandra Bispo (2023) relatou que todas as atividades tinham sido proveitosas, os produtos tinham sido vendidos, e toda a renda foi direcionada para a Irmandade ((Venerável Ordem Terceira do Rosário às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, Livro de Atas 1974-2000). As atividades educativas e culturais eram muitas e ocorriam com a participação especialmente das irmãs que assumiam – e ainda assumem – a maioria dessas atividades. Irmã Sandra Bispo (2023) narra com detalhes como iniciou:

> Uma das primeiras atitudes que nós tivemos de ter além dos eventos pontuais como oficinas, palestras, encontro, nós fizemos o Primeiro Encontro da Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos com a participação do nosso grande Professor, o saudosíssimo Cid de Teixeira. Como nós estávamos no contexto do Centro Histórico e a nossa relação com todo o município de Salvador, o estado da Bahia, inclusive mostrando que a Irmandade do Rosário tem um papel fundante na educação, no processo de educação, daí nós fomos convidadas. Chegando lá, uma mesa era composta por homens; e uma mesa, por mulheres. Na mesa feminina, tinha na direção a minha madrinha queridíssima, a saudosíssima Abgail. Dona Abgail era Priora e nos convidou para ser Vice Priora como forma de auxílio (Bispo, 2023).

No ano de 1998, houve várias atividades educativas que ocorreram na Irmandade, desde cursos de corte e costura, encontro de crianças, curso de bordado, curso de espanhol, inglês, teclado e muitos outros. Talvez algumas pessoas, na atualidade, nem tenham a dimensão da importância na vida de quem viveu nos anos 1990, a realização de um curso que lhes abrisse a possibilidade de atuar no mercado de trabalho ou de se constituir uma/um profissional autônoma (o). A Irmandade do Rosário dos Pretos, através da Mesa de Honra, desenvolveu diversas atividades educativas que se estenderam até após a extinção da referida Mesa e a organização da Mesa Administradora, e continuam ocorrendo, mas com menos frequência. Sobre essas atividades educativas, O Irmão Antônio Carlos Souza (2023) acrescenta:

> Nós tínhamos encontro de adolescentes que era fora daqui. Nós reservamos um lugar e uma equipe e fazíamos esse encontro de adolescentes, que era tanto para crianças quanto para os adolescentes, eram filhos, netos, vizinhos, amigos das pessoas daqui da comunidade do Pelourinho [...]. Além disso, muitos feitos pelo grupo da Mesa de Honra, os cursos: curso de datilografia, curso de corte e costura, de bordado, tinha curso de artesanato, entendeu? Violão, teclado e, que coisa interessante, tudo que era feito era revertido para a comunidade, não era só para os Irmãos do Rosário. Então quem viesse se inscrevia e tomava o curso. De segunda a sexta, tudo que era produzido era colocado, pedia a prefeitura aquelas barraquinhas, colocava na frente, fazia a feira, e tudo que era arrecadado era para a Irmandade. Uma das pessoas que não está mais entre nós – e que sempre coordenou isso muito bem – foi a nossa irmã Joselita e nossa irmã que foi Priora, a Irmã Bárbara. Tinham outras irmãs também que se envolviam. É, esqueci o nome dela agora, mas tem um grupo muito bom aqui, é muito bom (Souza, 2023).

Observamos que a maioria dessas atividades citadas pelo Irmão Antônio Carlos Souza (2023), realizadas nos anos 1990 até meados dos anos 2000, não tiveram continuidade na segunda década de 2000. Desse modo, conjecturamos que pelas dinâmicas do tempo e as mudanças sociais ocorridas, algumas mesas administrativas não privilegiaram as ações educativas em suas gestões. Jorge Manoel Adão (2002), discute sobre a dinâmica da participação das/os negras/os nas irmandades e confrarias, para além dos elementos religiosos,

pois, dentre as várias atividades, muitas eram conscientizadoras, afirmativas, fortalecedoras, educativas:

> Estas e outras atividades fizeram com que a Irmandade representasse um papel importante na integração do negro, sobretudo porque a Confraria constituía-se no único espaço institucional, dentro da legalidade, aberto ao negro, que o valorizava, dignificava-o. Mais do que receber proteção, auxílio, amparo em seus apuros e necessidades, foi o poder de agir como criatura humana, que levou o negro a se interessar pela Irmandade. Aí o negro teve condições de se reunir aos semelhantes, de dialogar, de poder agir em condições de igualdade com o branco, de enfrentá-lo (Adão, 2002, p. 73).

A educação possui uma capacidade transformadora e, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, essa capacidade se fez e faz presente de maneiras significativas e diversas. A Irmandade, situada no coração histórico da Bahia, mostrou seu comprometimento com o empoderamento educacional da sua comunidade. Nesse sentido, a Irmã Nilsa Dias (2021) corrobora com a reflexão sobre educação na Irmandade ao acrescentar:

> [...] eu acho que a educação tem dado um crescimento. A irmandade vem crescendo bastante com a divulgação, a objetividade, no sentido de falar com os seus componentes para continuar estudando, agregando conhecimentos, procurando cada vez mais a Igreja. A Irmandade está crescendo através dos seus membros, das atividades, nos setores de Educação e Saúde. Porque vários membros da Igreja sentiram a necessidade de não ficar parado, só recebendo, não protagonizando sua história. Partimos para a educação de corpo e da alma. Nós estamos estudando, a Irmandade está crescendo, através do estudo e da preparação dos seus membros. Nós temos pessoas, nós temos médicos, advogados, dentistas, professores, que são mestrandos, doutorandos, muita gente estudando. A Irmandade está crescendo e adquirindo conhecimentos das suas raízes, procurando uma maneira de como propagar a outros grupos religiosos (Dias, 2021).

A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, no entanto, não ficou imune aos desafios do tempo. Após a extinção da Mesa de Honra e a reorganização da Mesa Administrativa, notou-se uma diminuição na frequência das atividades educativas. Mas esse recuo não diminuiu a importância da Educação no legado da Irmandade, nem apagou o impacto que essas atividades tiveram ao longo dos anos.

Em narrativas das irmãs e dos irmãos, constam registros de que já houve, na Irmandade, aulas de alfabetização, embora, nos arquivos, não tenha sido encontrada nenhuma documentação que confirmasse essa hipótese. A Irmã Maria Rosa Santos (2023) rememora: "[...] antes de eu chegar no Rosário, já tinha aqui uma escola, aí na secretaria. Tinha escola aqui dentro do Rosário. Aí na secretaria era uma escola, muitas pessoas saiam daí, iam para outra,

se formavam". A Irmã afirma que os irmãos e irmãs que não eram alfabetizados iniciava na própria secretaria da Irmandade seu aprendizado, em seguida inseriam-se na escola formal para concluir seus estudos.

Ainda que os arquivos e documentos oficiais possam não refletir toda a riqueza e complexidade da história educacional da Irmandade, as vozes e memórias daqueles que participaram e foram tocados por essas atividades falam por si. Irmãos e irmãs, jovens e idosos, todos compartilham um sentimento de pertencimento e gratidão pelas oportunidades e transformações que a Irmandade lhes proporcionou.

Os cursos foram diversos e funcionaram em vários anos, propiciando tanto aos membros da Irmandade quanto à comunidade atividades educativas que ajudassem no processo formativo. Sobre a Irmandade ser articuladora e referência na formação de muita gente, o Irmão Almir Menezes (2023) testemunha:

> Importante, eu uso muito isso como referência. Educação para mim é tudo. Educação e arte. Não se faz Arte sem educação, educação sem arte. Foi essa forma, essa maneira que nós aprendemos, temos muitas influências malês dos nossos ancestrais, nossos ancestrais malês eram muito inteligentes, então, eles descobriram muitas coisas, não é? Muita coisa. Então, essa parte malê, pegamos para nossa formação e trazemos para nosso contexto social. Pré-vestibular, corte costura, entendeu? Vários cursos que a gente conseguia, eu mesmo, eu consegui vários cursos, no Steven Biko mesmo, passou um monte de gente. Filhos de irmãos e irmãs daqui também. Tem o filho de Adilson que hoje ele é mestrando, vai fazer doutorado (Menezes, 2023).

Ao refletirmos sobre a trajetória educacional da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, é impossível não reconhecer a importância desta organização para a capacitação e o fortalecimento de sua comunidade. Nessa perspectiva, como colocado acima pelo Irmão Almir Menezes (2023), a ancestralidade também se fortalece através dos processos educativos da Irmandade. A parceria com o Instituto Steve Biko para realização do Pré-vestibular nas dependências da Igreja do Rosário, falaremos dele mais adiante. Assim, a Irmandade não só preservou a memória e a tradição, mas também olhou para o futuro, investindo na formação integral dos seus membros e do entorno.

Os encontros de crianças, que ocorreram na Irmandade por vários anos consecutivos, são memórias positivas que as irmãs e os irmãos têm. A maioria dos (das) entrevistados (as) se recorda do encontro de crianças. Essa atividade está bem documentada por quase todos os anos, no período de 1990 até 2004/2005. Encontramos relatórios, planejamentos, listas de participantes, processo avaliativo, nomes das pessoas responsáveis por cada atividade realizada.

Essa atividade sempre ocorria no mês de outubro, antes da festa de Nossa Senhora. Sobre essa atividade, a Irmã Maria Rosa Santos (2023) rememora:

> As crianças de manhã, toda hora, ficava todo mundo deitado na esteira, só desenhando, brincando. Lembro das crianças, minha sobrinha vinha, vinha a parente de Bárbara. De tarde, as crianças almoçavam. Depois, todo mundo vinha para ir para a sacristia se deitar. Duas horas, iam com Moisés conhecer o Pelourinho, o Centro Histórico que não tinha caído ainda. Aí dava depoimento, depois traziam, e eles ficaram aqui. Faziam um lanche três horas. E depois tinha a distribuição dos brinquedos e das bolas para as crianças ([Ir. Rosinha] Santos, 2023).

Como observado acima, os encontros de crianças, em particular, serviram como uma janela para o futuro, promovendo a educação e a integração das novas gerações na vida e missão da Irmandade. Através destes encontros, sementes foram plantadas. As tradições e os valores da Irmandade continuam sendo transmitidos. Ainda nesse sentido, podemos acrescentar mais uma narrativa sobre o encontro de crianças.

A irmã Cecília Canuto de Santana (2022), de maneira magistral, aborda a resistência dos irmãos da Confraria do Rosário de Olinda, juntamente com um esforço imensurável pessoal seu que, mesmo no processo de intervenção, não deixou de realizar atividades educativas imprescindíveis para a coesão do grupo. Nesse sentido, a Irmã detalha atividades e esforços para manter as pessoas em contato com a Confraria:

> [...] Eram atividades de formação na área de Fotografia. Eu já cheguei por mês ou por intervenção com padre que existia lá, que não queria nem ver a gente. A gente entrava, limpava a igreja, tinha um grupo lá de catequese, a gente doava as camisas de catequese, buscava recursos de doação mesmo, para poder fazer as camisas da catequese e a festa de final de ano da catequese. A gente fez uma parceria com algumas pessoas de Letras da Universidade Federal, para dar curso de Inglês, então eles já cobravam esse valor lá na Federal. Eles eram estudantes, e eu fiz Espanhol com eles. E aí fiz amizade com eles e disse: você não quer ter uma turma de dez, quinze, vinte alunos não? Eu quero. Então vamos fazer lá no Rosário. A gente só fez mesmo trocar [...] ([Canuto] Santana, 2022).

Observamos que, mesmo passando por esse processo longo de intervenção, a Confraria do Rosário de Olinda, assim como a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, não descuida do desenvolvimento de atividades educativas significativas nas vidas da comunidade e da Confraria. A maioria das Irmandades Negras articula o tripé religiosidade, memória e educação, para poder dialogar com os princípios da contemporaneidade. Observo a relevância

dessa articulação circular entre religiosidade, memória, educação pois, as irmandades que não se atentaram para isso, foram extintas se não, estão em decadência na atualidade.

À medida que a Irmandade avança, enfrentando os desafios da contemporaneidade e as mudanças na dinâmica social e cultural, evidencia-se a emergência de continuar cuidando da questão da Educação, que permanece crucial. A herança educativa da Irmandade é um bem maior que ilumina o caminho, mostrando como o empoderamento, por meio do conhecimento e da capacitação, pode gerar impacto profundo e duradouro. É um legado que, embora possa ter se transformado em sua forma e frequência, continua a ecoar na vida e no espírito daqueles que chamam a Igreja do Largo do Pelourinho de lar ou de nossa casa. Sobre as vivências de educação de crianças e jovens, filhas e filhos das irmãs e irmãos e da comunidade em geral, o Irmão Antônio Carlos Souza (2023) dá o seu testemunho:

> [...] Nós tínhamos a catequese, que não era uma catequese, era um encontro com as crianças trabalhando a autoestima, trabalhando toque, trabalhando liturgia, trabalhando recreação e arte, arte com argila, com desenhos. Nós tínhamos a celebração da festa de Nossa Senhora do Rosário. Antes, tinha um encontro de crianças. Nós fazíamos a celebração com essas crianças, nós fazemos um *city tour* com essas crianças, com os irmãos que são da casa, para conhecer a história do Pelourinho, a história do nosso povo negro (Souza, 2023).

Observando e refletindo sobre a narrativa do Irmão Antônio Carlos Souza (2023) sobre a catequese e o encontro de crianças que ele associa às mesmas atividades, com o passar dos anos ele não continuou ocorrendo com a mesma frequência anual, foi diminuindo, um ano ocorria, dois ou três não. A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, no entanto, não ficou imune aos desafios do tempo. Após a extinção da Mesa de Honra e a reorganização da Mesa Administrativa, notou-se uma diminuição na frequência das atividades educativas. Mas esse recuo não diminuiu a importância da educação no legado da Irmandade, nem apagou o impacto que essas atividades tiveram ao longo dos anos.

Em um contexto maior, a história da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho demonstra a maneira como a educação pode ser uma ferramenta poderosa na luta contra a exclusão social, no fortalecimento da memória, no acesso às tradições negroafricanas na promoção de uma comunidade mais justa e igualitária. Assim, com a sua visão ampla sobre o processo educativo, ela privilegia a educação como processo contínuo e transformador. Dessa maneira, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho contribuiu significativamente para

transformar as vidas o futuro de muitas pessoas da sua dinâmica interna e da comunidade como um todo.

5.3 ALGUMAS ATIVIDADES EDUCATIVAS NO ROSÁRIO

Ao defender a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho e as outras Irmandades como entidades educadoras, buscamos perceber que a educação não apenas chega nessas entidades, através dos processos formativos dos seus membros, mas também é pensada como ponto fulcral que conduz a problemática das Irmandades. Essa educação, que tem interface com a educação formal sistêmica, é desenvolvida em espaços não formais, possibilitando que essas entidades reconstruam os seus modos de estar no mundo fazendo projeções para o futuro.

Diferentes cursos foram e continuam sendo ministrados na Irmandade do Rosário. Alguns deles ocorriam de forma pontual, com uma ou duas etapas, e se encerravam. Outros tinham uma programação contínua, anual. Outros duraram dois, três ou vários anos. Ao observar a documentação de alguns cursos, podemos inferir que a entidade tem uma visão bem nítida da relevância da realização dessas atividades, ela cumpre o seu papel social, educativo e cultural de transformar a vida dos seus membros e da comunidade.

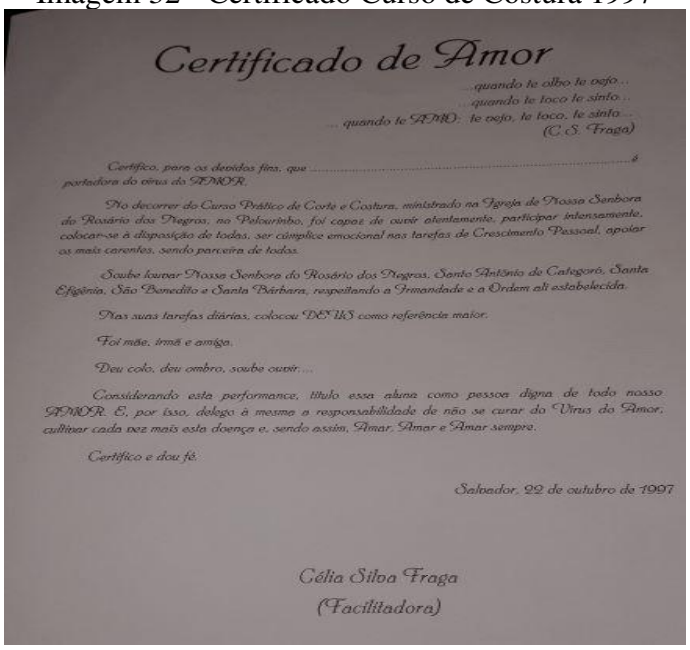
Antes dos anos noventa do século vinte, conforme foi documentado, já ocorriam atividades educativas impulsionadas pelas ações da Mesa de Honra, encontramos uma vasta documentação registrando a prática pedagógica, as listas de presença, os materiais utilizados, alguns relatórios e avaliações dessas atividades. Geralmente, os cursos eram estruturados por meio de um projeto com justificativa, metodologia, objetivos e atividades a serem realizadas.

Os Encontros de crianças foram atividades que ocorreram sistematicamente durante vários anos. Há registros desde 1995 até 2018 e após também, sendo que não ocorreram em alguns poucos anos. O Encontro de crianças objetivava integrá-las no convívio com a igreja, a fim de que elas entendessem que a igreja era como casa de Deus, espaço de alegria e momentos de lazer. Nesses encontros, desenvolviam-se muitas atividades: vivências artísticas e culturais, bênção do padre, ginástica, recreações diversas, programas de calouros, caça ao tesouro, visita guiada ao Centro Histórico.

O curso prático de corte e costura, ofertado no ano de 1997, está bem documentado com planejamento. Encontramos alguns moldes de peças de roupa nos arquivos. O certificado não apenas expressava o aprendizado das alunas no curso, muito mais que isso, ele certificava também o momento celebrativo da autoestima, do amor e da relação afetuosa construída entre a Professora Célia Silva Fraga, a Irmandade do Rosário dos Pretos, a espiritualidade, a relação

com Nossa Senhora do Rosário, os Santos negros e as suas alunas do curso de corte e costura. Nesse ano, o curso ocorria em dois períodos do dia, contendo parte teórica, prática e avaliação.

Imagem 32 - Certificado Curso de Costura 1997



Certificado de Amor

...quando te olho te vejo...
...quando te toco te sinto...
...quando te AMO: te vejo, te toco, te sinto...
(C.S. Fraga)

Certifico, para os devidos fins, que .....
portadora do vírus do AMOR.

No decorrer do Curso Prático de Corte e Costura, ministrado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, foi capaz de ouvir atentamente, participar intensamente, colocar-se à disposição de todos, ser cúmplice emocional nas tarefas de Crescimento Pessoal, apoiar os mais carentes, sendo parceira de todos.

Soube louvar Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Santo Antônio de Categeró, Santa Efigênia, São Benedito e Santa Bárbara, respeitando a Irmandade e a Ordem ali estabelecida.

Nas suas tarefas diárias, colocou DEUS como referência maior.

Foi mãe, irmã e amiga.

Deu colo, deu ombro, soube ouvir....

Considerando esta performance, título essa aluna como pessoa digna de todo nosso AMOR. E, por isso, delego à mesma a responsabilidade de não se curar do Vírus do Amor; cultivar cada vez mais esta doença e, sendo assim, Amar, Amar e Amar sempre.

Certifico e dou fé.

Salvador, 22 de outubro de 1997

Célia Silva Fraga
(Facilitadora)

Fonte: AINSRP, caixa 95, Atestado Curso de Corte e Costura 1997 [s. n.].

Em 1998, ocorreram os cursos de violão, teclado, corte e costura e espanhol. Há registro da ocorrência dessas atividades educativas com fichas de inscrição, lista de alunos etc. Os cursos de corte e costura também ocorreram por vários anos até o início dos anos 2000. Ainda em 1998, aconteceu a recitação da poesia 'Sou negro sim, como Deus criou', pelo Irmão Antônio Carlos Conceição Souza (2003), que fez o percurso dentro da igreja, recitando, cantando e dançando ao som de músicas religiosas da Pastoral da Juventude do Meio Popular e canções infantis. Nas paradas, algumas pessoas explicavam sobre a arquitetura e contavam um pouco sobre a história da Irmandade e os dos antepassados. O percurso envolvia a nave da Igreja, o cemitério, a sacristia e o quintal (Encontro de Crianças, 1995-2002).

Ainda sobre o Encontro de crianças, esta atividade se justificava a partir da finalidade de envolver as crianças que frequentavam a Igreja de Nossa Senhora do Rosário no processo de valorização das diferenças que fizeram a história da Irmandade, resgatando e afirmando suas raízes culturais e religiosas. A Mesa de Honra, juntamente com um grupo de irmãos e outros agentes, culturais realizavam essas ações (Encontro de Crianças, 1995-2002).

No ano 2000, entre os meses de março e outubro, alguns irmãos da Irmandade fizeram o curso de Treinamento de Manutenção de Monumentos, promovido pelo IPAC e Governo do Estado da Bahia, com apoio do Museu Eugênio Teixeira Leal e outras entidades. Participaram

do Curso a Irmã Maria da Glória Bonfim, Vice-priora da Mesa de Honra, O Irmão Armando Castro Filho, primeiro definidor da Mesa Administrativa e os irmãos: Raimundo Jorge Kalile Passos e Marcelo Silva. Esses irmãos procuraram transmitir esses conhecimentos de restauração, conservação e limpeza do patrimônio artístico com os demais irmãos (Relatório de Atividades Mesa de Honra, 2000, [s. p.] [s. n.]).

O grupo Sementes do Rosário iniciou-se em 04 de outubro de 2001, tendo como orientadores Irmão Alberico Paiva Teixeira, Joldaci Coutinho e o Irmão Antônio Carlos Conceição Souza. O grupo agregava alguns jovens que frequentavam a igreja, tinha em média vinte participantes, tendo como objetivo o desenvolvimento deles no que concerne ao interesse pela igreja, seus princípios, doutrinas religiosas, a realização de eventos, a participação no Encontro de Crianças, preparação da Missa de São Lázaro, arrecadação de contribuição para confecção da camisa do grupo, doações de roupas, brinquedos e alimentos para pessoas mais carentes do entorno (Relatório da Assembleia Geral, 24 de fevereiro de 2002, [s. p.] [s.n.]). Havia também atividades educativas voltadas ao trabalho de manutenção do patrimônio, à construção, à reelaboração da Memória Histórica e Litúrgica do Rosário dos Pretos do Pelourinho (Ata da Assembleia Geral, 28 de janeiro de 2001, [s. p.]). [86]

Entre 2000 e 2002, foram ofertados aos membros da Irmandade e ao público externo cursos de bordado de mão, flores artesanais, peças íntimas, tendo como coordenadora a Irmã Lurdes Bárbara. Entre os anos de 2004 e 2005, as atividades diversificadas continuaram acontecendo. Sobre essas atividades a irmã Maria da Glória Bonfim (2023) traz um relato muito interessante sobre um episódio ocorrido em um dos cursos, vejamos:

> Tem uma história assim que, para mim, foi um marco. Como nós tínhamos aqui um curso de peças íntimas, eu fui à Praça da Sé. Estava chovendo, eu fiquei no cantinho e tinha uma moça, desculpa o termo, ela era prostituta. A gente ficou conversando, comigo não tem esse problema não, tá? Não quero nem saber, eu converso com todo mundo. Então ela falando que estava na dificuldade, eu perguntei: por que você não vai fazer um curso na Irmandade do Rosário? Me procure que você vai fazer um curso de calcinha e sutiã, depois você vai fazer, vai vender, viu? Eu gosto mesmo de você, pode ir, você vai se arrumar uma gatinha, você vai toda bonitinha, ninguém vai saber o que é que você faz. Ela chegou aqui, matriculei ela, conversei com Joselita. Qual era o problema?! Comprei o material dela, paguei o curso dela. Ela aprendeu a fazer calcinha e sutiã. Para a história se resumir, ela começou a vender, fazer calcinha ganhou uma máquina de um cliente dela, começou a fazer as calcinha e sutiãs. Por sinal, quando ela veio aqui, ela trouxe para mim, para Joselita. Eu não contei para muita gente, por que ela ainda frequenta aqui, ela vem aqui. Ela saiu da rua e hoje tem uma profissão formal (Bonfim, 2023).

,

Analisando o relato acima, podemos observar que existia a participação de um público diferenciado, inclusive de algumas moças que praticavam a prostituição na Praça da Sé, também Centro Histórico de Salvador. A Irmandade como um espaço religioso, de acolhimento e educativo, fez sua parte acolhendo aquela moça sem lhes discriminar. A Irmã Glória Bonfim (2023) ao fazer esse relato se emocionou, porque houve uma mudança de vida através das atividades educativas do Rosário. Na atualidade, essa moça transformada é uma das nossas irmãs que frequenta assiduamente a Irmandade.

Em 2003, no mês de junho, ocorreu o curso de bijuterias no turno matutino, com vinte e cinco alunas, em parceria com o irmão Ailton Ferreira e a Universidade do Estado da Bahia. A professora chamava-se Miriam Santos. Esse curso teve uma carga horária de 40 horas. No mesmo ano, no mês de setembro, aconteceu o curso de embalagens e caixas. O curso de bordado foi ministrado pela Irmã Ivone Silva Paixão já falecida e o curso de crochê, pela Irmã Renilda Rodrigues Santana.

Os cursos de vagonite, confecção de bonecas, fuxico e ponto russo ocorreram de abril a dezembro, com duração de nove meses, no turno vespertino. Esses cursos tinham a finalidade de capacitar alunos para o mercado de trabalho e ser uma opção de lazer, uma atividade significativa para pessoas da terceira idade. Esses cursos tinham a coordenação da Irmã Joselita do Patrocínio, infelizmente já falecida.

Dentre os diversos cursos que ocorreram entre 2003 e 2005, destacamos o Curso Pré-vestibular, estabelecido em 31 de julho de 1992, em Salvador. Em parceria com o Instituto Cultural Steve Biko, esse curso nasceu da inspiração e do empenho de professores e estudantes negros determinados a fazer a diferença, criando, de forma pioneira, o primeiro pré-vestibular destinado especificamente a estudantes negras e negros no Brasil.

O Instituto Cultural Steve Biko é pioneiro da luta antirracista no país. Sua inspiração principal veio das ideias revolucionárias de Stephen Biko, ativista sul-africano que propagava o conceito de consciência negra e a importância da emancipação da população negra. Essa instituição não se limita apenas ao preparo acadêmico, também busca a inserção da população negra no Ensino Superior como ferramenta de ascensão social e combate ativo ao racismo. Assim, sua atuação representa um marco na promoção da educação como instrumento de transformação e empoderamento da comunidade negra brasileira[87].

[87] Para conhecer melhor as atividades do Instituto Cultural Steve Biko, acessar: http://www.stevebiko.org.br/.

A parceria entre o Instituto Cultural Steve Biko e a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho para realizar o Curso Pré-vestibular acolhia alunos da Irmandade e da comunidade em geral. Essa parceria foi selada em um projeto, no qual as duas entidades se comprometeram a promover a união e o respeito ao legado cultural da ancestralidade, para que fossem minimizadas algumas dificuldades socioculturais dos irmãos afrodescendentes, no intuito de proporcionar o desenvolvimento cultural e o aumento do ingresso às universidades (Documento Steve Biko Projetos parceria, sem catalogação).

Ainda seguindo essa perspectiva, a Irmandade enfatiza que a parceria teve a finalidade de possibilitar aos irmãos e às irmãs uma melhor qualidade de vida, não só espiritual, como também formação profissional, através de oficinas, encontros, palestras, seminários, comemorações de datas significativas. Ainda nessa direção, a parceria objetivou despertar, nos irmãos e nas irmãs afrodescendentes, o desejo de preservar suas raízes e reforçar a realização de ideias (Documento Steve Biko sem catalogação).

Com a finalidade de informar aos seus membros sobre sua atuação na sociedade, incentivar a leitura e construir uma intelectualidade rosariana, em 2012, a Irmandade criou o Informativo A Voz do Rosário, na gestão do Prior Ubirajara Santa Rosa e do Vice- prior Leomar Borges. Foi um projeto idealizado pelo Irmão Antônio L. Nicanor, aprovado por unanimidade pela Mesa Administrativa em 2011. Esse informativo se apresentava aos leitores com uma semente lançada por pessoas que amavam o Rosário, com o objetivo de entender e divulgar notícias dessa instituição, como fatos do dia a dia, curiosidades, diversão, cultura, atividades religiosas, educativas, dentre outras.

A primeira edição de A voz do Rosário saiu em março de 2012, a capa anunciava a festa de São Benedito daquele ano e o retorno da Irmandade à Igreja, que se abrigava na Igreja do Carmo nos dois anos em que o templo esteve fechado para reforma. Essa edição ainda discutiu sobre a quaresma, o retiro espiritual, saúde da mulher, com a matéria realizada pela ginecologista Irmã Drª. Osvanda do Espírito Santo Neves, e a personalidade do mês foi Irmã Ivone Silva Paixão. Trazia, também, as atividades socioculturais, conclamando a comunidade a participar do Curso Básico de Informática, que inicialmente aconteceria nas dependências da Igreja do Carmo e, em seguida, voltaria para a sua sede.

O Informativo circulou entre 2012 e 2018, com uma tiragem de mil exemplares mensais, quando, por motivos financeiros, foi suspensa a circulação. O grupo de colaboradores contava com os (as) seguintes Irmãos e Irmãs: Ubirajara Santa Rosa, Leomar Borges, Adonai passos Ribeiro, Nilsa Bonfim Dias, Cosma Pereira de Miranda, Antônio Lima Nicanor, essa

Preta da Roça que vos escreve e mais dois colaboradores externos: Isabela Santos e Sérgio Danilo Junior.

Imagem 33 - Jornal a Voz do Rosário, 2012

A VOZ DO ROSÁRIO

VENERÁVEL ORDEM 3ª DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA ÀS PORTAS DO CARMO
IRMANDADE DOS HOMENS PRETOS

Salvador-Ba - Ano 1 - Nº 1 - Março de 2012

FESTA DE SÃO BENEDITO 2012

TEMA

"São Benedito intercedei por nós cristãos a fim de que Deus manifeste a sua ação transformando e curando os enfermos!".

Como aconteceu nos anos anteriores, estamos sensibilizando toda a comunidade e a sociedade civil para colaborar com doações de roupas e alimentos, que no dia 29/04/2012, serão entregues a uma instituição de caridade, previamente escolhida.

PROGRAMAÇÃO

Data: 26 a 29 de abril de 2012.
Tríduo Preparatório: 26 a 28 às 18:00h.
Missa Festiva: 29 às 10:00h seguida de Procissão pelo Centro Histórico.
Local: Igreja da Venerável Ordem 3º do Rosário, situada no Pelourinho.

ESTAMOS VOLTANDO! 15 DE ABRIL DE 2012, O RETORNO

Venha celebrar conosco às 09:30h saída em procissão da Igreja da Ordem 3º do Carmo e missa às 10:00h na Igreja do Rosario dos Pretos - Pelourinho.

: Editorial

Querido leitor, para nós é motivo de alegria e satisfação, apresentar-lhe uma semente, que está sendo lançada, e que será irrigada por todos aqueles (as) que amam a Venerável Ordem 3º do Rosário de Nossa Senhora ás Portas do Carmo – Irmandade dos Homens Pretos, e, logo, logo apresentaremos o "INFORMATIVO", mais robusto, com mais páginas, mais espaço para as matérias, colorido, o que nos permitirá melhor informar, buscando juntamente com a comunidade entender e divulgar às "coisas" da nossa querida Irmandade.
A nossa expectativa é de que o "INFORMATIVO" seja editado mensalmente, devendo circular na 3ª semana de cada mês, levando até o leitor, fatos relacionados com o dia a dia da comunidade do Rosário dos Pretos – Pelourinho, bem como, curiosidades, diversão, cultura, atividades religiosas etc.
Colabore, dê sugestões, transforme a sua crítica em aperfeiçoamento, com certeza: fraternamente juntos justificaremos um legado de mais de três séculos.

A equipe

FONTE: AINSRP, *A Voz do Rosário*, Ano I, Nº 1, Salvador, Bahia, março de 2012.

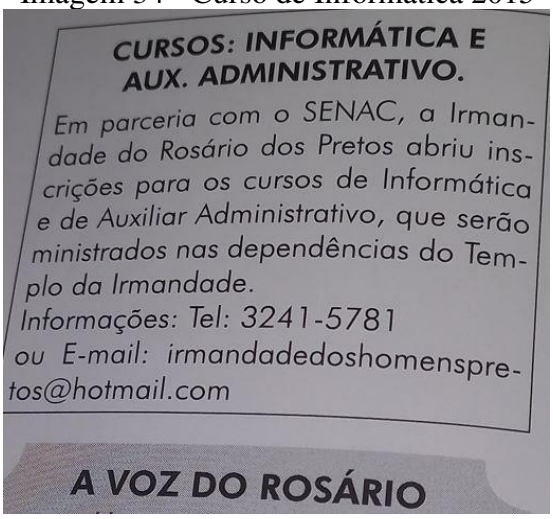
Em 2014, foi lançado e selo comemorativo dos 115 anos do Título de Ordem Terceira em parceria com os Correios. Foi uma atividade muito significativa para a história da Irmandade que, naquele ano, completava 329 anos de oficializada e 410 de existência. As interações artística e educativa também ocorreram e ocorrem em parceria com escolas públicas e privadas. Diversas escolas agendam visitas, solicitam que algum membro da Irmandade fale sobre a História da Entidade. Em setembro de 2014, jovens atores e atrizes estudantes da Escola Municipal Maria Dolores, que se localiza no bairro do Beiru/Tancredo Neves, realizaram o espetáculo Depois do Navio Negreiro, inspirado na obra de Castro Alves, abordando a trajetória da população negra retirada do Continente Africano e obrigada a ser escravizada em várias partes do mundo. O espetáculo tratou de angústias, religiosidade, resistência, que levou a comunidade presente a refletir, questionar, reivindicar e pensar nas lutas pela liberdade plena. O espetáculo deixou a plateia em êxtase, que o aplaudiu de pé. A direção do espetáculo foi do Prof. Arte Educador Lázaro Machado (A Voz do Rosário, 2014).

O ciclo de palestras também é uma atividade educativa notável que acontece semanalmente na nave da Igreja do Rosário. Às terças-feiras, antes da Missa em ação de graças a Santo Antônio de Categeró, reflete-se sobre temáticas variadas, quando ocorre a inflexão do palestrante e o diálogo com a comunidade presente. Em 2015, no mês de outubro, tivemos a

grata alegria de aprender sobre temáticas variadas com professoras pesquisadoras e professores pesquisadores, todos membros do MNU, com vasta experiência na luta antirracista: A Profª. Drª. Wanda Machado refletiu sobre o tema A força da ancestralidade na vida do povo Negro; o Prof. Dr. Zulu Araújo discutiu sobre a temática A Igreja do Rosário, mais que um templo de pedra e madeira; a querida Profª. Drª. Ana Célia da Silva proferiu sua palestra sobre os ensinamentos das Organizações Negras como instrumento, geração de conhecimentos e enfrentamento ao racismo. Concluindo o mês, na última terça-feira, tivemos o ilustre Prof. Dr. Samuel Vida, refletindo sobre a temática: Os avanços e retrocessos da legislação brasileira no combate ao racismo e como a Irmandade corroborou nesse processo. Foram momentos memoráveis com essas mestras e mestres (Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, Relatório de Atividades, 2015-2016).

Ainda nesse mesmo ano, foi inaugurado o Infocentro no primeiro andar da Igreja, onde ocorreram cursos de Informática para a comunidade e a Irmandade, esses cursos tinham uma duração de três meses e aconteciam em parceria com o SENAC, o qual dava o suporte técnico e pedagógico, e a Irmandade do Rosário entrava como fornecedora do espaço físico, dos equipamentos e das outras necessidades de manutenção do curso. O SENAC também oferecia vagas para cursos básicos de inglês e espanhol, realizados nas suas dependências, fato noticiado no jornal da Irmandade a Voz do Rosário*,* de outubro de 2014. Em agosto de 2005, aconteceram os cursos de Informática e Auxiliar Administrativo.

Imagem 34 - Curso de Informática 2015



Fonte: AINSRP, *A Voz do Rosário*, agosto, 2015.

Desde o ano de 2017, a Irmandade está empreendendo esforços para realizar a digitalização do seu acervo documental. Esse trabalho tem imprescindível relevância para a preservação do acervo histórico por muito tempo. A memória documental é um subsídio muito importante para o estudo e para o entendimento de quem somos, quem foram, ou o que fizeram ou fazem os irmãos e as irmãs do Rosário em cada tempo histórico. Essa atividade foi possível através do projeto realizado em parceria entre a Fundação Pedro Calmon e o Governo do Estado da Bahia.

O tombamento da Festa de Nossa Senhora do Rosário como bem imaterial foi iniciado em 2018, quando a Irmandade completou 333 anos, e 119 de Ordem Terceira. O processo continua em análise e colhimento de provas materiais, imateriais e depoimentos. O Processo encontra-se em fase de validação, aguardando parecer final, se a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho será de reconhecida como

A Irmandade interage ativamente nas redes sociais, como forma de comunicação, interação social, educativa e divulgação das suas atividades. Ela tem páginas no: Facebook, Instagram, Blog, Youtube, lançando mão dessas ferramentas virtuais para a conexão com o mundo. Em 2018, várias postagens já estavam disponibilizadas nas páginas virtuais. Com a pandemia, as redes sociais foram as formas de comunicação mais usadas na Educação, na Cultura e nas Artes. Essas são temáticas que sugerem futuras investigações.

5.4 PROJETOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS EM PARCERIA COM A COMUNIDADE

Houve, também, a participação da Irmandade na FLIPelô, atividade artístico-literária que ocorre desde 2017, no Centro Histórico de Salvador. Desde a primeira edição, a Irmandade está inserida em uma extensa programação durante esse evento que movimenta a cidade de Salvador. Quero dar visibilidade a essas atividades de cunho educativo, cultural e artístico, pois ainda não foi registrada por nenhum pesquisador a importância dessas atividades para a história da entidade nesses tempos contemporâneos.

Também registramos as atividades educativas e de formação para o trabalho, com parceria com o SENAC/Pelourinho, a exemplo dos cursos de Auxiliar Administrativo, Secretariado e Introdução às Novas Tecnologias. A partir da pesquisa de documentos e dos relatos orais, podemos notar a motivação da entidade para realizar essas atividades educativas, uma vez que é uma entidade que desenvolve educação não formal. Ocorreu e ocorre também o curso de idiomas (Inglês) com professores voluntários,

Muitas atividades de cunho educativo permeiam a dinâmica da Irmandade, como Curso Pré-vestibular, em parceria com a Associação Cultural Steve Biko, que funcionou nos anos de 2006/2007, com a participação de irmãs e irmãos da entidade, como também de outras pessoas das comunidades. Conforme já citado anteriormente, nesse curso, houve muitas aprovações no vestibular desses anos.

Continuando essa itinerância, outra atividade de relevância foi a formação para guias turísticos e agentes de viagens, para instrumentalizá-los sobre a história da Irmandade e minimizar os estereótipos e venda de pacotes como a Igreja do Candomblé. Esse curso ocorreu em duas etapas – 2016 e 2017 – em parceria com as agências de viagens e a Associação de Guias de Turismo de Salvador.

O Curso de Língua Inglesa com Arte (LILAC), visava a ensinar a língua inglesa aos estudantes, utilizando elementos artísticos e culturais, como facilitadores da aprendizagem. Esse curso tinha uma parceria entre a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a Sociedade Protetora dos Desvalidos e a Secretaria de Educação e Cultura de Salvador. Essa metodologia visava a facilitar o diálogo e a interação entre os estudantes e a língua estrangeira.

5.5 SABERVIVÊNCIAS DO ROSÁRIO

O termo saber-vivência é usado pelas pesquisadoras Mariza de Carvalho Cardoso Teixeira e Gabriela Silveira da Rocha (2023) onde enfatizam a relevância da música das fanfarras escolares como práticas curriculares e produto educacional ou Componente Curricular do Estações do Saber-vivências (Teixeira; Rocha, 2023, p. 311). Utilizo e significo o termo sabervivências sem hífen, entendendo-o como as experiências, os saberes, as práticas educativas e as tradições negroafricanas presentes na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, por exemplo, o escaldado de bacalhau com toucinho, a dança afro-brasileira no momento da celebração da missa, as rodas de preleção e outras atividades que ocorrem na Irmandade durante o ano. Essas atividades são sabervivências do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Nessa perspectiva, os irmãos e as irmãs colaboradoras (es) da pesquisa trazem significativas narrativas desses sabervivências na Irmandade. É importante salientar que essa entidade, uma organização religiosa e social formada por pessoas negras, tem a ancestralidade como princípio fundante que norteia as ações que desenvolve. Nisso a educação tem papel imprescindível, ela tem sido basilar para que a Irmandade construa seus sabervivências, e as

tradições negroafricanas continuem a acontecer. O uso de instrumentos de origem africana nas celebrações, as músicas inspiradas pelas CEBs e as rodas de conversa nos corredores enaltecem a identidade negra. Sobre o conhecimento dos sabervivências da Irmandade, a irmã Glória da Glória Bonfim (2013) narra alguns episódios interessantes:

> O pessoal está correndo muito, não procura saber. Vamos escolher um irmão na mão da época. Vamos ver assim, vamos fazer um testemunho. [...] Alberico (que Deus o tenha!) – que era meu amor, meu amigo mesmo de coração, meu pai – vamos engrandecer todos os dados que ele fez. Eu fui aprendendo muita coisa, eu acredito que poucos irmãos aqui tiveram a oportunidade que eu tive, que foi me sentar com a nata da Irmandade do Rosário, para aprender e orar. É como um livro que vou ler. As páginas, eu já tenho na memória, com que aqui, no livro, eu posso confrontar: isso é mentira; isso é verdade; mas isso inventaram (Bonfim, 2023).

Se conjecturamos sobre essa colocação da irmã Maria da Glória Bonfim (2023), é possível inferir que a Irmandade tem passado por momentos preocupantes com os novos membros que chegam. Eles trazem uma aceleração do tempo ocidental cartesiano, que não condiz com o tempo espirar que a Irmandade desenvolve. A reconstrução do diálogo é uma missão que permitirá a tomada de consciência, para esse efetivo aprendizado do que é ser rosariano.

A herança cultural e histórica trazida pelos povos da África para o Brasil é vasta e rica em nuances. Mas, para além das notas de samba e das receitas culinárias, tem o modo de comer que também é uma ciência nas tradições negroafricanas. O que nos conecta profundamente a essa herança são as vivências, os saberes e as tradições, que têm sido preservadas por gerações. O termo sabervivências refere-se a essa combinação poderosa de conhecimento e experiência, particularmente evidente na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. A esse respeito o Irmão Júlio Cesar Soares da Silva (2021) acrescenta:

> A educação também no alimento, a forma como era feita a comida. Cada saber tem seu histórico. É histórico, por exemplo, o bacalhau. Você deve ter um pouco de conhecimento da história do bacalhau. Eles contavam muito que o bacalhau era um momento de confraternização entre os irmãos depois da festa. A Festa de Nossa Senhora, a confraternização! Uma confraternização entre os membros da Irmandade e seus parentes. Aí, depois, começou a crescer de tal forma que [...] todo mundo ia para lá comer o bacalhau. Mas era uma confraternização em que era servido, como dizia antes, que era servido com a pipa de vinho. E o bacalhau, onde era servido o vinho e o bacalhau. Tinha a entrega à Nossa Senhora ao término da festa, e encerrava ali (Silva, 2021).

Esses sabervivências específicos do Rosário são imprescindíveis ao fortalecimento da memória coletiva, tradições negroafricanas criadas pelos mais velhos e mais velhas da entidade. A Irmã Maria Rosa (2023), traz uma contribuição importantíssima, que foi a maneira de fazer o escaldado de bacalhau. Desses vinte anos que frequento a Irmandade, ninguém nunca me relatou com tanto detalhe o modo de preparo dessa iguaria, como ocorria a alguns anos. Eu considero o Escaldado de Bacalhau um sabervivência específico da nossa Irmandade. O relato é longo, mas vale muito a pena apreciar. É de encher a boca d'água:

> O bacalhau, antigamente, aqui, não era como a maioria funciona. Dez quilos não é a quantidade. A panela era uma só, deste tamanho, e outra menor. Agora o bacalhau era assim: a gente botava de molho, deixava tudo de molho, ia embora. Quando fosse segunda-feira de manhã que a gente chegava, aí já ia cuidar todo e não podia cortar. Ele tem que cozinhar inteiro as postas. Rosário não tinha essa tradição. A gente só tinha um fogão lá na cozinha do café, cozinhava poucas coisas. Aí, repare, lá no fundo que tem uma roda assim de cimento. Ali, a gente botava seis blocos para poder botar as panelas para cozinhar no fogo, no chão da roça. E agora não era lenha, era carvão, era comprado aqui na Rocinha. A gente botava o carvão ali e fazia e ia mexendo as coisas, fazendo as coisas ali. Aí o bacalhau era pronto assim. O escaldado de bacalhau era com quiabo, jiló, chuchu, abóbora, banana da terra. Não tinha beterraba, não tinha cenoura, nada disso tinha. Agora já acrescentaram. É água, bastante quiabo, toucinho. Não era toucinho de fumeiro, era toucinho de barriga. É o toucinho de barriga, branco. O tempero, tomate, pimentão, cebola, coentro. Aí não botava, não tinha nada de cominho, de vinagre, nada disso. Ah! Aí, uma quantidade fazia antes do braço que até lá em casa, até hoje, eu tenho. Comprei aquela bacia de madeira, a gente ralava toda ali. Aí ia botando o bacalhau na panela e uma camada de tempero na panela, uma camada de bacalhau, uma camada de tempero. Quando terminava, a gente fechava a panela e deixava lá. Agora, para ser mais gostoso, como ia um monte de gente, tirava aquelas folhas toda. Aí botava assim por cima. Sim, está cheirosa, estou sentindo o cheiro aqui, aí botava por cima e azeite doce Galo, do bom. Aí, na hora de cozinhar, ele já estava todo acamadinho, que era aquelas camadas assim. Só aqui é uma camada tempero, aqui outra camada de bacalhau. Não era mexido, não é nada. Aí botava aí, depois de aquilo tudo, a gente vinha com aquela bacia de coentro, jogava aquele coentro todo ali e deixava. Aí ele já ficava tomando o gosto. Ele iria para o fogo cheirando demais. Era assim o bacalhau da gente. E agora não estão fazendo assim não ([Rosinha]Santos, 2023).

Um relato muito significativo, porque as comunidades negras guardam nas suas memórias orais muitos saberes, esses saberes precisam ser transmitidos para outras pessoas e com isso manter vivas essas memórias. Quando a Irmã Maria Rosa Santos (2023) demonstra preocupação e diz que atualmente o preparo, de não acontecer conforme narrado, devemos refletir que a quantidade do alimento aumentou consideravelmente, as irmãs e irmãos que preparam os alimentos não ouviram atentamente aos ensinamentos dos mais velhos e por uma

questão de agilidade não estão dispostas a ter a paciência necessária para seguir os processos como acontecia anteriormente.

Ainda nessa direção, sobre as partilhas materiais e espirituais, o irmão Almir Menezes (2023) testemunha:

> A partir daí que acontece essas coisas, que a gente tem essa seriedade em relação à comida. A gente tem Nossa Senhora, a gente tem o bacalhau, todo mundo come, né? Partilha com todo mundo. Tem Santo Antônio de Categeró, tem o feijão que todo mundo come, aí, alguém vem e diz: poxa, vocês comem! A gente reza também, viu?! Tem que alimentar, para que a gente possa ficar forte. A gente nunca sabe o que pode acontecer amanhã. Os desafios são muitos grandes, os ancestrais enfrentaram muitas barreiras, muitos desafios, porque lutavam fortes espiritualmente e materialmente. Então, se você estava forte de espírito e sua matéria estava fraca, você pensou, mas não realizou (Menezes, 2023).

No depoimento acima, observa-se que o Irmão Almir Menezes (2023) traz a simbologia dos alimentos, enquanto fonte de energia para o corpo e a oração como fonte de fortalecimento espiritual. Assim, oração e alimentação num processo contínuo de reconstrução com os ancestrais e fortaleza corporal e espiritual. Os Irmãos Júlio Cesar da Silva (2021) e Antônio Carlos Souza (2023) acrescentam também uma simbologia importante, que é a de se alimentar "de mão":

> Um valor simbólico, o simbolismo desses alimentos era o quê? Você comia de mão com um prato de barro, onde tinha um tratamento, um tratamento de você pegar o alimento. É você estar em contato com o alimento, que vai alimentar o seu corpo, é você estar em contato, ali, se alimentando com suas próprias mãos, sem intermédio de garfo, faca, essas coisas todas. Sim! Você se alimentar com suas próprias mãos, com sua própria energia. Por exemplo, na religião de matriz africana, que eu coloquei, algumas casas também faziam, a minha avó por parte de pai fazia muito isso, ela fazia ou pegava o feijão no dia no domingo, desfiava as carnes, fazia aquele bolinho de feijão de mão (Silva, 2021).

Um olhar atento sobre suas celebrações permite identificar diversos elementos que falam diretamente da ancestralidade africana. O escaldado de bacalhau com toucinho, por exemplo, cuja receita foi narrada anteriormente, não é apenas uma refeição, mas uma reminiscência culinária que nos remete à cozinha rosariana, como uma estratégia para despistar as autoridades que estavam à procura de negros malês, após a revolta de 1853. A mãos habilidosas dos nossos irmãos antepassados misturavam ingredientes e memórias. A avó do Irmão Júlio Cesar S. da Silva (2021) como referência desses ensinamentos de sabedorias e fazeres. A interconexão com as religiões de matriz africana através de práticas ancestrais, as quais não as encontramos atualmente com facilidade.

> Segundo o relato, havia aquela estratégia de colocar o toucinho, para que o Arcebispo viesse, né? A denúncia de que era isso e estava mal combinando com muçulmanos, sabia que tinha muçulmano tempo todo debaixo no pano, ele vem de uma forma de dizer que não tinha muçulmanos. Então você sabe o que você faz, quando é estratégia você pegar um bacalhau, pois é portuguesa a tradição do bacalhau. Você joga o azeite e assim joga o toucinho para enganar, então aí você joga, sabe? Isso é uma construção de uma coisa que a casa... eu acho que tem educação. É uma sociedade preconceituosa, racista, desigual, aonde você vai, tudo é vendido. A casa abre a porta para quem quiser chegar, para o negro comer, beber, partilhar. Esta é uma casa que ensina, e o que tem para um é para todos, não tem diferenciação. Você está entendendo? Sai querendo multiplicar (Souza, 2023).

O irmão Antônio Carlos C. Souza (2023) traz elementos muito importantes para nossa reflexão, pois os ensinamentos do Rosário não estão apenas nas atividades formais, estão nos detalhes, nas coisa mais simples. Na nossa interpretação, a estratégia de colocar o toucinho no bacalhau é um ensinamento, uma estratégia que livrou irmãos de serem mortos, encarcerados ou deportados. Uma construção educativa interna que é específica dessa entidade. Nesse aspecto, enquanto nos outros espaços religiosos você não passa do salão ou espaço principal, esse templo deixa você adentar e observar todos os espaços e detalhes. Ele deixa aquele ou aquela que chega se sentir acolhido/ acolhida, muitas vezes sem nenhuma pessoa dizer uma palavra. A casa acolhe, ensina e educa. Ela lhe deixa adentrar nos círculos de saberes para que você se transforme e transforme o mundo.

Uma caminhada pelas ruas de pedra do Pelourinho, em Salvador, revela-nos os ecos de séculos de história, resistência e celebração da cultura afro-brasileira. Entre essas ressonâncias, a Irmandade se destaca não apenas como uma organização religiosa, mas como uma entidade que valoriza e perpetua as tradições negroafricanas em sua plenitude.

Mas os ecos da ancestralidade não se limitam aos ritmos e sabores. As rodas de preleção e outras atividades organizadas pela Irmandade ao longo do ano são espaços vitais de troca, onde os irmãos e irmãs colaboradores da pesquisa compartilham narrativas e sabervivências. Essas narrativas não são apenas relatos do passado, mas também guias para o presente e o futuro, auxiliando na construção contínua da identidade e da resistência negra.

No entanto, essa preservação e continuidade das tradições não ocorre sem desafios. O cenário atual, com suas diversas pressões sociais e culturais, requer uma base sólida para manter viva a essência da Irmandade. Aqui, a educação surge como pilar fundamental. Por meio dela, a Irmandade não só resgata, mas também constrói seus sabervivências, assegurando que as tradições negroafricanas continuem a acontecer e a influenciar novas gerações. A irmã Sandra Bispo (2023) nos ajuda nessa discussão, ao enfatizar que:

> A Irmandade do Rosário, ela me ajudou a perceber que eu não tenho uma única identidade, mas minha identidade está sendo construída o tempo todo, nós somos um conjunto de identidades dentro de nós, a cada minuto, a cada momento, cada vivência ali. Em qualquer outro grupo de tradição oral, nós estamos construindo algo, então é um núcleo identitário do sujeito. Eu acho que a Irmandade do Rosário é o núcleo identitário do sujeito católico preto em Salvador. Tanto que ele tem, no seu contexto, os próprios, as próprias punições, a própria justiça, seu próprio tribunal, sua própria forma de dizer não, sua própria forma de dizer sim, sua própria forma de dizer que você está certo. No sentir de vivência no Rosário dos Pretos, eu percebi que a prática ali é quem dita as grandes normas, porque, ao estar escrito, a gente pode mudar e modificar na reunião, mas, no sentir, não dá para mudar. Só no corpo, só no corpo, só vivendo, só estando presente. É o aprender fazendo. Para saber o que é a Irmandade do Rosário, tem que frequentar (Bispo, 2023).

O uso de instrumentos de origem africana nas celebrações é mais um testemunho da profundidade dessa conexão. E, a dança afro-brasileira, executada com tanto fervor durante as missas, não é apenas uma expressão artística, mas uma forma de conexão com o divino e com as raízes ancestrais, onde o corpo e o espírito se fundem em um ritmo contagiante. Eles são um lembrete tangível e sonoro das raízes que nos sustentam. Além disso, as músicas inspiradas pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que enaltecem a identidade negra são uma proclamação poderosa da intersecção entre fé e identidade.

A irmã Maria da Graças Ramos Santos (2021) nos fala da beleza dessas celebrações, ela traz uma questão para reflexão. Muitas pessoas estereotipam a celebração do Rosário, atribuem essa celebração ao rito do candomblé ou dizem ser a Missa do Candomblé. É necessário desconstruir esses estereótipos, a Irmandade como uma entidade da Igreja Católica, segue em sua maioria os princípios desse seguimento religioso, trazendo para suas celebrações, elementos culturais, simbólicos e de memória dos povos negros reconstruídos no Brasil. E, embora a Irmandade tenha uma relação muito próxima com as religiões de matriz africana, é importante enfatizar que candomblé não celebra missa, a missa é um rito religioso católico:

> Eu acredito muito no amor, na preservação da cultura negra. A gente tem isso muito forte, e a gente celebra isso bonito, com canto, com dança, embora, em alguns momentos, eu ache que não deva, mas já se vem trabalhando isso. Ao tocar a missa esculturada no Rosário, ela é muito bonita, tem momentos que parece carnaval, tem momentos que eu acho meio carnavalesco [risos]. Mas é bonita, é animada. Mas a gente precisa desconstruir, como a gente descontruiu. Certa vez, fui chamada para falar alguma coisa, fui falar e tal, então alguém me disse assim: eu vim para a missa do Candomblé. Eu disse: ô, minha amiga, não vou falar mais com você não. Ela disse: mas por quê? A missa do Candomblé? Você não conhece nem uma coisa nem outra. Você já foi no Candomblé? Não é porque no Candomblé parece com aqui [...] parece

> com aqui o quê? Você precisa ler a Bíblia, não conhece o salmo 150? Essas palavrinhas, se a pessoa não souber desconstruir, vamos [...] não é a missa do Candomblé. Candomblé não tem missa ([Ir. Gal] Santos, 2021).

Quando a Irmã Maria das Graças Ramos dos Santos (2021) utiliza a bíblia sagrada, especificamente o Sl-150,4 para fundamentar e justificar o uso dos instrumentos de origem africana nas missas, ela se respalda na escritura para minimizar os estereótipos que se apresentam no cotidiano da Irmandade e em sua Igreja. O Salmo diz, no versículo quarto, que é para louvar a Deus com danças e tambores, sendo assim, não se pode ter preconceito religioso pelo uso desses instrumentos e das músicas de ascendência afro-brasileira, na Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Muitas irmãs e irmãos também utilizamos esses argumentos, especialmente com pessoas que usam estratégias preconceituosas para se referir às celebrações da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Uma coisa que importa muito elucidar é que essa irmandade é uma irmandade negra criada por negros e negras congos e angolas, no seio da Igreja Católica, usa elementos das culturas africanas nas suas missas e na sua vida cotidiana. Ela é frequentada por muitos adeptos das religiões de matriz africana, mas não realiza rituais de Candomblé no seu interior. As missas são inculturadas, ou seja, utiliza elementos da cultura afro-brasileira e africana nas celebrações como defende a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007), conhecido como Documento de Aparecida que as celebrações podem ser adaptadas às diferentes culturas.

> É fundamental que as celebrações litúrgicas incorporem em suas manifestações elementos artísticos que possam transformar e preparar a assembleia para o encontro com Cristo. A valorização dos espaços de cultura existentes, onde se incluem os próprios templos, é tarefa essencial para a evangelização pela cultura. Nessa linha, também se deve incentivar a criação de centros culturais católicos, necessários especialmente nas áreas mais carentes, onde o acesso à cultura é mais urgente e reivindica melhorar o sentido do humano (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, art.500, 2007, p. 244).

Essa reflexão da Irmã Maria das Graça R. dos Santos (2021) nos traz elementos importantes para discussões sobre a dupla pertença religiosa, a qual já fora iniciada na dissertação de 2013, considerada como um fenômeno permanente da Irmandade, e reaparece também nesta pesquisa de doutorado. Esse fenômeno pode ser entendido como sentir-se pertencente a mais de um segmento religioso, observando a diversidade religiosa do país e suas complexidades. As recriações e reelaborações culturais ocorridas através das diversas interações entre os sistemas religiosos trazem para as encruzilhadas identitárias muito mais que

transposições de elementos religiosos, cria fenômenos com a dupla pertença ou múltipla pertença religiosa (Ribeiro, 2019).

Embora a opção pelo sincretismo seja feita por muitos estudiosos, pesquisadores e pela maioria da sociedade que pensa na junção de cultos, penso que a dupla pertença ajuda a compreender melhor e de forma mais respeitosa o fenômeno da dupla pertença e traga mais elementos discussão análise dessa problemática. Essa dupla pertença nos leva a entender que, no trânsito religioso e nas recomposições das religiosidades, as pessoas não apenas migram de uma religião para outra, assim como podem participar de duas religiões, sem fundir cultos ou cerimônias. Essas são apenas algumas poucas reflexões, deixando espaço para estudos mais aprofundados sobre o tema (Ribeiro, 2019). A esse respeito ele acrescenta:

> Tem sido crescente, embora permaneçam minoritários ou invisibilizados, os casos de harmonização de uma dupla pertença ou múltipla pertença, dando valor igual ou similar às expressões religiosas envolvidas nesse pertencimento. Ou seja, crescem os relatos de pessoas que se afirmam como pertencentes simultaneamente ao Catolicismo e ao Candomblé, ou ao Espiritismo e ao movimento *Hare Krishna*, e, até mesmo, o que era raro na cultura brasileira, mas agora tem surgido, a dupla pertença protestante-afro-brasileira (Ribeiro, 2019, p.30).

Discutindo sobre a colocação de (Ribeiro, 2019), é possível inferir sobre a possibilidade de realizarmos outras leituras de forma decolonial desse fenômeno da dupla pertença, trazendo para o debate a diversidade de possibilidades de vivência religiosa no Brasil. Analisando os diferentes contextos com suas aproximações e distanciamentos, permanências e insurgências no campo da religiosidade ainda em processo embrionário de estudo.

Concluir que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho é apenas uma entidade religiosa seria simplificar demais o seu papel. Ela é, em sua essência, uma potência da cultura, história e resistência negroafricana e afro-brasileira, ela elabora uma diversidade de sabervivências, que têm circulado e continuam circulando na nossa nação. E, nesse processo contínuo de reelaborar, aprender, viver e transmitir, ela reafirma a importância inestimável da ancestralidade, da memória, da educação e das tradições negroafricanas na construção de um futuro mais promissor para todas, todos e todes, balizado pela coletividade que se contextualiza nas circularidades da memória, da história das cosmovisões e das subjetividades negras. A luta que empreendemos se justifica na busca pela vivência, reexistência, pelo direito de ser, existir e pertencer ao país diverso que habitamos, pelo direito de afirmar o corpoterritórionegro no espaço, na temporalidade espiralar e nas nossas subjetividades.

(IN) CONCLUSÕES

> Eu sou o teu passado e o teu presente
> Através de ti retornarei à vida ó filho de África
> Porque trazes no sangue a força de todos os escravizados
> És tu quem vai hastear a bandeira da liberdade
> Escuta a suavidade deste canto de esperança serena. Respira o ar puro do alto das montanhas
> Reflete. Busca inspiração na memória da África e do mundo.
> Segura com braços firmes a liberdade que te escapa (Chiziane, 2018, p.17).

Ao chegar nesta etapa da pesquisa, necessário se faz tecer algumas considerações sobre o percurso, tudo que foi vivido nesses quatro anos, com mais de dois anos imersas e imersos em uma pandemia catastrófica. Essa articulação, entre nosso passado, presente e nas perspectivas de um futuro que se faz no esperançar (Chiziane, 2018); (Freire, 1987).

Como filhas e filhos ou descendentes de África que somos, tendo as africanias nos nossos corpos e nas subjetividades, na Irmandade ou na sociedade, importa reforçar que a educação é o que nos alicerça e nos faz seguir adiante e sempre, na concepção cosmológica *Sankofa*, olhando para traz e nos alimentandos da ancestralidade, para não desviar dos percursos que a encruzilhada nos apresenta. Seja na Cosmovisão e filosofia *Ubuntu*, onde uma coletividade precisa ser construída para dar sentido à pessoa, ou na cosmopercepção contra colonial construindo a confluência com os outros diversos seres, vamos seguindo na tentativa de experimentar um catolicismo negro em Salvador.

Busquei, nesta tese, investigar como se articulam a educação, a memória e a contemporaneidade nas tradições negroafricanas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, na perspectiva de conhecer as estratégias de preservação da memória, coletiva, da religiosidade católica negra e sua contribuição para a socialização dos saberes e construção de laços colaborativos com irmandades do Brasil e com a Igreja de Angola.

Atentamente, priorizei cumprir os objetivos específicos: Investigar quais atividades foram, ou estão sendo desenvolvidas, no que tange à educação, memória coletiva e das tradições negroafricanas da Irmandade; Entender, por meio das narrativas das irmãs e dos irmãos, como essas memórias e tradições negroafricanas são reconstruídas, balizando estratégias de aproximação com outras irmandades do Brasil e com a Igreja de Angola; Identificar quantos são os membros da Irmandade, caracterizando o perfil socioeducacional e de gênero nesta entidade; Analisar as atividades educacionais mais relevantes na Irmandade entre os anos 1997-2018 e sua influência nas relações internas e comunitárias; Analisar e interpretar, através dos

registros orais e dos documentos, os aspectos relacionados à educação, memória coletiva e tradições negroafricanas no contexto da Irmandade.

Propus-me, no contexto da pesquisa qualitativa, desenvolver uma investigação com base na história oral e na análise documental. Aliei pesquisa documental, história oral e análise interpretativa; e esta tríade funcionou como método de análise para a interpretação e a compreensão do objeto estudado. Os Pressupostos teóricos embasados pela Escrevivência, pelas Epistemologias Negras e pelo Giro Decolonial deram a sustentação teórica necessária para a compreensão, o entendimento e a apreensão dos resultados da pesquisa. Para tanto, na medida do possível, os relatos orais foram o mote essencial da investigação.

A perspectiva de tese, confirmada nesta investigação, é que a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho pode ser compreendida como um complexo religioso católico negro em Salvador; suas práticas educativas, sociais e culturais empoderam os seus membros e a comunidade, construindo sabervivências, termo inspirado em Evaristo (2020) e Teixeira e Rocha (2023). Esses sabervivências envolvem os saberes, as vivências, as experiências, as memórias, as tradições negroafricanas e cosmovisões negras presentes nessa Irmandade. Observei que, por meio da análise de narrativas e documentos, foi possível enriquecer ainda mais a história da entidade estudada, assim como trazer conhecimentos para o campo da Educação.

O estudo mostrou que temos muito o que aprender com essas entidades trisseculares e quadrisseculares. A memória, os saberes, as práticas, as subjetividades e as tradições negroafricanas dessas entidades podem ser entendidos como sabervivências, e este termo coaduna com o que reflito e observo na Irmandade, não apenas como membro, mas também como uma investigadora da Educação Básica, uma professorinha (Miranda, 2018) que pensa sobre o objeto de estudo, alarga o seu olhar sobre a educação, a história, a memória, as tradições negroafricanas, dialogando com perspectivas a problematizar a contemporaneidade e a percepção da pesquisa como possibilidade de enriquecimento, não apenas pessoal. mas também coletivo.

As contribuições dos irmãos e das irmãs colaboradores (as) com suas narrativas potentes, problematizadores e reflexivas formaram mosaico de conhecimentos dos mais valiosos, para entender o contexto estudado na dinâmica do tempo espiralar. A contemporaneidade dessas tradições negroafricanas se mostrou relevante, trazendo saberes que nem mesmo essa pesquisadora/irmã/mulher preta/da roça, como membro da entidade, tinha conhecimento. O enriquecimento foi muito grande, sou grata a Nilsa Dias, Antônio Nicanor,

Sandra Bispo, Maria Rosa (Rosinha), Maria da Glória Bonfim, Maria das Graças Ramos (Gal), Adonai Passos, Antônio Carlos Conceição, Júlio Cesar Soares, Almir Menezes, Cecília Canuto e Solange Palazzi, por abrirem suas memórias para nós. Eu as/os considero griôs, guardiãs da memória da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, da Irmandade do Rosário dos Pretos de Ouro Preto e da Confraria do Rosário dos Pretos de Olinda nos tempos mais atuais.

Entre círculos, nós, encruzilhadas e contas do Rosário, foi possível perceber as nuances dessas entidades como possibilidades de reflexões que contribuem para o campo da Educação, para o enriquecimento e a visibilidade das entidades que participaram da investigação. Nesse sentido, a pesquisa também fez interface com a história e o protagonismo das irmandades negras, suas vivências e perspectivas de futuro. E isso só se torna possível tendo a Educação como foco.

Nesta pesquisa, foi possível observar que temos muito o que aprender com as Irmandades Negras. Elas são espaços frutíferos de aprendizagem, e podemos colaborar positivamente para o campo da Educação, trazendo experiências ainda pouco conhecidas. Este estudo objetivou trazer contribuições para o campo da Educação, das áreas afins e para toda a sociedade, sensibilizando-os para que observem essas entidades, que são fundamentais para a compreensão da história do Brasil. Assim, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho – espaço profícuo de investigação, propicia a elaboração de saberes, de religiosidade negra, de princípios ancestrais, de tradições negroafricanas, de redes de sociabilidade e processos de produção de conhecimentos que ultrapassam quatrocentos anos – se reinventa constantemente.

Foi instigante realizar este estudo, escutar, transcrever e documentar as narrativas orais das (os) irmãs (os) colaboradoras (es), da pesquisa. As narrativas foram instigantes pois, colaboraram muito na dinâmica da investigação trazendo memórias, saberes e construções que, mesmo fazendo parte da entidade há mais de vinte anos, eu não havia tido acesso. Nesse sentido, narrativas das irmãs e irmãos, concatenadas com os autores, deram sustentação ao discurso aqui empreendido.

Acertadamente, entrevistar as Irmãs: Solange Sabino Palazi da Irmandade do Rosário de Ouro Preto, Minas Gerais, e a Irmã Cecília Canuto de Santana da Confraria do Rosário de Olinda, Pernambuco, foi de uma contribuição ímpar para a pesquisa. Elas enriqueceram o estudo, pois pudemos ampliar os círculos de aprendizagem sobre as Irmandades. Reconheço a existência de lacunas, mas trouxe uma grande contribuição dessa pesquisa para compreensão do papel das irmandades negras, problematizando-as na contemporaneidade.

As atividades educativas produzidas na Irmandade, desde os anos 1990, foram expressivas, para que ela se mantenha em um diálogo firme com a sociedade, levando sua história para o mundo. Assim, lembro que este trabalho não é fruto meu, mas, um investimento coletivo, de membros das três entidades que se dispuseram a colaborar, para que esse sonho se tornasse realidade. As narrativas das irmãs colaboradoras e irmãos colaboradores trouxeram valiosos conhecimentos, vivências e saberes dessas entidades pesquisadas.

Afirmo que os sabervivências dialogam com a ancestralidade, com a memória e com as tradições negroafricanas, reverberando em uma confluência propositiva, para que a história da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho seja contada por seus membros, tornando-se objetos de conhecimento dentro e fora dela. Muitos são os estudos, as pesquisas e os aportes teóricos construídos sobre essa entidade, mas ainda há muito o que estudar, pesquisar e descobrir sobre a historicidade da Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Desse modo, na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, a educação colabora significativamente para a afirmação das tradições negroafricanas, para o fortalecimento da memória coletiva e para a visibilidade dessa instituição em nível nacional e mundial. Outro fator relevante do impacto da educação nessa entidade é a perspectiva de futuro. Nesse sentido, como bem ressalta a Irmã colaboradora Nilsa Bonfim Dias, a educação "[...] é a experiência dos mais velhos e a experiência dos mais novos, porque um povo educado consegue fazer, consegue dar um passo à frente, dentro da sociedade mundial" (Dias, 2021). Assim, o processo educativo da Irmandade faz que que ela cresça interna e externamente.

A Irmandade dialoga com a Educação Básica, isso tem uma relevância ímpar, pois a área da Educação precisa construir um diálogo profícuo com essas entidades quadrisseculares. Os educandos em início de estudo necessitam exercitar práticas de memória com essas entidades, que são de origem africana. Ao levarmos nossos educandos para acessar o patrimônio material e imaterial da Irmandade do Rosário dos Pretos e sua memória, aprender sobre suas atividades educativas de ontem e de hoje, participar de alguma atividade educativas ou cultural favoreceremos a ampliação do processo educativo para a diversidade em amplo aspecto. Com isso, efetiva-se a educação da relações étnico-raciais, é o que preconizam as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Passados vinte anos da primeira legislação, ainda temos muito o que articular, para que se efetive o ensino da história e das culturas Afro-brasileira e Africanas.

Nessa perspectiva, esta pesquisa desafiou-me muitas alegrias, inúmeros e aprendizados que levo para minha ação na Irmandade e para a vida. Das escutas, observei que todas e todos colaboradoras e colaboradores, em uma relação de confiança, expuseram assuntos bem íntimos

que, por questão de ética e fórum íntimo, ficaram entre nós, respeitando a individualidade de cada um ou uma. A relação de confiança que construídos na caminhada na Irmandade se intensificou, favorecendo o enriquecimento da investigação. As entrevistas foram profícuas, emergiram várias temáticas que se entrelaçaram na investigação. Isso possibilitou que as narrativas fossem o principal espiral que ligou os círculos e nós que formaram a tese.

Pude perceber que temos muito o que fazer para que a memória, as tradições negroafricanas e atividades educativas ganhem ainda mais valor na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. As novas irmãs e irmãos que têm chegado na Irmandade precisam ter mais humildade e quererem aprender com os mais velhos (em posto e em idade) dessa instituição. São experiências que se encarnam no corpo caminho, como bem nos ensina Conceição Evaristo (2006). A Rede de Irmandades Negras Católicas é uma articulação coletiva que está ajudando a muitas irmandades a reconquistarem sua autonomia e a sair do processo de intervenção em que se encontram.

A aproximação com Angola rearticula os laços atlânticos com a terra dos ancestrais e possibilita redes de sociabilidades tão necessárias nesses tempos de distanciamentos. A devoção a Mama Muxima desafia a Irmandade a criar formas celebrativas, sem perder suas tradições com os santos e santas negras, nem a sua devoção primeira à Virgem do Rosário.

A Virgem do Rosário, que se faz presente em todo o país, seja nas Irmandades Negras, nas confrarias, nas congadas, nos reinados, marujadas, jongos, nas devoções populares ou nas diversas comunidades rurais do país, com suas rezas, cantos, danças, toques e louvações, ajudou a forjar um modo de catolicismo negro que ainda precisa ser estudado em diversos cantos do Brasil. Conhecer esses sabervivências é tomar posse de tecnologias para combater ou minimizar as tentativas de apagamentos, escravismo, exclusão, etnocídio, catequização, desumanização, racismos, tomada do patrimônio material e imaterial e nas mais diversas formas de aniquilamento do povo preto ou negro.

Os sabervivências continuam ancorados pela ancestralidade, dão significado e longevidade ao que fomos, somos e seremos. Partindo dessa premissa, como bem nos assegura Martins (2021 b, p.213), "[...] os acordes da ancestralidade criam suplementos que revestem os muitos hiatos, vazios e rupturas forjados pelas abissais diásporas". Através da ancestralidade negroafricana e indígena, nós somos e seremos resistência. Nessa perspectiva, através da mística rosariana e da ancestralidade que nos alicerçam, vamos seguindo nos encontrando nas encruzilhadas em que se cruzam as culturas de origem africana. Portanto, entre os nós e as

contas do Rosário, cria-se a possibilidade para viver na diversidade religiosa e na pluralidade de culturas forjando outros mundos possíveis.

O patrimônio cultural, religioso e social da Irmandade, assim como sua relevância histórica, são aspectos que continuam a atrair o interesse acadêmico. Pesquisadores se debruçam sobre sua organização interna, práticas religiosas, impacto na comunidade local e contribuição para a preservação da memória afro-brasileira. Além disso, há um crescente interesse em entender como a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se adaptou e evoluiu ao longo dos séculos, enfrentando desafios e mudanças sociais. Com mais de quatrocentos anos de história, essa instituição permanece viva e ativa, sendo um valioso objeto de estudo para futuras pesquisas.

Sei que lacunas ficaram neste estudo, porque somos imperfeitas e, como tal, sempre dispostas a refazer, a reorientar a caminhada, deixando a encruzilhada sempre aberta para novas descobertas. Portanto, os nós e as contas do Rosário, nessa disposição circular, acolhem, dialogam, conversam, convergem e divergem produzindo conhecimentos, para que o mundo seja um pouco mais possível de viver, amar e cuidar. Reafirmando o que já foi disse anteriormente, a luta que empreendemos é na busca pela vivência, reexistência, pelo direito de ser, existir e pertencer ao país que habitamos; é afirmar no espaço, na temporalidade espiralar e nas subjetividades o corpoterritórionegro. Isso, as Irmandades Negras têm ensinado há, pelo menos, mais de quatro séculos. Gratidão! *Ubuntu*!

REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS HISTÓRICOS GUARDADOS EM ARQUIVOS

AINSRP, Compromisso, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), Arquivo, caixa1, doc. 1, Salvador, 1820.

AINSRP, Compromisso. Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos) Arquivo, caixa1, doc. 2, Salvador, 1872.

AINSRP, Compromisso. Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), Arquivo. Caixa1 doc. 3, Salvador, 1900.

AINSRP, Compromisso. Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), Caixa 1 doc. 5, Salvador, 1949.

AINSRP, Caixa 95, Livro de Atas 1959-1974, Ata 07/ 01/ 1968, p. 108, verso.

AINSRP, Inventário Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos). IPHAN Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Arquivo, sem catalogação, Salvador, 1975.

AINSRP, Caixa 95, Atestado Curso de Corte e costura, 1997.

AINSRP, Caixa 40, Informativos de Imprensa 1998-2000, Jornal Tribuna da Bahia, 23 de outubro de 1998.

AINSRP, Caixa 95, Relatório de Atividades Mesa de Honra, sem catalogação, 2000.

AINSRP, Compromisso. Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos, Compromisso, Arquivo, sem catalogação. Salvador, 2001.

AINSRP, Caixa 95, Ata da Assembleia Geral, sem catalogação, 28 de janeiro de 2001.

AINSRP, Caixa 95, Pasta Encontro de Crianças 1995-2002.

AINSRP, Relatório da Assembleia Geral, 24 de fevereiro de 2002.

AINSRP, Caixa 53 Documento Steve Bico, Projetos parceria, sem catalogação, 2003.

AINSRP, Informativo *A Voz do Rosário*, Ano1, n. 1, março de 2012, sem catalogação.

AINSRP, Informativo *A Voz do Rosário,* Ano II, n. 9, outubro de 2014, sem catalogação.

AINSRP, Informativo *A Voz do Rosário*, Ano V, n. 10, agosto de 2015.

AINSRP, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos. Documento de Registro do Terço dos Homens da Venerável

Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, Secretaria, sem catalogação, 2014.

AINSRP, Pasta de Identificação dos irmãos e irmãs, Secretaria. Sem catalogação.

AINSRP, Caixa 83, Caderno do Curso de Treinamento e Manutenção de Monumentos. Sem catalogação.

AINSRP, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo Irmandade dos Homens Pretos, Relatório de Atividades, 2015-2016.

AINSRP, Venerável Ordem Terceira Irmandade do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), Compromisso. Secretaria, sem catalogação, Salvador, 2017.

AINSRP, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), Regimento Interno, sem catalogação, anexo ao Compromisso, Salvador, 2017.

AINSRP. Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora As Portas do Carmo, Irmandade dos Homens Pretos. Relatório de Atividades. Salvador, 2015, sem catalogação.

APMAG, Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda, Compromisso (transcrição, 1988). 1786

IPHAN, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, Inventário, Salvador, 1975.

IPHAN, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo. Histórico, Salvador, 1975.

AINSRP, Acervo Digital de Imagens e fotos. Disponível no Drive da Entidade.

ORAIS

BISPO, Sandra Maria. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Terreiro Ilê Axé Oxumaré – Federação. 28 jan. 2023. 68 min. Salvador, 2023

BONFIM, Maria da Glória. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Pelourinho. 15 mar. 2023. 40 mim. Salvador, 2023.

CANUTO, Cecília Santana. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Pelourinho. 23 de out. 2022. 65 min. Salvador, 2022.

DIAS, Nilsa Bonfim. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 28 mar. 2021, 42min. [via WhatsApp] Salvador, 2021.

DIAS, Nilsa Bonfim. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Lapinha- Residência. 12 agos. 2022. 48 mim. Salvador, 2022.

MENEZES, Almir Santos. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Pelourinho. 11 mar. 2023. 35mim. Salvador, 2023.

NICANOR, Antônio Lima. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 28 mar. 2021. 53 min [via WhatsApp] Salvador, 2021.

NICANOR, Antônio Lima. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Pelourinho. 08 nov. 2022. 22 min. Salvador, 2022.

PALAZI, Solange Sabino. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 08 abr. 2023. 48 min. [via WhatsApp]. Salvador, Ouro Preto, 2023.

RIBEIRO, Adonai Passos. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. 08 nov. 2022. 38 min. Salvador, 2022.

RIBEIRO, Adonai Passos. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 10 jun. 2023. 8 min [via WhatsApp] Salvador, 2023.

SANTOS, Maria das Graças Ramos. “Eu vi meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 27 mar.2021. 48 mim. [Ligação Telefônica]. Salvador, 2021.

SANTOS, Maria das Graças Ramos. “Eu vi meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 17 jan. 2023. 6 min. [via WhatsApp]. Salvador, 2023.

SANTOS, Maria Rosa. “Eu vi meu Rosário Falar: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho.

Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Pelourinho. 23 jan. 2023. 44 mim. Salvador, 2023.

SILVA, Júlio César Soares da. “Eu vi meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 26 mar. 2021. 61 min. [Ligação Telefônica]. Salvador, 2021.

SILVA, Júlio César Soares da. “Eu vi meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. 13 mar. 2023. 9 min. [via WhatsApp] Salvador, 2023.

SOUZA, António Carlos Conceição. “Eu vi meu Rosário Falar”: Educação, Memória e Contemporaneidade nas Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Entrevistadora: Analia Santana. Local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Pelourinho. 05 mar. 2023. 48mim, Salvador, 2023.

OUTRAS REFERÊNCIAS

ADÃO, Jorge. Manoel. *O negro e a educação: movimento e política no estado do Rio Grande do Sul (1987-2001)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2002.

ADICHIE, Chimamanda. Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação.* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AFONSO, Camilo. *A educação tradicional do noroeste de Angola*: formas de transmissão de saberes e sua presença na Bahia. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Contemporaneidade, Salvador, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios.* Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBERTI, Verena. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. 4. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALBUQUERQUE, Lucílio de. Biografia Lucilio de Alburquerque (Barras PI 1877 -Rio de Janeiro RJ 1939). Disponível em: https://www.escritoriodearte.com/artista/lucilio-de-albuquerque. Acesso: 01 jul. 2023.

ALBUQUERQUE, Aurimar Monteiro. O Terço dos Homens e a redescoberta da fé: relações de comunicação, sociabilidade e solidariedade. INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande, 10 a 12 de jun. 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30142/3/2010_eve_amalbuquerque.pdf. Acesso: 31 ago. 2023.

ALDAZÁBAL, José. *Dicionário elementar de liturgia Te Deum*. Disponível em: https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=435. Acesso: 10 jul. 2021.

ALENCASTRO, Luíz. Felipe. *O trato dos viventes:* formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVES, Marcio Moreira. *A igreja e a política no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1979.

ANDRÉ, Marli. (org.). *Pedagogia das diferenças na sala de aula.* Campinas, SP: Papirus, 1999.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai:* a África na filosofia da cultura. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. A crise na Educação. *In*: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais? *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan. /jun. 2003.

ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity:* the theory of social change. Buffalo, Nova York: Amulefi, 1980.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de História Oral. *Apresentação*. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24. Acesso: 20 de maio de 2021.

ASSOCIAÇÃO Terço dos Homens Mãe Rainha. Iniciativa Divina que atrai multidões de homens para a Igreja. Disponível em: https://tercodoshomens.org.br/conheca/.br/conheca/. Acesso: 31 ago. 2023.

AZEVEDO. Thales de. *As Elites de Cor*: um estudo de ascensão social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva**.** *In*: KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África I*: metodologia e pré-história da África. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010. pp.181-218.

BACELAR, Jeferson; SOUZA, Maria da Conceição Barbosa de. *O Rosário dos Pretos do Pelourinho*. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia, 1974.

BACELAR, Jeferson. A Frente Negra Brasileira na Bahia, *Afro-Ásia*. Salvador, n.17, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20857. Acesso: 20 set. 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política.* Brasília, v.2, n.11, p.89-117, mai./ago. 2013.Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf&lang=pt Acesso: 20 mar.2023.

BARBOSA, Fabiane Machado. *Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica (1973-1989).* Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, 2007.

BARROS, Surya Pombo de. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605, jul./set. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v42n3/1517-9702-ep-42-3-0591.pdf Acesso: 10 jun. 2021.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagens e som*: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 17-63.

BAUMAN, Zigmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon. Introdução: Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon. (org.). *Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 9-26.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Salmo 150, v,4. p. 777, 47ª ed. São Paulo: Ave Maria, 2003.

Boaventura, Edivaldo Machado. A construção da universidade baiana: origens, missões e afrodescendência. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/4r/pdf/boaventura-9788523208936.pdf. Acesso: 24 jul. 2023.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. *In*: BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BLOG Cidade Museu. Igreja do Rosário de Ouro Preto -MG. Disponível em: Disponível em: Disponível em: https://cidademuseu.blogspot.com/search/label/Igrejas. Acesso em: 17 jul. 2023.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRANDÃO, Petros José. da R. *As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco: organização religiosa de pessoas de cor no setecentos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019.

BRASIL, Presidência da República. Lei de 15 de outubro de 1827. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio. Acesso: 31 ago. 2023

BRASIL, Lei n.1 de 1837, e o Decreto n.15 de1839 e o Decreto sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro Revista. *História da Educação*, vol. 9, núm. 18, Jul -dez, pp. 199-205, 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627122014. Acesso: 20 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11429, 27/12/1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Disponível em: Acesso: 31 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases Para o Ensino de 1º e 2º Graus, e Dá Outras Providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 6377, 12/8/1971. Disponível em: httpp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l5692.htm. Acesso: 31 ago. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituiçao.htm. Acesso: 10 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 27833, 23/12/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm. Acesso: 31 ago. 2023.

BRITO, Silvia Helena Andrade de. A educação no projeto nacionalista do primeiro governo Vargas (1930-1945). *In*: LOMBARDI, J. C. (Org.). *Navegando na história da educação brasileira*. 1ª Ed. Campinas: EDFE-UNICAMP, vol. 1, p. 1-24, 2006. Disponível em: httpps://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/silvia_h_a_de_brito_artigo_0.pdf . Acesso: 20 set. 2023.

BURDICK, John. *Blessed Anastácia*: Women, Race, and Popular Christianity in Brazil. Abingdon: Routledge, 1998a.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil*: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras. Rio de Janeiro: Mauad, 1998b.

CAPINAM; MENDES, Roberto. *Yayá Massemba*. Intérprete Maria Betânia CD Brasileirinho, 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832. Acesso: 10 mar. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Prefácio. *In*: HENRIQUES, R. *Raça e gênero no sistema de ensino:* os limites das políticas universalistas na educação. Brasília: UNESCO, 2002.

CARTILHA HISTÓRICA DA BAHIA**.** Governadores na República - Divisão Territorial - Riquezas - Economia - Desenvolvimento Industrial. Rio de Janeiro: Ed. Cívica, Ltda s/d [1971].

CASTILHOS, Cecília Vaz. *Se calares a voz dos profetas*. Intérprete: Antônio Cardoso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X6yE5Qd6daE. Acesso: 30 ago. 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Sacristán.; GROSFOGUEL, Ramon. *El giro decolonial*: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Compiladores, Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontifi cia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO, Yeda P. de. *Africanias em terras brasílicas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2022. Disponível em: https://labed-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2022.

CASTRO, Yeda P. de. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESARIE, Aimé. Discurso sobre a negritude. *In*: CESAIRE, A.; MOORE, C. (orgs.) *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, p. 107- 114, 2010.

CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe*: Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton: Princeton University Press, 2008.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados.* Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

COCO, Música de Autoria Popular, [s.d.].

COLEÇÃO DAS LEIS E RESOLUÇÕES da Província da Bahia promulgadas no ano de 1862 (nº 881 a 894) – Parte I. Bahia: Tipografia de Antônio Olavo da França Guerra, 1862.

CONCEIÇÃO, Miguel Luiz da. *O aprendizado da liberdade*: educação de escravos, libertos e ingênuos na Bahia oitocentista. Salvador, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, 2007.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO Latino-americano do Caribe. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

COSTA, Márlon. Noite dos Tambores Silenciosos. *Pernambuco Press*. Olinda. 20 fev. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2020/noticia/2020/02/17/noite-dos-tambores-silenciosos-fotos.ghtml. Acesso: 20 jun. 2023.

CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa*: escolhendo entre cinco abordagens. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRÔNICAS MACAENSES. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos com Fachada Circular em Ouro Preto. Disponível em: https://cronicasmacaenses.com/2014/08/02/igreja-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos-com-fachada-circular-em-ouro-preto/. Acesso: 23 jun. 2023.

CRUZ, Manuel de Almeida. Pedagogia Interétnica. *Cadernos de Pesquisa.* N. 63, p. 74-76, nov. 1987. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1277. Acesso: 16 set. 2023.

CRUZ, Mariléia. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. *In*: ROMÃO, Jeruse. *História da Educação do Negro e Outras Histórias*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, 2005.

CRUZ, Cristiane Copque da. *Introdução aos Estudos Africanos na Escola*: trajetória de uma luta histórica. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

DELGADO, Lucília. de Almeida. N. *História oral*: memória, tempo identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Rio de Janeiro v. 12, n. 23, p.100-122, mar. 2007. Disponível: em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141377042007000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 20 jul. 2023.

DOMINGUES. Petronio Um "Templo de Luz": a Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a busca educacional. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 39 set./dez. 2008. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300008. Acesso: 20 jul. 2023.

DUSSEL, Enrique Domingos. *História da Igreja Latino-Americana (1930 a 1985)*. São Paulo: Paulus, 1989. Disponível em: https://www.enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/40.Historia_da_igreja_latinoamericana.pdf . Acesso: 15 dez. 2022.

DUSSEL, Enrique Domingos. *1492 o encobrimento do outro*: a origem do mito da modernidade. Conferências de Frankfurt / Enrique Dussel. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique Domingos. *Oito ensaios sobre cultura na América Latina e libertação*. Tradução: Sandra Trabucco Velezuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

ENGENHO de Flores. [Compositor e intérprete] Josias Sobrinho. São Paulo. Estúdio Eudorado. 1987, Álbum Autoral, CD, faixa 1. Disponível em: https://tratore.com.br/um_cd.php?id=12380. Acesso: 29 ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. Meu rosário. *Cadernos Negros 15*: poesia. São Paulo: Quilombohoje, 1992.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos de memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima.; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência, a escrita do nós*: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Franz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1969.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Tradução: Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FANON, Franz. *Pele negra, máscara branca*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Sara de Oliveira. *Irmãos de cor, de caridade e de crença*: a Irmandade do Rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus, 1966.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Espirais da linguagem de Exu: por uma filosofia do Òkòtó. *Revista Espaço Acadêmico* – Dossiê Epistemologias Negras, n. 207; v.18; ago./2018. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43160 Acesso: 10 set. 2023.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; SOUZA, Marcos. Lopes. de. Epistemologias Negras: fortalecer os laços e os afetos (ancestrais), de(s)colonizar o pensamento. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 18, N. 207, ago. 2018.

FREIRE, A. M. A.; MENDONÇA, E. F. (orgs.). *Direitos humanos e educação libertadora:* gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007 [1979].

FREIRE, Paulo. *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Lisboa: Edições Base, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Justificando o novo título: direitos humanos e educação libertadora. *In*: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: *saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança:* um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRIEDEMAN, Nina. Negros refúgios de Africanias em Colombia. Montlban. Caracas: Universidade Andes Bello, 1998.

GADAMER, H. *Verdade e método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: MEURER, F. P. Petrópolis: Vozes, 1999.

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção metodológica da pesquisa em educação*. Palestra proferida no PPGEduC (UNEB), Salvador, BA. Impresso. 04 set. 2008.

GIDDENS, Antony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118660/mod_resource/content/1/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf. Acesso: 13 out. 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro Educador*: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: SILVA, L. A. (Org.). *Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos.* Brasília: ANPOCS (Ciência Sociais Hoje, 2), 1983, p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf Acesso em 10 de jun. 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.55-77.

GUILLEN, Isabel. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Recife. 12 nov.2020 Disponível em: https://memoriaescravidaope.wordpress.com/ . Acesso: 10 set. 2023

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *In*: HALL, S. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: 2003. pp. 25-50.

HOBSBAWN, Erick. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN). Acervo Digital. Disponível em: http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/14707/F037413.jpg?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 maio 2023.

IRMANDADE dos Homens Pretos. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/irmandadedoshomenspretos/. Acesso: 20 marc. 2022.

IRMANDADE dos Homens Pretos. *Festa de Nossa Senhora do Rosário.* Salvador, 30 out. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/irmandadedoshomenspretos/. https://www.instagram.com/p/Cf2THOOJMBk/?img_index=1. Acesso em: 15 maio 2023.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Noite dos Tambores Silenciosos pede Proteção dos Orixás para o Carnaval. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/02/noite-dos-tambores-silenciosos-pede-protecao-dos-orixas-para-o-carnava.html. Acesso: 20 jun. 2023.

JORNAL VOZ ATIVA. Encontro da Rede de Irmandades Negras Católicas acontece de 04 a 06 em Ouro Preto-MG. Disponível em: https://www.jornalvozativa.com/noticias/encontro-da-rede-de-irmandades-negras-catolicas-acontece-de-04-a-06-04-em-ouro-preto-mg. Acesso em: 02 jul. 2023.

KARASCH, Mary. Construindo comunidades: as irmandades dos pretos e pardos. *História Revista*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 257-283, jul. /dez. 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KING JR., Martin Luther. *Where do we go from here: chaos or community?* Boston: Beacon Press, 2010. Disponível em: https://www.uni-five.com/upload/doc/82818file.pdf. Acesso: 05 fev. 2021.

KI-ZERBO, Joseph. (org.) *História geral da África I*: metodologia e pré-história da África. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010.

KRENAK, Airton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

KRENAK, Airton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. Tradução: Bernardo Leitão [et al.], 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

LEACH, Melissa. Pandemics are social phenomena demanding breatdh of expertise. *Wonkhe Blogs*, 2020. Disponível em: https://wonkhe.com/blogs/pandemics-are-social-phenomena-demanding-breadth-of-expertise. Acesso: 01 ago. 2021.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*: ensaios sobre alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LINS, Ana Maria Moura. "O método Lancaster: educação elementar ou adestramento? Uma proposta para Portugal e Brasil no século XIX". *In*: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). *A Escola Elementar no Século XIX*. O Método Monitorial/Mútuo. Passo Fundo: Ediuspf, 1999.

LORENSET, Rossaly Beatriz Chioquetta. Memórias que se (Re)Formulam: A historicidade do Ensino Superior no Brasil. Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba, v. 6, n. 1, p. 83-90, jan./jun. 2015. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/download/6904/pdf_57/24502. Acesso: 23 set. 2023.

.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá:* dinâmica civilizatória africano-brasileira. Salvador: Secneb: Edufba/CED, 1995.

LUZ, Marco Aurélio. *Agadá*: dinâmica da civilização africano brasileira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

LUZ, Marco Aurélio; LUZ, Narcimária. Correia. do Patrocínio. (Org.). *Pensamento insurgente direito à alteridade, comunicação e educação*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana*: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Imprece, 2019.

MACHADO, Vanda. *Mbondo*: nossas raízes africanas. Lauro de Freitas (BA): JSP Jornal e Gráfica, 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In:* BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSFOGUEL, Ramon. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamento crítico desde a subalternidade: os Estudos Étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 34, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21114/13703. Acesso: 20 out. 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMES, S.; GROSFOGUEL, R. *El giro decolonial*: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007. Disponível em: https://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf. Acesso: 25 mai. 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*: o reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória:* o reinado do Rosário do Jatobá. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar:* poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b.

MATTOSO, Kátia Maria de Q. *Bahia*: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo; Salvador: HUCITEC; Prefeitura Municipal de Salvador, 1978.

MATTOSO, Kátia Maria de Q. *Bahia, século XIX*: uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MENEZES, Jaci Maria F. de. Construindo a vida: relações raciais e educação na Bahia. *Cadernos PENESB*, Rio de Janeiro, EdUFF/Quartet, n. 8, dez. 2006. p. 98-127. Disponível em: https://penesbi.uff.br/wp-content/uploads/sites/573/2019/02/penesb8_web.pdf. Acesso em 31 ago. 2023.

MENEZES, Jaci Maria de F. de; SANTOS FILHO, J. A. dos. O pós-abolição na Bahia: memória à construção da vida livre. *In*: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (orgs.). *Memória e formação de professores [online]*. Salvador: EDUFBA, 2007. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books, p. 17-42.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* SP, n. 34, p.9-24, 1992.

MIGUEL, Antonieta; MENEZES, Jaci Maria Ferraz de; SANTANA, Elizabete Conceição. A constituição do professor primário na Bahia republicana: diálogo com a legislação (1890-1919). *Cadernos de História da Educação* v. 20, e003, p. 1-22 2021, 2021. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/58218. Acesso: 20 set 2023.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina Vladimirovna. V. Thinking from the borders; shifting to the Geo- and Body-Politics of knowledge. *European Journal of Social Theory*, v. 9, n. 2, p.205-222. 2006,

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: literatura, língua e identidade, n. 34, 2008, p. 287-324.

MIGNOLO, Walter. Pensamento decolonial, desprendimiento y apertura. *In*: MIGNOLO, W. (org.). *Habitar la frontera*: sentir y pensar la descolanialidad. Barcelona: CIDOB, 2015. Disponível em: https://www.cidob.org/content/download/64794/1995059/version/1/file/219-324%20HABITAR%20LA%20FRONTERA%203%20(3G) 8.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. *As experiências/aprendizagens com/sobre as crianças no cotidiano escolar:* a infância e as relações de gênero narradas por uma hermeneuta. 2018. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MISSA CONGA. *Ao Deus libertador*. Minas Gerais: Missa Centenário da Abolição, 1988. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pagfis=2997. Acesso em: 26 ago. 2021.

MONTERO, Mariza. *Paradigmas, conceptos y relaciones para una nueva era. Cómo pensar las Ciencias Sociales desde América Latina* (Caracas: Dirección de Estudios de Postgrado/Facultad de Ciencias Económicas y Sociales/Universidad Central de Venezuela) 20 de junho. Seminário Las ciencias económicas y sociales: reflexiones de fin de siglo: Caraças, 1998.

MOORE, Carlos. O *Marxismo e a questão racial*: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, Antônio Dias do. O difícil caminho da ética na contemporaneidade: uma leitura de Zygmunt Bauman. *In*: PALMEIRA, M. J. de O.; ROSEIRA, N. A. F. (org.). *Educação e democracia*: fundamentos teóricos para uma abordagem crítica dos valores. Salvador: EDUNEB, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo documentos de uma militância panafricanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia Ubuntu. *Prometeus*. a. 9; n. 21; Edição Especial; dez. 2016, p. 231-245. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/5698/4852 . Acesso: 20 abr. 2023.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História.* São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NUNES, Antonieta d'Aguiar. Fundamentos e políticas educacionais: História, memória e trajetória da educação na Bahia. *Revista Publicatio UEPG*. Editora: UEPG, a. 16, n. 2, p. 209-224, dez. 2008. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/637/620. Acesso: 20 jul. 2023

NUNES, Antonieta d' Aguiar. *Educação indígena no Brasil antes da chegada dos europeus*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_52776b8bb0b0a555e132f5f279b9d69f.pdf. Acesso: 25 jul. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo David. de. *Filosofia da ancestralidade:* corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OMINARÊ, Babalorixá. *Candomblé de Keto (Alaketo)*. 5. ed. São Paulo: Pallas, 1996.

O QUE É o Terço dos Homens Movimento Mariano. 2005. Disponível em: https://www.tercodoshomens.com.br/quemsomos.htm. Acesso: 30 jul. 2023.

OTT, Carlos. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. *Afro-Ásia*, n. 6 e 7, p.119-126, 1968.

PANTOJA, Selma. Inquisição, degredo e mestiçagem em Angola no Século XVIII. *Revista Lusófona de Ciências da Religião.* a. 3n.5/6, p.117-136, 2004. Disponível em: https://www.fazendocienciasreligioes.ulusofona.pt/arquivo_religioes/religioes5-6pdf/117-136-selmapantoja.pdf. Acesso: 16/01/2022.

PELEGRINO FILHO, Antônio Roberto. Histórico. *Revista da Festa de Santa Bárbara: fé, devoção e seus encantos.* IPAC, Salvador, 2021.

PENTEADO, Pedro. As confrarias portuguesas na época moderna: problemas, resultados e tendências de investigação. Separata de *Lusitânia Sacra*, 2. série, 1995, p. 15-52.

PEREGRINAÇÃO ao Santuário da Mama Muxima 1 e 2 de setembro de 2018. Santuário de Nossa Senhora da Muxima: Livreto Impresso, Luanda, 2018.

PEREIRA, Dirceu. do Socorro. *A vivência entre o dendê e o pão nosso*: práticas afrocatólicas na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos – Salvador –BA. 2008. Dissertação (Mestrado em Memória, Cultura e Desenvolvimento Regional) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2008.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. *Os bakongo de Angola*: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. 2005. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo; PAZ, Francisco Phelipe Cunha; SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memÓRÍa, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 110-127, set. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39949. Acesso: 30 ago. 2023.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, mar. 1989,

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUERINO, Manuel. Raimundo. *Costumes africanos no Brasil*. Salvador: EDUNEB, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidade. *Perú Indígena*, Lima, v.12, n.29, p.11-20, 1992.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

QUILOMBO Axé Dia de negro. [Compositor] Zumbi Bahia, [intérprete] *Afoxé Oyá Alaxé-Quilombo Axé (Dia de Negro)*. Disponível em**:** https://www.youtube.com/watch?v=ZXzKnf_nMJg. Acesso: 30 ago. 2021.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras outro espaço de luta e resistência 1870-1890*. São Paulo: FAPESP Annablume, 2002.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução: RAMOSE, M. B. The ethics of ubuntu. *In*: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (ed.). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

RAMOSE, Mogobe B. *African philosophy through ubuntu*. Harare: Mond Books Publishers, 1999.

REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos angolas*: irmandades negras, experiências e identidades africanas na Bahia setecentista. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2005.

REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos angolas*: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Basil:* a história do levante dos malês. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.7-33, jun.1997.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Dupla e Multipla Pertença Religiosa no Brasil. *In*: TOSTES, Ângela; RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Religião, Diálogo e Múltiplas Pertenças*. São Paulo Annablume, 2019.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Educação Escolar no Brasil:* Problemas, Reflexões e Propostas. Araraquara: UNESP, 1990.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da Educação Escolar no Brasil. *Paideia*, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, n.4, p. 15-30, fev./jul. 1993. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/DDbsxvBrtzm66hjvnLDdfDb/?format=pdf&lang=pt . Acesso: 23 set 2023.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RUSSEL-WOOD, Anthony John R. Aspectos da vida Social das Irmandades Leigas da Bahia do século XVII. In**:** *O Bicentenário de um Monumento Baiano*. Salvador, v.2, p.145-160, 1971 (Coleção Conceição da Praia).

SANGENIS, Luiz Fernando Conde; MAINKA, Peter J. Presença franciscana e supremacia jesuítica no campo da história e da história da educação na época colonial: um diagnóstico na pesquisa historiográfica a partir da análise dos CBHE da SBHE. *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 19, a. 61, p.1-24, jun. 2019. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/46967. Acesso em: 20 jul. 2021.

SANTANA, Analia. *A participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001).* 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2013.

SANTANA Joziana M. *Poema Rosário dos Pretos*. Salvador: Impresso, 2023.

SANTANA, Stella Gleide de O. *A irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho Salvador-BA*: quilombismo como viés de resistência cultural. 2008. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

SANTANA, Tassio Ferreira. Corpo-Pambu Nzila: Poéticas ancestrais. *Cadernos do GIPE-CIT*, Salvador, ano 23, n. 42, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos, modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. *Nêgo Bispo*: vida, memória e aprendizado quilombola. Entrevista Itaú Cultural. 15 mar. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw. Acesso: 01 set. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer.* São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Joana Elbein dos. *Os nagôs e a morte*: pàdê, asésé e o culto Egun na Bahia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SANTOS, Luciano Costa. Filosofia da libertação como libertação da filosofia: alteridade e insurgência popular em Enrique Dussel. *In*: SOUZA, S. R. M.; SANTOS, L. C. (Orgs.). *Entrelinhas*: educação, fenomenologia e insurgência popular. Salvador: EDUFBA, 2019.

SANTOS, Luciano Costa. O pensamento fecundo: elementos para uma racionalidade transmoderna. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 205-213, jan./jun. 2013.

SANTOS, Maria Stella. de Azevedo. *Meu tempo é agora*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

SANTOS, Mariana Mesquita. *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho:* espaço de resistência, negociação e autonomia negra (séculos XVIII-XX). Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SANTOS, Mariana Mesquita. *Pelas contas do Rosário:* cidadania na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho no Pós-Abolição (Salvador 1888-1930). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SANTOS, Mariana Mesquita. *Pelas contas do Rosário*: sentidos da cidadania na Irmandade dos Homens Pretos de Salvador no pós-Abolição (1888-1930). Teresina: Cancioneiro, 2022.

SCARANO, Julita. *Devoção e escravidão*: a Irmandade de N. S. do R. dos Pretos no distrito de Diamantino no Século XVIII. São Paulo: Editora Nacional, 1978. (Coleção Brasiliana).

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Assunção de Maria. Souza e. A fortuna de Conceição (Posfácio). *In:* EVARISTO, C. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Silva, Ana Célia da. *Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei 10.639/2003*. Salvador: Hetera, 2020.

SILVA, Júlio Cesar Soares da; HERMES, Manuellita. Uma reflexão sobre torres de igualdade da Igreja do Rosário dos Pretos. *Carta Capital Digital*. 26 fev.2021. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/diversidade/uma-reflexao-sobre-torres-de-igualdade-da-igreja-do-rosario-dos-pretos. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOBRINHO, Josias. *Engenho de Flores*. Album Engenho de Flores. Maranhão, 1987.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade:* a forma social negro-brasileira. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SOUZA, Marina de M. Santo Antônio de Nó-de-Pinho e Catolicismo Afro-Brasileiro. *Tempo, Relume Damará*, v.6 n. 11. p. 171-188, jul. 2001.

SOUZA, Marina de Melo. *Reis negros no Brasil escravista*: história da festa de coroação do rei do Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUSA JÚNIOR, Vilson. Caetano. *Orixás, santos e festas*: encontros e desencontros do sincretismo afrocatólico na cidade de Salvador. Salvador: EDUNEB, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensivo-interpretativa-interpretativa e política de sentido. *Educação Santa Maria.* v. 39, n. 1 p. 39-50, jan. /abr. 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *Fontes para o Estudo da Educação no Brasil -Bahia*. Salvador: Eduneb, 2001.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. *Bahia, 1798*. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16792/1/bahia_1798.pdf. Acesso: 25 set 2023

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos de educação*. Salvador: Tipografia de São Francisco, 1928. Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/aspamerieducacao/indice.htm. Acesso: 10 abr. 2021.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação, saúde e assistência no Estado da Bahia em 1948*. Salvador, 1949. Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/educacao10.html. Acesso: 17 set. 2023.

TEIXEIRA, Marizete de Carvalho Cardoso; ROCHA, Gabriela Silva. Linguagem musical, fanfarra e currículo escolar: algumas considerações. *Diversitas Journal*. Santana do Ipanema. v. 8, n. 1 (jan./mar. 2023) p. 311-329. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2469/2019.com Acesso em: 20 set. 2023.

THIONG'O, Ngugi. W. *Descolonizar la mente*. Barcelona: Editorial Debolsillo, 1968.

THIONG'O, Ngugi. W. *Homecoming*: Essays on African and Caribbean Literature, Culture and Politics, London: Heinemann, 1969.

THIONG'O, Ngugi. W. *Writeres in politics*, a re-engagement wits issus of literature and society. A revised and enlarge edition**.** Oxford: James Curreu/ Nairob: EAEP/Ports Mouth: Heineman,1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Writers_in_Politics.html?id=MmIZ9vtEv2IC&redir_esc=y Acesso: 20 mar. 2021.

THORNTON, John k. *O kongolese Santo Antônio, Dona Beatriz Kimpa Vita e o Antônio Movimento, 1684 – 1706*. Cambridge University Press: Cambridge, 1998.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Melo e. Catolicismo e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento Antoniano, séculos XV-XVIII*, Tempo,* Rio de Janeiro, n.6, p. 95-118, 1998. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-7.pdf. Acesso: 20set.2023.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph. (org.). *História geral da África I*. Brasília: UNESCO, p.138 -166, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf Acesso: 10 jun. 2023

VICENTE, Zé. *Glória dos povos ameríndios*. Álbum Sempre Vida, São Paulo: Paulinas COMEP, 1995. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sBClU-5VYh8.com Acesso: 10 jul. 2021.

WALKER, Sheila S. *Conocimiento desde adentro*: los afrosudamericanos hablan de sus pueblos y sus historias. La Paz: Fundación Pedro Andavérez Peralta, Afrodiáspora, Fundación Interamericana; Organización Católica Canadiense para el Desarrollo y la Paz, PIEB, 2010.

WALSH, Catarine. *Pedagogias decoloniales*: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Edições Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catarine. *Pedagogias decoloniales*: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Edições Abya-Yala, 2017.

WALSH, Catarine. Gritos, gretas e semeaduras de vida: entreteceres do pedagógico e do colonial. *In*: SOUZA, S. R. M.; SANTOS, L. C. (orgs,) *Entrelinhas*: educação, fenomenologia e insurgência popular. Salvador: EDUFBA, 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA I – PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo a pesquisadora doutoranda Analia Santana, Matrícula 081910381, a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado: "Eu vi Meu Rosário Falar": Educação, Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho em Tempos Contemporâneos o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem-estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 23 de setembro de 2020

Adelaide Rocha Badaró
Assinatura e carimbo do
Responsável institucional
Matrícula nº 74001110-3
Portaria nº 1646/2018 – D.O. 16/06/2018

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE LINHA I PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N. 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____Complemento:_____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (__) _____/(__) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: *"Eu vi Meu Rosário Falar": Educação, Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho*

PESQUISADORA EXECUTANTE: Anália Santana Doutoranda PPGEDUC/UNEB

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho

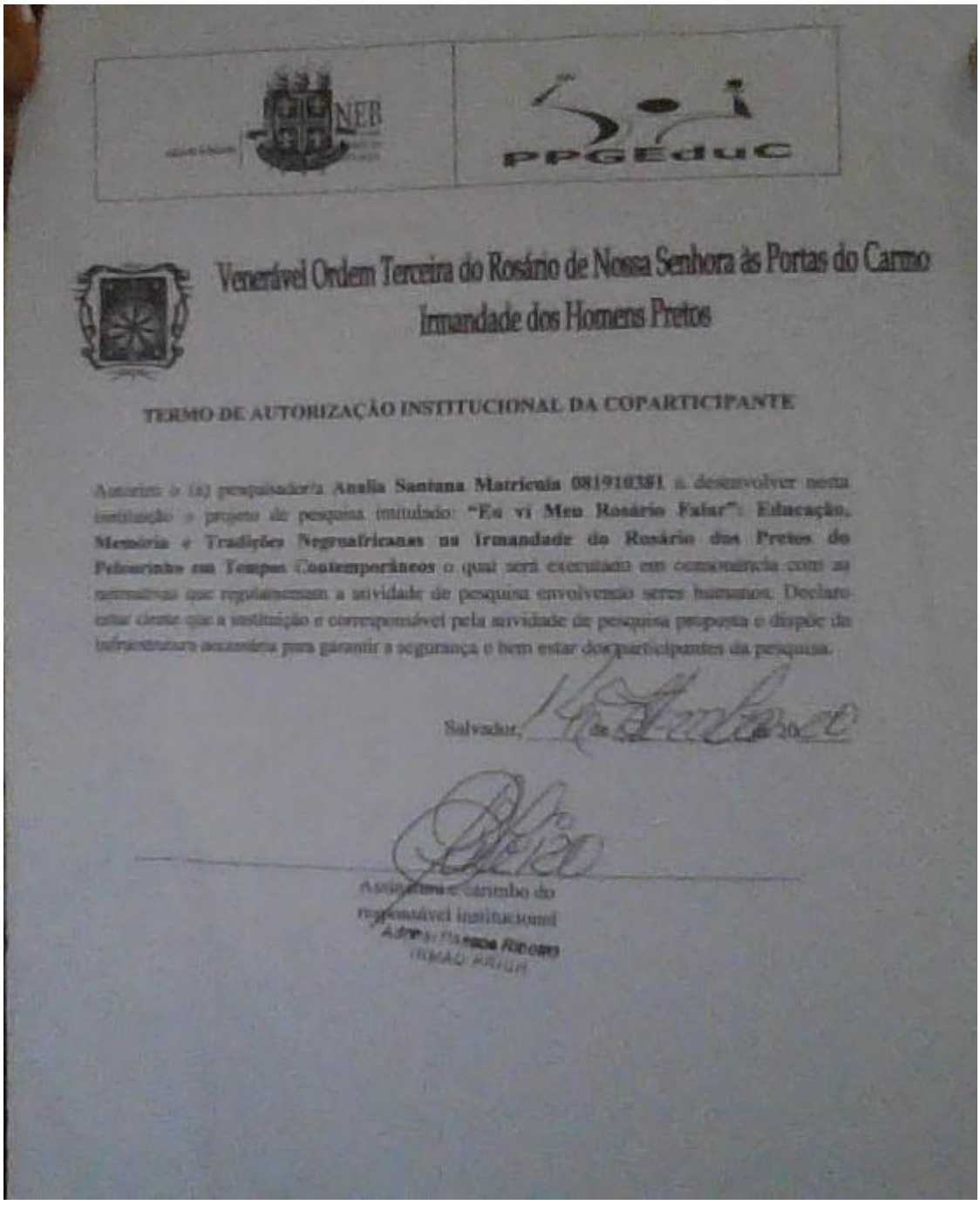
III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: ***Eu Vi Meu Rosário Falar: Educação, Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho*** , de responsabilidade da pesquisadora ***Analia Santana***, Estudante de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: investigar como se articulam a educação, a memória e as tradições negroafricanas na Irmandade do Rosário Pretos do Pelourinho em Tempos Contemporâneos, na perspectiva de conhecer as estratégias de preservação da memória, da religiosidade católica africano-brasileira e sua contribuição para a socialização dos saberes e construção de laços colaborativos com irmandades do Brasil e com Angola. A realização desta pesquisa pode contribuir, para o desenvolvimento da entidade, como também da colaboradora dando visibilidade à sua historicidade, através da validação das narrativas orais, da memória, das atividades educativas e religiosas no âmbito das Culturas africanas e afro-brasileira, beneficiando a ampliação dos conhecimentos e articulando-os com

Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade do Estado da Bahia (CEP/UNEB), aprovado sob número de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link: http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ENTIDADE COPARTICIPANTE



Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo
Irmandade dos Homens Pretos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a **Analia Santana Matrícula 081910381** a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado: **"Eu vi Meu Rosário Falar": Educação, Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho em Tempos Contemporâneos** o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 14 de Junho de 2020

Assinatura e carimbo do
responsável institucional
Adm. Ramon Ribeiro
IRMÃO ARIUR

ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS

UNEB

PPGEduC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA I – PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PLURALIDADE CULTURAL

TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título da pesquisa: *Eu vi Meu Rosário Voar: Educação, Memória e Tradições Negro-africanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho em Tempos Contemporâneos*

Declaramos estarmos cientes das normativas que regulam a atividade de pesquisa com seres humanos, em especial as que disciplinam a utilização de documentos identificados de arquivos não publicados e da impossibilidade da obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devido ao uso de dados de identificação pessoal, escolaridade, tempo de permanência na entidade, as atividades dos membros desta entidade, relatos que se encontram nos arquivos da entidade os quais são importantes para a pesquisa em desenvolvimento e justificando que os membros não são possíveis de cobertura e a coletar pelo TCLE. Sendo assim, assumimos o compromisso de:

I. Preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e divulgados no anonimato sem possibilidade de identificação dos mesmos;

II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto apresentado.

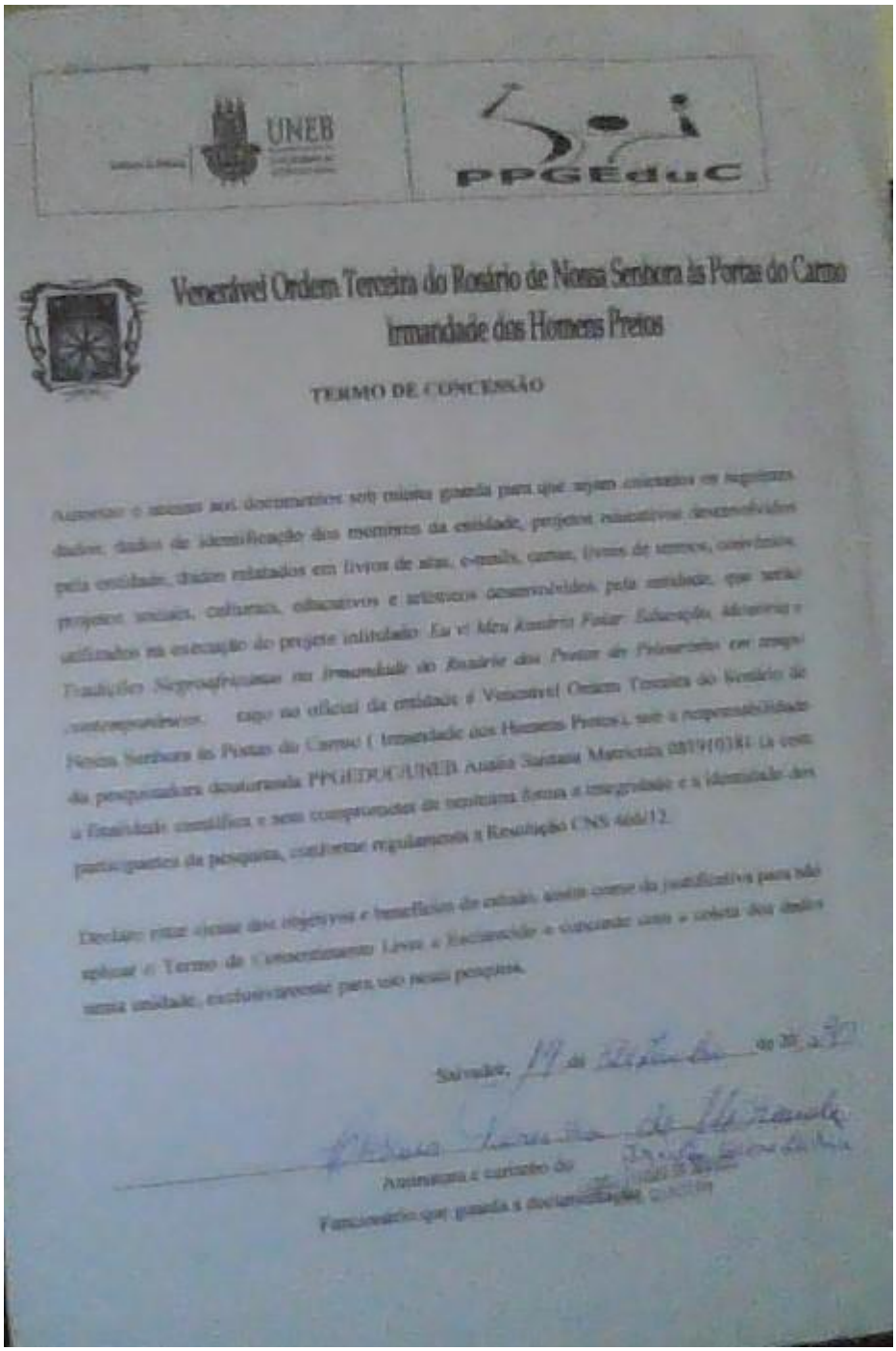
Salvador, 22 de setembro de 2020

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho	
Amália Santana Orientanda	

(Representante da Unidade)

41.968.579/0001-68
VENERÁVEL ORDEM 3ª DA SOBRADO
DER. S. DA PORTA DO CARMO
Largo do Pelourinho, 21/6
Centro - CEP: 40.026-260

ANEXO C – TERMO DE CONCESSÃO



UNEB

PPGEduC

Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo
Irmandade dos Homens Pretos

TERMO DE CONCESSÃO

Autorizar o acesso aos documentos sob minha guarda para que sejam coletados os registros
dados, dados de identificação dos membros da entidade, projetos educativos desenvolvidos
pela entidade, dados relatados em livros de atas, e-mails, cartas, livros de termos, convênios,
projetos sociais, culturais, educativos e artísticos desenvolvidos pela entidade, que serão
utilizados na execução do projeto intitulado *Eu vi Meu Ancestre Fazer: Educação, Memória e*
Tradição Negro-africanas na Irmandade do Rosário dos Pretos de Pelourinho em tempo
contemporâneos. cujo ao oficial da entidade é Venerável Ordem Terceira do Rosário de
Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), sob a responsabilidade
da pesquisadora doutoranda PPGEDUC/UNEB Anaíra Santana Matrícula 0819103181 da com
a finalidade científica e sem comprometer de nenhuma forma a integridade e a identidade dos
participantes da pesquisa, conforme regulamenta a Resolução CNS 466/12.

Declaro estar ciente dos objetivos e benefícios do estudo, assim como da justificativa para não
aplicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordo com a coleta dos dados
nesta entidade, exclusivamente para uso nesta pesquisa.

Salvador, 11 de Outubro de 20[illegible]

Assinatura e carimbo do
Funcionário que gerada a documentação/Gestão

ANEXO D – DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA NO CONSELHO DE ÉTICA (CEP/UNEB)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Eu Vi Meu Rosário Falar": Educação Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho em Tempos Contemporâneos

Pesquisador: ANALIA SANTANA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38719320.7.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.385.448

Apresentação do Projeto:

A pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemponeidade da Universidade do Estado da Bahia, em Salvador/Bahia/Brasil.

"A pesquisa busca investigar através da pesquisa qualitativa (entrevista e acesso a documentos) como se articulam a educação, a memória e as tradições negroafricanas na Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às portas do Carmo- Irmandade dos Homens Pretos, visando dar visivilidade às atividades educativas da entidade e suas articulações com outras irmandades do Brasil e de Angola".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

investigar como se articulam a educação, a memória e as tradições negroafricanas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário Pretos do Pelourinho, na perspectiva de conhecer as estratégias de preservação da memória, da religiosidade católica africano-brasileira e sua contribuição para a socialização dos saberes e construção de laços colaborativos com irmandades do Brasil e com Angola.

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Registrar quais atividades foram, ou estão sendo desenvolvidas, no que tange à educação, memória social ou coletiva e das tradições negroafricanas da Irmandade, como essas memórias e tradições são reconstruídas balizando estratégias de aproximação com outras irmandades do Brasil e com entidades de Angola.

• Identificar quantos são os membros da Irmandade na atualidade, caracterizando o perfil socioeducacional e de gênero nesta entidade. Relacionar as atividades educacionais mais relevantes na irmandade entre os anos 1997-2018 e sua influência nas relações internas e comunitárias. Analisar e interpretar através dos registros orais e dos documentos os aspectos relacionados educação, memória coletiva e tradições negroafricanas no contexto da Irmandade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da normativa temos alguns pontos para ajustes dos termos e declarações do referido protocolo, conforme segue:

1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;

2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;

3 – A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;

4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;

5 - Folha de rosto: Em conformidade;

6 – Modelo do TCLE: Em conformidade;

7 - Termo de Concessão: Encontra-se adequado;

8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em confromidade;

9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.38719320.7.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1634730.pdf	29/09/2020 17:32:07		Aceito
Outros	LISTADEPAISEDAPESQUISA.pdf	29/09/2020 17:27:09	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	FICHATRANSCRICAOENTREVISTA.pdf	29/09/2020 17:24:54	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	ROTEIROGUIAENTREVISTA.pdf	29/09/2020 17:21:55	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOCOLETADADOSARQUIVOS.jpg	29/09/2020 17:14:04	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	29/09/2020 17:13:01	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	TERMODEDECONCESSAO.jpg	29/09/2020 17:09:01	ANALIA SANTANA	Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAOINSTITUCIONALCOPARTICIPANTE.jpg	29/09/2020 17:07:22	ANALIA SANTANA	Aceito
Declaração do Patrocinador	TERMOAUTORIZACAOINSTITUCIONALPROPONENTE.pdf	29/09/2020 17:00:52	ANALIA SANTANA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODOPESQUISADOR.pdf	29/09/2020 17:00:10	ANALIA SANTANA	Aceito

ANEXO E – PARECER DA PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Continuação do Parecer: 4.385.448

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISADOUTORADO ANALIA.pdf	29/09/2020 16:50:05	ANALIA SANTANA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.pdf	29/09/2020 16:49:12	ANALIA SANTANA	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAOCONCORDANCIACOMDESENVOLVIMENTODOPROJETODEPESQUISA.pdf	29/09/2020 16:47:27	ANALIA SANTANA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOCEPANALIA.pdf	29/09/2020 16:45:48	ANALIA SANTANA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SALVADOR, 09 de Novembro de 2020

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br